



H. S.

12784









GOSTA LOBQ

# POLITICA MORAL, E CIVIL, AULA DA NOBREZA LUSITANA,

*Authorizada com todo o genero de erudição sagrada, e profana para  
a doutrina, e direcção dos Principes, e mais Politicos;*

DIVIDIDA EM VARIOS VOLUMES, EM QUE SE DA<sup>o</sup> NOTICIA  
de todas as virtudes, e vicios Moraes. De todas as Sciencias, e Artes Li-  
beraes. Particularmente da Astronomia, Geografia, e Chronologia. Das  
faculdades Bellica, Nautica, e Equestre. Da Historia Sagrada, e Eccle-  
siastica. De todas as Religioens da Europa, e Ordens Militares, e Regula-  
res da Igreja. Da Historia Geral. Da Fundação dos Imperios, origem das  
Monarquias, differenças dos Governos, e razoes porque os Estados cres-  
cem, se conservão, e diminuem. Da Historia de Portugal. Da Historia, e  
Genealogias de Portugal. Das Leys, e Costumes, das Baralhas, e Tratados  
dos outros Reinos. Da Historia fabulosa. Dos interesses dos Principes. Das  
Maximas da Corte, que ha de seguir, e dos livros necessarios, que deve ler  
o Politico Moral, e Civil.

OFFERECIDA  
AO SERENISSIMO PRINCIPE DO BRASIL  
D. JOSEPH  
NOSSO SENHOR  
POR  
DAMIAM ANTONIO  
DE LEMOS FARIA E CASTRO.

T O M O II.

ESSE VICENTE LUZE BURDALO.

LISBOA:

(21) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impressor  
da Congregação Cameraria da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. XLIX.

*Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.*



COSTA LOBO





# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

Vistas as informações, podem imprimirse a segunda, e terceira parte da obra intitulada: *Politica Moral, e Civil*, de que he Author Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro, e depois de impressos tornaraõ para se conferir, e dar licença que corraõ, sem a qual naõ correãõ. Lisboa 14 de Abril de 1747.

Fr. R. Alancastro. Silva. Abreu. Almeida.

## DO ORDINARIO.

*Censura do M. R. Ignacio Barbosa Machado, Desembargador da Relação do Porto, e Academico do Numero da Academia Real.*

EXCEL. E REVEREND. SENHOR.

O Preceito de V. Excellencia me ordena, que examinando este segundo volume, que se intitula: *Politica Moral, e Civil, Aula da Nobreza Lusitana*, que pretende imprimir seu nobilissimo Author Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro, interponha o meu parecer sobre a qualidade, e merecimento da obra, que se apresenta. Agora verdadeiramente desejava fugir ás rigorosas leys, e obrigação de Cenfor deste livro, que por muitos principios devo louvar com a mais sincera, e obsequiosa liberdade; mas como naõ posso deixar de obedecer, e expor a V. Excellencia, o que entendo, direy o que me parece, e sem lisonja, naõ temendo incorrer nos costumados hyperboles da mayor parte das approvaçoens. Admiro neste illustre Escriitor como nos mais verdes annos dêsse taõ fazonados frutos de huma profunda, vasta, e solida erudi-



ção, e que fizesse tyrocínio dos seus estudos humra obra, que pedia o trabalho dos Varoens mais insignes, e consumados. Se na adolescencia nos offereceo tantos volumes, que podemos esperar, e suppor em mais avultada idade! O certo he, que na sua applicação terá o Reino de Portugal outra Encyclopedia erudita, como Hespanha na pessoa do grande Bispo de Avila D. Affonso Tostado, cujo nome ainda está ennobrecendo a todo o Orbe literario. Bem conheço, que a nossa Patria, como fertilissimo terreno de fecundos engenhos, produziu aos Macedos, e Farias, aos Menezes, e Souzas, aos Fieires, e Barbosas, e a outros Heróes da sabedoria, que de muy poucos annos illustraõ o mundo com seus escritos; mas tambem sey, que a todos excede o nosso Escritor com igual inveja, que admiração. Aquelles, ou foraõ insignes pela Historia, em que imitaraõ aos Livios, e Paterculos, ou subiraõ ao Parnaso para beber na Hyppocrene as influencias de Apollo, para ser iguaes aos Virgilios, e Homeros, ou se trasladaraõ aos seculos de Tacito, Plinio, Scevola, e Papiniano, para seguir os aforismos da mais fina Politica, e os documentos da mais solida Jurisprudencia; mas o nosso erudito Escritor naõ contrahio a extensaõ do seu raro engenho, nem occupou os rascos da sua penna a particulares assumptos, mas empredeu, e felizmente conseguiu escrever em poucos volumes, o que opprimia vastissimas livrarias. Seja indelevel testemunho do que naõ só admiro, mas tambem invejo, este segundo tomo de que por obrigaçã devo fazer juizo. Nelle introduz aos Leitores no magnifico Palacio da universal sabedoria com o Tratado unico das Sciencias, e Artes liberaes; e quem naõ ficara abortio, vendo o como discorre nos mysterios da Theologia, ou seja Positiva, e Polemica, ou Especulativa, e Moral, como se já tivera o magisterio desta Rainha das Faculdades? Entra nos amenos campos da Filosofia; e se mostra ser das subtilizas de Aristoteles, e dos systemas de Cartesio, Neuphton, Gassendo, e outros famosos indagadores dos arcanos da natureza. Com a mesma felicidade observa os theoremas geometricos, as consonancias da Solfa, as regras da Architectura, as Arithmetica, Algebra, e mais partes da Mathematica, fallando com tal acerto, e segurança nestas Sciencias, e Artes liberaes, como se fora professor em todas. Prevenida a noticia geral, do que he scientifico, passa ao primeiro Tratado, em que discorre com a mayor verdade na historia do antigo, e novo Testamento, ou Escritura Sagrada, referindo com estylo puro, e



natural os mais illustres casos do ingrato Povo, que Deos pre-  
definio para objecto das suas misericordias, e para delle nascer  
na mais pura Mãe o Verbo incarnado, que no monte Culva-  
rio fez de sua vida cruento sacrificio para expiar a culpa origi-  
nal de nosso primeiro Pay, e nos fazer herdeiros da gloria, e  
filhos adoptivos de seu eterno Pay. Destes sagrados factos, que  
lhe ministraõ as divinas letras, fôrma a melhor Arte para se ger-  
manar com a Politica a Piedade, seguindo nesta feliz idéa ao  
sempre grande Bispo Mons. Bossuet, que da mesma Escritura  
revelada compoz aquella admiravel Instrucção, com que fez ao  
Delfin, primogenito de Luiz o Grande, tão excellente Principe,  
como zeloso Christão. Para mostrar a pureza da nossa sacrosan-  
ta Ley, que promulgaraõ os Apostolos, e Discipulos do Se-  
nhor com o sangue, que verteraõ, e os milagres com que os  
authorizava o braço omnipotente, escreve huma idéa da Reli-  
gião em commum, e das que fabricou o erro de huns, e a vai-  
dade de outros, que servindo-se dos pretextos de huma falsa  
piedade introduziraõ os dominios mais violentos, e as supersti-  
çoens mais escandalosas. Mostra a desgraça de todos, os que  
se apartaraõ do culto do verdadeiro Deos, expondo a justiça,  
e fermosura dos preceitos Evangelicos, que fortalecidos pela  
graça communicaraõ o valor, e constancia a tantos milhoens  
de Martyres, e Justos para se fazerem victimas da tyrannia dos  
inimigos de Christo, e das paixoens da natureza; aquelles nos  
tormentos, que padeceraõ, e estes nas mortificaçoens, em que  
se purificaraõ; para que de tantas pedras preciosas se adorna-se o  
immovevel Templo da Igreja Catholica, sempre triunfante dos  
seus contrarios, especialmente dos que gerando com as aguas  
do Baptismo se apartaraõ de tão sacrosanta Mãe. Por esta cau-  
sa refere os mais celebres Heresiarcas, que no discurso dos se-  
culos combateraõ os verdadeiros dogmas do Christianismo, co-  
mo filhos abortivos, e declarados inimigos de quem os gerara,  
offendendo com blasfemias ao mesmo principio, de que proce-  
deraõ, e fatalmente abusando do remedio, para augmentar os  
delirios, em que se fizeraõ eternamente desgraçados. Em con-  
traposição destes filhos das trevas, e com a mesma suavidade  
do seu estylo, vay mostrando aquelles grandes Varoens ado-  
rados gigantes da santidade, que para conquistar o mundo a  
Christo a gloria para seus filhos, formaraõ em tantas Familias  
Religiosas numerosos exercitos, com que tem illustrado o Pa-  
raiso da Igreja, e com que servem ao beneficio dos Povos, con-  
futação



futação das Herefias, e gloria do mesmo Redemptor crucificado, sendo o zelo ardente dos seus espiritos, o que fez habitar os desertos, sepultarse nos claustros, e descobrir as Provincias do mundo, para beneficio das almas, para as livrar das garras, e voracidade dos lobos, e leões infernaes. Conclue finalmente este volume, com a historia das Ordens Militares, aquelles valerosos corpos, que se offerecem á morte, para defender a Igreja com sua espada, que tantas palmas tem cortado, para triumpho da nossa Religião, destroço, e total ruina dos seus adversarios; de que sejaõ monumentos para sua fama os campos de Palestina, as regiões de Africa, e tantos lugares do Univerfó, em que tem pelejado. Na escriptura de tantos factos igualmente vastos, e sublimes, manifesta o nosso illustre Author prudencia mayor, que seus annos; pois deixando o singular, abraça as opinioens vulgares, para não cahir nos absurdos a que precipita huma critica mais atrevida, que judiciosa, mais atrevida que severa. Abraçando o mais pio, que acha nos livros da historia, castiga a liberdade dos incredulos, e reprehende aos que só amaõ as novidades, porque a sua maxima he dar huma noticia, que instrua, e não escandalize a Nobreza Lusitana, para quem escreve a sua tão estimada Obra. Neste volume, e nos mais que espera a nossa veneração, bem parece, que são frutos da superior instrucção, que lhe deu seu tio o grande Doutor Miguel de Ataíde Corte-Real, Varão dos mais insignes da nossa Patria, e Astro dos mais luminosos do Firmamento scientifico, que se conhece na presente idade. Feliz ramo de tão frondosa arvore he o nosso Author, e venturoso discipulo de tal Mestre, pois te faz emulo de engenho tão raro; não digo que o excede, mas sim que se não distingue: tão semelhantes os fez a intensão, e extensão do muito que sabem. Feliz seculo em que hum mancebo, esquecendo os divertimentos, a que incita o fervor da idade, todo se entrega a estudos tão graves! Feliz será em todo o tempo o Reino de Portugal, se o exemplo de tão illustre Author persuadir a todos os seus nobres á imitação, para que em tudo seja o reinado do Senhor D. João V. melhor, que os tempos dos Augustos de Roma, e dos Luizes de França. Este o juizo, que faço da obra, digna não só da licença, mas dos elogios a que não chega a minha expressão. V. Excellencia mandará o que for servido. Lisboa 4 de Julho de 1747.

*Ignacio Barbosa Machado.*

Vista



Vista a informação, pôde-se imprimir a obra de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 13 de Julho de 1747.

D. J. A. de L.

## D O P A Ç O .

*Censura do M. R. P. M. Francisco Antonio da Companhia de Jesus.*

S E N H O R .

**M**andame V. Magestade, que veja o segundo tomo da *Politica Moral, e Civil, Aula da Nobreza Lusitana*, composto por Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Castro, e que interponha sobre o dito livro o meu parecer. Ordename V. Magestade, que seja Censor de huma obra de que os mayores Sabios são Panegyristas, por cuja causa não tinha eu aptidaõ para a censurar, nem tambem para a engrandecer. Porém para huma, e outra cousa me mandou V. Magestade capacidade com a sua ordem; pois tem huma tal virtude todas as Reaes ordens de V. Magestade, que tambem mandaõ, ou communicã a capacidade, com que se devem executar. Pelo que como a aptidaõ, que me era necessária para qualificar este livro, mais he de V. Magestade por ma communicar, do que minha pela receber, com muito menor receyo; ainda que não com menor respeito, apresento a V. Magestade composto de censuras, e panegyricos o meu parecer, vista a disposiçaõ, ou bondade de V. Magestade em o querer attender.

A primeira censura, que faço a este livro, he pelo titulo, que tem. Intitula-se elle: *Politica Moral, e Civil, Aula da Nobreza Lusitana*; e parece este titulo muito diminuto para a grandeza da obra; porque esta tem por objecto todas as Artes, e Sciencias, e aquelle só faz mençaõ de huma faculdade, que poucos sabios aprendem, e muitos delles ignoraõ. Parece-me, que se devia intitular este livro com muito mayor razaõ que o de Raymundo Lulio: *Arte Universal*; pois inclue logo no seu-

prin-



principio hum tal tratado de todas as Sciencias, e Artes, que parece que não escreveu o Author hum só volume, senão que recopilou juntas muitas livrarias. Qualquer arte, diz Hypocrates, he tão dilatada, como breve a vida; e não podendo huma vida toda com a extensaõ de huma arte, poder com a de todas este Author, ou he milagre de alguma nossa arte humana, ou invento da mesma Sciencia divina. Phydias, e Lyssippo só se distinguiraõ na Estatuaría; Timantes, e Appellès na Pintura; Meliagenes, e Democrates na Architectura; Orphéo, e Amphion na Musica; Tucidades, e Lypíio na Historia; Demosthenes, e Eullio na Eloquencia; Homero, e Virgilio na Poetica; porém fallar como Mestre em todas estas artes juntas só o Author deste livro o pôde fazer. Anaxagoras, e Ptolomeo só nos instruirãõ na Astrologia; Esculapio, e Hypocrates na Medicina; Euclides, e Archimedes na Mathematica; Pláto, e Aristoteles na Filosofia; Mercurio Tremigisto, e Appolonio Tíaneo na Theologia; porém escrever como Oraculo em todas estas sciencias unidas, só o Author deste volume o soube alcançar. Escrever só o Politico he emprego de hum Tacito, escrever o Moral he distincão de hum Seneca, escrever o Civil he trabalho de hum Ulpiano; compor huma Aula de toda a sabedoria he singularidade de hum Salamaõ; instruir, e illustrar a nobreza he empresa de hum Tiraquello; appropriar, ou fazer só dos Portuguezes as sciencias, dando-lhes a chave de todas, foy fructo de toda a vida de hum Vieira: porém fazer mestres aos Portuguezes, instruir-lhes a sua nobreza, melhorarlhes as suas aulas, dirigirlhes o civil do seu governo, corrigir o moral dos seus costumes, e promover o politico dos seus estudos, isso tudo só pôde juntamente executar, quem tudo juntamente pôde saber. Este he o Author da Politica Moral, e Civil, Aula da Nobreza Lusitana. Eu bem sey, que semelhante collecção das Sciencias, já foy empreendida por outros Authores, e mais parecidamente por Monsieur Chavigni na sua Sciencia de Corte, composta no idioma Francez, e vertida com muito augmento no Castelhana; porém tambem sey, que quem cotejar este livro, e esta obra com aquelles, verá as luzes que accrescentou o Author áquelles Soes, e as erçentes, que augmentou áquelles mares, redutidos todos á breve concha desta grande obra. Logo bem dizia, que parece o titulo deste livro muito diminuto para a grandeza da obra. Porém o escrúpulo da propria consciencia me obriga a retratar-me desta primeira censura; porque a Politica perfeita deve



deve comprehender toda a fabedoria, e para alcançar esta são necessarias todas as Artes, e Sciencias, que nos ensina no seu primeiro Tratado este livro. A Politica verdadeira he como a Divindade fabulosa, a que chamaraõ Pandora os Mythologicos. Deve recopilar em si todas as noticias das Sciencias, assim como Pandora as singularidades dos deoses. Como o Politico perfeito se deve valer de todas as artes, deve entendellas; como todas as sciencias se ordenaõ para a boa harmonia dos Imperios, não pôde o bom Politico alcançar este fim, sem ter conhecimento daquelles meyo. Querer governar sem saber, he querer dar vida a hum corpo sem o animar: a sciencia he a alma dos governos; e assim como sem alma não ha vida, assim sem sciencia não ha governo. Por isso Deos infundio a Adaõ, com o governo de todo o mundo o principado de todas as Sciencias: e por isso eu agora entendo huma cousa, que não vi explicada por outrem. Affirmaõ muitos Doutores, e Juristas, que Deos infundira a Salamaõ todas as Sciencias, a qual cousa negaõ outros muitos Doutores, e Padres de ambas as Igrejas, que affirmaõ, que Deos só infundira a Salamaõ a sciencia politica para o governo do seu Reino. Porém huns, e outros Authores affirmaõ o mesmo sem o cuidarem, porque a sciencia politica, que Deos sómente infundio a Salamaõ, segundo o parecer dos segundos, são as Sciencias todas, que lhe infundio, segundo o parecer dos primeiros, por ser a sciencia da Politica o compendio de todas; ou porque não pôde ser adequadamente Politico, quem não pôde ser inteiramente Sabio: como pois se frustrou esta primeira censura, passo á segunda.

A segunda censura, que faço a este livro, he pela Historia, que trata, e pela Chronologia, que segue. Trata em cinco livros a Historia Sagrada desde o principio do mundo até a morte de Christo, e segue a Chronologia dos Francezes modernos, que constituem o nascimento de Christo no anno 4000 da creação do mundo, quatro annos antes da nossa era vulgar. A Historia Sagrada não concorda bem com a politica profana; e a Chronologia dos Francezes modernos he a que mais se aparta da da Igreja no Martyrologio Romano, que constitue o nascimento de Christo no anno 5109 da creação do mundo. Porém logo me arrependi desta segunda censura, porque adverti, que a Historia Sagrada não se compadece com a politica profana; mas com a Politica Moral, e Civil não pôde deixar de concordar; porque esta seguiu o Povo, e Républica



de Deos nos setis tres estados de' governo, que nos refere a Escritura; no dos Juizes, no dos Reys, e no dos Capitaens. No dos Juizes em Gedeão, Sangar, e Sanlaõ; no dos Reys em David, Salamaõ, e Jozias; e no dos Capitaens em Judas Machabeo, Eleazar, e Mathatias. Depois a Chronologia dos Francezes modernos já he usada tambem pela Igreja, porque a dá a lèr estampada em muitas Biblias, que dividem a sua Historia nas mesmas epochas, em que este Author a distribue. E dandonos faculdade para seguirmos tão diversas opinioens, bem fez o Author em suppor a mais provada pela Critica moderna, a qual, junta á dos Antigos, merece mayor credito, e authoridade. Mas como tambem não tem valor esta segunda censura, passemos á outra. A terceira censura, que faço a este livro, he por tratar as materias, e differenças da Religiaõ de todo o mundo juntas, com as maximas da sua Politica, como se o mundo fosse igualmente religioso, que politico. Quantos por quererem ser bons Politicos, se fizeram mãos Christãos! Quantos deixaraõ a Ley de Christo por seguir a de Machavelo! Quantos não poderaõ ser cortezaõs na Curia do Ceo, pelo quererem ser, como não era bem, nas Cortes do mundo! Porém como este Author propoz primeiro a Historia Sagrada por exemplar da sua Politica, não pôde esta ser outra mais, que a de huma Corte santa. Como elle descreve tão solida, e brevemente todos os apotegmas da sua Politica curial sem se desviar dos Dogmas da nossa Religiaõ Christã, bem pôde ter commercios, como Mercurio fabio, em ambos os mundos. Por esta causa sou obrigado a ceder tambem desta terceira censura, e recorrer á quarta. A quarta censura, que faço a este livro, he porque intitulado-se elle: *Aula da Nobreza*, contenha em si por ultimo complemento seu a Historia de todas as Ordens Militares, e juntamente a de todas as Religioens Regulares. A primeira historia ainda pôde pertencer á Nobreza, por pertencer quasi toda a deste Reino ás suas Ordens Militares: porém a segunda historia das Religioens Regulares não ley, porque titulo lhe pertença: se he pelos muitos Reys, e Príncipes, pelos muitos Grandes, e Senhores, que as professaraõ, sabem todos muito bem, que isto mais foy desprezar a Nobreza, que seguilla, mais foy fecharse nos Claustros, que apparecer nas Cortes, mais foy ser virtuosos, do que parecer Politicos. Os Cortezaõs são tão pouco religiosos, como os Religiosos cortezaõs: pois assim como os Religiosos não devem ser scientes nas



noticias das Cortes, assim parece que os Cortezãos não devem ser instruidos nas noticias das Religioens. Mas tambem desta censura me deyo retratar, pelo muito que depende da sciencia das Religioens a Nobreza. Deve ella conhecellas, para a veneraçãõ, deve distinguillas para o prestimo, deve buscallas para o exemplo, deve communicallas para a doutrina, e deve favorecellas para o merecimento; por isso o Author desta Escola da Nobreza a concluiu com o Tratado das Religioens, que todas lhe devem agradecer a honra, com que as elogia, e a estimaçãõ, com que dellas falla. Eu por parte da da Companhia de Jesus lhe dou hum agradecimento tal, que possa responder á grandeza do seu affecto, e á discricãõ da sua sabedoria. Ha mais tempo devia se deixar de fazer censuras a este livro, vendo que todas ellas se convertiaõ em panegyricos, ou que cada nota, que eu lhe punha, era huma retractaçãõ, a que me obrigava. E para que não me aconteça com o Author o mesmo, que me succedeo com a sua obra, quero refarcir as censuras, que pertendi dar á dita obra em outros tantos louvores, que hey de dar ao seu Author. O primeiro louvor, que elle merece, he o ajuntar a idade, e tempo de florecer, com o proveito, e doçura do frutificar, que estando na Primavera dos seus annos, chegasse já ao Outono de todos os frutos da boa instrucçãõ. Quantos mais maduros annos se achão em toda a Aula da Nobreza muito verdes! Esta verdura, e outras mais, em que se murchaõ as idades, he a causa de não florecerem no Reino muitos sabios, e maduros Varoens, como o he este Author. O segundo louvor, que este merece, he por occupar a sua pessoa, e fidalguia na Aula, ou instrucçãõ de Portugal. Só quem não entender a utilidade da Obra, e não souber a genealogia do Author, poderá fazer menor apreço de huma, e outra bondade muito estimaveis. Para o conhecimento da primeira basta o que eu tenho já ditto, e hey ainda de dizer: e para argumento da segunda não basta o que tem ditto, e haõ de dizer sempre os mayores Genealogicos dos nossos tempos. Allegarey só cinco destes, em cinco Certidoens autenticas, que eu vi, e tive em meu poder, para cortar as suspeitas, ou as fôlhagens de algumas arvores, que fingem ter melhor tronco, que o que lhes deu a natureza. Deste modo nem parecerey muito encarecido, nem pouco verdadeiro, pois me não valho nesta materia da sciencia propria, senão de autho-



dade alheya: Joseph Freire Monterroyo Mascarenhas, depois de escrever toda a genealogia do Author debaixo do apertado vinculo de hum juramento, affirma, que o Author he vigesimo terceiro neto de D. Affonso Henriques, primeiro Rey de Portugal. Logo eu vi, que o Fundador de huma Aula taõ illustre, como a da Nobreza Lusitana, naõ podia deixar de ter por Progenitor ao seu primeiro Rey, e Fundador de todo o Imperio de Portugal. Gonçalo de Almeida de Sousa e Sá, Moço Fidalgo da Casa de V. Magestade, jura tambem aos santos Evangelhos, que o Author he descendente legitimo dos illustres Progenitores da Casa do Almotacé Mór deste Reino. D. Manoel Caetano de Sousa, Religioso da Divina Providencia, bem conhecido pela nobreza do seu sobrenome, e muito mais pela celebridade das suas letras, affirma, e jura pela sua authoridade mais sagrada do sacerdocio, que o ditto Author he Primo legitimo com irmaõ de sua mulher, a Senhora D. Inez Dorothea Freire, filha legitima de Gil Vaz Lobo, que mereceo ter por Progenitor aquelle taõ celebre Fidalgo do mesmo nome, que foy Mestre de Campo General, Governador das Armas da Beira, e hum dos quarenta Fidalgos, que foraõ Authores gloriosos da Acclamação, ou da mayor façanha desta Monarquia. O Marquez de Cascaes Manoel Joseph de Castro Noronha Ataide e Sousa, naõ duvidou tambem jurar, que o Author he descendente da familia dos mesmos Castros, de que elle, e os Marquezes de Valença, por Condes de Basto, saõ tambem descendentes. E para naõ faltar a esta materia hum Principe, que lhe puzesse a coroa, certificou o Cardeal Pereira, que a familia do dito Author encerra varias allianças com a primeira Fidalguia deste Reino, como a dos Viscondes de Fonte Arcada, Condes de Amarante, Condes de Sandomil, e consequentemente a de outros muitos grandes do nosso Portugal. Em todas estas asseveraçoens taõ graves, que merecem a mayor authoridade humana, está estabelecida a fidalguia do Author, o qual se preza muito menos della, do que da felicidade de ter hum Tio, que tendo esta mesma nobreza taõ grande, ainda tem sabedoria, e celebridade mayor. Por ser hum Varaõ mayor que o Reino em que nasceo, se passou a este nosso, onde lhe dezejaõ premiar o seu merecimento outros mais distinctos lugares, que o que occupa de Conego Penitenciario na santa Sé do Algarve. Muito melhor do que eu, conhece V. Magestade a este grande homem, em que eu fallo, e de que he o mayor

clogio



elogio o seu nome de Miguel de Ataíde Corte-Real. A sciencia pois, e nobreza deste Heróe, retribue seu sobrinho a criação, que lhe deu tão illustre Tio; e restitue tambem com usura á Nobreza de Portugal toda a que della recebeo. Paga com os muitos nascimentos dos illustres partos do seu entendimento hum nascimento só, que lhe deraõ aquelles seus Ascendentes: paga com muitos partos da alma hum só nascimento do corpo; e satisfaz com a vida immortal dos seus escritos aquella mortal, vida, que delles se lhe derivou.

O terceiro louvor, que devo dar ao Author, havia ser o primeiro; mas como o he sempre pelo motivo, ainda que não o seja pela ordem, aqui vay em seu lugar. Eleger, ou alcançar hum tão Real Protector para esta sua Obra, ou he o mayor louvor do seu merecimento, ou he o mayor argumento da sua fortuna. Fallo do Principe mais feliz entre todos os mais ditosos, por ser a primeira copia dos exemplos, e fortunas de V. Magestade. Fallo de hum Principe em quem se haõ de desempenhar as promessas todas, que fez a este futuro V. Imperio de todo o mundo (cômo eu já fiz certo em outro lugar mais digno dos louvores de Sua Alteza, por ser mais o sagrado.) Fallo finalmente de hum Principe, que por ser o primeiro movel de toda a Politica, necessariamente havia ser Patrono da Politica Moral, e Civil, que por ser as delicias de toda a nobreza do mundo, precisamente havia honrar a Aula da Nobreza Lusitana. Porém hum Principe, em cujo nome tem seguro Portugal todo o seu mayor augmento, deve logo principiar pelo das Artes, e Sciencias, que ensina este livro, e que comprehende toda esta Obra. Finalmente, o quarto, e ultimo louvor, que dou ao Author, compoem-se de tantos, quantas saõ as utilidades, que resultarão desta Obra a este nosso Reino. Faz este livro, e fará esta Obra, o que poderãõ, ou não poderãõ fazer muitas livrarias; porque instrue a qualquer pessoa em todas as facultades, que mais servem para á cultura dos homens. Lea-se o titulo todo da mesma obra, e veja-se depois toda esta, e acharse-ha (o que não succede muitas vezes) que nem o titulo diz mais do que contém a Obra, nem esta contém menos do que diz o titulo. Da instrucção deste livro sahirãõ os Fidalgos, e tambem os que o não saõ, muito aptos para todo o ministerio. Saberaõ fallar aos Principes, e aos Reys o que diz respeito ao bem publico, e não o que faz offensa ás vidas particulares. Saberaõ ensinar os domesticos, e atrahir os mais estranhos. Saberaõ utilizar aos naturaes, e favorecer



recer aos estrangeiros. Saberaõ presidir, e julgar nos Tribunaes sem dependencia dos juizos alhejos. Saberaõ governar na paz, e na guerra, no economico, e no civil, no literario, e no militar. Saberaõ as regras das Artes, e os preceitos das Sciencias. Saberaõ finalmente tudo os Vassallos, e os Principes, porque estes faberaõ reinar, e aquelles faberaõ obedecer. Toda esta instrucção achará nesta obra, quem a ler toda. E se a sua singularidade a faz mais digna de nova recommendação, verá Portugal huma Obra, que nunca vio na sua lingua. Na Franceza ha varias de toda a instrucção geral; porém como os seus Authores, mais attenderaõ para o proprio Reino, do que para os estranhos, só escreveraõ com particular respeito, e comodidade para a sua nação. Assim escreve para a nossa o Author desta utilissima Obra a qual servirá ao nosso Reino de igual proveito, que gloria.

Estes são os louvores, que eu deyo preferir aos muitos mais, que merece este Author, os quaes são somente as censuras, que merece este seu livro. Por cuja razaõ, me parece que não só pôde, mas deve V. Magestade dar ao Author a licença que pede, ordenando-lhe que ponha o complemento, que resta a esta obra, a que não falta outra perfeição ultima, mais que o seu fim. E huma Obra tal não pôde offender, pôde só acreditar o Real serviço, e felicissimo reinado de V. Magestade, que Deos ha de prosperar com fortuna sem fim. Este he o do meu parecer. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa no Real Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jesus aos 10 de Outubro de 1747.

*Francisco Antonio.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que possa correr, sem a qual não correrá. Lisboa 22 de Abril de 1749.

*Almeida. Castro. Mourão.*

# INDICE

DAS MATERIAS, QUE CONTEM  
este segundo Tomo.

## TRATADO UNICO.

**D** *As Sciencias, e Artes liberaes, e da Sciencia  
Aulica, pag. 1.*

## HISTORIA SAGRADA.

### L I V R O I.

**C** AP. I. *Da creação do mundo até o Diluvio, 60.*

CAP. II. *Do Diluvio até Abraão, 79.*

CAP. III. *Do nascimento de Abraão até Moysés,  
84.*

### L I V R O II.

**C** AP. I. *De Moysés até Samuel, 95.*

CAP. II. *De Samuel até Salamaõ, 105.*

CAP. III. *De Roboaõ até Sedecias, 113.*

### L I V R O III.

**C** AP. I. *Epoca dos Reys de Israel, 128.*

CAP. II. *Dos setenta annos do Cativoiro do Povo  
em Babilonia, 135.*



L I V R O . I V .

CAP. I. *Do governo dos Pontifices até a vinda de Christo*, 143.

CAP. II. *Continua-se a mesma Epoca*, 154.

L I V R O . V .

CAP. I. *Do Nascimento, e Vida de Christo*, 158.

CAP. II. *Da Resurreição de Christo até a vinda do Espirito Santo*, 167.

DA RELIGIAM.

TRATADO. I. *Da Religião em geral*, 171.

TRAT. II. *Das differentes Religioens do Mundo*, 179.

TRAT. III. *Da Religião Christã, seus Mystérios, e Sacramentos, da Fé em Jesus Christo, das suas obrigaçoens, e das dos Estados*, 184.

TRAT. IV. *Da Religião de cada hum dos Reinos, e Estados da Europa em particular, no qual se dá noticia de todas as Heresias modernas*, 204.

TRAT. V. *De todas as Ordens Militares, e de Cavallaria*, 229.

TRAT. VI. *De todas as Religioens, ou Ordens Regulares da Igreja*, 341.

1

POLITICA  
MORAL, ECIVIL,  
AULA DA NOBREZA LUSITANA,

Que para a sua erudição abrio

DAMIAO ANTONIO DE LEMOS  
FARIA E CASTRO.

TRATADO UNICO

*Das Sciencias, e Artes.*

**E**NTRE todas as virtudes, que compoem a vistosa gala da Politica, a nenhuma cede ventagens a Sciencia. Nella se achão as delicias do mais bom gosto, taõ agradavel, como innocente, que só deixaõ de amar os que o não chegaõ a conhecer. Esta sabia directora do humano juizo he a quem devem os casos Politicos, e Militares os seus acertos, e a symetria da civilidade a perfeita uniaõ dos seus membros. Nella tem a invençaõ das Artes o seu principio, os costumes a sua regra, e as felicidades das Republicas a sua origem.

He taõ perspicaz a subtilidade da Sciencia, que não ha em toda a maquina creada segredo algum, que se não atreva a especular, querendo pòr patente nas evidencias a esfera do imperceptivel. Os Planetas, que correm pelos ares



com tanta velocidade como o pensamento, não lhe pódem esconder da vista os aspectos para a calculação dos influxos ; buscando nas occultas concavidades da Lua a distincão das suas quadras, e entrando pelas casas do Sol a observar o modo , com que fórma as repartições dos quatro tempos do anno.

Gloriosamente sacrilega , parece que quer a Sciencia lançar a mão aos attributos Divinos , e roubar a esta infinita Essencia a immensidade , e sabedoria , para dar a conhecer aos homens , com esta , a natureza de todas as creaturas , e fazellos , com aquella , presentes em todos os lugares.

— Não ha esféra de homens , nem qualidades de exercicios , que com as suas regras não dirija a Sciencia. Ella he a que fórma as maximas para a instrucção dos Principes , para o governo dos Imperios , e para a felicidade dos povos ; buscando com subtilissima Theorica forçosas razões , que anímao a obediencia , por se não enervar o corpo da Republica. Fez-se inseparavel dos homens bons , ajudando-os a cultivar as virtudes como sabios ; e para satisfazer o appetite humano no desejo de adivinhar futuros , deu para a evidencia das demonstrações regras infalliveis aos Mathematicos.

Conseguiu a Sciencia sujeitar ao seu dominio a vontade recta , e o saõ entendimento dos Juizes , e Politicos ; ensinando estes a governar os Estados , e àquelles a conhecer as innocencias ; merecendo deste modo ser ella a mayor das felicidades dos homens , que por braço da sua hon-

ra tomaraõ por armas da nobreza racional o Caducõ de Mercurio, symbolo da eloquencia, e a Cornucopia de Amalthea, jeroglyfico da prosperidade; porque naquelles bons tempos só com a sabedoria se unia a abundancia.

He a Sciencia hum conhecimento certo, e evidente pelas causas, ou huma determinação do entendimento para outra parte com certeza. *Sciencia, o que seja.*

Na opiniaõ dos Filozofos antigos só haviaõ tres castas de Sciencias, que eraõ: Logica, Fyfica, e Filosofia Moral, que como mais principaes daõ a conhecer, por seu meyo, a incerteza de todas as outras disciplinas.

A Sciencia huma he dada, e outra adquirida. O dom da Sciencia he em Deos acto espontaneo, que sem injuria de humas creaturas, a quem o nega, póde dallo a outras porque quer, como Senhor absoluto das suas graças extraordinarias.

Tambem se adquire a Sciencia com o trabalho proprio, e com a applicação séria dos meyos proporcionados, que ordinariamente são: pureza de consciencia, frequencia de oração, retiro prudente das creaturas, reflexaõ nas palavras, brandura na familiaridade sem demasia, porque della se gera o desprezo; seguir as pizadas dos Santos, e os vestigios dos sabios; naõ fazer caso do que se ouve, guardar na memoria o bem que se falla, para que se entenda, e depois se observe; buscando certeza às duvidas para dar satisfacção aos castos desejos, de sorte que adquirida a Sciencia logre o seu verdadeiro fim. *Como se adquire a Sciencia.*

Esta he a mayor difficuldade da Sciencia,



e o grande trabalho dos sabios ; porque são obrigados a proporcionar de tal maneira os meyoys com o fim , que nelle não falem à honestidade , nem adulterem a intenção.

— A applicação litteraria , que exclue a gloria de Deos para se inchar com a vaidade dos applausos , não sómente está fóra da esféra da virtude , mas se mete pelo peccado no mesmo caminho , porque d'elle se foge. Por esta razão disse hum grande Politico , e ainda mayor Santo , que estudar sem mais fim , que o de saber , era curiosidade indigna ; para negociar com a Sciencia , vendendo-a pelas honras , e riquezas , era demanda indecente ; para se dar por ella a conhecer , era vaidade pomposa ; e só caridade , e prudencia , quando se empregava em edificar-se a si , e aos outros ; consistindo a honestidade do fim na gloria de Deos , no proveito commum , e augmento da virtude propria.

*Arte.* — Depois da Sciencia temos a Arte , que he hum conhecimento , que dá regras , e methodo para fazer as obras uteis , e agradaveis à Republica. Differe a Arte da Prudencia ; porque esta he huma recta razão de obrar , e aquella tem distincção entre obrar , e fazer ; porque obrar he pôr em pratica alguma acção immanente , com a qual o homem se faz bom , ou máo ; e fazer he compor qualquer corpo material , com operação transeunte , para haver de fabricar alguma obra meramente material.

*Artes Liberaes.* — As Artes se dividem em Liberaes , e Mechanicas. Aquellas se chamaõ assim , porque são dignas de todo o homem livre , com as quaes dispoem

poem o animo para o exercicio de cousas grandes. São muitas as Artes Liberaes; porém communmente se contaõ sete, a saber: Grammatica, Rhetorica, Dialetica, Musica, Arithmetica, Geometria, e Astrologia.

As Artes Mecanicas são as que se exercitaõ com obras de mãos; as quaes são muitas em numero, e se dividem em perfeitas, e imperfeitas, ou em mais perfeitas, e menos perfeitas. As mais perfeitas são aquellas, que servindo de exercicio ao animo necessitaõ de particulares preceitos para a sua direcção; assim como a Pintura, e Cirurgia, &c. As menos perfeitas são todas as que com trabalho do corpo, e exercicio das mãos se poem em pratica, ainda pelos homens rusticos, e incultos; sendo porém certo, que não ha Arte alguma, sobre a qual seja inutil a meditação do animo, e que não necessite de regras certas para a sua perfeição.

Todas as Sciencias se reduzem a oito, a saber: Theologia, Filosofia, Leys, Medicina, Rhetorica, Grammatica, Poesia, e Mathematicas.

### THEOLOGIA.

**A**Theologia he Sciencia das cousas concernentes a Deos; e entre os Latinos se chamaõ Theologos todos aquelles, que se applicaõ ao estudo das letras sagradas: os Gregos porém daõ o mesmo nome, aos que por palavra, ou escrito trataõ os Mysterios de Deos, e os da Vida, e doutrina de Christo: pelo que o Evangelista S. João tem entre os quatro o pronome de Theologo;



logo ; porque voou como Aguia a investigar os segredos da Divindade , e Encarnação do Divino Verbo.

Os Filozofos antigos , e entre elles muitos Gregos , que se applicavaõ a conhecer com a razão muitas cousas separadas da materia , ou intellectualmente abstractas , chamavaõ Theologia , ou conhecimento Divino a esta sua Methafysica.

*Theologia  
dos antigos*

A Theologia dos Romanos , Gregos , e outras Nações gentias , se dividia em Fabulosa , Natural , e Civil. A Fabulosa fundava-se na ficção dos Poetas , e luzia nos theatros : a Natural investigava os mysterios da natureza , e era propria dos Filozofos nas Escolas : a Civil explicava os Decretos dos Legisladores , e era o estudo dos Cidadãos , e dos Sacerdotes , interpretes dos Oraculos , nos Templos dos falsos Deoses.

*Divisão.*

Os muitos Escriitores , que tanto trabalharaõ em investigar , e illustrar a Theologia , a dividiraõ com muita variedade. Primeiramente daõ huma increada , com a qual se comprehende Deos a si mesmo , e outra creada , com a qual os Anjos , e homens conhecem a Deos.

*Natural.*

Esta Theologia dividiraõ tambem em Natural , e Sobrenatural. A Natural , communicada por Deos como Author da natureza , he a que com o lume da razão nos dá a conhecer algumas propriedades do mesmo Deos , e desta usavaõ os Gentios cheya de crassissimos erros ; porque davaõ corpo a Deos , alma ao Mundo , reconheciam divindades menores , eternidade na existencia da maquina terrestre , defendiaõ a transmigração das almas , e que em Deos havia ignorancia dos

dos futuros, com varias doutrinas a estas semelhantes, em que cahiraõ Plataõ, Aristoteles, e outros Filozofos nos seus escritos.

A Theologia Sobrenatural, e mais digna *Sobrenatural.* de todas, cuja excellencia dá a conhecer o seu nome, he aquella, que divinamente procede de principios revelados, e a que a Fé nos ensina. Porém como o seu modo de proceder, e o seu methodo não he sempre o mesmo, chamarão a huma Theologia Positiva, e a outra Escolastica.

A Positiva he aquella, que se funda em *Positiva.* actos reaes, e positivos, como os da sagrada Escritura, das determinações dos Concilios, da doutrina dos Santos Padres, e tradições Ecclesiasticas, antes de a firmar com razões.

Theologia Escolastica he a que tem por *Escolastica* fundamento a razaõ, ou argumentos com as subtilidades da Logica, e das Escolas; e serve de mostrar, que na Theologia Christã não ha nada contrario a luz da razaõ, e discurso natural.

Outra vez se divide a Theologia em *Mystica* Mystica, e Symbolica, ou Enigmatica. A Theologia Mystica, ou Contemplativa, he a que levanta a alma ao conhecimento de Deos por aquellas tres vias Purgativa, Illuminativa, e Unitiva. A primeira consiste nos exercicios da penitencia; a segunda na pratica das virtudes heroicas; e a terceira na uniaõ do espirito com Deos, já separado das paixões, e materia terrena.

A Theologia Symbolica, ou Enigmatica, *Symbolica.* he a que representa com imagens sensiveis proprias, ou metaforicas os Mysterios da Fé.

A Theologia, que os Casuistas chamaõ *Moral.*  
Mo-



Moral, he a que dá regras para o acerto das acções humanas, e faz os homens perfeitos nos costumes.

*Canonica.* A Theologia Canonica consiste na declaração das Leys, na imitação, e observancia do Direito Eterno, Natural, Divino, e Humano.

*Polemica.* Theologia Polemica chamaõ os Controversistas à que se empenha em combater os hereges, discutindo, e revolvendo as questões concernentes à Fé, e Religião Orthodoxa.

*Theorica.* Finalmente a Theologia huma he Theorica, e outra Practica. A Theorica nos ministra cousas, que de nenhum modo podemos obrar, mas sómente conhecer, como saõ: Deos, as almas immortaes, os Ceos, &c.

*Practica.* A Practica, a que tambem chamaõ Moral, nos offerece aquellas cousas, que podemos fazer, assim como os officios da justiça Christã, a observancia do Decalogo, &c. Esta divisaõ se toma em razão da materia, que trata a Theologia, a qual nos revela Deos em dous generos de cousas para o bem da nossa salvaçaõ: hum que comprehende o que devemos crer, e outro o que havemos obrar.

*Necessidade da Theologia.* Esta Sciencia revelada, a verdadeira, e sagrada Theologia, segundo a potencia ordinaria de Deos, he muito necessaria aos homens, assim para aquellas cousas, que simplesmente saõ de fé, e se não pôdem conhecer sem revelaçaõ Divina, como he a Trindade das Pessoas, a Encarnaçaõ, &c.; como tambem para investigar aquelles segredos, que, com o lume natural, se pôdem saber de Deos.

A Theologia, em razão do seu objecto, que

que he Deos, leva grandes vantagens às outras Sciencias, tendo por fim o conhecimento da Essencia Divina, e seus attributos por meyo da luz, ou espelho da revelação, em quanto com a visão beatifica se não mostra no Ceo face a face.

*Excede às  
outras Sci-  
encias.*

Todas as Sciencias, assim especulativas, como praticas prestaõ obsequios à Theologia; porque as especulativas, ainda que considerem a Deos hum em todas as cousas, he sómente como Author da natureza; e a Theologia o propoem Author sobrenatural. Excede tambem às praticas; porque o fim da Theologia por este, ou aquelle modo he a Bemaventurança eterna; a qual se não ordena a outro algum fim pratico; mas todos os fins se devem encaminhar a este unico, e verdadeiro fim.

Não menos excede a Theologia às outras Sciencias, em razão da certeza; porque nella resplandece a infallibilidade de Deos, que revela, em cuja authoridade está toda a razão de consentir: e ainda que para o conhecimento das Sciencias naturaes haja no entendimento o lume natural, e a evidencia dos principios, tudo fica muito inferior à infallivel, e divina authoridade da Theologia, que entre as mais Sciencias deve occupar o trono, e ter a soberana nomenclatura de verdadeira Sapiencia, ou confidere a Deos com o lume sobrenatural, como he mais certo, e mais geral; ou como causa efficiente, exemplar, e final de todas as cousas.

A Theologia he tão antiga no Mundo, como os homens. E depois que nelle rayou este Sol, nunca mais conheceo total occaso; antes

*Sua anti-  
guidade.*



foy recebendo augmento de luzes na novidade dos ritos , com que o illustraraõ. E em quanto a terra naõ produzio a maldita semente dos peccados , na infancia , e innocencia da Theologia , foy perfeito o conhecimento de Deos , e das cousas Divinas , quanto a esfera humana era capaz.

Porém confundido o Mundo com a variedade das linguas , e os entendimentos com a cegueira da ignorancia , se escureceo a Theologia entre as trevas da abominavel idolatria , que até o tempo de Moysés teve quasi morta a Religiaõ. Nelle principiou a reviver a Sciencia das cousas Divinas , e até à morte de Salamaõ floreceo , e frutificou muito a Theologia Hebraica ; a qual , defendem alguns , he entre todas a mais antiga.

*Theologias  
falsas.*

Muitas , e falsas Theologias teve o Mundo , especialmente em quanto nelle naõ appareceo a Luz da Eterna Verdade. A superstiçaõ dos Ethnicos foy huma das mais celebres , sem que até hoje se apagasse a memoria do Templo Orfico , que nos montes da Boecia servio para tributar idolatrias às falsas divindades.

Os Egypcios foraõ huns dos primeiros Theologos , que reconhecerãõ immortalidade na alma do homem ; mas que transmigrava de huns para outros corpos : a qual doutrina usurparaõ depois os Pythagoricos , e sem erros taõ detestaveis a persuadio Zamolxis , Rey dos Thracios aos seus vassallos , que naõ receavaõ expor-se aos mayores perigos , para gozarem a immortalidade , que o seu Soberano lhes promettia.

Entre os Antigos eraõ venerados por Theologos os seus Magos ; e as más artes desta Theologia

logia deixou no Mundo respeitadas a Magestade de Zoroastres, Rey dos Bactrianos, seu inventor. E como toda a ancia dos homens foy sempre adivinhar os futuros, tiveraõ estimações de perfeita Theologia as diabolicas Pyromancia, e Hydromancia, que por meyo dos elementos da agua, e fogo lhes satisfaziaõ os desejos.

Cheyo porém o tempo decretado para nascer no Mundo o Sol de Justiça, e apparecendo nelle collocou a Theologia no ponto summo da sua perfeição; porque mudos os Oraculos da Gentilidade, quebradas as forças do intruso Principe do Mundo, e desterradas as trevas da culpa, correo a infinita sabedoria de Christo as cortinas àquelles mysterios, que os Judeos viraõ sempre escuros, interpretou os Profetas, instituiu Sacrificios, e Sacramentos, renovou os preceitos, e juntandolhes os conselhos, e repartio huma luz tão universal, que a pezar dos Antipodas, não só resplandeceo em Judéa, mas illustrou as trevas do Gentilismo, desterrando a cegueira de infinitos erros.

Para propugnar esta Divina Sciencia levantou Christo no Mundo o fortissimo antemural da Igreja Catholica, aonde ella se guarda, deixando-o guarnecido com a força da sua doutrina, com a companhia dos Apostolos, e com o invencivel esquadraõ de muitos Santos Doutores, que vibrando na boca a espada da verdade, vencerãõ em todos os seculos, com immortal gloria do Ceo, os fortes ataques do Inferno.

Esta he huma das razões, porque a Theologia Escolastica se faz summamente necessaria; Necessidade da Escolastica.



porque, como montante da Fé, combate contra as forças da impiedade; e ao mesmo tempo, que ensina a doutrina pura, fã, e verdadeira, reprehende aquelles, que a publicação falsa, e adulterada.

Naõ he menos necessaria a Theologia Escolastica para a explicação, e verdadeiro sentido da Escritura, da qual ordinariamente se val o Inferno para nos fazer a guerra com as nossas mesmas armas. Ella he a que mostra neste sagrado Volume as difficuldades, que se naõ pôdem entender, sem que haja quem as explique, e a que tem maõ na soberba humana, para que naõ corra a precipitar-se além dos limites da sua comprehensão.

He certissimo, que erraõ todos aquelles, que naõ chegarãõ a conhecer a necessidade desta Theologia; porque ainda que ha algumas difficuldades commuas com a Theologia Positiva, com tudo propriamente pertencem a Escolastica: de forte, que muitas cousas Divinas totalmente ficariaõ incognitas, e deixariaõ de se defender; porque a natureza, universal mestra, naõ as poderia alcançar; assim como saõ os Mysterios da Trindade, Encarnação, Resurreição, e outros.

Todo o homem, como racional, he obrigado a saber o fim sobrenatural, que o espera; o caminho, porque a elle se chega; e que este fim sobrenatural he Deos, o qual naturalmente se naõ pôde conhecer quanto convem, nem natural, ou efficazmente appetecer, nem com as forças da natureza conseguir. E ainda que todas estas cousas possaõ ser alcançadas com a Fé, para as dilucidar, e defender, he precisa a Theologia Escolastica.

Os Gregos, e Latinos tratando da Theologia, não observarão o mesmo methodo; antes, com os olhos em hum fim, se dividirão nos meyo, controvertendo nas Escolas diversas doutrinas, e foraõ os primeiros, mas sérios, oppostos nas disputas Theologicas Damasceno, e Dionysio Areopagita.

Tambem se aprende a verdadeira Theologia na Universidade do Mundo; e nella alcançamos as cousas invisiveis, e espirituaes por meyo das corporeas, e visiveis, conhecendo ser eterna, immensa, infinita na sabedoria, e virtude, aquella potencia, que de tudo he causa; conseguindo com o lume natural poder conhecer a Deos hum, e infinito na providencia, não só para toda a especie humana, mas para com cada hum dos seus individuos. Neste quadro da Divindade, qual he a maquina visivel, se dibuxou Deos a si mesmo para mostrar nas sombras da copia algumas propriedades do original. Este foy aquelle livro da sabedoria, porque estudaraõ tantos Varões santissimos, que habitaraõ os ermos; nesta aula postularaõ os antigos Filozofos; e porque souberaõ, que os aspectos do Firmamento eraõ pregoeiros da gloria de Deos, fizeraõ mais horrivel a sua maldade; porque, conhecendo-o, o não glorificaraõ; deixando de dar graças ao Creador, para se occuparem em averiguar os segredos das creaturas; desprezando aquelle ser em si mesmo, que conheciaõ, para adorar os idolos, que fabricayaõ.



## FILOSOFIA.

**E**Sta nobilissima Sciencia he a guia da vida, indagadora da virtude, inimiga do vicio, sem a qual apenas viveriaõ os homens, a povoadora das Cidades, a que fabricou os domicilios, a que chamou os homens para a sociedade, e para a communicacão ajuntou as vozes, e as letras, fazendo-se inventora das Artes, para que fosse feliz a vida humana.

*Definição.* A Filosofia, segundo a sua etymologia, val o mesmo, que amor da Sciencia, e he a mesma Sciencia, ou desejo della, que consiste em conhecer as cousas pelas suas causas, e effectos.

O nome de Filosofia foy imposto por Pythagoras; porque os antigos lhe chamaraõ simplesmente Sciencia, e era a Religiaõ dos homens illustres, e estudiosos.

*Divisãõ.* A Filosofia se póde dividir em duas especies, ou entender debaixo desta palavra duas cousas diferentes.

*Habitual.* A primeira he a Filosofia Habitual, ou o habito adquirido de tratar as materias sobre principios claros, e evidentes, e de se governar pelas maximas da recta razaõ.

*Systematica.* A segunda he a Filosofia Systematica, ou hum corpo de diversas Sciencias, de que o estudo fórma o habito, que acabamos de dizer.

*Theorica.* Torna-se a dividir a Filosofia em Theorica, e Practica. A Theorica applica-se unicamente a conhecer o seu objecto; esta he a Fysica, que nos ensina a conhecer os corpos naturaes, sem nos dar o modo de os fazer.

A Pratica ministra-nos regras para fazer-  
mos as cousas, desta, ou daquella sorte, assim *Pratica.*  
como a Moral, parte da Filosofia Pratica, e re-  
guladora das nossas acções, a qual nos ensina a  
governarnos em quanto vivemos.

Da Filosofia podemos fazer seis partes. A  
primeira he a Logica, Arte scientifica, que guia *Logica.*  
as tres operações do entendimento, dá regras cer-  
tas para bem definir, dividir, e argumentar: en-  
fina a distinguir, e fazer differença do falso ao  
verdadeiro, descobrindo os generos, especies, e  
differenças, substancias, e accidentes.

A segunda he a Metaphysica, que como Sci-  
encia transcendental eleva o entendimento hu- *Metaphysi-*  
mano a tratar das cousas por altissimas causas, *ca.*  
separadas de toda a materia sensivel, e ainda intel-  
ligivel, e levantada sobre todas as entidades ma-  
teriaes. O seu objecto he o Ente em geral, e em  
quanto Ente realmente segregado de toda a mate-  
ria, ou intellectualmente abstracto. Esta Sciencia,  
como ponto vertical de todas as outras, considera  
as cousas separadas, passando da contemplaçõ  
das da natureza à das sobrenaturaes; das corpo-  
reas, das idéas, dos atomos, da materia prima,  
da introduçãõ das fórmas, do fado, da Eterni-  
dade, do Ceo, dos transcendentos, das Intelli-  
gencias assistentes às Celestes Esféras.

A terceira parte da Filosofia he a Pneuma-  
tica, ou Pneumatologia, que trata da natureza *Pneumati-*  
dos Espiritos, em quanto naturalmente os pode- *ca.*  
mos conhecer.

A quarta he a Fysica, Sciencia da nature- *Fysica.*  
za, que trata dos principios, causas, e effeitos  
natu-



naturaes, do movimento, quietação, lugar, vacuo, tempo, especies do movimento, medidas do tempo, meteoros, phenomenos do Ceo, e da terra, ou em poucas palavras: He a Sciencia especulativa do Ente movel.

*Mathematicas.* A quinta são as Mathematicas, que se compoem, e tem em si muitas partes, e a grandeza, ou quantidade por objecto, isto he, tudo o que se póde augmentar, ou diminuir.

*Moral.* A sexta parte he a Moral, que considera a natureza das paixões, vicios, e virtudes humanas, e dá regras para o governo da vida, assim publica, como privada.

*Monastica* Esta ultima parte da Filosofia se subdivide em tres partes. A primeira he a Monastica, que regula as acções do homem considerado precisamente em si mesmo, sem alguma relação particular, e lhe ensina, em qualquer estado, as suas obrigações.

*Politica.* A segunda he a Politica, que fórma as maximas para o governo publico, e com ellas se sabem reger, segundo as suas qualidades, os Principes, e os Vassallos.

*Economica* A terceira he a Economica, que ajusta as obrigações dos pays, e filhos, dos amos, e criados, dos maridos, e mulheres, como escrevemos no primeiro Tomo.

*Christã.* Tambem à doutrina do Evangelho, Sciencia propria de todo o Catholico, se dá o nome de Filosofia Christã, e verdadeiramente Divina.

*Sua origem.* A Filosofia teve a sua origem nos povos Orientaes, que hoje não tem lembrança de quem forão os seus inventores. Os Egypcios querem que

que esta gloria seja da sua nação, e que a Filosofia entrasse na Chaldea, quando huma Colonia de Egypcios a foy habitar.

Porém naquelles tempos, sejaõ quaes forem os seus inventores, era esta Sciencia taõ informe, que apenas se lhe deve dar taõ grande nome, antes o de huma Theologia supersticiosa; porque no Egypto se respeitava como huma parte da Religião, misturandolhe muitos falsos mysterios, para que fosse mais venerada.

A primeira luz da Filosofia mais perfeita rayou na Grecia, e nella excedeo esta nação aos Egypcios, e Chaldeos; porque começou a falar com ordem, e propriedade, merecendo justamente a gloria de primeira Fundadora da Filosofia antiga; da qual foraõ publicos, e primeiros professores Thalés, e Pythagoras.

Foy a Filosofia enriquecida de novas observações por Anaximandro, discipulo de Thalés, que fundou a feita Jonica, assim chamada, porque Anaximandro, e seu Mestre eraõ naturaes de Mileto, Cidade da Jonia; e as suas opiniões tiveraõ celebres sectarios, e mais conhecidos, que todos foraõ Anaximenes, Anaxagoras, e Archelao.

Pythagoras fundou a feita Italica, em razão de ser morador na grande Grecia, parte de Italia, que hoje pertence ao Reino de Napoles; e accommodando-se às opiniões dos Egypcios, ensinava as suas doutrinas por hum modo mysterioso, valendo-se de symbolos, e enigmas para estabelecer as maximas fundamentaes da Filosofia.

Esta feita Pythagorica, ou Italica, floreceo



ceo muito, e adiantou-se nos progressos a de Thalés, e Anaximandro por meyo dos discipulos de Pythagoras, que foraõ os mais celebres Ocello, Architas Tarentino, Filolao, Zenon, e outros, os quaes se applicaraõ, huns à Dialectica, e outros à Fyfica, que reduziraõ a principios, sem se apartar muito das idéas de seu mestre.

Thalés, e Pythagoras se applicaraõ principalmente a conhecer as cousas da natureza, e a achar as regras da Dialectica, e Geometria, seguindo os seus Discipulos os mesmos vestigios: porém Socrates, que lhes succedeo, inclinou todos os seus estudos para a Moral.

*Socrates.* Foy Socrates discipulo de Archelao, e como tal da feita Pythagorica: porém começou a dar methodo às confusas idéas dos seus predecessores; pelo que foy chamado pay da Filosofia, trabalhando com toda a força para descobrir a verdade das cousas, que ensinava como quem aprendia.

*Plataõ.* O grande Plataõ foy digno successor de seu mestre Socrates, o qual estabeleceo em Athenas a Academia da sua doutrina, fazendo chamar Academicos aos que até alli tinhaõ o nome de Sectarios. Explicava este grande Filosofo as materias em fórma de Dialogo, para examinar melhor as couzas pela exposiçaõ, e pelas perguntas, e repostas. Costumava servir-se da Definiçaõ, e Divisaõ para estabelecer as propoostas com evidencia, e rara vez as decidia.

Ensinou Plataõ muitas, e verdadeiras doutrinas, naõ tratadas por outros Filofofos até seu tempo; porém cahio em varios, e detestaveis abfur-

absurdos, especialmente sobre o Ente supremo, e o lugar que tinhaõ as almas separadas, defendendo depois o grande Origenes nos seus escritos este ultimo erro.

Formaraõ os discipulos de Plataõ diversas feitas, e entre todas ellas foy mais nobre a de Aristoteles. Foy elle o primeiro, que ajuntou as diversas partes da Filosofia para fazer com ellas hum completo systema, e naõ teve a Logica por parte desta Sciencia; mas como hum meyo, que dispunha o espirito para descobrir as verdades, que guarda a Filosofia: pelo que cultivou esta Sciencia tanto, e mais que outra nenhuma parte da Filosofia, que a deixou no ponto vertical da sua perfeiçaõ.

*Aristoteles*

As Ethicas de Aristoteles he a mais perfeita de todas as suas obras; e ainda que nos principios naõ tem differença à Moral de Plataõ, com tudo differe essencialmente nos fins; porque a Moral de Aristoteles naõ excede os termos da vida presente, olhando a de Plataõ além delles. Aristoteles collocou a verdadeira felicidade do homem no seu ultimo fim; a qual felicidade consiste em hum bem universalmente desejado, e pelo qual se desejaõ todos os outros bens, e se naõ pôde adquirir senaõ pela virtude; a qual he hum habito do bem, que consiste em huma especie de meyo, que se acha entre dous extremos viciosos, como mostrámos no primeiro Tomo.

Seguiraõ-se a estas as feitas de Arcefilao; Lacydés, Pyrrhon, e no melmo tempo as duas famosas de Zenon, e Epicuro, celebres em Athenas, e nos seus principios diametralmente oppo-

*Outras feitas.*



tas às sobreditas; as quaes duvidaraõ os juizos da Grecia, e depois os do Mundo todo.

Estas foraõ em refumo as opiniões, e feitas dos antigos Filozofos; e correndo com os seculos a doutrina de Aristoteles, chegou pela communicacão dos Arabes à nossa Europa, aonde se lhe deu o nome de Filosofia Escolastica.

Ordinariamente se divide a Filosofia Escolastica em tres periodos differentes: o primeiro começou em Pedro Lombardo, Mestre das Sentenças, e Bispo de Pariz: o segundo em Alberto o Grande, Bispo de Ratisbona, e Mestre de Santo Thomás de Aquino, e de Joáo Duns Escoto, que ambos se oppozeraõ nos sentimentos, e formaraõ as duas celebres doutrinas, que se controvertem nas Escolas, e daõ nome aos Thomistas, e Escotistas.

Depois de Durando até Gabriel Biel, que viveo no seculo quinze, foy o terceiro periodo; e Durando oppoz as suas opiniões às de Santo Thomás.

Nestes mesmos tempos se apuraraõ os entendimentos nas distincões da Logica, e sobre as doutrinas de Aristoteles houve huma furiosa emulacão entre os Nominaes, e Realistas, cujas disputas dividiraõ as Universidades da Europa, seguindo cada huma o seu partido.

*Nominaes  
e Realistas.*

Porém nos nossos seculos principiou a Filosofia a ter liberdade, soltando-se das cadeas da authoridade para filosofar pela razaõ. Não desprezaõ os Filozofos modernos a Aristoteles; porém duvidaõ seguir os seus sentimentos, se não estaõ conformes com a verdade; porque a sua pa-

lavra

lavra não tem authoridade Divina: e os primeiros, que se oppozerão às suas doutrinas, forão Galileo, Pedro Gassendo, aos quaes se tem seguido outros muitos Filósofos, que com o thesouro de subtilissimas opiniões vão enriquecendo a Republica Literaria.

## L E Y S.

**A** Ley, fallando geralmente, he hum mando, ou dominio de quem tem mayor poder; ou huma regra, e medida daquellas cousas que se haõ de fazer, ou omittir. E deixadas outras muitas definições devemos conhecer a Ley por hum Dictame pratico da razaõ. *Definição.*

Estas são as maximas, em que convieraõ os Estados, e os Póvos, ou as que receberão dos seus Principes, e Magistrados para viverem em paz, e sociedade.

Plataõ dividio a Ley em Divina, Celeste, Natural, e Humana: porém a Celeste não a admittem os Theologos. *Divisão.*

Ley Divina, segundo o mesmo Filosofo, he a directora da razaõ existente na mente de Deos, a que os Theologos chamaõ Ley Eterna, por assistir com o mesmo Deos, ou emanar d'elle immediatamente, ainda que esteja fóra de Deos. *Divina.*

Esta mesma Ley se divide em Eterna, e Temporal; porque aquillo, que se dá em tempo, diz-se creado, e fóra da Essencia Divina nada he eterno.

A Ley creada he Natural, e Positiva, como admittem os Gentios, e Christãos; porém não



naõ he tomada por todos do mesmo modo. Plañ lhe chamou : Inclinaçaõ natural denunciada claramente pelo Creador , sobre aquellas cousas , que se dirigem aos proprios actos , e fins. Os Jurisperitos a fazem commua a todos os animaes.

Os Theologos , porẽm , dandolhe o mesmo nome , a poem estavel na mente humana para discernir o bem do mal , como participaçaõ da Ley Eterna , communicada à creatura racional : e este he o dictame da razaõ dado ao homem com a sua natureza para julgar o honesto , e inhonesto.

De dous modos se distingue a Ley Natural : huma simplesmente Natural , respeito do homem , em quanto he considerado , segundo o lume da razaõ , connatural com elle : outra Sobrenatural , respeito do homem considerado , segundo a natureza da graça infusa , e o lume sobrenatural da Fé , pelo qual se governa em quanto viador , tambem natural ; porque a graça tem a sua natureza , e essencia propria.

*Positiva.* A Ley Positiva naõ he innata com a natureza , ou graça , mas além dellas ; cujo poder se lhe communica de outro principio extrinseco. O nome desta Ley he a Razaõ.

*Divina.* A Ley Positiva he Divina , e Humana. Positiva Divina he aquella , que Deos dá immediatamente accrescentada à Ley Natural. Esta Ley naõ está existente em Deos ; porẽm emana d'elle , dada com especial modo , e se chama simplesmente Ley.

*Humana.* Positiva Humana he a que proximamente descobrem , e poem os homens ; porque primordialmente toda a Ley Humana he derivada da

Ley

Ley Eterna, e a sua força de obrigar sahe de Deos, em quem está todo o poder. Naõ menos he acto do homem, pelo que se diz Humana.

A Ley Humana, huma he Civil, outra Canonica: aquella ordenada pelo Principe, ou Magistrado, que têm poder, e dirigida ao governo Politico: e esta a que se contém nos sagrados Canones, e Decretos Pontificios; a qual se deve ter por meramente Humana; porque he instituida pela vontade dos homens.

*Civil.**Canonica.*

O primeiro Legislador, que teve o Mundo, foy Moyés, e a sua Ley a primeira, que se deu aos homens, muitos seculos antes que houvessem outros Legisladores, e outras Leys: Ley dada por Deos, e em tempo que só Deos a podia dar; porque confundidos os homens na cegueira da ignorancia, apenas eraõ capazes de receber Leys, quanto mais de as promulgarem.

*Antiguidade das Leys.*

A mais antiga das Leys, e huma das da mayor equidade, foy a de Taliaõ, que observaraõ os Hebreos, e se fundava em huma justiça natural.

Depois se foraõ seguindo as Leys de Solon, e Licurgo, as sanguinolentas de Draco, as das Doze Taboas, que observaraõ os antigos Romanos, e mandaraõ vir da Grecia pelos Decemviro, as quaes serviraõ de fundamento à sua jurisprudencia; as Leys, e Constituições dos Emperadores, e outras muitas celebres, e famosas promulgadas pelos Magistrados Romanos, que deiraõ nome a muitos Titulos do Direito, como foraõ as Leys Falcidia, Julia, Cornelia, Agraria, e outras, além das primeiras de Romulo, e de Numa Pompilio.

Para



*Circunstâncias.*

Para a effencia da Ley se requiere no Legislador, além do acto da vontade, e entendimento, com o qual quer obrigar os subditos, ao que haõ de fazer, ou omittir, que forme a Ley commua, isto he, imposta ao commum dos homens, e a todo o corpo Politico para utilidade sua.

Requere-se mais no Legislador publico poder, e superioridade no que manda: que a Ley seja justa: que a ninguem seja injuriosa, nem se desvie dos preceitos da Ley Natural: que seja perpetua, isto he, que tenha firme estabilidade, e assim permanente com efficacia obrigue à observancia, conforme a força da sua constituição, que sempre deve obrigar: que a sua promulgação seja sensivel, isto he, publicamente, feita conforme os costumes do tempo, para que moralmente chegue à noticia dos subditos, e por esta falta não perca as forças de obrigar.

*Causas.*

As causas das Leys são inseparaveis das sobreditas circunstancias; porque a efficiente he o poder, e jurisdicção: a material quasi subjectiva, o entendimento, e a vontade: a objectiva, a honestidade, de que se não devem desviar os subditos: a formal, o modo porque se faz, e promulga a Ley; e a final o bem commum.

*Effeitos.*

Os effeitos da Ley são varios, e o primeiro he o bem dos subditos, ou fazer os subditos bons, effeito tambem proprio da Ley Divina: o segundo he induzir obrigação de obrar, ou não obrar.

Commummente dão os Doutores à Ley quatro effeitos, que são: mandar, prohibir, permittir, e castigar; e destes, que são os mais necessarios,

cessarios, se derivaõ outros muitos, como sabem os professores.

Obriga geralmente a Ley a todos os homens viadores, como definio o Concilio Tridentino contra as falsas opiniões dos hereges modernos. A todos prende a Ley Natural, e ao Povo fiel se deu a Escrita.

Obriga a todos.

He util, e necessaria no Mundo a promulgação das Leys; porque estas se impoem à liberdade da natureza, e os actos livres faõ a materia das Leys; de sorte, que a Ley Eterna, que essencialmente he o mesmo Deos, debaixo da razaõ de Ley, tem, e diz respeito à liberdade; pelo que supposta a producção da creatura racional, foy necessaria a Ley com necessidade de fim, afim simplesmente, como para obrar melhor.

Tanto que a creatura intellectual he creada, tem superior, a cuja providencia se sujeita, e he capaz de governo moral, o qual se faz pelo imperio, que lhe he connatural, e necessaria a subordinação ao superior, pelo mando do qual seja dirigida; porque tendo sido formada do nada, se ha de inclinar ao mal, ou bem; e por isso tem capacidade para a Ley, que a guie para o bom, e desvie do máo; e não menos lhe he precisa simplesmente alguma Ley, que convenientemente a faça viver conforme a sua natureza.

Já dissemos, que a Ley ha de ser permanente; e com effeito esta immutabilidade he huma das suas condições; porque, devendo a Ley ser justa, e racional, não prescreve o termo da sua duração; só no caso de cessar nella a razaõ da justiça, ou a sua mesma imposição, ou a dos subditos.



Naõ duvidamos, que a Ley Humana, como pende da vontade do Legislador, por hum acto contrario dessa mesma vontade a póde abrogar: porẽm sempre está manente a causa material da mesma Ley, e o seu motivo, que havia ser alguma cousa honesta, para o bem daquelles para quem foy constituida; sendo indecente aos Reinos, e às Republicas promulgar, e revogar muitas Leys.

Tambem se define a Ley por Sciencia do Direito, Costumes, Estatutos, e de quanto pertence a administrar, e fazer que se administre justiça. E porque he necessario tratarmos do Direito, e do Costume, começamos por este como substituto da Ley, e que tambem tem a mesma força.

#### C O S T U M E.

**O** Costume pode-se tomar de dous modos. O primeiro Casual pela antiguidade do uso, e frequencia de actos em muito tempo pelo common, ou pela mayor parte delle. O segundo Formal por Direito, o qual provem do uso diuturno, e continuacao dos mesmos actos.

Tomado o Costume no primeiro sentido, se chama Costume de Facto, e no segundo Costume de Direito. Define-se o Costume por Hum certo Direito constituido pelos costumes, que deve ser tomado por Ley, quando esta falta.

O verdadeiro sentido desta definição he, que o Costume forma hum Direito, que obriga a fazer, ou omittir, ou tambem permite alguma cousa, introduzido com diuturno, livre, e publico

blico uso do commum, approvando-o quem tem jurisdicção sobre o mesmo commum.

Differe o Costume da Ley; porque esta he expressamente ordenada de poder publico, e publicamente promulgada recebe força de obrigar: porém o Costume a tem no uso tacito approvedo pelo Legislador.

Tambem differe das Tradições propriamente recebidas; porque estas não provieraõ do uso, mas da instituição de Christo, dos Apostolos, e da Igreja, conservando-se, e propagando-se esse uso até aos nossos tempos.

Naõ menos he o Costume diferente do estylo da Curia, assim como o includente do incluido; porque o estylo não he outra cousa mais que hum costume particular, e limitado aos actos judiciaes, que ensina o modo que se deve ter, e observar nos juizos, no conhecimento das causas, e no proferir das sentenças.

Ultimamente differe o Costume da Prescripção por muitos, e varios modos. O primeiro, porque o Costume tem o commum por objecto, ao qual obriga, ou desobriga, permittindolhe alguma cousa; porém a Prescripção olha sómente as pessoas privadas; e se o faz ao commum, atende-o como se fora fogeito particular.

Segundo. A Prescripção não requiere consentimento daquelle contra quem prescreve; o Costume ao menos necessita de consensõ tacito do Principe, ou de outro, cuja Ley pelo costume he derogada.

Terceiro. A Prescripção tem lugar nas cousas corporaes, e não corporaes; e o Costume só-



mente nas posteriores. Quarto. A Prescripção diminue o dominio de outrem, o que não faz o Costume.

Finalmente para esta he necessario titulo, e boa fé; e aquelle póde ser originado de má fé, e o consentimento tacito do Principe, ou do povo lhe fica servindo de titulo.

O Costume como propriissimamente tem razão de Ley, admite as mesmas divisões; pelo que hum he Canonico, e outro Civil.

Costume Canonico he o que sómente com o uso introduziraõ os Clerigos, ou ainda os Leigos sobre alguma materia espiritual.

O Costume Civil he o a que os Seculares deraõ uso, e por elles foy, e he praticado em materias propriamente temporaes.

Entre estas duas especies de Costume, se póde dar hum meyo, e he quando em alguma couia temporal concorrem juntamente os Clerigos, e Leigos; se bem, que este se póde chamar Costume Civil com mais propriedade, em razão do fim; porque faz relação ao governo temporal, e bem commum do Politico.

Tambem ha Costume Generalissimo, Geral, Especial, e Especialissimo. Costume Generalissimo, he o que ha em todo o Mundo, vulgarmente chamado Direito das Gentes: o Geral, ou commum, he o que se observa em todo o Imperio, Reino, ou Provincia, como costumes feudaes: o Especial, he o que só tem vigor em huma Cidade, ou Villa; e o Especialissimo, o que foy recebido por huma pequena parte do povo, assim como huma Igreja, Convento, &c.

O Costume he segundo a Ley, além da Ley, e contra a Ley. Costume segundo a Ley, he o que com o uso diuturno confirma essa Ley já constituida, ou he por elle interpretada: o Costume além da Ley, induz hum Direito novo, e manda, ou prohibe alguma cousa, sobre a qual até então não houve Ley: o Costume contrario à Ley, he o que foy introduzido opposto a ella, e ao Direito Humano antecedente, a qual disposição, ou uso se não recebe, ou recebido he abrogado, ou derogado pela mesma Ley.

Ha algumas razões, pelas quaes parece, que qualquer pessoa privada pôde introduzir costume, e eximirse com elle, em alguma occasião, da obrigação da Ley: porém he certo, que nenhuma pessoa particular pelos seus próprios actos pôde fazer costume, que tenha força de Ley; e que com o uso se desfate della; porque fora faltar à razão, e contrario ao bem commum, que o subdito faltando à Ley, ou preceito, se desobrigasse d'elle a si mesmo, o que seria causa de se violarem as Leys com muita facilidade.

Pelo que o Costume com força de Ley, só pôde ser introduzido por alguma Communidade, e não Communidade imperfeita, como a Familia; mas perfeita, como o Reino, a Provincia, e a Republica, que não tem superior; nas quaes circunstancias pôde instituir Costume Legal; porque aquelle, que tem authoridade para fazer Leys, tambem a goza para introduzir Costume, que seja recebido por Ley.

As mais circunstancias concernentes ao Costume sabem os profellores, e nos Authores, que ei-



escreverão sobre elle, as pódem ver os curiosos, que nós concluímos este Tratado mostrando as condições, que se requerem, para que o Costume seja legitimo.

Para o Costume ser legitimo, não meramente de facto, mas de Direito, lhe requerem os Doutores quatro condições. Primeira. Que seja racional. Segunda. Que tenha duração de tempo requisito. Terceira. Que esteja acompanhado de actos frequentes conformes à sua qualidade. Quarta. Que lhe não falte o consentimento do Legislador.

## DIREITO.

*Definição.* **O** Direito, que se deduz do mandado, não he outra cousa mais que aquillo, que manda a natureza, a Cidade, o povo, a gente, ou o costume, o qual differe da Ley; porque esta he especie, e aquelle genero. A Ley he Direito escrito, e o Direito pertence tambem ao que se não escreve.

*Divisão.* Primeiramente dividimos o Direito em Eterno, Natural, e Divino. Direito Eterno he aquella soberana idéa, que foy prototypo da Creação do Mundo, que Deos conserva, e governa com sua admiravel Providencia.

*Natural.* O Direito Natural he aquella luz, que emanada da face de Deos, imprimio no coração do homem, com invisiveis caracteres, a Ley da Natureza.

*Divino.* Direito Divino he o que encerra em si a doutrina, e culto da Religião, promulgado pelos Pa-

Patriarcas, Apostolos, e Doutores da Igreja.

Tambem se divide o Direito em Civil, Canonico, das Gentes, Militar, Positivo, e do Padroado.

O Direito das Gentes, he o que a razao natural faz commumente observar por todas as nações, e povos do Mundo; e se define por occupação de lugares, ou assentos, edificação, presidio, guerras, cativeiros, escravidões, restituções, ajustes de paz, e treguas, não violar a fé dos Embaixadores, e prohibição de casamentos entre estrangeiros. *Das Gentes.*

O Direito Militar, he o que solememente póde declarar guerra, vinculo de fazer paz, e sair ao inimigo dado o final, ou acometer a peleja. *Militar.*

O Direito Positivo, he o que depende da livre vontade de Deos, ou dos homens, pelo que póde mudar-se. O Direito do Padroado, he poder de apresentar Beneficios Ecclesiasticos; o qual se concede aos Leigos, que fundão, ou dotaõ Igrejas. *Positivo.*

O Direito Canonico, instituido por authoridade do Papa, ou dos Concilios, he o de que a Igreja se serve para os diferentes casos, que lhe sobrevem, e para regular os negocios Ecclesiasticos. *Canonico.*

As Decisões pertencentes à Fé se chamaõ Dogmas; e o uso do Direito Canonico particularmente se applica às regras da disciplina Ecclesiastica.

Compoem-se este Direito dos Oraculos da Escritura, das Constituições dos Concilios, dos

*De que se compoem.*  
De-



Decretos, e das Cartas Decrétaes dos Papas, e sentimentos dos Padres da Igreja. Além disto ha nelle muitas partes do Direito Civil, ou Codigos de Theodosio, e Justiniano.

*Recapitula-  
ções.*

Em diversos tempos se fizeram varias Recapitulações das partes, que compoem o Direito Canonico. O primeiro tempo comprehende o Direito antigo, pelo qual se governou a Igreja mais de mil annos, e he o que se contém nas Collecções antigas das Constituições Ecclesiasticas. O segundo encerra o que vulgarmente se chama Curso Canonico, composto das compilações feitas desde o anno de 1150 até o de 1483. O terceiro occupa tudo o que se ajuntou ao Direito precedente pelas Constituições, assim dos Concilios modernos, como dos ultimos Papas, ou por aquellas regras, que servem de Ley aos negocios Ecclesiasticos.

*Collecções  
Gregas.*

No primeiro tempo houve Collecções Gregas, e Latinas; e a primeira Grega, que sahio à luz, foy no anno de Christo 385, e Esteuaõ, Bispo de Efeso, o seu Author; a qual comprehedia os Canones dos dous Concilios Geraes, Niceño, e Constantinopolitano, e de outros cinco Concilios, que no mesmo seculo se detiveraõ em Asia.

Outras muitas Collecções fizeram os Gregos neste primeiro tempo, como foraõ, a que se fez depois do Concilio de Chalcedonia, em que se ajuntaraõ à primeira muitos Canones, e depois os dos Apostolos, e alguns de S. Basilio; a do Concilio Constantinopolitano de 692; a de Focio, Patriarca da mesma Cidade, depois do Concilio em

em que foy restabelecido este Patriarca scismatico; e além destas quatro Collecções Gregas, donde os Canones, conforme os Concilios, e Epistolas dos Padres, estavaõ dispostos, fizeraõ outras Joaõ Patriarca de Constantinopla, Arsenio Monge do monte Athos, e Mattheus Blaftares da Ordem de S. Basilio.

As Collecções Latinas foraõ quatro as mais principaes; a primeira, e mais antiga foy a que se fez por authoridade do Papa S. Leaõ no anno de 460. *Collecção Latinas.*

Seguiu-se a segunda em 496, ordenada por Dionysio o Pequeno, que no seculo quinto lhe ajuntou huma recapitulação dos Decretos dos Papas, e nos sobreditos annos se começaraõ estes a contar pelos do Nascimento de Christo, ajustados pelo mesmo Dionysio.

A terceira Collecção fez Santo Isidoro em Sevilha nos annos 620, e a ultima pelos de 790, debaixo do nome de Isidoro Peccador. Depois destas Collecções, às quaes se seguiu a ordem dos Concilios, ou das Cartas Decretaes, houveraõ outras muitas, que por ser diffusa a sua narração passamos em silencio.

No segundo tempo entra o corpo do Direito Canonico, vulgarmente chamado Curso Canonico, que consiste em tres partes. A primeira contém o Decreto de Graciano: a segunda as grandes Decretaes, recapituladas por ordem de Gregorio IX.; e a terceira as quatro compilações menores das Decretaes, que são a Sexta, as Clementinas, as Extravagantes de Joaõ XXII., e as Extravagantes commuas.



O terceiro tempo do Direito Canonico encerra as Constituições dos Concilios, e dos Papas, feitas depois das ultimas compilações das Decretaes, comprehendidas no corpo do Direito, com outras regras, que servem de Leys nos negocios Ecclesiasticos.

*Direito commum.*

Este ultimo Direito, ou he commum recebido por todos os Catholicos, ou particular a alguma Communidade. Ha duas fortes de Direito commum. O primeiro olha à Disciplina; e o segundo à fórma dos Actos. Aquelle primeiro Direito consiste nos Decretos dos Concilios Geraes depois de Clemente V., e nas Bullas dos Papas, que não são comprehendidas no corpo do Direito. O segundo comprehende as regras da Chancellaria Apostolica, feitas depois de Joáo XXII., que são perto de setenta e huma.

*Particular*

O Direito proprio, e particular he aquelle que alguma Nação, Provincia, Igreja, Diocese, Cabido, ou Communidade observa, além do Direito geral de toda a Igreja.

*Direito Civil.*

Segue-se o Direito Civil, a que serviraõ de fundamento as Leys dos primeiros Legisladores Romanos: porém o Emperador Justiniano, no anno 530, achando-o summamente confuso, tirou d'elle quanto tinha de inutil, e por meyo dos mais celebres Jurisconsultos do seu tempo o poz na ordem em que hoje o vemos.

Depois que este Principe fez huma exacta escolha, e separou todo o bom, que havia nas Leys das Doze Taboas, nas Plebiscitas, nos Senatusconsultos, nos Edictos dos Pretores, nas Respostas dos Jurisconsultos, e nas Constituições,

ou Rescriptos dos Principes; se dividio o corpo do Direito em quatro Livros, que são: o Digesto, ou Pandectas, as Institutas, o Codigo, e as Authenticas, ou Novellas.

O Digesto comprehende as Leys antigas, *Digesto.*  
 com os Decretos dos Jurisconsultos: as Institutas os Elementos do Direito Romano: o Codigo as *Codigo.*  
 Constituições Imperiaes, desde o Emperador Adriano, até Justiniano, e os tres Livros de outros Emperadores, que ficaraõ comprehendidos debaixo do nome de Codigo de Justiniano: e o Livro das Authenticas he hum supplemento do *Novellas,*  
 Codigo, que contém as Constituições, que o mesmo Emperador fez depois da publicação daquelle. *e Authenticas.*

Finalmente o Direito Civil he aquelle, que qualquer povo, ou Cidade o constitue proprio para si por alguma causa Divina, ou humana. Elle he entre todas as Sciencias, e Artes a mais necessaria para a sociedade da vida, como bastante à liberdade, e qualidade, ou segundo a proporção, ou o numero.

## MEDICINA.

**A** Medicina he huma Arte, e Sciencia de ex- *Definição.*  
 cogitar, e apontar remedios para conser-  
 var a saude no corpo humano, e para lhe restituir a que perdeu.

Divide se a Medicina em Methodica, Em- *Divisão.*  
 pyrica, e Dogmatica. A Methodica consiste em *Methodica*  
 remediar o mal urgente, sem cuidadosa escolha de remedios, e sem exacta distincção das doencas;



porque só conhece tres, que são Astringente, Fluida, e Mixta.

*Astring.  
Fluida.*

A Astringente he quando a restricção dos vasos causa supressão de escrementos: a Fluida, quando pelo contrario com a dilatação dos meatos se faz effusão do que não houvera de sair; e a Mixta, quando na mesma parte se encontra humor extravasado com tumor manifesto.

*Empyrica.*

Medicina Empyrica he a que toma o nome, ou da experiencia em que se funda, ou do fogo com que muitas vezes obra. Os seus professores a fazem mais antiga, que Hypocrates, e reconhecem por Author della ao celebre Acron Agrigentino, que livrou da peste a Cidade de Athenas, purificando os ares por perfumes.

*Dogmatica.*

A Dogmatica, ou Racional, que teve por mestres a Hypocrates, e Galeno, divide-se em Especulativa, e Practica.

*Especulativa.*

A Especulativa se applica à Fysiologia, para conhecer a natureza nos corpos celestes, e elementaes, nos mixtos, mineraes, vegetaveis, e animaes, na differença dos climas, e na diversidade dos temperamentos, idades, sexos, e estações do anno.

*Practica.*

A Medicina Practica ordena remedios, receita purgas, xaropes, electuarios, e necessita da Botanica, Farmacia, Therapeutica, e Chymica. Tambem lhe he preciso o conhecimento da Anatomia; porque o corpo humano he o principal objecto desta Sciencia.

*Botanica.*

*Farmacia.*

Botanica he o conhecimento das hervas, e plantas medicinaes. Farmacia he a arte de fazer medicamentos, a composição dos quaes perten-

ce aos Boticarios. Therapeutica , ou Cirurgia he toda a cura , que com obras de mãos fazem os Cirurgiões. *Therapeutica.* Chimica he a arte , que com varias , e *Chimica.* subtilissimas operações reduz todos os corpos naturaes a seus primeiros principios , e em minimas particulas os resolve.

A Anatomia he huma recta divisaõ , determinação dos membros de qualquer corpo , especialmente do humano , pela qual se examinaõ todas as suas partes , e se percebe o que póde debilitar , ou fortalecer. *Anatomia.*

Os primeiros inventores da Medicina dizem huns que fora Mercurio , outros que Apollo , os Egyptios que fora Ifido , Diodoro que Cybelen Rey da Frygia , Homero que Eschylo Prometheo , e Pindaro que fora Chilon , filho de Saturno , e Filyra , o qual tivera huma filha chamada Ocirrhoe , que adiantou muito esta Sciencia : porém sendo ella taõ antiga no Mundo , naõ foy admitida em Roma senaõ seiscentos annos depois da sua Fundação , e começaraõ a ser as mortes mais frequentes. *Inventores*

Hum unico Medico teve o Mundo , que nunca errou. E como a verdadeira Medicina provem de Deos , nesta Divina Aula a estudou seu Filho Jesu Christo , verdadeiro , sapientissimo , e caritativo Medico , que morreo para dar vida. Com a efficaz applicação dos seus remedios , que ou eraõ por palavra , por tacto , ou aceno , afugentava todas as enfermidades , que até respeitavaõ a simbria dos seus vestidos ; metendo o aspecto deste Fysico Divino , e Medico da vida , hum tal horror às molestias , como póde cau-



causar aos individuos o dos Fyficos matadores.

## R H E T O R I C A.

*Definição.* **A** Rhetorica he Arte de fallar com proprie-  
dade, e elegancia, inculcando boas razões  
para provar, e persuadir.

*Materia.* Tem a Rhetorica por materia à questão,  
que he de dous modos, a saber: disputa, e sup-  
posiçãõ.

*Partes.* As partes que contêm são quatro: Inven-  
çãõ, Disposiçãõ, Elocuçãõ, e Pronunciaçãõ, a  
que outros ajuntãõ quinta, que he a Memoria.

Todas estas partes servem à Rhetorica;  
porque antes de se dizer, se ha de achar, depois  
de achar dispor, logo ornar as palavras, entãõ  
mandallas à memoria, e ultimamente pronunciar,  
ou fallar.

*Invençãõ.* A Invençãõ he huma cogitaçãõ de cousas  
verdadeiras, ou verosimeis, que fazem a ques-  
tãõ provavel.

*Disposiçãõ.* Disposiçãõ he distribuir ordinariamente es-  
tas cousas já achadas.

*Elocuçãõ.* Elocuçãõ he ajuntar às taes cogitações, ou  
cousas achadas a gravidade das sentenças, e cul-  
tura das palavras; e ultimamente a Memoria he  
huma percepçãõ firme da oraçãõ, a que se segue  
a pronunciaçãõ, que he huma moderaçãõ, ou  
compostura do corpo, e da voz em attençãõ à di-  
gnidade das palavras, e pensamentos.

*Generos.* A Rhetorica se reduz a tres generos, que  
são: Demonstrativo, Deliberativo, e Judicial.

*Demonstrativo.* O genero Demonstrativo occupa-se em lou-  
var,

var,

var, ou condemnar as pessoas, ou as acções, ou as cousas: o Deliberativo exercita-se em persuadir, ou dissuadir; e o Judicial em accusar, ou defender.

Tambem a Rhetorica, ou Eloquencia Ecclesiastica usa destes tres generos na Arte Concionatoria. Com o Panegyrico louva a Deos, aos Anjos, e aos Santos: com o Didascalico expõem as Escrituras, e declara os Mysterios da Religião; e com o Parenetico offerece razões, e motivos para exercitar os Christãos a abraçar as virtudes; e fugir dos vicios.

Eraõ antigamente as vozes raras, e confusas; de forte, que as cousas se não chamavaõ pelos seus nomes. Querem os Egypcios, que Mercurio fosse o primeiro, que começou a ordenar as palavras, e que pozesse o nome a muitas entidades: porém com certeza sabemos, que a Rhetorica nasceo em Sicilia, e lhe deraõ alma os celebres Siracusanos Corax, e Cresias.

Entrou depois esta Sciencia em Athenas, aonde a levou Gorgias Leontino, e o seu discipulo Isocrates, com emulação de Aristoteles, abriu para ella publicas Escolas. De Athenas passou a Rhodes em companhia do desterrado Eschines; dahi a Alexandria, e no tempo dos Antonios a Massilia, até que nos tempos de Cicero entrou em Roma, e nos nossos floreceo no grande Rhetorico Apollonio Molon.

### ORADOR.

**T**oda a applicação do Orador consiste em fazer huma oração, e formar hum discurso; o qual



*Partes.* | qual se compoem de cinco partes, que são: Exordio, Narração, Confirmação, Confutação, e Peroração.

*Exordio.* | O Exordio he a entrada, ou principio do

*Narração.* | discurso: a Narração he a parte da oração, em que se narra o successo, ou caso, que se trata, e se segue logo ao Exordio.

*Confirmação.* | A Confirmação he autorizar com razões, e novas provas ao discurso, em fórma que mais esforçado persuada melhor.

*Confutação.* | Confutação he huma resposta taõ valente, que destroe qualquer argumento contrario, ou fati façao que se dá da parte do discurso às objecções, que se propoem com outro.

*Peroração* | A Peroração he o fecho do discurso Oratorio, no qual se faz huma breve recapitulação do que se tem dito, inculcando as suas razões com a mayor força, e efficacia.

## GRAMMATICA.

**A** Grammatica he a entrada para a praça das Sciencias, e o fundamento das Artes Liberaes, e disciplinas nobres.

Nos tempos antigos era a Grammatica huma Arte de ler, e escrever; porém depois começou a observar as regras de Arte, e a buscar as origens, e etymologias, a força, e significação propria dos termos de cada lingua, ficando o seu primeiro uso com o nome de Grammatistica.

*Divisão.* | Divide-se a Grammatica em Artificial, Historica, e Propria. A Artificial, ou Grammatistica, he a que ensina o concerto, e disposição das  
letras

letras com que escrevemos, a Ortografia, e propriedade das palavras, que fallamos.

A Historica, e Propria, he a que se occupa no conhecimento dos lugares, e obras dos Historiadores, e Poetas, e da explicação do que nelles por antiguidade, e differença da lingua está escuro, e duvidoso, principalmente nas tres linguas Hebraica, Grega, e Latina: e em humas, e outras, e na propria de cada hum, ensina a Grammatica a pronunciação das letras, e declinação dos nomes, a conjunção dos verbos, a construção das partes da oração, o som, e accento diverso das palavras, a distincção das vozes, e consoantes, e a ordem de fallar com propriedade, pureza, e policia. *Historica,  
e Propria.*

De dous modos se falla, e escreve, hum em prosa, e outro em verso. A Prosa he o mesmo que huma oração corrente, e direita, contraria ao verso, que tem os pés atados com as ligaduras do metro, e com os grilhões de quantidade de syllabas. Este modo he proprio do estylo Forense, Concionatorio, Historico, Discursivo, e Epistolar. *Prosa.*

## P O E S I A.

O Segundo modo he em verso, commummente chamado Poesia, Sciencia muito nobre, que faz fingindo, e mente pintando.

Querem alguns, que a primeira Filosofia do Mundo fosse a Poesia; e os que não consentem tanto, resolvem, que então se respeitavaõ os Poetas como a primeiros sabios. O ponto he



se à estimacão correspondia naquelle tempo a abundancia.

*Definição.* Define-se esta illustre, e engenhosa Sciencia por huma certa cadencia, medida harmonica, e metrica consonancia de palavras, segundo as leys, e uso de cada lingua, com que se declara o que quer dizer com expressões vivas, e energicas, e mais livres, que as que se usão na prosa.

Com varios generos de versos se fazem diferentes Poesias Latinas. A Poesia Epica, Heroica, ou Hendecasyllaba, se faz com versos Hexametros.

*Dramatica.* A Dramatica com os Jambos, e contém tres partes, que são: a Tragedia, a Comedia, e a

*Elegiaca.* Tragicomedia. A Elegiaca com os versos Hexametros, e Pentametros.

*Lyrica.* A Poesia Lyrica com os Sáficos, Adonicos, Falencios, Archilochios, Anapesticos, e todas as mais castas, que se achão nas Estrofas, Antitrofas, e Epodos das Odas de Horacio.

*Satyrica.* As Poesias Satyrica, Proreptica, ou Didascalica, e Exornativa, que tudo val o mesmo, se compoem de versos de todas as castas.

O nosso metro Portuguez, além das Eclogas, dos Enigmas, Anagrammas, Acrosticos, Centões, e composições varias de versos Retrogados, Leoninos, e outros em que imita a lingua Latina, dá grande espaço ao engenho nas Coplas, Glosas, Redondilhas, Lyras, Romances, Sonetos, Madrigaes, Vilhancicos, Batalhas, Canções, Tercetos, Quartetos, Oitavas, Sextas Rimas, Sextinas, Decimas, Labyrinthos, e outros.

*Sua origem.*

Sobre a origem da Poesia são varias as opiniões.

niões. Dizem alguns, que primeiro que os Gregos houve Poetas Hebreos; por quanto Moysés, depois que passou o mar Vermelho, louvou a Deos com o verso Hexametro; e David com vario metro compoz os seus Psalmos, do que co-lhem haverem sido os Hebreos os primeiros Poetas.

Depois se foraõ seguindo outros inventores de varias castas de versos, assim como: Clonas, Terpander, Polymnesto Colofonio, Alcman o Lyrico, Arion Methymneo, Aristofanes, e outros muitos, que pelo curso dos seculos poliraõ esta Sciencia, pela qual veneramos o nosso grande Camões.

## MATHEMATICA.

**H**E a Mathematica a Sciencia, ou Disciplina, de que dependem todas as Disciplinas, e Sciencias, e só as suas artes constaõ de firmes demonstrações.

Esta Sciencia, segundo algumas opiniões, *Inventores* nasceo com os homens, e foy Adaõ o primeiro Mathematico, que predisse os successos futuros; o que poderia ser antes effeito de revelação, que applicação Astronomica.

O Patriarca Abrahaõ, dizem, que fora excellentissimo Mathematico, a qual Sciencia communicara aos Egypcios, quando, obrigado da fome, peregrinou aquelle Reino.

Porém entre os Gregos foy Thales Milesio o primeiro, que lhes ensinou as regras da Geometria, que aprendera no Egvpto, 584 annos antes



da vinda de Christo, e a este se foraõ seguindo outros muitos, a saber: Anaxagoras, Clazomenio, Anixamandro Milesio, e outros.

*Como procedem.*

O methodo, com que procedem as Mathematicas he fundado em principios, e proposições. Os principios saõ definições, perguntas, e axiomas. As proposições saõ Problemas, Theoremas, Scholios, e Corollarios.

*Problema.*

Problema he huma questao, que naõ parecendo verdadeira, nem falsa, se pöde defender affirmativa, ou negativamente.

*Theorema.*

Theorema he huma especulaçaõ, ou preceito da Arte, ou demonstraçaõ da verdade de huma proposiçaõ, que pára na especulaçaõ, ao contrario do Problema, passa à fabrica, e construcçaõ.

*Scholio.*

Scholio he huma breve annotaçãõ, feita como de passagem, sobre algum discurso.

*Corollario.*

Corollario he huma continuaçaõ, e como consequencia de outra proposiçaõ antecedente.

O objecto das Mathematicas he a quantidade Discreta, ou Continua.

### *Quantidade Discreta.*

Com a contemplaçaõ da quantidade Discreta encerra em si a Mathematica a Arithmetica, e Algebra commua, e com as proporções absorve a Musica, que tem o som, e o tom por objecto.

*Arithmetica.*

A Arithmetica he Arte de contar, e as suas regras mais principaes consistem em Sommar, Diminuir, Multiplicar, e Repartir.

Som-

Sommar he recolher todas as addições em huma só addição. Diminuir he tirar o excessão, que o numero mayor faz ao menor. Multiplicar he tirar huma somma, que contenha outras tantas vezes, quantas são as unidades, do numero chamado multiplicador. Repartir he dividir tantas moedas, &c. por tantas pessoas. Estas regras necessarias a todos, o são particularmente aos Militares, e Negociantes.

Os Mercadores da Fenicia foraõ os primeiros inventores da Arithmetica, e Pythagoras foy o que formou os caracteres, e dispoz os numeros da Arithmetica Grega, que depois se communicou às outras Nações com grandissima utilidade do comercio humano.

A Algebra he huma parte da Arithmetica, que se occupa em ajuntar, e fazer hum corpo de diferentes numeros quebrados, ou separados.

Proporção he huma correspondencia entre as cousas, ou das partes entre si, ou do todo com as partes, e das partes com o todo.

Divide-se a Proporção em Arithmetica, Geometrica, e Harmonica, além da que se observa na Pintura, e Architectura.

A Proporção Arithmetica consiste em achar a mesma differença entre dous numeros, que entre dous outros, e assim se conhece, que estes numeros 4, 7, 10, 13, tem proporção Arithmetica; porque a razão Arithmetica de 4 a 7, he a mesma que vay de 10 a 13, por quanto o excessão em cada huma dellas he o numero 3.

A Proporção Geometrica consiste em que corre a mesma razão entre dous numeros, que entre



entre outros dous, assim como 20 faõ para 40, o mesmo que 10 faõ para 20. Quer isto dizer, que 40 tem duas vezes 20, pelo modo que 20 tem duas vezes 10.

*Harmoni-  
ca.*

A Proporção Harmonica se acha entre dous numeros, quando as diferenças do primeiro, e segundo termo tem entre si a mesma proporção, que o segundo termo com o terceiro, assim como nestes numeros, ou termos 80, 40, 30. Os 40 differem dos 80 pela sua ametade, e a diferença dos 30 a 40 tambem pela sua ametade, a saber 10.

Subdivide-se a Proporção Arithmetica, e Geometrica em Proporção descontínua, contínua, composta, racional, irracional, e outras muitas subalternas, cuja especificação nos impede o nosso estylo.

## MUSICA.

*Definição.*

**C**Om a contemplação da quantidade Discreta encerra em si a Mathematica tambem a Musica; a qual se define por canto, ou harmonia, e se divide em Divina, Angelica, e Mundana.

*Divisão.*

*Divina.*

A Musica Divina se acha em Deos, que he em si unifono, e multifono nas suas creaturas, com suprema, eterna, infinita, e incomparavel harmonia.

*Angelica.*

Musica Angelica he a dos Córos, e Jerarquias Celestes, que com imperturbavel ordem, e consonancia fórmaõ os Espiritos Angelicos na subordinação, que tem entre si, e na execução da vontade de Deos.

A Musica Mundana he composta por todo o Univerſo, nos Astros com a regulada variedade dos ſeus movimentos, nos Elementos com a proporcionada miſtura das ſuas qualidades, e geralmente todas as creaturas, que com diferentes propriedades, inclinações, e temperamentos, fórmao huma portentofa, e agradavel harmonia.

*Mundana.*

Deſta pretende ſer glorioſa imitadora a Musica Artificial. Divide-ſe ella em Theorica, e Practica; e ſubdivide-ſe em Rithmica, Metrica, Organica, Poetica, Hypocritica, e Harmonica.

*Artificial.*

A Rithmica regulava nas danças os movimentos do corpo: a Metrica dava cadencia nos diſcurſos á pronunciação das palavras; a Organica governava o ſom dos instrumentos Muſicos; e a Poetica media os verſos.

*Rithmica.**Metrica.**Organica.**Poetica.*

A Hypocritica dava regras para os menêos do corpo, géſtos, e acções dos Pantomimos, que erao engenhofas gesticulações, ou tregeitos com que ſe representava o meſmo, que ſe podia dizer com a voz.

*Hypocritica.**ca.*

A Musica Harmonica, e Artificial, vulgarmente uſada, he a que com ſignos, deducções, vozes, propriedades, mudanças, tenos, intervallos, notas, pontos, e figuras, levanta, ſobe, abaixa, anima, ſuspende, e regula a voz por muitos modos, e generos de conſonancias.

*Harmoni-**ca.*

Tambem a harmonia das virtudes, ajulta das ao compaſſo da razaõ, ſe chama Musica Moral; e Musica Politica, ou Civil o bom governo dos Estados, e a harmonia do instrumento da Republica bem temperado.

*Moral.**Politica.*

O primeiro inventor da Musica foy Jubal, filho

*Inventores**filho*



filho de Lamech ; e passados aquelles confusos seculos , em que todas as Artes estavaõ imperfeitas , podemos dizer , que a Musica foy novamente inventada por Apollo , ou Mercurio , Zetho , ou Anfiaõ ; e segundo outras opiniões por Bardo Rey dos Gallos , ou segundo os Gregos por Dionysio , e Pythagoras.

### Quantidade Continua.

*Geometria* — **C**Om a contemplaçãõ da quantidade Continua , que deixamos dito , abrangem as Mathematicas a Geometria , Planimetria , Trigonometria , &c.

*Sua origem.*

Ensinou Abrahaõ no Egypto a Geometria , e dalli trouxe esta a sua origem ; porẽm o primeiro , que fez descripções da terra , foy Homero , e depois delle os mais affinalados Varões , e os mayores Filosophos da antiguidade.

*Definição.*

He a Geometria huma Sciencia , que ensina naõ só a medir a terra , mas tambem a agua , os corpos celestes , e geralmente a quantidade , segundo todas as suas dimensões.

Entre todos os juizos Geometricos , hum dos mayores , ou o mayor que vio o Mundo , foy aquelle concerto , que entre si fizeraõ El Rey D. Joaõ II. de Portugal , e Fernando de Hespanha , sobre os limites das suas navegações ; e repartindo a terra em trezentas e sessenta partes , escolheraõ cento e oitenta para estenderem os braços às suas conquistas , e medirem com as espadas os ambitos do Universo ; que sustentado em pezo nas mãos destes poderosos Monarcas , elegeraõ  
por

por baliza o Sol no Meridiano, porque não pode subir mais.

A Planimetria he a parte da Polimetria, e Geometria pratica, que consiste no conhecimento, e medição das linhas quadradas, e cousas planas.

A Trigonometria ensina a Arte de medir os Triangulos, só em razaõ de seus angulos, e de seus lados: e como ha Triangulos, e Esféricos, se divide a Trigonometria em Rectilinia, e Esférica.

Por meyo dos angulos, com os quaes se conhece a causa da direcção, reflexão, e refração dos rayos visuaes, comprehendem as Mathematicas a Optica, Catoptrica, Dioptrica, Perspectiva, e Pintura; e por meyo da luz, e sombra dos Astros, a Arte Gnomonica; e com o officio, proporção, e dimensão de muitos generos de instrumentos, se sujeitaõ às Mathematicas todas as Artes Mecanicas.

A Optica he aquella parte da Mathematica, que trata do objecto, meyo, orgão, e acção da vista, e se divide em Dioptrica, e Catoptrica: esta que examina as reflexões da luz, reverberada dos corpos lisos, e claros na superficie exterior, e opacos na interior, como saõ os espelhos: aquella que considera as refrações da luz em corpos transparentes, como vidro, crystal, &c.

Tambem procedem da Optica a Perspectiva, Gnomonica, e Pintura.

A Perspectiva ensina a representar os objectos mais, ou menos distantes, do que saõ, com linhas terreas, horisontaes, parallelas, diame-



traes, e perpendiculares, e com o ponto primeiro, ou principal, e outros dous a que chamaõ pontos de distancia. Na Pintura, e Architectura ha perspectiva, que agradavelmente engana os olhos.

*Gnomon.*

A Arte Gnomonica he a que ensina a fazer todo o genero de Relogios do Sol por meyo do Gnomon, ou estylo, cuja sombra affinalla as horas pelas linhas, conforme as differenças da elevação do Pólo. A esta Sciencia tocaõ as Balestillas, Astrolabios, Agulhas de Marear, &c.

## PINTURA.

*Definição.*

**A** Pintura he huma Arte imitadora das porções da natureza, e digna de tanta estimação, que a naõ desprezavaõ os antigos Reys, e com ella se fizeraõ nobres muitos Romanos, especialmente a esclarecida familia dos Fabios.

*Inventores*

Os inventores antigos da Pintura são incertos; porém he taõ antiga, que já a havia nos tempos de Abrahaõ, e Moysés; e entre os Troyanos parece, que se usava; porque Homero faz memoria da que trazia Achilles no seu escudo. Os Egypcios querem, que fosse o seu inventor, depois daquelles, Gyges Lydio, os Gregos que Euchir Dedalo, huns que o Egypcio Filocles, e outros que o Corintho Cleantes.

*Divisão.*

Primeiramente se divide a Pintura em Estatuaria, Plastica, Fusoria, Criptica, e Celatoria.

*Estatuaria*

A Estatuaria fabrica imagens, e estatuas

*Plastica.*

em pedra, páo, marfim, ou metal: a Plastica fórma as mesmas figuras em barro, greda, couro, e

ala-

alabaſtro: a Fuſoria he á que funde varias ima- *Fuſoria.*  
gens de metal por formas de barro: a Criptica *Criptica.*  
eſculpe em pedras preciosas, e nas mais caſtas de  
pedras: e ultimamente a Celatoria abre em bron- *Celatoria.*  
ze, fórma as laminas, e imprime no papel.

Tambem ſe pinta de outros muitos modos.  
Primeiramente a oleo ſobre qualquer materia. A *A oleo.*  
freſco com agua ſobre parede guarneçada, em *A freſco.*  
que o reboque eſtá freſco, e liſo. A tempera com *A tempera*  
agua de goma, ou cóla, ſobre taboa, ou papel.

Pintura de luminação, ou illuminação com *De illumi-*  
agua de goma, e cores apuradas ſobre pergami- *nação.*  
nho, ou de luminação de lapis, com lapis, e  
chumbo ſobre a dita materia.

Pintura de colorido em ſeco com huns eſty- *De colori-*  
los de varias cores, a modo de lapis. *do.*

Pintura de pennejado, imitando com a pen- *De penne-*  
na qualquer eſtampa. *jado.*

Pintura de Moſaico, embutindo em pare- *De Moſai-*  
de de cal freſca varios vidros, ou pedras de di- *co.*  
verſas cores.

Pintura eſgrafiada ſobre cal freſca, penne- *Eſgrafi-*  
jada com hum ponteiro até descobrir a cal negra *da.*  
debaixo.

Pintura de cauftico ſobre madeira branca, *De cauſti-*  
queimando mais, ou menos com huns eſtylos de *co.*  
ferro, &c.

Pintura perfilada he quando em hum painel *Perfilada.*  
ſe naõ unem os extremos das figuras com o ſeu  
fundo.

Pintura cançada he quando o painel confi- *Cançada.*  
te ſó em cores claras, que parece tem por cima  
pó de farinha; quando he acabada demaſiada-



- Empastada.* Pintura empastada he quando fica o painel com substancia de cor, e com pouco oleo.
- Delambida.* Pintura delambida he quando naõ tem força, e por estar mais unida do necessario se confunde ao longe.
- Deslavada.* Pintura deslavada he quando o painel consiste só em cores, e em sombras, tudo mal composto, que naõ finge relevo.

## ARQUITECTURA.

*Antiguidade.* **A** Architectura, e Agricultura nascerão com o Mundo; porque rebelado este contra o homem pelo seu peccado, lhe foy necessario trabalhar para se poder manter, e fabricar tectos, e covas, que o abrigassem da inclemencia dos tempos.

*Divisãõ.* Esta Sciencia occupa-se em todo o genero de edificios, e se divide em Civil, e Militar, Gnomonica, Edificativa, e Mecanica.

*Civil.* A Civil ensina a fazer casas de particulares, edificios publicos, Templos, Palacios, &c. Com

*Militar.* a Militar se fortificaõ praças regulares; e irregulares, para com poucos soldados se defenderem

*Gnomonica.* da invasaõ, e ataque de muitos. A Gnomonica representa com instrumentos astronomicos as es-

*Edificativa.* fêras, e movimentos dos corpos celestes: a Edificativa consiste na fabrica, e desenho das obras

*Mecanica.* de pedra, e cal; e a Mecanica trata das maquinas, e augmento das forças moventes, como guindastes, bombas, &c., e da mayor parte dos instrumentos dos Artifices.

Finalmente só a grande Sciencia das Mathematicas, em que se comprehendem as que até aqui temos tratado, alcança a verdade das sensíveis demonstrações, e nos seus juizos são infallíveis as certezaas, evidencias de huma perfeita Sciencia.

## COSMOGRAFIA.

**C**osmografia val o mesmo, que descripção de todo o Universo, convem a saber: Ceos, terra, e agua; a qual comprehende a Astronomia, Hydrografia, Topografia, e Geografia.

A Astronomia considera o sitio, o movimento, o nascimento, o occaso, a estação, e a retrogradação das estrellas, como veremos melhor, quando particularmente a escrevermos.

Differe a Astronomia da Astrologia, que tambem he Sciencia dos Astros; porque esta occupa-se em conhecer, e prognosticar o futuro, servindo-se das mesmas noticias da Astronomia. A Astrologia Judiciaria observa os aspectos, movimentos, ortos, e occasos das estrellas fixas, e errantes para adivinhar os futuros.

A Hydrografia he a descripção do elemento da agua, dos mares, ilhas, &c., e tambem se toma pela Sciencia, que ensina a Arte Nautica, e o modo de fazer cartas de marear, &c.

Topografia val o mesmo, que descripção de qualquer lugar da terra, ou carta particular d'elle, sem relação, nem confrontação da sua situação com o Ceo.

A Geografia, que largamente havemos tratado nesta Obra, he a Sciencia, que dá a conhecer a si-



a situação dos Reinos, Provincias, Cidades, e mais lugares da terra postos sobre a sua superficie; os quaes descreve, ou em plano, ou em globo, observando com exacta razão os intervallos.

*Terrestre.*  
*Celeste.*

Divide-se a Geografia em Terrestre, Celeste, e Historica. A Terrestre dá a conhecer os Reinos, na fórma que acabamos de dizer: a Celeste considera as partes da terra, segundo a correspondencia, que tem com os Circulos celestes grandes, e pequenos, com as Zonas, Climas, partes Orientaes, e Occidentaes, Meridionaes, e Septentrionaes; e ultimamente a Historica expõem os nomes antigos, que tiverão os Reinos, Provincias, e Cidades, e dos novos, que tomaraõ com a entrada de outras Nações, com a declinação, e mudança dos senhorios, e mais revoluções, em que andaõ as cousas humanas.

*Historica.*

## SCIENCIA AULICA.

— *Qual seja.*

**A** Sciencia Aulica, ou de Corte, propria da Nobreza, deve ser a universal, quanto couber no possivel; porque assim como o nobre se conhece entre os mais pela differença do nascimento, tambem se ha de distinguir na desigualdade da applicação; porque além de ter para ella mais meynos, lhe pôde ser necessaria para o bem commum da Patria.

*Em que consiste.*

Esta Sciencia universal, que convem aos Politicos, he saberem em primeiro lugar as obrigações da Religião, e da humanidade; a diversidade dos idiomas, as Sciencias, e Artes, a Astronomia, Geografia, e Chronologia; as faculdades

dades Bellica , Nautica , e Equestre ; as Historias Sagrada , e Ecclesiastica ; a Geral , Particular , e do proprio Reino ; a differença dos Governos , Leys , e Costumes dos outros Reinos ; os interesses dos Principes , as Artes convenientes ao Estado , os motivos porque estes crescem , se conservão , e diminuem , as Fabulas , e Genealogias ; as Maximas da Corte , e a noticia dos livros.

Primeiramente he necessario a todo o homem saber as obrigações da Religião. Ella he o principio de toda a Sciencia , e a primeira , que os pays devem ensinar aos filhos , como baze fundamental para a maquina da boa fortuna ; seguindo-se a esta todas as outras , que se devem proporcionar conformes ao estado , para que os destinaõ.

As que aqui chamamos obrigações da humanidade , ou operações do homem racional , he o conhecimento daquellas virtudes , que deixamos escritas no primeiro Tomo : porque a Politica Moral , ou observancia dos dictames da razão , he quem distingue os homens dos brutos.

Os idiomas além de ornarem muito as pessoas dos Principes , e Politicos , são a todos elles absolutamente necessarios. O Rey ouve , e responde aos Embaixadores sem o beneficio , e auxilio dos interpretes , e sem expor o segredo aos riscos da revelação. O Embaixador communica livremente com os Ministros , trata os que o podem ajudar no manejo dos negocios , goza os divertimentos das Cortes , aonde o enviaõ , e não revela os mysterios , que a razão de Estado fiou só da sua fé. Os Generaes , e Governadores das

*Religião.**Virtudes.**Idiomas.**São necessários ao Rey.**Aos Embaixadores**Aos Generaes, e Governadores*

o en-



o engano dos estrangeiros, e lhes servem para as muitas occurrencias, que comfigo trazem aquelles empregos.

Mas como he difficultosa a comprehensao de multiplicados idiomas, se devem escolher aquelles, que o uso tem feito mais communs. Saõ estes, o Latino quasi universal em toda a terra: o Francez commum na Europa, especialmente entre os nobres: o Alemaõ, Hespanhol, e Italiano.

*Sciencias,  
e Artes.*

Com o conhecimento dos principios geraes de todas as Artes, e Sciencias, se faz mais vistosa a gala da Politica; porque ainda os que nellas não são profellores, as sabem tratar nas conversações com termos proporcionados, e proprios de cada materia.

*Geografia,  
e Chrono-  
logia.*

As duas azas, com que o Politico se remonra à esfera de perfeito Historiador, são a Geografia, e Chronologia. Porém para o verdadeiro conhecimento daquella Sciencia, com a qual se sabe a situaçaõ dos Reinos, Provincias, Cidades, e Confinantes, das forças, riquezas, rios, e montes de cada Estado, e com o que se comprehende a sua força, ou fraqueza, he necessaria a applicaçãõ Astronomica, por meyo da qual se vê a correspondencia, que os lugares da terra tem com os circulos celestes.

*Astrono-  
mia.*

*Chronolo-  
gia.*

A Chronologia he aquella Sciencia dos tempos, com a qual evitaõ os Historiadores a disformidade dos anacronismos, que poem os acontecimentos fóra da serie, a que pertencem.

*Cuerra.*

Dignissima he não só dos Politicos, mas de todos os Principes, a Sciencia Bellica. Com ella se

se lotaõ as despezas dos Exercitos, se conhece a capacidade dos Generaes, se mede o tempo opportuno para acometter, ou deixar as emprezas, e acautelaõ os enganos, que trazem consigo as poucas experiencias.

Pelas regras da Fortificaçãõ se sabe o estado *Fortifica-  
daõ.* das Praças, a guarniçaõ que necessitaõ, o tempo que se poderãõ defender, e que meyos seraõ necessarios para as restaurar, no caso de se perderem.

A Sciencia Nautica, ainda que pertença *Nautica.* aos Officiaes da Marinha, Pilotos, e Marinheiros, naõ he razaõ, que totalmente se ignore; porque estando cheyas as Historias de acções navaes, quando estas se tratarem, se deve fazer com expressões adequadas.

O exercicio de andar a cavallo he taõ pro- *Andar a  
prio da Nobreza, que com o nome de Cavallei-  
cavallo.* caballos se honravaõ nossos Avós. Deve o Politico saber a pratica, e regras do manejo.

Com a applicaçãõ de todas as Historias se *Historia.* fórmaõ os homens consumados Politicos. Por ellas se sabem as origens das Monarquias, e Imperios, os seus progrellos, e decadencia, a differença dos governos, os costumes dos povos, e as causas da sua conservaçãõ, e ruina. A liçaõ da Historia da propria Patria he hum vivo retrato, *Da Patria* que para nos inflammar o animo no desejo da imitaçãõ, deixou no Mundo o original das heroicas acções dos nossos mayores: pelo que, antes que a outra alguma, lhe devemos dar o primeirõ estudo.

A noticia das Leys, e Costumes em geral *Leys, e  
he* *Costumes.*



he grandemente necessaria. Os Reys , para mandarem bem , haõ de estar praticos nos dos seus Reinos ; e do mesmo modo os Politicos em razão dos governos , onde tem obrigação de atalhar as perturbações , que inquietao a administração da justiça , guerra , e rendas publicas.

*Interesses dos Principes.*

Os interesses dos Principes haõ de conhecerem os Politicos , como parte essencial , que habilita os fogeitos para o ministerio das Cortes estrangeiras , e intelligencia das instrucções ; porque fundados nellas animao humas , atemorizao outras , e buscao os meynos para interessar os que podem ajudar a mover , e promover os intentos , e maquinas das suas.

*Artes.*

Nas Artes convenientes ao Estado deve o Principe examinar o genio da Nação , ajudando-a , para que cultive as mais necessarias , e de mayor utilidade ao commum.

*Fabulas.*

A Historia Fabulosa não he das mais uteis applicações , mas prejudicial à inexperta mocidade , se antes de a estudar lha não explicaõ : porém com ella se entendem os Poetas , e fazem tantas representações , que não convem ao Politico ignoralla.

*Genealogia.*

Com a mediana noticia das Genealogias se distinguem as pessoas pela realidade do conhecimento : e para que o Politico não falte em proporcionar a estimação pelas qualidades , deve applicarse moderadamente ao seu estudo.

*Maximas.*

As Maximas de Corte servem para o Politico se saber conformar com as Leys , que dominao , e dispor o animo , para como astro segundo correr apoz os influxos do primeiro : porém

ha

ha de fer este movimento tão regulado pelos passos da razão, que os decretos politicos se não opponhaõ aos Dogmas da Religiaõ. O Vassallo deve dar a sua vida pelo Principe; mas a alma só a Deos.

Com a pratica das mesmas Maximas se calculaõ os tempos, em que he, ou não conveniente mostrar ambição, affabilidade, e paciencia. Com ellas se ponderaõ as conjuncturas, em que se deve affectar entendido, em que tempo ha de ouvir, o modo, o como, e o quando ha de falar, que amigos ha de escolher, e de que confidentes se deve fiar.

Ordinariamente se perdem na Corte os bons *Maximas.* successos, quando as materias se trataõ, como são em si. A sinceridade estima-se pouco, a lisonja pôde muito, e às vezes o silencio tambem vale. Ha muitos seculos, que as verdades nuas se julgaõ descomposturas da Corte: porém os Príncipes teriaõ menos de infelices, se as ouvissem com mais agrado. Nestes casos devem os consultados, por não escandalizar as Magestades, ornar as verdades com a gala da prudencia: e se nelles ha circumstancias veneraveis, pôdem revestillas de authoridade.

Os livros, e materias que trataõ, he muy *Livros.* necessario ao Politico ter delles noticia, para saber escolher os a que deve dar mayor applicação, conforme as circumstancias do seu estado, ou emprego, e para com mais facilidade ver as muitas questões, que a cada passo andaõ nas Cortes.

Não duvidamos, que o estudo das Univer- *+*  
sidades he admiravel: porém algumas das facul-  
dades,



*O estudo das Universidades não he dos mais uteis, e porque.*

dades, que nellas se aprendem, nos mostra a experiencia o pouco que aproveitaõ para a sociedade humana, especialmente nos homens Politicos. Alli vemos perdidas aquellas excellentes idades taõ dispostas para qualquer comprehensãõ, opprimindo, e cançando a memoria em tomar de cor largas, e diffusas materias, que ao depois rara, ou nenhuma vez servem. Pelo contrario, se os meninos, e mancebos Politicos inclinassem a sua applicaçãõ para todas as Historias, e Sciencias praticas, que continuamente estaõ servindo à sociedade, e promovendo o bem commum, veriamos homens taõ cheyos de principios, que sem nenhum trabalho eduziriaõ as mais bellas consequencias, e seriaõ utilissimos em todos os negocios.

Por esta razaõ deveraõ os Reinos ter especial cuidado em edificar Collegios, onde a Nobreza juvenil se applicasse à liçaõ, e estudo das bellas letras, e ao conhecimento dos idiomas; porque he sem duvida sahiriaõ delles Ministros excellentes, que sobre os hombros da Sciencia sustentassem em pezo as felicidades das Republicas.

## C O R T E.

**D**Epois de mostrarmos as Sciencias proprias da Corte, nos resta descrevella.

*Corte.*

He esta o lugar, em que reside o Soberano, e donde se trataõ os negocios publicos, assento dos supremos Tribunaes, e Conselhos. Compoem-se a Corre de Principes, Duques, Marquezes, Condes, Barões, Viscondes, Fidalgos, e Ministros,

tros, dos Officios da Coroa, e Casa Real, dos Secretarios do Estado, Embaixadores, e Ministros estrangeiros.

A vida dos Aulicos he honrada, e trabalhosa; porque os sustos de perder aquella saõ hum continuo despertador deste. Os Cortezãos ordinariamente tem por primeira obrigação revestir o animo conforme a qualidade, e inclinaçõ do Principe reinante; circumstancia esta, que o Filosofo Diogenes reputava por desgraça de Calisthenes, Privado de Alexandre; porque estava obrigado a comer, quando, e como Alexandre queria.

He certo, que o Aulico ha de seguir em tudo ao Principe: porém ha occasiões, em que deve fugir, e quanto lhe for possivel, dos tumultos da Corte; porque se nella dominaõ divertimentos pouco conformes à razaõ, ha de assistir ao cortejo levado pela necessidade do seu ministerio; e revestido com huma heroica resoluçã de o renunciar, no caso que por elle o exponhaõ a perder a alma. He melhor entrar no Ceo sem olhos, que no Inferno bem visto.

Sim saõ grandes as obrigações dos Aulicos, mas incomparavelmente mayores as dos Reys. Foraõ estes creados para a sociedade humana gozar as suas felicidades debaixo do mando de huma só cabeça.

Os Reys, como pays, e protectores dos Vassallos haõ de desempenhar estes nomes obrando com elles rectamente; mantendo a huns, e amparando a outros, e fazendo justiça a todos; porque para isso lhe foy dado o Solio, o Sceptro, a Coroa, e o Poder.



*Como haõ  
de prover  
os Magis-  
trados.*

Devem tambem estabelecer os Magistrados em inteireza, authorizando-os com Ministros dignos, e benemeritos, de sciencia, e consciencia, que administrem justiça com rectidaõ. Haõ de eleger os Bispos, e Prelados exemplares nos costumes, homens pios, zeladores da Religiaõ, e culto Divino; pacificos, e liberaes, que applicuem às suas ovelhas o saudavel pasto de boas doutrinas, e distribuãõ por ellas caritativamente, conforme a necessidade de cada huma, a riqueza dos pobres, de que saõ huns simples dispenseiros.

— *E eleger  
os Bispos.*

Haõ de buscar os Soberanos para os governos homens capazes de manter as Leys, e costumes dos Estados, e Provincias, sobre as quaes se estabeleceraõ; e que os informem das circumstancias, riqueza, e pobreza dos mesmos governos, para que os Principes nas occasiões de aperto faibãõ os tributos, com que póde cada Provincia, e proporcionem o pezo pelas forças.

*A confer-  
var, e au-  
gmentar.*

A mayor obrigaçaõ dos dominantes he applicarem-se a conhecer os meyoos necessarios para a conservaçaõ, e augmento dos seus Reinos. O mais facil de todos he fazerem-se antes amados, que temidos; e este se confegue com a liberalidade, e beneficencia.

Disse hum Politico, que a uniaõ dos membros da Republica se fazia indissolvel ligada com dous nervos, hum de ouro, e outro de ferro: este para castigar os inimigos, e malfeitores; e aquelle para premiar os benemeritos, e observantes.

— *A fazer a  
guerra.*

Com a guerra se conservaõ os Reinos; e ainda que esta à primeira face pareça cruel, he ne-

necessaria aos Imperios. Antigamente só para ella se elegião Reys; e por isso os povos buscavaõ os mais valentes, que defendessem as proprias terras, ou para sua habitação conquistassem as alheyas.

Devem com tudo os Principes applicar todos os esforços para manter os Reinos em paz, *E manter a paz.* conservando sempre hum proporcionado numero de Tropas para exercicio das robustas mocidades, segurança, e respeito das Monarquias; e para que nas occasiões, que muitas vezes nos buscaõ, haja soldados feitos.

Os primeiros motivos, que devem procurar os Principes para o rompimento, são as condições, que fazem a guerra licita, isto he, a authoridade legitima, a causa justa, e a intenção recta. Antes que a declarem, lhes he necessaria huma grandissima reflexão; porque succede muitas vezes serem mais prejudiciaes os seus effeitos aos vassallos, que aos inimigos. *Guerra justa.*

Não podem os Principes mover a guerra, ainda justa, pelo seu unico parecer; porque tem obrigação de examinar, propor, e consultar aos principaes do Reino, como interessados; para, depois de os ouvir, resolver com madura circumspecção. *Haõ de consultar.*

Huma das rigorosas obrigações, que confidero nos Soberanos, he o exactissimo cuidado, que, para as felicidades das Republicas, haõ de ter na educação dos Nobres, de que ao depois se formão os corpos Politicos. *Cuidado da Nobreza.*

Deve esta principiar logo pelos Matrimo- *Dos Matrimo-*  
nios, impedindo com rigorosas Leys as desigual- *trimonios.*  
dades,



dades, infecções, e outras circumstancias, refreando com severas penas a impudencia, de que se originaõ immundas corrupções, e o primeiro movel das maldades.

*Tambem  
pertence  
aos pays.*

A Nobreza ha de ser creada em exercicios robustos, para que cresça em forças, e diminua as sensualidades, contribuindo os pays com os dictames necessarios, para que seus filhos se contenhaõ nos limites do honesto, ao que nem sempre pôde concorrer o Principe, fazendo publica a sua educaçãõ; porque fora privallos do grande direito da paternidade.

*Utilidade  
das Acade-  
mias.*

Porém deveraõ os Soberanos instituir nos seus Reinos Aulas, e Academias Militares, e Politicas, aonde a idade juvenil estudasse as maximas necessarias para o bom governo da Republica, e administração da Milicia; porque estas são as fontes perennes das publicas commodidades; e nellas se formariaõ Varões famosos, emulando a gloria à generosidade dos espiritos.

Quem duvida conseguiriaõ os Principes consumadas felicidades para os seus Reinos, se estimulassem os animos com exemplos, se alentassem os bons com premios, corrigissem os máos com castigos, desterrassem os ambiciosos, amparassem as artes da paz, e guerra, se favorecessem o commercio, e dessem os governos aos sabios, prudentes, e desinteressados?

### OBRIGAÇÕES. DA NOBREZA.

**O** Nobre, que se deduz de conhecido, deve dar-se a conhecer, cumprindo as obrigações,

ções, com que nasceo. Tres generos ha de Nobreza : o primeiro teve a sua origem no ser creado, o qual iguala os homens todos; porque todos são semelhantes a Deos. O segundo provém do sangue herdado de avós illustres, e conhecidos: e o terceiro se adquire com a propria virtude, obras, e acções famosas.

Muitas Nações deraõ à Nobreza varias differenças, segundo os seus costumes, e decretos. Houve algumas, que respeitavaõ os filhos de pays nobres, ainda que as mãys fossem de humilde, e baixa condição; fundando-se, em que a origem materna não tinha parte na geração. Outras veneravaõ os filhos de mãys illustres, mandandolhes usar dos cognomes maternos.

A Nobreza Judaica não se derogava com o exercicio das Artes Mecanicas; e a Romana só admittia na sua classe os Soldados, e Lavradores, como se vê da instituição de Romulo, que depois abrogou Numa Pompilio.

A Nobreza de Portugal consiste em Titulada, de Solar, dos Livros de ElRey, Simplez, de Espada, e Toga.

Os Nobres Titulares, ou Grandes do Reino são os Duques, Marquezes, e Condes. Tambem os Viscondes gozaõ os privilegios da grandeza, quando tem honras de Condes.

Nobres de Solar são aquelles, que confervaõ Castello, Casa Forte, ou Chaõ conhecido, aonde teve origem a familia, e de que tomou o nome. Nas nossas Hespanhas he esta Nobreza entre todas a primeira.

A Nobreza dos Livros de ElRey he a que

Generos  
de Nobreza.Suas diffe-  
renças.Judaica, e  
Romana.Portugue-  
za.

Titulares.

De Solar.

Dos Li-  
vros de  
ElRey.



les se matricula por Moços Fidalgos , Fidalgos Cavalleiros, e Cavalleiros Fidalgos da Casa Real, que como taes ganhaõ moradiãs, e tem muitos, e grandes privilegios.

*Simplez.* Nobreza Simplez he aquella, que nem tem Solar antigo conhecido, nem he matriculada nos Livros de ElRey, e sómente conserva o ser de familia nobre, a qual tendo quatro gerações sem mecanica, póde ser admittida nas Ordens Militares de Malta, de Christo, e de Santiago, &c.

*De Espada.* A Nobreza de Espada he a que se goza por meyo das armas na occupaçaõ dos postos Militares; e tem tanto de estimavel, como de arriscada; porque se naõ compra sem o preço do sangue, e perigos da vida.

*De Toga.* Nobreza Togada he a que adquirem os Ministros promovidos pelos Principes aos cargos civis das Republicas. Os Desembargadores no nosso Portugal tem, pelas Ordenações do Reino, grandissimos privilegios.

*Causa da diversidade dos Estados.* Esta diversidade de estados, e os mais de que se compoem o Mundo, he effeito da providencia do supremo Author do creado, a fim de que os homens, tendo subordinaçaõ huns aos outros, vivessem em sociedade, naõ vagando no Mundo à maneira das fêras.

*Obrigações dos Nobres.* As obrigações da Nobreza saõ muitas, e muito honradas; porque deve servir ao seu Rey com a pessoa, e fazenda, ou ao menos com esta, se naõ poder com aquella; porque os Grandes, como columnas da Patria, haõ de cooperar para as suas felicidades, e instituir os filhos no amor, que lhes devem ter.

Os Fidalgos occupados em empregos pu- *Dos que*  
blicos haõ de fer diligentes em fazer justiça, ze- *tem empre*  
lando, que os seus inferiores a administrem com *gos.*  
rectidaõ, evitando as parcialidades, e excepção  
de pessoas, dando bons exemplos, e abominando  
a ambição, e avariza.

As mesmas obrigações tem os Governado- *Dos Go-*  
res das Provincias, e Cidades, que devem fer di- *vernadores*  
ligentissimos na observancia das ordens Reaes,  
em repartir os tributos, e impostos com propor-  
cionada igualdade, interpondo nas Cortes a sua  
authoridade para aliviar os povos dos apertos,  
que os opprimem, cuidando na segurança publi-  
ca, e castigando severamente qualquer genero  
de escandalo.

Todas as Sciencias, que acabámos de tra-  
tar, e se contém nos volumes desta Obra, saõ uti-  
lissimas à Nobreza, excepto a guerra aos Minis-  
tros Togados, os quaes haõ de ter a jurisprudencia  
por sciencia propriamente sua; porque com  
ella se conhecem as Leys, e Costumes do Rei-  
no, e a connexaõ, que entre si tem. Haõ de ap-  
licar-se a saber os Decretos, e Sentenças, que se  
pronunciaraõ sobre diversos negocios processa-  
dos na Corte; estudando o Direito Romano,  
Leys do Estylo, e Authores da sua faculdade,  
para que não ignorem os modos de proceder nas  
materias litigiosas, discernindo a verdade escondi-  
da entre as escuras subtilezas dos Letrados ava-  
rentos, e perturbadores.

Por esta razaõ saõ obrigados os Principes a  
eleger para os Tribunaes mayores, homens dou-  
tos, e experimentados nos menores, evitando as



injustiças , que são effeitos infalliveis da ignorancia ; e com muita especialidade nos Conselhos , aonde o mayor numero dos suffragios he quem resolve os negocios , que teraõ funestissimas consequencias , se forem determinados pelos dictames menos bem advertidos.

Os fogeitos promovidos a empregos publicos sem os requisitos necessarios , devem fazerse instruir nelles , ou renunciar aquelles , no caso que a applicação naõ tenha forças para vencer a valentia da ignorancia.

Estas Sciencias, que temos proposto, naõ he necessario ao Politico fabellas como professor ; bastalhe hum sufficiente conhecimento para as praticar. E como a principal de todas he a Religião , que se seguio à Historia Sagrada , e he o fundamento da Ecclesiastica , antes de entrarmos nella , começamos a escrever a primeira Historia, e depois principiaremos a segunda.

# HISTORIA SAGRADA, LIVRO I.

## CAPITULO I.

### *Da Creação do Mundo até ao Diluvio.*

An. do  
Mund.

**H**E Deos aquelle Espirito lucidissimo, *Essencia*  
eterno, e presente a tudo; hum na *Divina.*  
Essencia, Trino nas Pessoas; Pay,  
que de ninguem procede; Filho, que eterna-  
mente he gerado pelo Pay; e Espirito Santo,  
que desde a Eternidade procede do Pay, e Fi-  
lho; tres Pessoas realmente distinctas nas pro-  
priedades, e hum Deos na substancia; só om-  
nipotente, summamente sabio, infinitamente  
bom, justo, verdadeiro, e fiel.

Desde a Eternidade estava esta Divina *Occupação de Deos*  
Essencia em si mesma enchendo o sublime So-  
lio da sua immensidade, empunhando o Sce-  
ptro da sua omnipotencia, cingindo a coroa *em si mes-*  
da sua admiravel sabedoria, trajando a purpu-  
ra da sua justa, e piedosa Providencia, e oc-  
cupada toda no incessante exercicio de se amar *mo.*  
a si, e aos homens, que entaõ eraõ nada, ne-  
gação



gação de todo o ser, e já amados, só porque haviaõ ser homens, até que chegou aquelle principio do tempo decretado no supremo Consistorio da Eternidade para a portentosa maquina do Universo ter principio, e começar o Evo na creação dos Anjos, e Homens, como se naõ podera Deos conterse, sem communicarse.

An. do  
Mund.

No primeiro Dia do Mundo creou Deos o Ceo, o numero innumeravel dos Espiritos Angelicos, e a estupenda maquina do globo terraqueo; soltando-os com o poder da sua palavra da prizaõ universal do cáos, daquella confusaõ impiediente das fórmas, que foy maffa commua dos objectos, opáca mistura das entidades, e disforme ambriaõ de todas as substancias.

Dia  
L

Entaõ foy o Espirito do Senhor levado sobre as aguas, e formado o primeiro globo de luz, illustrissimo Progenitor dos grandes luminares do Firmamento, que teve a approvaçãõ do seu soberano Author, dandolhe o nome de *Dia*, e o de *Noite* às trevas.

Neste mesmo Dia, em que foraõ creados os Anjos, Intelligencias perfeitissimas, dotados de livre vontade, e memoria, luzidos na claridade, e na honra, ornados com admiravel poder, e dom de graças, divididos em nove Córos para estarem diante do Throno da Divina Magestade, e a contemplarem, e louvarem, gozando a Bemaventurança eterna na visaõ intuitiva da Gloria; desvanecido Lucifer com a vertigem da vaidade, se precipitou da

Peccado  
dos An-  
jos.

An. do da mayor altura , arrastando com a cauda da  
Mund. culpa a terceira parte das Estrellas do Ceo ; e  
por querer competir igualdades com Deos ,  
perdeo a honra , graça , e gloria ; e endureci-  
do na sua malicia , ficou , com os seus seque-  
zes , eternamente condemnado.

Dia II. Seguio-se a formação do Firmamento no  
meio das aguas superiores , ou crystallinas ,  
que então se dividirão das inferiores , e ele-  
mentaes , e foy chamado *Ceo*.

Dia III. No terceiro Dia se congregarão as aguas  
em hum só lugar , compondo effes immensos  
espaços , a que foy posto o nome de *Mar* ; fi-  
cando descoberto o globo terrestre , que en-  
tão , como innocente , o julgou Deos por bom ,  
e lhe mandou , que produzisse todo o genero  
de arvores , e plantas , que cortadas em folha  
lhe começarão a servir de vistosa gala ; e os  
seus frutos lisongearão depois o gosto do ho-  
mem , sendo destinados para a sua conserva-  
ção , e alimento.

Dia IV. Formou Deos no Dia quarto os dous  
grandes luminares Sol , e Lua , eduzindo-os  
daquella luz , que creara no primeiro , e lhes  
deu força , e movimento ; àquelle para mos-  
trador dos tempos , e presidente do Dia ; e a  
esta para o substituir na Noite em companhia  
das Estrellas. Collocou-os no Firmamento do  
Ceo para dividirem a luz das trevas ; e tive-  
rão a approvação do mesmo Deos.

Dia V. As aguas , e o ar , que nestes dias estive-  
rão inhabitados , os povoarão no Dia quinto  
os seus vagos , e errantes moradores ; sendo  
crea-



creadas as especies dos peixes grandes, e pequenos, e as aves domesticas, e altaneiras; e receberão estas novas creaturas a benção do seu Creador, para a fecundidade da sua multiplicação. An. do  
Mundo

No Dia sexto creou Deos os animaes quadrupedes, e reptis, primeiros moradores da terra, que foraõ do seu agrado: e como se todas estas grandes obras houvessem sido disposições primordiaes para a mayor da creação; convocadas a hum Conselho de Estado as tres Divinas Pessoas, resolverão nelle a formação do homem: e empenhando o Pay a Omnipotencia, o Filho a Sabedoria, e o Espirito Santo o Amor, appareceo sobre o Theatro do Mundo formado de lodo, animado com a respiração de Deos, e feito à sua imagem, e semelhança o mais formoso, e o mayor de todos os espectaculos *Adaõ*. Dia  
VI.

*Formação  
do Homem*

A este primeiro homem foy dado o supremo poder do Universo, e o dominio sobre todos os seus habitadores, recebendo da mão de Deos a investidura de todos os estados da terra, com jurisdicção dispotica sobre os elementos. E porque naõ era bom viver o homem só, de huma das suas costas eduzio Deos a mulher, que se chamou *Eva*, para que na concordia do Matrimonio fossen em diante unidos os animos, que entaõ se compunhaõ de hum só corpo; formando a sociedade humana sobre fundamento taõ perfeito. i.  
VI

*Formação  
de Eva.*

Já a este tempo tinha Deos transferido a *Adaõ* do Campo Damasceno para o Paraíso V

*Paraíso.*

Ter-

An. do  
Mund.  
I.

Terreal, horto amenissimo, collocado no mais alto cume da terra para a parte do Oriente; o qual Deos plantou ao principio nas ribeiras do rio, produzido da uniaõ do Tigres, e Eufrates, chamado hoje o Rio dos Arabes, que alguns querem seja o Ganges, a que o Genesis dá o nome de Fison, entre esta uniaõ, e divisaõ, que fórma o mesmo rio antes de entrar no Golfo Persico.

No mesmo Dia sexto aperfeiçoou o Omnipotente Archetypo a Terra, e os Ceos com o seu ornato, dispondo as Jerarquias, e Córos Angelicos em summa, e imperturbavel ordem; e descansou, sem cançar, o dia setimo do trabalho de taõ grande obra, em que vio reduzidas a effeito as idéas, que dispozera de de a eternidade. *Santificação do Sabado.*

Estando Adão no Paraiso entre delicias, fortalecido com a justiça original, lhe foy imposto o preceito de não comer da Arvore da Sciencia, fulminando Deos à sua pessoa, se o quebrasse, a pena de morte: porém Eva suggerida da infernal serpente, que lhe prometteo as igualdades do ser Divino, não sómente violou a Ley, mas obrigou a Adão a quebrantalla. Entaõ se mudaraõ de repente os Principes mais felices, que teve a terra, no catastrofe mais lastimoso, que viraõ os seculos; originando-nos esta desgraça pela uniaõ moral das vontades a mais fatal ruina, amando os homens o peccado antes de nascidos. *Violação do preceito.*

Viraõ-se os nossos Protoparentes nus, e medrosos, e entaõ se conhecerã faltos da *Pena do peccado.*



innocencia, rebellado o Reino, e sem mais riqueza, que a miseria do seu peccado; entã se viraõ obrigados a pedir, para sambenito da culpa, as rusticas folhas a huma agreste arvore; entã se lhes mudou o descanso, o riso, e a satisfacão da vida em trabalhos, afflicções, e lagrimas; e lhes produzio a maldita terra espinhos, tribulações, e angustias, condemnados à mayor das agonias, qual he a morte; sendo lançados das delicias do Paraíso a viver no valle das miserias.

An. do  
Mund.  
1.

*Filhos de  
Adã.*

De Adã, e Eva nasceraõ Caim, que, além da culpa, nada mais contrahio de seus pays; e o innocente Abel, unica fôrma da virtude entre tantos vicios. Teve este o exercicio de pastor, e aquelle o da agricultura: porém, desgermanados os affectos, foy Abel taõ odioso à Caim, porque elle, e os seus sacrificios eraõ agradaveis a Deos, que com impio animo lhe tirou a vida; e foy esta a primeira, e innocente victima sacrificada ao furor da inveja.

2.

128.

*Castigo de  
Caim.*

Foy castigado o deshumano fraticida com a maldição de Deos; e a terra alagada do sangue justo, que ainda clama vingança, (porque o sangue dos innocentes Abeis ainda depois de morto tem lingua para fallar) lhe negou a commua abundancia vagando sobre a sua face, aterrado do temor, fugindo da gente, e da consciencia, e levando comfigo a pena a todo o lugar, onde dera brado a fama da maldade.

*Duvida sobre os filhos  
de Adã.*

Daqui parece, que se collige tinha Adã outros filhos, que povoavaõ a terra, naõ no-  
meados

An. do Mund. 128. meados na Escritura; porque se Deos poz hum final em Caim, para que aquelles, que o encontrassem, o não offendessem; ou havia homens de quem recearse, ou os animaes lhe causavaõ este medo.

A geração de Caim lhe foy semelhante; porque sobre toda cahio a maldição de Deos.

Enoch foy o seu primeiro filho, com o nome do qual edificou Caim huma Cidade para defender o homicida da pena de Taliaõ, e para que os ladrões nella seguros repozessem os roubos. Infame origem, e infame causa nascer da maldade o refugio da culpa!

*Cidade de Enoch.*

130. Consolou Deos as lagrimas de Adaõ, restituindolhe a perda de Abel no nascimento de seu filho Seth, segundo Patriarca, que viveo 912 annos, e foy pay de Enõs, terceiro Patriarca, que viveo 905 annos, Varaõ santissimo, e o primeiro, que invocou o nome do Senhor, restaurando o seu culto, que haviaõ destruido os filhos de Caim.

*Seth II. Patriarca.  
Enõs III. Patriarca.*

De Enõs nasceo o quarto Patriarca Cainan, que viveo 910 annos, e foy pay do quinto Patriarca Malaleel, que viveo 895 annos, e de quem nasceo o sexto Patriarca Jared, que viveo 962 annos, e foy pay do setimo Patriarca Enoch, homem de vida taõ innocente, que ainda não experimentou o commum tributo da morte, que deve pagar como filho de Adaõ, e guardado para os altissimos fins da Providencia, foy arrebatado da vista dos homens na idade de 365 annos, e no do mundo 987.

*Cainan IV. Patr.  
Malaleel V. Patr.  
Jared VI. Patriarca.  
Enoch VII. Patr.*

622. Gerou Enoch ao oitavo Patriarca Mathusalem, que viveo 912 annos, e no do mundo 1099.

*Mathusalem VIII. Patriarca.*



falem, que contou mais annos de vida, que outro nenhum homem, morrendo de 969 annos, e deixou filho ao nono Patriarca Lamech, que viveo 777 annos, e foy pay do decimo Patriarca Noé, Varaõ justo, e perfeito, dado por Deos para consolação dos trabalhos da terra, que amaldiçoara.

*Lamech  
IX. Patr.*

*Noé X.  
Patriarca.*

*Morte de  
Caim.*

No anno seguinte 688 da Creação do Mundo, vagando Caim pelos bosques à maneira de fera, por imprudencia de seu neto Lamech foy Caim morto às suas mãos, vingando com o parricidio a injusta morte de seu tio o innocente Abel. Este Lamech era filho de Matusael, neto de Maviel, bisneto de Irad, terceiro neto de Enoch, e quarto neto de Caim.

*Invenção  
de algúas  
Artes.*

Por estes mesmos tempos Lamech parricida de Caim teve por mulheres a Ada, e a Sella. Da primeira nasceo Jael, progenitor dos Pastores, que habitavaõ nos Tabernaculos, e Jubal, que foy o inventor da Musica. Da segunda teve a Tubalcain, que forjou as primeiras armas de bronze, e ferro; e a Noéma inventora da fabrica das lãs, que foraõ decente ornato dos que até alli se vestiaõ de pelles; sendo este industrioso sexo, o que goza o louvor de taõ util invento.

*Morte de  
Adaõ.*

No seculo dez da Creação do Mundo pagou Adaõ o feudo da morte, a que se sujeitou pelo seu peccado, contando tantos annos, como o Mundo, e tantos dias de vida, quantos de peccador: pay de todas as gerações, que habitaõ a face da terra, deixando nella o maior

An. do  
Mund.

687.

688.

930.

An. do Mund. 1057. Por documentado da penitencia, com a qual solicitou, no espaço de 930 annos, o perdaõ para hum, já que condemnara a todos; e levou de tantas miserias da sua vida a unica consolação da primeira promessa da nossa reparação pelo segundo Adaõ da graça, filho da sua natureza, e natural de Deos Vivo.

932. Não podia ficar no Mundo sem a uniaõ da sociedade aquella, a quem vinculara o amor com os mais estreitos laços; seguindo a Adaõ na morte a amada Esposa, que o perseguiu na vida; e desatadas as correntes às lagrimas da saudade, com a força do seu impulso lhe quebraraõ os fios da vital uniaõ. Morreo em fim Eva, porque matou: e quem não temerá hum sexo, que nem aos innocentes perdoa!

*Morte de Eva.*

Principiou a multiplicar grandemente o genero humano; e vendo os filhos de Deos às filhas dos homens, isto he, os filhos de Seth às filhas de Caim, que eraõ extremos da formosura, as receberaõ por mulheres. Delles nasceraõ aquelles impiissimos Gigantes de soberba estatura, disformes na impureza, e taõ monstruosos nas forças, como nas maldades; corrompendo a especie humana com abominações taõ nefandas, que, arrependido Deos de ter creado os homens, se resolveo a arrancallos da face da terra.

*Gigantes.*

1057. Porém vivia neste tempo o Patriarca Noé, homem justissimo, e sumnamente agradavel ao Senhor, a quem se não devia extender o furor da justiça; porque o justo não perece com o impio, ficando reservado para segundo pagador

*Arca de Noé.*



pagador da geração dos mortaes. Com annos clamou esta animada trombeta aos homens perdidos, annunciandolhes o horrendo castigo, que os ameaçava, se com tempo, formando os artigos das lagrimas, e razões da penitencia, não appellassem da sentença da justiça para o tribunal da misericordia. A fabrica da Arca, que durou hum seculo, era mudo, mas incessante, pregoeiro, que efficazmente admoestava os homens à reforma das vidas: porém elles obstinados na dureza da culpa, antes quizerão sujeitar-se aos féros rigores da morte, do que abrandarem os seus petrificados entendimentos.

Ani. do  
Mund.  
1057.

*Diluvio.*

Impenitente o Mundo no seu peccado, e completo o tempo para o seu castigo, recolhido Noé na Arca com a sua familia, e com todas as especies de animaes de ambos os generos, se defataraõ as cataratas do Ceo, romperão os mares os seus diques, e no espaço de quarenta dias alagaraõ a terra toda, submergindo debaixo de quinze covados de agua o mais alto de todos os montes. Esta foy a primeira vez, que a ira do Senhor convocou os elementos para a vingança da sua offendida honra.

1656.

Aqui se afogou a vida temporal de todos os homens, tendo já a desobediencia dado garrote à eterna; e foy necessaria tanta agua para tanto fogo, se he que por não perecer com fogo o acabou a agua, submergindo-se o Mundo; porque se não abrazasse. Assim naufragou o genero humano; porque os ventos da  
sua

An. do sua soberba lhe sopraraõ as tempestades ; e  
Mund. perdido o norte da razaõ , se desfez nos cachopos da desventura , quebrando-se nos penhascos da obstinaçaõ.

## CAPITULO II.

*Do Diluvio até Abrahãõ.*

1657. **D**iminuidas as aguas , fechadas as fontes *Reparaçaõ do Mundo.*  
dos abyssos , e prezas as chuvas do Ceo , descansou a Arca do seu fluctuante combate nos altos montes da Armenia ; e serenados os carrancudos aspectos dos elementos , principiou de novo o Sol a fecundar a terra , mudando a natureza opprimida em alegres rios o seu triste pranto. Entaõ lhe empenhou Deos com sinaes a sua palavra , segurandolhe de naõ tomar della semelhante vingança , e poz no Ceo aquelle Arco , que foy como fiador do concerto estipulado entre Deos , e o homem. *Arco Iris.*

Examinado o estado da terra pelos dous legados , que enviara Noé , sahiraõ da Arca aquelles oito Argonautas para habitarem o Mundo. Com que assombro olhariaõ para a terra , e perguntariaõ pela sua fórma , chorando a lamentavel tragedia dos irmãos ; e attonitos com a imagem da morte , apenas lhes restariaõ esperanças de vida , se os naõ fortaleceriaõ as Divinas promessas !

Tomada posse do Mundo por Noé , e seus tres



tres filhos Sem, Jafet, e Chaõ, começaram a tratar da agricultura, e foy este bom velho o primeiro que plantou, e desfrutou as vinhas, experimentando por effeito deste licor a vergonha da sua desnudez, que foy causa da maldição da descendencia de seu filho Chaõ, porque a descobrio. Taõ antigo he no Mundo cahirem sobre os homens as maldições, que fomenta o vinho.

*Vinhas.*

An. do  
Mund.

Adiantado Noé em annos, se resolveo, antes da morte, a fazer o seu testamento, e dispor da successão da terra, de que era absoluto senhor. A seu filho Sem, que foy o undecimo Patriarca, deu a Asia, além do Eufrates até ao Oceano Indico: a Jafet o restante da mesma Asia desta parte do Eufrates, e a Europa até às duas Ilhas, que estão no fim da Provincia Betica, e a dividem da Africa: a Chaõ deu a Syria, Arabia, e toda a Africa. Nenhum pay de familias fez no Mundo testamento igual. Contendaõ os famosos Herões, e celebrem por triunfos grandes ganhar pedaços de terra, que Noé a reparte toda.

*Sem XI.  
Patriarca.*

1788.

*Origens  
das Nações.*

Nestes filhos de Noé tiveraõ origem todas as Nações principaes do Mundo. Do Patriarca Sem nasceraõ cinco filhos; Elaõ, de quem descendem os Elamitas antecessores dos Persas: Assur, progenitor dos Assyrios: Arfaxad, pay de Salé, de quem foy filho Heber, donde vem os Hebreos: Lud, de quem se derivãõ os Lydios; e Araõ, de quem sahiraõ os Syrios.

*Nações.*

Deste Araõ nasceraõ quatro filhos: Us, que

An. do que se apoderou do Paiz de Damasco , e da  
Mund. Traconitide , e deu a hum destes Paizes o seu  
1788. nome , onde depois morou o Santo Job : Hul,  
de quem descendem os Armenios : Gether ,  
donde procedem os Bactrianos : e Més , do  
qual vem os Mesraenos.

Cham , filho de Noé , teve quatro filhos : *Nações.*  
Chus , que se estabeleceo na Ethiopia : Mes-  
rain , que passou ao Egypto : Phus , que foy  
progenitor dos povos da Libia , e Mauritania :  
e Canaan , donde descendem os Cananeos ,  
que habitão na Palestina.

De Chus , filho de Cham , nascerão seis fi- *Nações.*  
lhos : Nembrod , que fabricou Babilonia , co-  
mo logo veremos : Sabá , donde trazem os Sa-  
beos a sua origem , e habitão a Arabia Feliz :  
Hevila , de quem vem os Getulios da Africa :  
Sabatha , donde descendem os Sabathenios na  
Arabia : Regma , e Sabathaca , dos quaes se  
dirivão muitos povos incognitos.

Jafet , filho de Noé , gerou sete filhos : *Nações.*  
Gomer , de quem procederão os primeiros mo-  
radores da Galacia : Magog , donde descen-  
dem os Getas , Massagetas , e Scytas : Maday ,  
de quem vem os Médos , e dizem alguns , que  
os Macedonios : Javan , do qual se dirivão os  
Jonios , e Gregos : Tubal , primeiro povoador  
da nossa Lusitania , e de quem descendem os  
Iberios além do Ponto Euxino : Masoch , ori-  
ginario dos Moscovitas : e Thiras , de quem  
vem os Thracios.

Gomer teve tres filhos : Ascenes , de *Nações.*  
quem descendem os Alemães : Rifat , donde



vem os Italianos: a Tarsis, progenitor dos Cilicios: a Cethim, de quem vem os Ghypprenses; e a Dodanim, donde procedem os Rhodienses, ou Dodoneos no Epiro.

An. do  
Mundi.  
1788.

Todas estas descendencias foraõ habitando a face da terra, tratando da sua cultura, e combatendo os mais alentados Herões daquelles seculos com a valentia das feras, contra as quaes forjavaõ as armas, que depois vieraõ a empregar contra si mesmos.

Os Patriarcas, que houve nesta Epoca até Abrahaõ, e viveraõ pelos annos citados, foraõ Arfaxad, filho de Sem, nascido dous annos depois do Diluvio; e se lhe seguiraõ Salé, Heber, e Faleg, em tempo dos quaes se estabeleceraõ as Leys, houve policia nos costumes, se erigiraõ os Imperios, e principiaraõ as Sciencias, e Artes.

1658.  
1693.

XII. Arfaxad.

XIII. Salé

XIV. Heber.

XV. Faleg

XVI. Rehú.

XVII. Sarug.

XVIII. Nacor.

XIX. Tharé.

1723.  
1757.

1787.  
1819.  
1849.  
1878.

Succederaõ a estes os Patriarcas Rehu, que foy decimo sexto, Sarug decimo setimo, Nacor decimo oitavo, e Tharé decimo nono, pay do grande Abrahaõ, o escolhido de Deos. No tempo destes Patriarcas começou a diminuirse a vida dos homens, reduzindo se à ameadade; e depois se encurtuo tanto, como hoje experimentamos.

Fundação  
de Babilonia.

Multiplicado em grande numero o genero humano, antes que os homens se separassem huns dos outros para povoar a terra, determinaraõ levantar no seu solar hum monumento, que fosse immortal padraõ a todas as posteridades; para o que edificaraõ às margens do rio Eufrates, por primeiro milagre do

1909.

An. do do Mundo, a soberba Babilonia, com huma  
Mund. Torre taõ levantada, que podessem do seu cum-  
me escalar o Ceo. Temeraria ignorancia, que-  
rer expugnar o Firmamento com baterias de  
seixos, e subir às Estrellas por montes de lo-  
do!

1931. Vinte e dous annos havia, que a soberba *Confusãõ*  
tinha posto as mãos a esta grande obra; e exas- *das lin-*  
perada a paciencia Divina da atrevida vaidade *guas.*  
dos homens, sem lhes fulminar rayos, que os  
abraçassem, nas suas mesmas bocas lhes cho-  
veo pragas, que os confundiraõ; multiplican-  
do em setenta e dous idiomas a que até alli  
fora huma só lingua; e fallando todos, sem se  
entenderem os vocabulos, veyo a ser pobreza  
de termos a muita abundancia de vozes.

1932. Desunidos os animos pela discordia das *Divisãõ*  
linguas, se dividiraõ os homens, apartando-se *dos homẽs.*  
huns dos outros para as Regiões mais distan-  
tes da terra, taõ esquecidos do amor do san-  
gue, que picados depois do ferro do odio,  
se rasgaraõ as vevas, querendo esgotar os es-  
píritos à sua mesma especie.

Ficou Nembrod na sua Babilonia, que  
povoou com gentes, que chamou de diversas  
partes; mostrando a prudencia politica, e in-  
dustria militar, que convinha ao Fundador de  
hum taõ grande Imperio.

1997. Seguio-se seu filho Jupiter Belo, e a este *Idolatria.*  
o grande Nino, em tempo dos quaes se infi-  
cionou a terra com o mayor, e mais abomina-  
vel de todos os peccados; e foy Belo o pri-  
meiro Rey, a quem os homens tributaraõ ado-



rações de Deos; servindo os individuos da sua especie de hostias vivas immoladas à divindade mais execranda: justissima pena de taõ grande culpa, que bem mereciaõ ser tratados com desprezo de brutos os que adoravaõ por Deos a outros homens.

Morte de Noé.

2006. Completos os 950 annos do Patriarca Noé, dos quaes viveo 350 depois do Diluvio, passou da vida mortal para o deposito dos justos; e o que em toda ella foy inconfundavel às calamidades, parece que morreo às mãos dos pezares; renovando os mesmos olhos na dor de verem seus filhos apartados, e nas linguas confundidos, as mesmas lagrimas, que antes choraraõ na destruição do Mundo, alagado pela maldade dos Gigantes.

### CAPITULO III.

#### *Do nascimento de Abrahaõ até Moysés.*

Nascimento de Abrahaõ, XX. Patriarca.

2008. **N**A Cidade de Ur dos Caldeos nasceo Abrahaõ; e foy mayor por nascer bem, que por ser bem nascido; porque o fez no Mundo a graça mais conhecido, do que o deu a conhecer a natureza. Destinou aquella a Abrahaõ para pay dos Fieis, luz dos mortaes, fosforo das gentes, guia dos Santos, innocencia dos Hebreos, e povoador do Ceo.

Foy filho terceiro de seus pays, e irmaõ de Araõ, e Nacor, filho ceeste de pay idolatra,

An. do Mund. latra; e inferior no nascimento, veyo a ser avô, e pay dos mayores nascidos, e o vigesimo dos Patriarcas na Ley da Natureza.

2083. Com ordem expressa de Deos sahio Abrahão da sua Patria para ser grande; que tão antigo he no Mundo não deixarem os berços avultar as estaturas: e largando o que lhe dera a Mesopotamia, peregrinou Abrahão para a terra dos Cananeos acompanhado de seu sobrinho Lot, e de Sara sua esposa, (thesouro arriscadissimo exposto nos caminhos) levando todos os seus cabedaes; se bem que os peregrinos, como Abrahão, basta que se levem a si. E chegado este milagre da Fé àquellas incognitas Regiões, lhe prometteo Deos a sua posse; e nellas levantou a primeira Ara, em que invocou o nome do Senhor.

2084. Neste tempo foy a terra opprimida com huma grande fome; e obrigado Abrahão a peregrinar ao Egypto, onde, se gozou abundancias, soffreo sustos; porque a extremosa formosura de Sara, que alli tratava, como irmã, levou as attentões dos Egypcios, e arrebatou os affectos de Faraó, a cujo Palacio foy levada, e aonde experimentou Abrahão, por seu respeito, os magnificos effeitos da mais primorosa hospitalidade; que sempre na formosura houve poder para garantir todos os direitos. Porém Deos zelava tanto a Abrahão, que choveo pragas contra a casa de Faraó, vingandolhe as injurias antes de feitas. E descoberto o engano da irmandade, foy Sara entregue a Abrahão, como marido.

Em



*Separação de Abraão, e Lot.* Em todas estas peregrinações acompanhou Lot a Abraão: porém, sendo já muitas as riquezas entre elles, originaraõ a contenda dos pastores, e a separação dos amos. An. do Mund.

Retirou-se Lot para as terras junto ao Jordão a viver com os Sodomitas, homens nefandos, e abominaveis a Deos, e ficou Abraão em Canaan, no valle de Mambre, sito em Hebron, aonde não viveo pacifico muito tempo; porque sahio à campanha contra quatro Reys, que desbaratou, descativando a Lot com toda sua fazenda; e tomando outra preza consideravel, de que pagou o dizimo ao Sacerdote Melchisedech, offerecendo huma parte a Deos, que lhe dera o todo.

*Nascimêto de Ismael.* Depois de tão gloriosa vitória recebeu Abraão a benção do Senhor, alentandolhe a esperança da desejada fecundidade; e porque se adiantou nella a escrava Agar com o nascimento de Ismael, se desconsolou a esposa Sara, tão incredula às asseverações da Divina palavra, que fez irrisão da ratificada promessa dos tres Angelicos Hospedes, que lhe honraraõ a casa, antepondo a impossibilidade dos annos à omnipotencia de Deos. 2092.  
2093.  
2107.

*Incendio de Sodoma.* Por este mesmo tempo succedeo aquella horrenda mortandade das quatro Cidades infames da Pentapolis, subvertendo-as os rayos do Ceo em hum diluvio de fogo, para assim apagarem as chammas da sua ateadada concupiscencia; havendo de antes salvado a Lot, e sua familia os mesmos Anjos, que hospedara Abraão; com o que mostrou a Divina Justiça,

ça,

An. do  
Mund.

ça , que ainda nos mayores castigos a acompa-  
nhava a clemencia ; de que abusou a mulher  
do mesmo Lot , que mereceo em justa pena fi-  
car levantada estatua de escarmento aos curio-  
sos olhos do seu sexo. Assim acabaraõ estas  
grandes Cidades , sem dellas ficarem mais ves-  
tigios , que a memoria para o desprezo ; sen-  
do justo , que se lhes esqueça a grandeza , por  
naõ infamar os louvores , celebrando ignomi-  
nias.

Compadecidas as filhas de Lot , de que *Incesto de*  
naõ escapasse daquelle estrago algum Varão , *Lot.*  
em quem se perpetuasse a descendencia de seu  
pay , adormeceraõ este com aquelle licor so-  
porifero , que nem deixa liberdade para conhe-  
cer a malicia dos incestos ; por meyo dos quaes  
gerou Lot em suas filhas a Moab pay dos Moa-  
bitas , e a Amon , que deu o sangue , e o nome  
aos Amonitas.

2108. Resolveo Deos desempenhar com Abra- *Nascimẽto*  
haõ a sua palavra , e defenganar a Sara com o *de Isaac.*  
efeito della , nascendolhe o seu filho Isaac ,  
unica consolaçaõ de taõ veneraveis velhices ;  
e recebido com tanto mayor ternura , quanto  
fora cruel a dilaçaõ da sua esperança ; tendo  
já Sara por joya ao seu peito aquelle riso , que  
pouco antes lhe fora na boca irrisaõ.

2113. Bem criado o menino , e com mais annos *Agar lan-*  
de amor , que de idade , vivia na companhia *çada de*  
de Ismael , que tinha mais malicia , do que an- *casa.*  
nos : e receando Sara , que os seus máos cos-  
tumes lhe pervertessem a amada innocencia ,  
obrigou a Abrahaõ a lançar de casa a Agar , e  
seu



seu filho ; o que elle executou , tendo antes a promessa do Senhor , de que o menino , por filho seu , seria grande entre as gentes.

An. d  
Mund

*Sede de Ismael.*

Ausentou-se Agar , que a não ser escrava , podera sentir a fauldade da casa : e vagando pela espessura dos bosques , ignorante do caminho , e cansada da jornada , se sentou a chorar com vivo pranto saltarlhe entre tantos diluvios huma sede de agua para o seu menino , que morria abrazado ; até que compadecido Deos , que não póde ver lagrimas , sem mostrar ternuras , remediou tanta necessidade ; e crescido o menino , habitou o deserto de Faran , occupado no exercicio do arco , e setta , até que para ser pay da immensa geraçãõ dos Agarenos , casou no Egypto.

*Sacrificio de Isaac.*

Determinou Deos fazer a mayor prova da fé , e obediencia de Abrahaõ , para o que lhe mandou sacrificasse o seu filho Isaac sobre o monte Moria ; o que elle se dispoz a executar com aquella promptidaõ , que foy affombro de todos os tempos , não duvidando cortar de hum golpe tantas cabeças , e queimar por victima do holocausto a esperança de tantos netos. Levantou o braço , para levar no mesmo impulso a cabeça do filho , e o coração do pay , crendo ainda na esperança contra a mesma esperança. Este foy o mayor vencimento , que viraõ os seculos , não celebrando o Mundo triumpho por igual vitoria : que , se Alexandre vencendo ao Mundo todo , não pode ganhar a todo o Mundo ; Abrahaõ venceu , e ganhou em Isaac muitos Mundos , merecendo de

An. do Mund. de Deos; porque fez esta coufa, não só o perdaõ para a vida do filho, que morria, e do pay, que matava morrendo; mas a bençaõ para si, e abençoadas nelle todas as gerações da terra. Assim cantou a obediencia os seus triumphos; a qual mata para resurgir, cativa para resgatar, e mete nos perigos para guardar melhor.

2145. Passados dez annos depois deste grande caso, experimentou Abrahaõ a falta da amada esposa Sara, taõ chorada na morte, como fora querida na vida: e como Abrahaõ sobreviveo quarenta e dous annos, chorando-a tanto, quizera choralla menos. *Morte de Sara.*

2148. Seguiu-se o casamento de Isaac em Mesopotamia com Rebecca, filha de Bathuel; e deste vigesimo primeiro Patriarca, e sua mulher, nasceraõ, depois de vinte annos, Esaú, e Jacob, se gemeos no nascimento, dissimilhanes no corpo, e alma, hum amado, outro aborrecido de Deos: o primeiro caçador, e homem do campo; e o segundo Varão simplez na fantidade da vida, e politico no trato; desgermanando os costumes a irmandade da natureza. *Isaac XXI Patriarca. Nascimento de Jacob, e Esaú.*

2183. Consolado Abrahaõ pelos principios, que da sua propagação deixava no Mundo nos filhos de Isaac, e Ismael, morreo taõ cheyo de annos, como de virtudes; e chegou pelo caminho das adversidades a gozar, entre todas, a mayor das venturas, sendo escolhido do Ceo para pay temporal de Deos Eterno: e ainda que o combateraõ no Mundo os trabalhos, *Morte de Abrahaõ.*



lhos, vendo-se obrigado a lançar de casa a Ismael, a soffrer a affronta da esterilidade de Sara, a sacrificar a Isaac, provado por Deos, e perseguido dos homens, sempre firme, enterrou consigo a constancia illesa.

An. do  
Mund.

*Morte de  
Isaac.*

Passados 62 annos, e nelles os successos da vida de Isaac, depois da morte de Abraham, com o industrioso engano de sua mãy Rebecca, lhe furtou o vigesimo segundo Patriarca Jacob a benção da primogenitura; e completos 180 annos de idade, já sem luz nos olhos, os fechou Isaac à vida, sem lhe fazerem novidade as sombras da morte: e deixando no Mundo aquella firme baze, sobre que se haviaõ levantar doze columnas, que sustentassem o pezo das promettidas gentes, descansou em paz.

*Peregrina-  
ção de  
Jacob.*

Neste mesmo anno sahio Jacob da sua Patria para a Mesopotamia, tendo no caminho a admiravel visãõ da Escada, no extremo da qual se poz Deos de sentinella, em quanto Jacob dormia: e recebido em casa de seu tio Labã, deu principio aos decantados amores de Rachel, que foy paga de quatorze annos de serviço; e por ella mais servira, se não fora para hum taõ longo amor taõ curta a vida.

*Luta de  
Jacob.*

Recolheo-se Jacob à terra de seus pays em companhia de suas esposas Lia, e Rachel, e dos filhos, que já dellas tinha. No mesmo anno lhe succedeo aquelle celebre combate, em que disputou com o Anjo do Senhor braço a braço as igualdades da valentia. E ainda que foy ferido na peleja, não deixou o campo da

2245.

ba-

An. do batalha , sem que a benção , e promessa de *Nome de*  
 Mund. Deos lhe celebrasse o triumpho , recolhendo por *Israel.*  
 despojo a gloria do nome de Israel.

Causou a curiosidade de Dina , filha de *Desflor-*  
 Jacob , huma grande perturbação à sua fami- *ção de Di-*  
 lia : porque achando-se em terra estranha , de- *na.*  
 fejou ver as formosuras do seu sexo : porém  
 encontrando-se com o Principe de Sicheim , lhe  
 roubou este a sua joya de mayor estimação : e  
 ainda que Simeão , e Levi com as armas na  
 mão desaggravaraõ a offensa , não restauraraõ  
 a perda , que foy mais consideravel , por se lhe  
 seguir a morte de Rachel , que cortou em hum  
 instante aquelle laço , que atara o amor em  
 tantos annos.

2266. Entre os filhos de Jacob era Joseph sum- *Venda de*  
 mamente amado de seu pay , e taõ invejado de *Joseph.*  
 seus irmãos , que foy por elles vendido , só  
 porque era prendado ; fim entrou no Egypto ,  
 como escravo , mas foy tanto do agrado de Pu-  
 tifar , e do lascivo gosto de sua senhora , que  
 largandolhe a pureza a capa nas mãos , nem  
 por isso fugio ao carcere , aonde pagou Joseph  
 tres annos , como delinquente , por ser aman-  
 te da castidade : porém como Deos não dilata  
 os premios a esta virtude , interpretados por  
 2286. Joseph os sonhos de Faraó , do abatimento do  
 carcere foy promovido à grandeza do Reino.  
 Tomou delle posse de trinta e tres annos , e  
 o administrou oitenta ; diuturnidade pasmosa ,  
 e felicidade inaudita entre os Aulicos , que a  
 ferem , como Joseph , castos , se esta virtude  
 2287. os fizesse martyres , morreriaõ com coroas.



*Fome universal, e conhecido Joseph de seus irmãos.* Acabados os sete annos da abundancia da terra, que predissera Joseph na interpretação dos sonhos de Faraó, a opprimio huma extrema fome, que levou ao Egypto os filhos de Jacob a buscar o remedio da vida à casa daquelle irmão, a quem quizerão dar a morte em Canaan. Alli conhecerão quem era Joseph; e se não temerao a maldade pela culpa, não podia deixar de assustallos o receyo da pena. An. do Mund. 2297.

*Jacob em Egypto.* Chegou a Jacob a noticia de que Joseph estava tão poderoso no Egypto, e foy voando nas azas do coração, não a matar a fome com a abundancia de Joseph, mas a pôr nelle vivo aquelles olhos, que havia tanto o choravao por morto. Entao conheceo, que o fingimento foy absoluto engano; porque a fera da inveja, pelo tragar inteiro, lhe não fez sangue. Aqui se mudarao os lutos em alegrias; e misturados os risos com lagrimas, via Jacob sem dó, que a tunica de Joseph já era purpura. 2298.

*Morte de Jacob.* Dezasete annos viveo Jacob no Egypto em companhia de Joseph; e porque o vio com vida, devera viver menos. No fim delles, e de cento quarenta e sete de idade, lançando a benção a seus filhos, e profetizando a vinda do Redemptor no fim do reinado da geração de Judá, morreo consolado o que vivera afflicto. 2315.

Tratou Joseph com filial amor do veneravel cadaver, que mereceo ao Egypto setenta dias de lagrimas; e acompanhado dos Aulicos de Faraó, partio a sepultallo, como dispozera na vida, à terra de Canaan, no campo de

An. do de Efron : e consolados seus irmãos , que  
Mund. com a falta do pay temiaõ a vingança da ven-  
da , seguros na benignidade de Joseph , fo-  
raõ tratados com tanto esquecimento da in-  
2365. juria , como se deixara Joseph enterrada a sua  
memoria na cisterna velha de Dothain , até *Morte de Joseph.*  
que completando este com os annos da vida  
os do valimento , poz com a morte termo a  
tudo.

Foy Joseph o primeiro dos Santos Patriar-  
cas , que , se experimentou no Mundo infor-  
tunios , lhe sobreexcederaõ as felicidades , e  
com ellas foy Santo ; sabendo proporcionar  
de tal sorte a politica com a virtude , que na  
balança da razaõ nunca se lhe inclinou o fiel ,  
pelo que gozou sem perturbaçaõ a boa fortu-  
na ; porque de todos os dotes fez materias de  
virtudes.

2427. Multiplicados os filhos de Israel no Egy- *Escravidão*  
pto , e impiamente tratados pelo novo Rey , *dos Israeli-*  
que naõ conhecia a Joseph , foraõ obrigados *tas.*  
a huma cruel servidaõ. E porque temiaõ os  
Egypcios a monstruosa propagaçaõ , e exces-  
sivo numero de Hebreos , que brevemente se-  
ria mayor , que o dos naturaes , os opprimiraõ  
com tributos , vexaraõ com castigos , e obriga-  
raõ a lançar às aguas os meninos , que haviaõ  
compor tantos povos , e gentes.

Porém o empenho com que Faraó queria  
extinguillos , servio de estímulo a Deos para  
multiplicallos ; e a mesma necessidade da mor-  
te se mudava em precisaõ de mais vidas , que  
a fal-



a faltarem Hebreos, que as gerassem, poderoso era o Senhor para eduzir das pedras filhos de Abrahaõ: e ainda que este primeiro Nero do Egypto, com hum só golpe, cortasse todas as gargantas, da mesma crueldade se reproduziriaõ muitas cabeças.

# HISTORIA SAGRADA, LIVRO II.

## CAPITULO I.

### *De Moysés até Samuel.*

An. do  
Mund.  
2433. **O**PPRIMIDOS os Hebreos das suas grandes calamidades, nasceo da geração de Leví, quem à força de mi- *Nascimen-  
to de Moy-  
sés.*

lagres lhes havia romper as cadeas do cativoiro. E como Moysés vio a luz da vida, condemnado às sombras da morte, foy tambem lançado às aguas: mas como lhes não coube no feyo taõ grande thesouro, para o guardarem melhor, o expozerão na praya, donde o recolheo ao Paço a filha de Faraó, e o adoptou por filho; porque a virtude ainda dada a costa toma porto, e quando engeitada, nas mantilhas se conhece legitima.

Crescia o menino Moysés mais em espiritos, que em annos, e sobrefahia nelle a grandeza da criação à humildade do nascimento: e porque via consternados os irmãos, começou a aborrecer os Egypcios, como contrarios. Retirou-se a Madian por homicida, donde logo havia fahir como redemptor. Alli, para def-

*Moysés em  
Madian.*



desaggravar as formosuras offendidas, venceo os atrevidos Pastores, e recolheo por despojo da vitoria a belleza de Sefora, que recebeo por esposa.

An. do  
Mund.

*Visão da  
Çarça.*

Pastoreava Moysés os rebanhos de seu sogro Jethro, nos campos de Madian, quando teve a notável visão da Çarça, sobre a qual desceo Deos para livrar a Israel da sua oppressão; e para negociar com Faraó a liberdade do povo, deu a Moysés os seus plenos poderes; o qual, recebidos os tres sinaes, da vara tornada em serpente, da mão leprosa, da agua convertida em sangue, veyo ao Egypto, e circumcidado seu filho, exposto a Araó seu irmão o successo da vara, e feitos os tres sinaes na presença do povo, que creio a piedade do Senhor, entrou Moysés a dar principio à sua Legacia.

2513

*Sabida do  
Egypto.*

Obtida audiencia de Faraó, lhe expoz Moysés as ordens de Deos, authenticadas com os milagres, que confundiraó os seus Magos; e porque foraó desattendidas, choveraó no Egypto pragas, e mortos todos os seus primogenitos, com alegria grande dos montes, e outeiros, sahio a casa de Jacob do povo barbaro, que a foy perseguinto até às ondas do mar, sobre às quaes, como em ponte segura, passaraó os Hebreos a pé enxuto à margem opposta, e serviraó a Faraó, e a todo o seu exercito de monumento vago, que, sepultados vivos, os foy consumir no mar da morte.

*O povo no  
deserto.*

Quarenta annos peregrinou o povo pelo deserto com a continua assistencia do Senhor,

de

An. do Mund. de dia em columna de nuvem , e de noite de fogo. Nelle lhe choveo o Ceo o seu paõ , o ar as aves para alimento , rebentaraõ as pedras fontes para lhes offerecerem as aguas , e recebeu Moysés a Ley das Taboas sobre o Monte Sinay , quando o povo no Valle adorava por Deos de Israel ao Bezerro.

No mesmo deserto se formou o Tabernaculo , a Arca , a Mesa , o Candelabro , e as mais cousas pertencentes a elle ; deu-se principio à guarda do Sabbado , offereceraõ-se as primicias a Deos , e foraõ levantados os Altares do Thymiana , e Holocausto , com os mais ritos , e ceremonias , que se contém nos livros do Levitico , Numeros , e Deuteronomio. Alli foy vencido o Rey dos Cananeos , succederaõ as profecias de Balaão , picaraõ as serpentes aos Hebreos , e , por antidoto , poz Moysés aos olhos de todos huma de metal ; até que , ultimamente , no anno do Mundo 2553 , à vista da terra da Promissaõ , que se havia repartir pelas Tribus de Israel , sem lhe gozar a posse , morreo Moysés de cento e vinte annos sobre o Monte Nebo , aonde acabou de executar as ordens de Deos ; e naõ teve Israel Profeta semelhante , que visse o Senhor face a face. Foy sepultado no Valle da Terra de Moab contra Fogor , sem que até hoje se soubelle o lugar da iua sepultura , porque os Hebreos o naõ adorassem como Deos.

Por estes tempos era já nascido na terra de Us , confins de Idumea , o grande Job , Va- raõ simplez , recto , temente a Deos , e o in- Tom. II. N vencivel

Formação  
da Arca,  
Mesa, &c.

Morte de  
Moysés, I.  
Juiz. dopo-  
vo.

Combate  
de Job.



vencível propugnaculo da paciencia , provada , e approvada naquelle tremendo combate , que no anno 2520 teve com todas as forças do inferno , que repetindo os ataques com a morte dos filhos , destruição da fazenda , e enfermidades do proprio corpo , não servirão mais que de multiplicar a Job as palmas ; debellandó hum cadaver com alma , enterrado em hum immundo esterquilinio , os formidaveis esquadrões dos mais valentes contrarios.

An. do  
Mund.  
2520.

*Triunfo de  
Job.*

Sete annos contendeo Job , tecendo na diuturnidade da batalha huma coroa eterna para o seu triunfo ; e decantou mais plausivel a vitoria , quanto eraó mais fortes os inimigos que vencia ; porque se pozeraó em campo para atacallo o demonio , a mulher , os amigos , e Job contra si mesmo , que era o mayor contrario. E como perdeo na batalha , se não o campo , os despojos , lhe restituio Deos em dobro , como a glorioso triunfo , tudo o que perdera , menos os filhos , que só lhe nasceraó sete em lugar dos primeiros sete ; porque a perda dos filhos não se cobra com o mayor numero , mas com a igualdade do amor ; o qual , na multiplicação dos objectos , augmentando os actos , poderia diminuir na intensão.

*Josué II.  
Juiz.*

Morto , e sepultado Moysés , dadas as Leys das Taboas , e Ceremonial , disposto o Tabernaculo , os Vasos sagrados , as Vestiduras Sacerdotaes , e tudo o que pertencia ao serviço do Levitico , e recolhidos os Exploradores , que elle mandara , com as noticias da terra visinha , e promettida , tomou Josué posse do governo

2553.

An. do  
Mund.

do povo, de que ficara sendo segundo Juiz, e o dispoz a passar o rio Jordão, como fez a pé enxuto, para entrar a gozar aquelles fertilissimos Paizes, aonde só elle, e Caleb chegaram vivos de tantos mil, que sahiraõ do Egypto; e se resolveo a expugnar Cidades sem maquinas, e a parar o Sol para não vencer tarde.

Passado o Jordão, e levantados os doze *Posse da*  
padrões à memoria dos Patriarcas de Israel, *Palestina,*

foy expugnada Jericó, vencida a grande batalha, de que o Sol quiz ser testemunha, parando para ver melhor, tomadas muitas Cidades, rendidos áquem, e além do Jordão trinta e hum Reys por Moysés, e Josué, divididas as terras ganhadas, e estabelecidas as seis Ci-

2570.

dades de refugio, morreo Josué cheyo de *Morte de*  
triumfos, e com tantas vitorias, como batalhas. *Josué.*

2591.

Com a morte de Josué teve o povo hum interregno de quasi seis annos, em que foy governado pelos Anciãos. Judas, e Simeão eraõ os Commandantes das armas, com as quaes venceraõ os Cananeos, tomaraõ Jerusaleim, e ganharaõ outras vitorias: porém esquecido o povo dos beneficios, que devia a Deos, o deixou pelos alheyos; e sujeito a Cusan, Rey de *Cusan III.*  
Mesopotamia, experimentou a primeira escravidão, que durou oito annos. *Juiz.*  
*1. Escravidão.*

Neste tempo succedeo a horrenda carnagem da Tribu de Benjamin, occasionada pela lascivia dos Gabaonitas, que ateou no povo *Mortãda-*  
huma guerra civil; porque as nodoas da incontinencia sempre se lavaraõ com sangue. *de de Benjamin.*



- Othoniel* Resgatou Othoniel ao seu povo, vencendo ElRey Cufan em huma batalha, e foy o quarto Juiz, que por hum modo quasi monarchico o governou em paz quarenta annos; e porque, com a sua morte, tornou a prevaricar, teve a segunda escravidão debaixo de
- Eglon V. Juiz.* Eglon, Rey de Moab, ao qual tirou a vida o alentado Aod, sexto Juiz, homem taõ valeroso, que para esgrimir a espada naõ tinha braço esquerdo, e o governou em socego oitenta annos.
- 2. Escravidão.* Naõ durou muito aos Hebreos a sua liberdade; porque os castigos punhaõ os pés nos vestigios dos peccados; e porque estes naõ cessavaõ, cahiraõ nas mãos de Jabin, Rey de Canaan, que os tyrannizou vinte annos; e desta terceira escravidão os livrou a famosa Heroína
- Aod VI. Juiz.* Debora, e o alentado Barac, destruindo ao Filisteo Sisara, General de ElRey Jabin, o qual, para refugio do seu medo, buscou a pastoril barraca da valerosa Jael, que em hum vaso de leite lhe deu a beber a primeira morte; e cravandolhe depois a cabeça em hum prego, o deixou continuar o somno. Gloriosas mulheres! Sexo taõ desprezador de medianias, que ha de tocar as virtudes, e vicios além do ponto vertical, para que os brados da fama sempre lhes gritem extremos.
- Jabin VII. Juiz.* Passados trinta annos tornou o povo a dar nas mãos dos Madianitas, aonde soffreo a quarta escravidão de sete annos; e foy taõ cruel, que muitos Hebreos habitavaõ nas cavernas dos montes como feras, para escaparem às fúrias:
- 3. Escravidão.*
- Debora VIII. Juiz.*
- Morte de Sisara.*
- Madian IX. Juiz.*
- 4. Escravidão.*

An. da  
Mund.  
2529.

1661.

2679.

2699.

2719.

2752.



An. do rias: porém Deos, que com a mesma mão castiga, e consola, alentou os espiritos de Gedeão X. Mund. Gedeão com o milagre do vélo orvalhado, estendendo toda a terra seca, e rociando depois esta, ficando enxuto aquelle.

2759. Animado o valeroso Gedeão, escolheu para empreza tão gloriosa os soldados, que o haviaõ acompanhar, e elegeo trezentos, que nas ribeiras do Jordaõ beberaõ a agua com as mãos, ao contrario dos que se lançaraõ a ella de peitos. Com este partido tão desigual acometeteo Gedeão os arrayaes dos Madianitas, e mais a vozes, que a cutiladas, os poz em total desordem, à qual se seguiu huma horrivel mortandade, vencendo o poder de Deos com vasos de barro, que escondiaõ luzes, o valor de tantos milhares de armas, que com a sua espessura davaõ ao Ceo todas as luzes do Sol.

2768. Succedeo Abimelech a Gedeão no governo, e querendo, que o elegessem Rey, tirou a vida a setenta irmãos; ultima maldade de ambição, e depois muito frequente, desfigurando o appetite de reinar as igualdades da natureza. Estes delictos fizeraõ a Abimelech tão odioso a Deos, e aos homens, que estes lhe armavaõ laços nos montes para o colherem como fera, até que no assalto de huma torre veyo a pagar às mãos de huma mulher a enormidade dos fraticidios, quebrando-lhe a cabeça com hum pedaço de feixo; e elle, para desmentir com o fingimento do valor a fraqueza do homicida, se atravessou na sua espada, naõ estranhando no ultimo auto da tragedia derramar



Abimelech  
XI. Juiz.

BOSTA LOBO



mar o proprio fangue; porque se havia costumado com setenta enlayos.

An. do  
Mund.  
2772.

*Thola XII Juiz.* Por morte de Abimelech, que governou tres annos, lhe succederaõ Thola, e Jair: porém relaxados os Hebreos, e tropeçando a cada passo no detestavel vicio da idolatria, dentro dos vinte e dous annos do governo de Jair, e dos vinte e tres do de Thola, supportaraõ dezoito a escravidaõ dos Filisteos, e Ammonitas, até que arrependidos lhes poz Deos os olhos piedoso, escondendo nelles o fangue, quando os homens nos seus lhe mostraõ agua.

5. *Escrevidaõ.*

*Filisteos XIV. Juiz. 225.*

*Jepthe XV. Juiz.*

Resgatou Jepthe ao povo desta escravidaõ, vencendo os Ammonitas; e ainda que os seus irmãos o desprezaraõ, e desterraraõ, porque era espurio, mereceo ser escolhido de Deos, que lhe illustrou com a grandeza das obras o escuro do nascimento; e se bem, que com ellas triunfou Jepthe, depois lhe pezou, porque vencera, quando se vio obrigado a sacrificar sua filha em cumprimento do temerario voto, que fizera a Deos, de lhe offerecer em victima cruenta a primeira pessoa, que sahisse de sua casa; e permittio a Providencia cahisse a forte na filha, para que o agradecido Jepthe, que ainda entaõ naõ era tempo de dar a Deos a alma toda, lhe offerecesse na filha parte della.

*Estrago de Efraim.*

Ainda Jepthe naõ despira as armas, quando o chamaraõ novas guerras, e sahio à campanha contra os rebeldes Efraimitas; e devendo pelear com elles, como quem o fazia com a sua carne, entaõ mostrou mais fangue; e

sen-

2795.

2799.

An. do Mundo. sendo quasi geral a degolla, ficaraõ no Jordaõ o azul das aguas, e no campo o verde das hervas, tudo carmesim.

Neste seculo viveo a industria Ruth, *Ruth.* de naçaõ Moabita, aquella que recolheo as espigas do campo de Booz, que depois foy seu segundo marido; e quando os segadores cortavaõ o trigo maduro, lançava ella à terra o graõ, que havia produzir a grande, e immensa descendencia de David, gerandolhe seu avõ Obed. Industria mulheril, que contra a ordem das estações obriga a roda dos tempos, a que gyre pelos passos das suas idéas, mais faceis a voltar os Ceos, que a si.

2823. Succederaõ a Jepthe no governo do povo Abesan, que o teve sete annos, Ahialaõ, que governou dez, e Abdaõ oito, sem cousa memoravel até o nascimento de Sansam.

*Abesan XVI. Juiz.*  
*Ahialaõ XVII. Juiz.*  
*Abdaõ*

2830. Quando nasceo Sansam, estava o povo na sua sexta escravidão, e governado por Heli em poder dos Filisteos, o qual o julgou os quarenta annos deste cativoiro, e o seu governo trataremos depois de Sansam, por pertencer ao primeiro Livro dos Reys.

*XVIII. Juiz.*  
*Heli XIX. Juiz.*  
*6. Escravidão.*

2849. Nasceo Sansam, precedendo prodigios a este milagre do valor; e como nascia para matar Filisteos, naõ esperou muitos annos, por naõ perder tempo. Vio nos primeiros ensayos, que com as mãos desqueixava leões, e resolveo com hum queixo matar homens. Sahio Sansam à campanha com esta nova arma, que podera invejar Hercules para claya; e investindo com ella os Filisteos, matou mil com menos golpes.

*Sans. XX. Juiz.*  
*Vitoria de Sansam.*



Cançou Sansam na batalha, e agitado o calor com o movimento, talvez que alagado, teve sede, e faltou-lhe a agua: porém levando à boca o mesmo queixo, que lhe servira de espada, achou nelle agua, e cópos: e com os mananciaes desta nova, e perennal fonte, de vera Sansam innuadar o campo dos Filisteos, para apagar o incendio, que pouco antes lhe causara com a industria das rapozas, a não querer, que os acabasse a fome, supposta a ociosidade do queixo.

An. do  
Mund.

2868.

*Sansam  
prezo.*

Poucos annos depois expugnou Sansam a Cidade de Gaza; e sendo elle o carro do seu mesmo triumpho, carregou com as portas por despojo; mas descobrindo à impura Dalila o segredo da sua força, e arrancada por ella nos cabellos, como se fora mais difficultoso ser casto, que valente, se entregou Sansam prezo aos Filisteos; e tirados os olhos, recebeu por paga das loucuras do amor andar à roda em huma atafona, como bruto.

*Morte de  
Sansam.*

Com quarenta annos de idade, e vinte de governo, morreo Sansam antes do seu tempo: e para que acabasse com a gloria de alentado, se poz no meyo de duas columnas, que sustentavaõ huma grande casa, aonde estavaõ todos os Principes, e outros muitos Filisteos; e baqueando-se com ellas em terra, se enterrou com todos nas ruinas; vendo, cego, que não podia acabar com mais gloria, que quando pelo despique da honra dava tudo, e morria taõ satisfeito, porque vingado.

2880.

Quarenta annos havia, que Helí governava

2888.

An. do Mund. nava o povo no cativeiro dos Filisteos: porém *Helí XXI.*  
 como já aos braços dos Hebreos faltavaõ as *Juiz.*  
 forças de Sansam, foy Israel desbaratado pe-  
 los seus contrarios com huma grande mor-  
 tandade, da qual não escaparaõ os filhos de  
 Helí. Nesta derrota foy cativa a Arca do Se- *Derrota de*  
 nhor, noticia taõ fatal para Helí, que cahido *Israel.*  
 do assento, aonde esperava as infautas novas,  
 que o coração lhe presagiava, abriu na cabe-  
 ça a porta para lhe sahir a alma. Assim casti-  
 ga Deos nos pays as maldades dos mal doutri-  
 nados filhos; e para aviso dos póvos, e dos  
 Principes deixou Helí no Mundo a memoria  
 de hum escandaloso exemplar da demasiada  
 brandura, que com elles não devem ter os que  
 desejaõ ser verdadeiros pays.

## CAPITULO II.

*De Samuel até Salamaõ.*

2888: **S**uccedeo a Helí o grande Profeta Samuel, *Samuel ul-*  
 vigesimo segundo, e ultimo Juiz do povo *timo Juiz.*  
 de Israel, Varaõ santo, religioso, sem ambi-  
 ção, e avareza, e clarissimo espelho a que se  
 deveraõ compor todos os Juizes da terra. Por  
 primicias do seu bom governo recolheo Sa-  
 muel as palmas de hum glorioso triunfo, com  
 o qual abateo a soberba dos Filisteos, e mudou  
 a fortuna aos successos, porque tinha ao seu  
 lado a Providencia.

2908. Avançado Samuel em annos elegeo a seus  
 Tom. II. O fi-



filhos para baculos, sobre que apoyasse o pe-  
zo da sua veneravel velhice, repartindo por  
elles o do governo: porém, como nem sem-  
pre a natureza communica com o fangue a  
probidade, não herdaraõ aquelles os costu-  
mes de seu pay, prevalecendo a violencia das  
inclinações à força da natureza, e dos exem-  
plos: pelo que pediraõ os Hebreos a Samuel  
lhes dêsse hum Rey; porque queraõ soffrer  
as extorsões, como menos sensiveis, revesti-  
das do caracter da Magestade.

*Saul I. Rey*

No seguinte anno, que era o de vinte e  
hum do governo de Samuel, ungiõ este a Saul  
para Rey de Israel, homem de estatura taõ  
agigantada, como de animo, e costumes rus-  
ticos, e incultos; mas como o Real adorno  
da purpura, parece que traz no forro o poli-  
mento da alma, tanto que Saul a vestio, sou-  
be fazer gala do avesso genio, e pôr aos olhos  
huma vistosa apparencia de virtudes, que de-  
pressa mostraraõ os effeitos eraõ cores menti-  
rosas; porque acabadas as pretensões, e esta-  
belecida a posse, tiraõ os fingidos o seu rebu-  
ço, para que fiquem as tintas sem violencia  
nas cores.

Eleito Saul Rey aos quarenta annos da  
sua idade, ganhou logo huma grande victoria  
sobre os Filisteos, com a qual abrio os funda-  
mentos para a maquina do seu trono, e pode-  
raõ ser firmes, se a defobediencia de offerecer  
o holocausto sem Samuel, e a falta de execu-  
ção às ordens de Deos contra Amalec, lhos  
não entupiraõ apenas abertos; sendo reprova-

An. do  
Mund.

2509.

2930.

3045.

An. do do do Senhor, e chorado por Samuel, que  
Mund. quiz pagar a Deos com lagrimas extremas a  
perda do seu oleo na sua primeira unção.

2934. Mandou o Senhor a Samuel, que não  
desperdiçasse o seu pranto pela exclusão de  
Saul; por quanto achara hum homem talha-  
do pelos moldes do seu coração, e muito à  
medida do seu desejo; o qual era o moço Da-  
vid, que nos campos de Belem pastoreava os  
rebanhos de seu pay; e que se haviaõ Reys  
pelos seus vícios incapazes da Coroa, o Pastor *David un-*  
David pelas suas virtudes era dignissimo da *gido.*  
Magestade; porque não olha Deos nos ho-  
mens o que são, mas o que fazem: e como  
David era filho das suas obras, ainda que o  
menor de oito irmãos, à vista de todos elles  
foy ungido para futuro Rey de Israel; e co-  
roados os merecimentos, antes que a pessoa,  
escondia o surraõ a roçagancia da purpura.

2942. Já os Reaes espiritos de David se não fa-  
tisfaziaõ com afogar leões, e devorar urfos  
no monte, como rustico valente, e veyo à  
campanha brigar com homens, como animoso  
Heróe. Quarenta dias havia, que hum Gigan-  
te Filisteo se queria bater em duello com o  
mais valeroso soldado do campo de Saul;  
mas causava em todo elle taõ grande espanto  
à voz de bronze, que respirava aquella mon-  
tanha de ferro, que, aterrados os animos, aos  
covardes, e valentes circulava o fangue do  
mesmo modo.

Porém o brioso David, não soffrendo o  
desafio por atrevido, e estimando-o por hon- *Vence Da-*  
rado, *vid o Gi-*  
*gante.*



rado, sahio a campo com o Gigante, sem querer levar as armas de Saul; porque se não entendesse, que com a nobreza de emprestimo aspirava à Coroa; mas sómente a sua funda, e cinco pedras, para se não esquecer do que era, com a esperança do que havia ser; querendo dar-se justiça com as armas proprias, para fazer direito à propriedade do Sceptro.

An. do  
Mund.  
2942.

Deu David com galharda destreza duas voltas à sua funda, e, como menino que era, tirou a sua feixada, com pontaria tão certa, que ao mesmo tempo se ouviu o estallo da funda, e o baque do Gigante, ao qual se seguiu o ecco dos montes, primeiros preegoeiros de tão grande vitoria: e David, largada a funda, porque com esta façanha bem se podia armar cavalleiro, com a espada do Gigante lhe cortou a cabeça, e trouxe ao campo estes despojos, que fazendo-o voar até as Estrellas, também o enterravaõ nos abyssos.

*Ingratidão  
de Saul.*

Remunerou Saul este grande serviço de David com huma das mais estupendas ingratições, que viraõ as idades. Negou-lhe a mulher promettida, brandio a lança contra o alentado peito, que lhe sustentara em pezo a coroa, e obrigou a fugir, como malfeitor, aquelle animoso Heróe, a quem devia o Reino. Bem podera David, para vingar estas offensas, e succeder nos Estados, tirar a vida a Saul na cova de Engaddi, ou em Gabaa: porém estimou mais a fidelidade de vassallo, que o caracter da pessoa, e que o despique da injuria, lembrando-se mais do que se devia, que  
do

An do  
Mund.

do mal que lhe pagavaõ. Taõ antigo he nos Soberanos perseguirem os serviços com apparencias para córarem a ingrataõ, que só deixará de offender a Magestade, quando estiver realmente separada da pessoa.

2947.

Neste tempo morreo o Profeta Samuel, taõ chorado dos filhos de Israel, que chegou as lagrimas a penetrar a terra, na qual o não deixou descansar muito tempo a impiedade de Saul, obrigando a Pythonissa a suscitallo: porém mudou-se o conselho que esperava, em ouvir da boca de hum defunto a sentença da sua morte, que logo se executou; porque destruido o seu exercito pelos Filisteos, acabou Saul atravessado na sua mesma espada nos montes de Gelboe, acompanhando-o na morte seu filho Jonathas, taõ intimo amigo de David, que com elle tinha pegada a sua alma, perdendo a sua virtude dous extremos na falta destes Principes: e porque a ambos chegaraõ as lagrimas de David, sentio em Jonathas a faudade do amigo, e no contrario Saul a desgraça da Magestade.

2949.

Succedeo David no Reino, e principia-  
raõ em Israel os triunfos; porque a gloria sempre foy inseparavel da virtude, até que atacado David de outras forças, ainda que fracas, mais poderosas, com detrimento da gloria perdeu a virtude, e fora sem remedio a perda, se com tempo a não recobrara. Vio David huma Bersabé, que era formosa, e se lavava com graça, e ficou sem olhos para ver a David, prostrando gigantes, vencendo exercitos, despedaçando

*Morte de Samuel.**David II. Rey.*



pedaçando leões, e afogando urfos. Era elle as meninas dos olhos de Deos, que sentindo-se aggravadas fulminaraõ rayos de vingança, zelosas da sua honra, e da do innocente, e offendido Urias, que sobre a infamia da honra experimentou a dëshumanidade de huma violenta morte.

An. do  
Mundi.

*Castigos  
de David.*

Tirou Deos da espada contra David, e o foy ferindo com diferentes golpes. Rebellouse Absalaõ contra aquelle pay, que sentio mais vello pendente de huma arvore pelos cabellos; aonde se empeçou a morte com a soberba; atravessado com tres lanças por Joab, supportou as atrozes injurias de Semey, a rebelliaõ dos vassallos, e a grande peste, em que pereraõ setenta mil almas, deixando este grande Rey exemplos aos Soberanos, para se não rebellarem contra o supremo Senhor, que dissimula agravos aos homens, difficulta perdoar escandalos aos Principes.

2987.

*Salamaõ  
ungido.*

Estava David já cheyo de annos, e velho nos trabalhos, e resolveo, que em sua vida fosse unguido seu filho Salamaõ, como foy na idade de vinte e hum annos, e lhe deu por curadores ao Profeta Nathan, e a Bersabé sua mãy; do que sentido seu irmaõ Adonias, que aspirava subir ao trono, determinou com hum fraticidio tirar este tropeço, que lhe occupava o primeiro degrao; mas elle foy o que veyo a perder a vida em justo, e devido premio da sua ambição, que levanta as idéas até às Estrellas para fazer mayor estrondo na queda.

2988.

Poucos annos depois, e com quarenta de

2990.

rei-

An. do reinado, morreo David, Profeta, Peccador, *Morte de*  
 Mund. Santo, Valente, Rey, e Pastor, Discipulo *David.*  
 perfeitissimo da Escola de Samuel, Principe  
 cheyo de piedade para com Deos, de justiça  
 para com os tubditos, de moderação para com  
 os inimigos, mayor que todo o louvor, que  
 ainda a ser Goliath não chega à sombra de Da-  
 vid, e o exemplar da mais pasmosa penitencia,  
 que parece fez santo o mesmo peccado, dan-  
 dolhe a primeira felicidade, que depois havia  
 fazer perfeita o Redemptor seu descendente.

Sucedeo-lhe seu filho Salamaõ, ao prin- *Salamaõ*  
 cipio innocente na vida, amado de Deos, e *III. Rey.*  
 o que como nenhum outro participou da fabe-  
 doria eterna, como o homem mais feliz do  
 Mundo todo: potentissimo nas riquezas, sem  
 igual na magnificencia, unico nos regalos, te-  
 mido dos Principes comarcãos, e todos seus  
 tributarios: o Ophir conduzido cada anno em  
 Armadas vinha guarnecerlhe as paredes das  
 fallas, e antecamaras: os Ebanos arrastados  
 de infinitas distancias lhe formavaõ os porticos:  
 teve hum grande numero de Rainhas, concu-  
 binas, e donzellas, compondo-se o Palacio de  
 todas as delicias excogitaveis, cuja posse no  
 juizo da vaidade mais fastosa, e opulenta não  
 passou de sonho.

2997- A primeira obra em que, com delicado *Fabrica do*  
 primor, se esmerou o Real animo de Salamaõ, *Templo.*  
 foy a do grande Templo de Jerusalem, confa-  
 grado a Deos, e principiado no setimo anno  
 do seu reinado, para o qual lhe deixou seu pay  
 infinitas riquezas, e huma monstruosa quanti-  
 dade



dade de materiaes. Foy esta a mayor das maravilhas, que vio o Mundo, e nos seus alicesses fe enterrou a memoria, das que venera a fama com espanto; porque foy começada, e concluida pelo mesmo Salamaõ. Aqui se excedeo a pompa, perdeo o ouro por muito a estimação, as pedras a preciosidade de raras, os Ebanos por cortados a incorrupção; e como se destinava para Solio de Deos na terra, parece competio Salamaõ proporcionadas igualdades com o Templo do Ceo; se he que não desejava rouballo, para que o seu fosse só.

*Sentença  
sobre o me-  
nino.*

Tambem os primeiros actos, com que Salamaõ graduou a sua sabedoria, foraõ na materia da justiça; e deu aquella celebre sentença na causa das duas pretendentes, ambas mãys, e que morto hum dos filhos, o pretendiaõ ser do menino vivo. Mandou Salamaõ, que este se dividisse, e a cada huma fe dèsse a sua parte, advertindo, que a mãy verdadeira, aos sustos do ameaçado golpe, lhe fugiria o sangue do rosto, ou, feito em vozes, lho derramaria pela boca a compaixão.

*A Rainha  
Sabá.*

Neste tempo dava a fama com o nome de Salamaõ taõ grande brado, que o seu ecco retumbava pelos ambitos do Universo. Chegou este à Arabia Feliz, e trouxe, voando, a Rainha Sabá a Jerusalem para apresentar a Salamaõ huma preclarissima, e vistosa batalha de sabedoria, honra, magnificencia, e affombro: e attonita a Princeza, com o que via, julgou hum leve rumor o estrondoso grito da fama, que ouvira, e voltou para os seus Estados

An. do tados mais rica do que viera, com o que lhe  
Mund. deu Salamaõ.

3029. Envelheceo este nos annos, e remoeçou *Salamaõ*  
os costumes, naõ se aproveitando da experien- *prevertido,*  
cia de tantos annos, para regular as acções dos *e morto.*  
ultimos tempos; porque prevaricado o seu  
coraçã pelas idolatras, e estringadas Moabi-  
tas, quando perdia os alentos para viver, co-  
meçou a crear forças para peccar. Acabou Sa-  
lamaõ a sua vida com quarenta annos de rei-  
nado, e nos deixou muitas incertezas da sua  
salvação, ainda que parece impossivel quize-  
se perder Deos tantos beneficios.

Assim morreo o sapientissimo dos mor-  
taes, e estultissimo Rey, que foy, e deixou  
de ser Salamaõ, com glorias primeiras, per-  
dida a opiniaõ das posthumas, sabio, e idiota,  
moço angelico, e anciaõ malvado; que nas  
primeiras flores do sexo colheo frutos de Re-  
ligiaõ, e penteou nas cãs a apostasia, pondo  
os defenganos no mesmo lugar com os cabel-  
los.

### CAPITULO III.

#### *De Roboaõ até Sedecias.*

3029. Succedeo Roboaõ no Reino, que feu pay *Roboaõ IV.*  
*Rey.*  
Salamaõ conservou inteiro pelos mereci-  
mentos de David, e se dividio no novo reina-  
do pelos peccados de Salamaõ. Ficaraõ se-  
guindo a voz de Roboaõ as duas Tribus de Ju-  
dá, e Benjamin, e as dez prestarã juramen-  
to.



to a Jeroboão, homem impio, que então, fugido da presença de Salamaõ, vivia no Egypto, donde veyo pela sua morte a receber a investidura dos novos Estados, a que deu, com outra Religião, alheya da que até alli profetisaraõ, outros Deoses para o seu culto, abusando, já como Principe, da piedade, a que muitas vezes não duvidaõ dar as costas, se as falsidades pôdem promover as conveniencias; mais faceis a largar a Deos, que aos interesses.

*Causa da  
divisão das  
Tribus.*

A causa politica, que houve para a divisão do Reino de David, foy seguir Roboão o dictame dos Aulicos inexpertos, moços, e vaidosos, que no novo reinado queriaõ abrir os fundamentos à maquina do valimento; instando o Rey a que tratasse o povo com aspreza, contra o parecer dos Anciãos, que lhe aconselhavaõ mostrasse brandura, ao menos no principio do governo. Estes são os effeitos, e tal he a força de hum máo conselho accomodado ao genio, que depois de executado deixa o arrependimento da inadvertencia para mayor dor da fatalidade.

*Morte de  
Roboão.*

De quarenta e hum annos subio Roboão ao trono de Judá, onde reinou dezafete; e porque os Hebreos prevaricaraõ de forte, que os peccados dos seus mayores, em sua comparação, perdiaõ a enormidade, colerica a paciencia Divina, no quinto anno deste governo, permittio, que Sefac, Rey do Egypto, a que as Historias chamaõ Sefostris, expugnasse Jerusalem, e levaõse os thesouros, e vasos sagrados do Templo, que fabricara a magnificencia

An. do de Salamaõ : e gastados os annos da vida de  
Mund. Roboaõ em continuas guerras contra o rebel-  
de Jeroboaõ , e maldades contra Deos , poz  
termo a tudo.

3046. Succedeo a Roboaõ seu filho Abias. *Abias V.*  
Governou tres annos , nos quaes fez crua guerra *Rey.*  
a Jeroboaõ , que destruiu em huma batalha  
com morte de quinhentos mil homens. Devia  
esta grande vitoria ter por consequencia a re-  
ducção de todo o Reino de Israel : porẽm naõ  
o conseguiu Abias ; porque os triunfos da im-  
piedade nunca saõ completos , e nella acabou  
a vida este maõ Rey.

3049. Por morte de Abias foy acclamado seu fi- *Afa VI.*  
lho Afa , que reinou quarenta e hum annos. *Rey.*  
Era filho de hum pay impio , e covarde ; mas  
cheyo de fortaleza , e piedade. Com esta des-  
truiu os idolos , promoveo as virtudes , e resti-  
tuio o Divino culto ; e com aquella atemoriz-  
sou os contrarios , e conseguiu gloriosas vito-  
rias ; com as quaes abateo a arrogancia dos  
Egypcios , e alcançou delles hum triunfo taõ  
completo , que igualou a horrivel mortanda-  
de ao inestimavel preço dos infinitos despojos.  
Naõ escapou Baasa , successor de Nadab , e  
Jeroboaõ , do furor deste alentado Rey , que  
carregado de palmas celebrou tantos triunfos ,  
legitimos partos da Religiaõ ; porque os que  
se armaõ da piedade saõ invenciveis na fortale-  
za.

3090. Subio Jofafat ao trono por morte de seu *Jofafat*  
pay , e lhe levou grandes ventagens nos dotes *VII Rey.*  
do corpo , e nas virtudes da alma. Foy poten-  
tissimo



tíssimo em armas, e riquezas, e piedosíssimo na Religião, e legitimo descendente da casa, e virtudes de David, ao qual imitou sempre, e não deixou de ser Rey grande; porque buscou exemplos para a semelhança. Reinou vinte e cinco annos este santo Principe, e deu a sua morte correspondente ecco ao brado da vida.

An. do  
Mund.

*Joram*  
*VIII. Rey.*

Foy fructo de tão santa arvore o impio, e malvado Joram, successor infame de hum augusto pay, monstro indigno da humanidade, escandalo das Coroas, e abominação dos olhos de Deos. Entre outros vicios, se deixou arrastar da avareza; e para possuir os legados, que seu pay deixara a outros filhos, tirou a vida a seis irmãos. Não tardou sobre elle a ira do Senhor; porque entrando os Filisteos, e Arabes em Judea, assolaraõ os povos, e tiraraõ a vida aos filhos de Joram, que, finalmente, veyo a acabar daquella enfermidade, a que a Escriitura chama pessima, com tão execravel opiniaõ entre os homens, adquirida em oito annos de abominavel governo, que, sepultado sem funeral, lhe negou o povo as honras devidas ao seu caracter, por não infamar semelhantes obsequios.

3115.

*Ochofias*  
*IX. Rey.*

Seguiu-se hum a outro impio, montando Ochofias, unico filho de Joram, que escapou da invasaõ dos Arabes, sobre o trono de Judá, que occupou sómente hum anno; porque Jehu, Rey de Israel, destinado por Deos para destruir a geraçaõ de Acab, fez o mesmo a Ochofias, e aos filhos de seus irmãos.

Com

An. do  
Mund.  
3125.

Com a morte deste Principe se arrebatou Athalia in-  
trusa. Athalia sua mãy, que era do sangue de Acab,  
do espirito da ambição, e determinou acabar  
toda a descendencia de Joram para ella occu-  
par o trono de Judá, em que com effeito rei-  
nou seis annos: porém Josabeth, mulher do  
Pontifice Joiada, e filha de El Rey Joram, po-  
de escapar do meyo de tão geral mortandade  
ao menino Joas, filho de Ochosias, e guardou  
na Casa de Deos esta preciosa reliquia do San-  
tuário de David.

No setimo anno da intrusão de Athalia, Joas X.  
descobriu Joiada ao povo o escondido Princi-  
pe Joas, que foy aclamado Rey, e subio ao  
trono de sete annos, pizando o sangue, que  
então se derramou à cruel Athalia, e pondo  
os pés sobre as ruinas dos idolos, e cadaveres  
dos seus Sacerdotes. Resplandeceraõ neste  
Principe, em quanto viveo o Pontifice Joiada,  
todos aquelles caracteres, que constituem hum  
perfeito Rey; mas com a sua morte se entre-  
gou Joas a todo o genero de impiedades; e  
foy tão ingrato à memoria do defunto Ponti-  
fice, a quem devia o Reino, que mandou dar  
a morte a seu filho Zacharias; porque com o  
desprezo de Deos, tambem se esquecem as  
obrigações da honra.

3165. Ainda nos seus dias experimentou Joas o  
merecido castigo de tantas maldades; o qual  
principiou naquella lastimosa affolação, que  
Hazael, Rey da Syria, fez nos seus Estados,  
e acabou na tyranna, e atrevida morte, que,  
com quarenta annos de reinado, lhe deraõ os  
seus



seus mesmos domesticos; porque o dilatado caminho da tyrannia tambem cança a fidelidade.

An. do  
Mund.

*Amasias*  
*XI. Rey.*

Succedeo-lhe Amasias seu filho, herdeiro do Reino, e da vida, e nella com os mesmos principios; e fins, primeiro virtuoso, depois idolatra. Por este peccado saqueou Joas, Rey das Tribus de Israel, o Templo de Jerusalem; e Amasias foy morto em huma rebelião com vinte e nove annos de governo.

3194.

*Prégação*  
*de Jonas.*

Por estes tempos mandou Deos ao Profeta Jonas, que fosse intimar aos Ninivitas a horrivel sentença da subversão da sua Cidade; e pela desobediencia deste Profeta, que fugia às ordens do Senhor, se levantou no mar taõ furiosa tempestade, que os marinheiros, para salvarem o casco, lançaraõ a Jonas à elegancia das ondas com todo o pezo do seu peccado. Para o salvar lhe offereceo hum monstro as entranhas, aonde achou ventre, carcere, e asylo.

Em huma praya vomitou a balea ao naufragante, ou naõ imitado Argonauta, Jonas: milagre grande, e a que se seguiu outro mayor, qual foy a conversão dos Ninivitas, e revogação da sentença; porque todos elles, desde o Rey, que dizem era o impio, e covarde Sardanapalo, até ao mais vil do povo, vestiraõ o habito da penitencia, reliquia em que se naõ atrevem tocar os rayos do Ceo; e mudou Jonas aos homens, assim como Deos mudara a Jonas.

A Amasias, Rey de Judá, succedeo seu filho

filho

An.do  
Mund. filho Oſias, Principe de vida tão innocente, *Oſias XII.*  
que merece a continua, e eſpecial aſſiſtencia *Rey.*  
do braço de Deos, e gaſtou o tempo do ſeu  
reinado em obras grandes, e heroicas acções.  
Entre outras merecem particular memoria o  
valor com que venceo os Filifteos, a magnifi-  
cencia com que edificou torres, e caſtellos, e  
fortificou Jeruſalem de muros, e baluartes, e  
o cuidado com que ſe deu à agricultura, para  
que na abundancia foſſem felices os vaſſallos;  
mas querendo uſurpar o officio aos Sacerdotes  
deſcendentes de Aram, e offerecer o incenſo  
no Altar do Thymiana, com deſprezo de  
Deos, e da Ley foy cuberto de lepra pela ira  
do Senhor, e morreo deſta enfermidade, ha-  
vendo governado cincoenta e dous annos com  
eſpanto, e veneração dos Principes viſinhos.

3246. Por morte de Oſias entrou a reinar ſeu fi- *Joatham*  
lho Joatham, fideliffimo obſervante da Divi- *XII. Rey.*  
na Ley, Real no animo, na magnificencia, e  
no valor. Com eſtas virtudes fez florecer o  
Reino, edificou Cidades, e impoz tributos  
aos Ammonitas; correfpondendo à innocen-  
cia da alma as felicidades da vida, que acabou  
fiel ao Senhor com dezaseis annos de reinado.

3262. Foy indigno ſucceſſor de tão grande pây *Achaz*  
o impio Achaz, que reduzio o Reino a hum *XIV. Rey.*  
dos mais laſtimofos eſtados, em que até então  
ſe tinha viſto; porque em juſto caſtigo de ſuas  
enormes maldades, foraõ aſſolados os povos;  
mortos os ſeus moradores, e cativas as mulhe-  
res, e meninos nas invações dos Aſſyrios, Iſ-  
raelitas, Idumeos, e Filifteos, ſem que a dor  
de



de tantos, e tão vehementes golpes obrigaf-  
sem este infame Rey a interpor o reparo da  
emenda; antes, obstinado na sua culpa, deu  
cultos publicos aos idolos, e lhes levantou al-  
tares nas ruas, e praças de Jerusaleem, até que  
morto na sua impiedade, com dezaseis annos  
de escandalo, lhe foy negada sepultura no  
Pantheon das sagradas Magestades dos seus  
defuntos antecessores, por não deshonrar a  
magnificencia do mausoléo com as infames cin-  
zas de hum bruto.

*Prégação  
de Isaias.*

Nestes tempos clamava o Profeta Isaias,  
animada trombeta da Divina palavra, man-  
dado por Deos para refrear a impiedade de  
Achaz, com lhe expor a breve, e total sub-  
versaõ do Reino de Israel, em castigo de se-  
melhantes peccados aos de Judá; mas o hor-  
ror destes medonhos eccos não despertaraõ  
tanta furdez, gritando, como Cassandra em  
Troya, sem haverem ouvidos para a creduli-  
dade da fé.

*Ezechias  
XV. Rey.*

De hum pay tão impio, como era Achaz,  
nasceo hum filho, e successor santissimo, que  
foy Ezechias, novo restaurador do Divino cul-  
to, montante da Fé, e flagélo da idolatria.  
Neste felicissimo reinado foraõ arrasados em  
Judá todos os altares de Baal, e na enfermi-  
dade do Rey succedeo aquelle inaudito pro-  
digio, em que os relogios publicos compoze-  
raõ de trinta e duas horas o dia, que se for-  
mava de doze; e porque não faltasse a fé do  
Oraculo, que promettia a Ezechias mais quin-  
ze annos de vida, foy necessario defandar o  
Sol

An. do Sol do seu curso ; o qual se não eſtranhalle *Retroceſſo*  
 Mund. verſe parado , havia cauſarlhe novidade obri- *do Sol.*  
 garem-no a retroceder.

Então foy que Sennacherib , Rey dos Af-  
 ſyrios , ſitiou Jeruſalem , e ſe vio eſte Monarca  
 com o ſeu povo em grande aperto : porém as  
 ſuas orações , e as do Profeta Iſaiás , ( que pó-  
 de muito com Deos a frequente deprecação  
 do juſto ) alcançaraõ aquella celebre vitoria ,  
 quando acomettido o exercito contrario por  
 hum ſó ſoldado , aliſtado debaixo das bande-  
 ras do Senhor dos Exercitos , e aproveitando-  
 ſe do quarto da modorra , dilatou o ſomno a *Derrota*  
 cento oitenta e cinco mil homens ſem acordar *dos Afſy-*  
 os outros , para que , ao abrir os olhos , deſ- *rios.*  
 pertaſſem as luzes da Fé , e conheceſſem o Au-  
 thor do eſtrago por não conhecido.

3306. Gaſtados os annos da vida de Ezechias *Morte de*  
 em continuos exercicios de piedade , e acções *Ezechias.*  
 correfpondentes à grandeza do ſeu coração ,  
 pagou o commum tributo da morté com vinte  
 e noye annos de reinado ; e mereceo a ſua me-  
 moria a todo o Reino de Judá as demonſtra-  
 ções da mais ſenſivel ſaudade ; porque ſão tão  
 fortes os golpes da branda piedade , que nin-  
 guem lhes diſſimula a dor.

No governo deſte feliciffimo Rey ſe ex- *Deſtruição*  
 tinguiu o Reino de Iſrael , e levou Salmana- *das dez*  
 ſar , Rey dos Afſyrios , cativas as dez Tribus *Tribus.*  
 com o ſeu Rey Oféas , como veremos na Epo-  
 ca ſeguinte.

Sucedeo ao Santo Ezechias ſeu filho o *Manaffés*  
 impio Manaffés , hum dos mais eſcandalofos *XVI. Rey.*



Reys de Judá; o qual levantou por horóscopo do seu governo a veneranda idade do Santo Profeta Isaías, a quem seu pay respeitara, e contra quem a impiedade de Achaz se não atrevera, mandando fosse partido ao meyo, sem attender à fantidade da vida, que lhe servia de sagrado, ao sangue Real, que o illustrava, e a veneravel idade, que o defendia. E como o clamor de tantos peccados estavaõ bradando pelo furor da vingança, acudiraõ os Assyrios, e assolando o Reino levarãõ a Manassés a Babilonia carregado de cadeas; e entãõ opprimido do pezo dos castigos, deu liberdade ao coração para voar a Deos arrependido, que sempre está prompto para ouvir os homens piedoso: e perdoadas as maldades de Manassés, foy restituído ao Reino, aonde ainda reinou trinta e tres annos, havendo já imperado vinte e dous.

An. do  
Mund.

3361:

Amon  
XVII. Rey

Morto Manassés, começou a reinar seu filho Amon, imitador do pay nas maldades, sem que como elle fizesse felices as misérias no arrependimento. Acabou a vida em huma conjuração às mãos dos vicios; porque a muita impiedade o fez morrer no tempo, que não era seu: lastimosa natureza do peccado, que em ambas as vidas te vinga, dilatandolhe em huma os tormentos pela eternidade, e encurtandolhe em outra os gostos com a perda do tempo.

3363.

Josias  
XVIII.  
Rey.

A este impio pay se seguio o Santo Rey Josias, e no seu tempo foy felicissimo o Reino de Judá. Entãõ principiou a vaticinar o Profeta

An. do  
Mund. feta Jeremias, mais com lagrimas, que com  
vozes, o futuro estrago do povo de Israel, de  
que havia ser testemunha, destruindo os vi-  
cios de Sedecias o horto de virtudes, que plan-  
tava o presente Rey Josias: e porque este in-  
tentou com pouca madureza a guerra contra  
Necos, Rey do Egypto, foy morto na bata-  
lha com trinta e hum annos de reinado, e eter-  
nas lagrimas do seu povo, especialmente do  
amante, e amado Jeremias, que com os seus  
lastimosos soluços ainda hoje nos fere a com-  
paixão; porque com o cadaver deste Rey se  
enterrou a Religião de Israel, havendo a pie-  
dade dadõ com elle o ultimo arranco.

3394. Succedeolhe seu filho o impio Joachaz, *Joachaz*  
ou Sellum, que teve tres mezes de chamar-se *XIX. Rey.*  
Rey; porque entrando em Judéa o Rey do  
Egypto, o detronou, e levou cativo, deixan-  
do para Rey a Eliakim, irmão de Joachaz, ao  
qual mandou se chamasse Joakim, e reinou *Joakim*  
onze annos em continuas impiedades, relaxa-  
do igualmente o povo, e o Rey: e porque, *XX. Rey.*  
quasi cheyo o numero dos peccados, carrega-  
vãõ os castigos com mais força, entrou Nabu-  
codonosor no Reino, que deixou affolado, e  
levou a Babilonia cativo o Rey, muitos dos *Cativeiro*  
Vasos do Templo, e alguns dos meninos do *de Babilo-*  
sangue Real, entre os quaes estava Daniel. *nia.*

3398. Deste anno 3398 se devem começar a contar  
os setenta annos do cativeiro do povo em Ba-  
bilonia.

Cativo Joakim, reinou seu filho Jeho- *Jechonias*  
nias, ou Joachim, seguindo-se hum a outro *XXI. Rey.*



impio, esquecido totalmente o culto do Deos An. do Mund.  
 de Israel, mortos os Profetas, e tudo entre-  
 gue a huma geral impiedade, e abominação,  
 que tornou a chamar Nabuco, Ministro da 3405.  
 vingança do Altissimo, e saqueou Jerufalem,  
 levou cativo, e metido em ferros a Jechonias,  
 o restante dos Vasos do Templo, e todos os  
 grandes da Corte, entre os quaes foraõ o Pro-  
 feta Ezechiel, e Mardocheo, tio de Esther;  
 ficando viuva a Senhora das gentes, e despo-  
 voados os caminhos de Siaõ, arrastando os  
 peccados tantos povos pelas estradas de Babi-  
 lonia.

*Sedecias**ultimo Rey.*

Deixou Nabuco para Rey desses poucos  
 homens, que ficaraõ em Judá, ao monstruoso  
 Sedecias, que acabou de provocar a ira de  
 Deos, e de encher o numero dos peccados de  
 Jerufalem, a que pouco depois se seguiu a ul-  
 tima ruina, e acabaraõ neste infeliz homem os  
 poderosos Soberanos daquelles Estados.

*Vitoria de  
Judith.*

Dizem alguns Authores, que neste rei-  
 nado, e outros que no de Manassés, sitiara  
 Holofernes, General de Nabucodonosor, a  
 Cidade de Bethulia, que reduzida ao ultimo  
 aperto a rendera, a naõ estarem nella de guar-  
 nição as forças de outra Heroína mais gentil,  
 que a Grega Helena, a famosa, e formosa Ju-  
 dith, que foy huma das raras do seu sexo, em  
 quem se casou a formosura com a castidade.  
 Esgrimio esta a espada no rosto, para vencer a  
 Holofernes com a lança na maõ. Quebrou-  
 lhe na liberdade o primeiro fio da vida, e naõ  
 lhe foy difficultoso acabar de romper a uniaõ.

Ma-

An. do Mund. Matou Judith a Holofernes com a sua mesma espada, e acabou em morte, o que começara amor. Em huma só cabeça cortou Judith a alma do exercito, e triunfaraõ em Bethulia as armas da formosura, rendendo inefficazes os mayores esforços de Bellona.

Neste tempo principiou Daniel em Babilonia a resplandecer como Sol em hemisferio estranho, luzindo em sabedoria, e virtudes. De doze annos de idade era mais estaturado na prudencia, que avultado no corpo. Com ella livrou a innocente Susana da pena, a que estava condemnada pela injusta culpa do adultério, formada pela impia vingança dos deshonestos velhos, (como se fora crime em Susana não condescender com os seus torpes affectos) e vingou nelles a falsidade do testemunho, mostrando em hum mesmo acto castigada a impureza, e coroada a castidade.

Daniel livrou Susana.

3414. Ultimamente, no anno do Mundo 3414, governando Sedecias, expugnou Nabuco com o ultimo furor a famosa, e desgraçada Jerusaleem. Oh dor! Oh espanto! Ahi vão fugindo, aterrados do medo, aquelles Varões fortissimos, que eraõ os invenciveis propugnaculos da Coroa de David: ahi se lançaõ ao pescoço de Sedecias grossas cadeas, indignos colares para tanta Magestade; e à vista dos seus olhos, que depois lhe arrancaraõ, se despedaçaõ os filhos, espirando com muitas mortes huma só vida, separando-se de hum só corpo muitas almas.

Estrago de Jerusaleem

Ahi



Ahi arde até os alicesses o magnifico An. do  
 Templo, que Salamaõ levantou para eterno Mund.  
 coliseo da gloria do Senhor, e perduravel 3414.  
 colosso da sua memoria: os Palacios, cujos tectos defaziando as Estrellas, perguntavaõ aos Antipodas pelo lugar dos seus pavimentos, feridos dos rayos da vingança ajuntaõ os extremos: as columnas, que nos seus capiteis offereciaõ tronos ao Sol, arrancadas as bazes, ainda que morraõ com estrondo, morrem: ahi vaõ arrastando, para serem profanados, os Vasos do Templo, seguindo os Sacerdotes em taõ indifferente destino a mesma igualdade da forte: os muros, e torres, aonde se excedeo a magnificencia, deixaõ ver melhor a grandeza na ruina, podendo questionarse, quando foraõ mais soberbos: e, finalmente, à força de hum só golpe da ira do Senhor, deu Jerusalem consigo em terra, e ficou a clamar com mudo silencio, mostrando, quando já naõ tinha que ver, o mayor dos exemplos da humana calamidade.

Se neste tempo vira David, de passagem, a sua amada Jerusalem, que deixou taõ frondosa como os cedros do Libano, differa, que della naõ ficaraõ vestigios para lhe buscar o lugar com a memoria: horrivel desgraça da impiedade, que, com total esquecimento da pessoa, deixa viva a lembrança da infamia, para que seja mais sensivel o golpe da desventura.

Escapou deste geral estrago o Profeta Jeremias;

An. do 3414- remias ; porque não podia chegar a pena , a quem tanto fugia da culpa ; ficando este primeiro Catao immovel na affolação da sua Roma , e posto em liberdade ; se bem que esta , entre tantas misérias , só lhe servia para chorar com mais defafogo , querendo com o clamor dos seus ays fazer mais espantoso o ecco de taó estrondosa queda.



# HISTORIA SAGRADA, LIVRO III.

## CAPITULO I.

### *Epoca dos Reys de Israel.*

**M**ORTO Salamaõ, se dividiraõ, como dissemos, as doze Tribus de Israel, obedecendo as de Judá, e Benjamin a Roboaõ, e as mais a Jeroboaõ; o qual no principio do seu reinado fundou a Cidade de Sichem para sua Corte, abrogou a Ley dos seus mayores, e edificou altares aos idolos, para impedir, que o povo fosse sacrificar a Jerufalem; abrindo os fundamentos da iniquidade para levantar a fabrica do trono, cavandolhe a ruina no principio.

An. do  
Mund.  
3029.

*Jeroboaõ I.  
Rey.*

Todas as acções do reinado de Jeroboaõ foraõ enormissimas maldades contra Deos, desprezos de Profetas, e milagres, até que o demonio por ordem do Senhor das vinganças lhe tirou a vida; retribuição bem merecida do culto, que lhe dera. Succedeolhe, em seu filho Nadab, outro tal impio, que foy Rey para morrer com mais infamia às mãos de Baasa; o qual arrancou da face da terra toda a descendencia

*Nadab II.  
Rey.*

dencia

An. do Mund. dencia de Jeroboão , alimpando-a de taõ pernicioſa ſemente.

O caſtigo , que teve Baafa por eſte homicidio , foy reinar ſobre o trono de Iſrael ; mas como ſubio a elle com as mãos cheyas de ſangue , poz os pés nos meſmos veſtigios , que deixara a impiedade de Jeroboão ; e dormio vinte e quatro annos no ſeu peccado , ſem que Deos ſe ſoporaffe para a vingança ; porque tirou da terra toda a deſcendencia de Baafa , e os ſeus cadaveres , nas Cidades , eraõ alimento dos cães , e nos caminhos paſto dos brutos , enterrando-ſe as fúrias nas entranhas das feras.

Reinou Ela por ſeu pay Baafa , e foy Rey para deixar de ſer tudo ; porque rebellando-ſe Zambri ſeu vaſſallo , no vigefimo ſexto anno do reinado de Aſa em Judá , lhe tirou a vida , e roubou o trono , elegendo por primeira acção do ſeu governo acabar de todo a geração de Baafa , como fez : porém , ſeguindo elle os meſmos paſſos de Jeroboão pelos caminhos da maldade , elegeo parte do povo a Amri para ſeu Rey , que logo marchou a ſitiar Zambri na ſua Corte de Tharſa , aonde , por não cahir nas mãos do ſeu competidor , deixou exemplo a Sardanapalo , queimando-ſe com toda a Familia Real no ſeu Palacio , ficando abrazadas as maldades , que nunca ſe reduziriaõ a cinza com os corpos.

Com a morte de Zambri ſe originou em Iſrael huma guerra civil , ſeguindo huns o partido de Amri , e outros o de Thebni , que entãõ ſe declarou Candidato ; mas prevalecendo



o primeiro ao segundo, morto este, reinou Amri nos povos de Israel. E porque Tharsa na sua expugnação teve o mesmo fim, que o seu Rey Zambri, edificou o novo Soberano, para solio das futuras Magestades, a famosa Cidade de Samaria no anno trigésimo primeiro do reinado de Aza em Judá, e do Mundo 3079, até que completos doze annos de governo, e de maldade, morreo nella.

*Fundação  
de Samaria.*

*Achab VII  
Rey.*

Suceddeo a Amri seu filho Achab, o peyor, e mais abominavel de todos os monstros, que até então dominara no trono de Israel. Instigado este por sua esposa, a impia Jesabel, ajuntou maldades sobre maldades, pelas quaes experimentou o furor da ira de Deos, fulminado pelo Profeta Elias, que fez o Ceo tres annos de bronze para converter a terra em pedra, em pena de tanta obstinação; mas, desprezados os seus avisos, e os vaticinios de Micheas, perseguido Elias da raiva de Jesabel, peregrinou ao deserto, onde teve estupendos, e milagrosos successos, e expressa ordem de Deos, para que fosse ungir a Haaael, e Jehu, este para Rey de Israel, e aquelle da Syria, e ambos para verdugos da casa, e parentes de Achab: e vencidos os Syros por este Rey impio, veyo a morrer às suas mãos em outra batalha com vinte e dous annos de reinado, e no de Josafat Rey de Judá, lambendolhe os cães o sangue, que derramara; e mandou o Senhor, que a sua carroça fosse lavada na piscina de Samaria; porque tem pestilencial infecção se não pegasse nos contactos.

An. do  
Mund.  
3079.

3107.

De-

An. do  
Mund.

Depois da morte de Achab, reinando Ochofias, imitador das maldades paternas, e maternas abominações, foy o santissimo Patriarca, e Profeta Elias arrebatado em hum carro de fogo, e tirado da companhia dos vivos para não morrer, guardando a Providencia Divina, na de Enoch, este grande obrador de prodigios, em que emulou, ou excedeo a Moysés, para a execucao dos seus altos juizos. Ficou no Mundo em seu lugar o Profeta Eliseu, a quem deixou, no legado da capa, o espirito em dobro: Discipulo digno de taõ grande Mestre, que para mostrar quanto podia, não fatisfeito com tantos milagres da vida, depois de enterrado resuscitou mortos.

*Ochofias VIII. Rey.**Elias arrebatado.**Eliseu.*

Com dous annos de governo morreo Ochofias, e lhe succedeo seu irmaõ Joram, imperando Jofafat em Judá: e por se alliaarem estes dous Principes, alcançou Joram huma grande vitoria contra Moab pelos merecimentos de Jofafat; mas indignada a paciencia de Deos com as continuas maldades de Joram, mandou a Eliseu, que tornasse a ungir a Jehu para Rey de Israel; o qual marchou logo a buscar Joram, que unido com Ochofias, Rey, que entaõ era em Judá, fazia guerra a Hazael, Rey da Syria; e atacando-os no seu campo, a ambos tirou a vida.

*Joram IX. Rey.*

3120.

Entrou depois Jehu em Jezrahel, aonde Jesabel o esperava para, com as armas da ataviada formosura lhe apresentar huma arriscada batalha: porém Jehu, a quem entaõ só rendia a vontade de Deos, mandou, que fosse

*Jehu X. Rey.*



precipitada de huma janella , e desta queda acabou a alta soberba de Jefabel , duvidando se morria , ou se voava : e passando a pena além da vida , lha fizeraõ os cães mais enorme ; porque comida a carne , e esburgada a cabeça , perguntavaõ à caveira , que entãõ nos desenganos tinha pezo , se era da formosa Jefabel ? Assim se mudaõ em hum instante as deshonestas bellezas , e passaõ a espectaculos de horror , se pouco antes foraõ objectos do espanto.

An. do  
Mund.  
3120.

*Destrucção  
da Casa de  
Achab.*

Restavaõ ainda setenta filhos de Achab , que , como appendice da Divina vingança , morrerãõ aos fios das espadas por ordem de Jehu , acompanhando-os nesta horrivel matança todos os parentes , amigos , e criados da casa de seu pay , sem escapar hum só. Passou a mayor lastima o catastrophe ; porque às mãos de Jehu tiverãõ a mesma sorte quarenta e dous Principes , sobrinhos de Ochofias , Rey de Judá , morto pelo mesmo Jehu ; o qual , encontrando estes infelices no caminho de Samaria , aonde hiaõ visitar os sobreditos setenta , já entãõ mortos , os mandou degollar sobre huma cisterna , para que ficasse realmente nativa com tantas veyas rotas.

Cumprio Jehu até aqui com a vontade de Deos , e , ainda que se não esqueceo de seguir as pizadas de Jeroboaõ , mereceo a sua benção para a successão do trono de Israel até à quarta geraçãõ. Acabou Jehu o governo com vinte e oito annos de Reino , e nelle deixou arrazados os altares de Baal , e mortos em hum dia todos os seus Sacerdotes : porém nos seus ultimos

An. do Mund. 3148. timos annos ficavaõ já os povos taõ prevaricados, que causavaõ fastio a Deos, e principia-va a vomitallos, até que de todo os lançasse fóra; porque não são perduraveis as Monarquias, aonde, ao menos, não ha interpoção nas impiedades.

No anno vigesimo terceiro do reinado de Joas em Judá, subio Joachaz, filho de Jehu, ao trono de Israel, e pelos seus peccados foy entregue nas mãos de Hazael, Rey da Syria, das quaes o livrou o omnipotente braço, movido da sua penitencia; mas reincidindo, morreo nelles com dezafete annos de governo.

Teve por successor a seu filho Joas, Principe igualmente máo, que valeroso; porque desbaratou a Amasias, Rey de Judá, e a Benadad, successor de Hazael; e no fim de dezafete annos de reinado, morreo carregado de triumphos, e maldades.

Succedeo-lhe seu filho Jeroboão, reinando Amasias em Judá, glorioso, e infame imitador de todas as acções de seu pay. Neste reinado, quando mais offendido, fez Deos publica ostentação da sua infinita piedade; porque estando Israel no ultimo extremo da miseria, e quasi em termos de se acabar o seu nome sobre a face da terra, se valeo o Senhor deste Principe para instrumento da salvação do seu povo, e dilatou os confins do Reino até as rayas da sua primeira grandeza, restituindo-lhe as desmembrações, que causaraõ as ultimas guerras, para o que lhe dilatou por quarenta e hum annos o tempo do seu governo.

Daqui



*Zacarias*  
XIV. Rey. Daqui em diante começou a decadência de Israel até experimentar a sua total ruina; porque corriaõ os castigos atraz das maldades. Foy Zacarias acclamado Rey, successor das impiedades de Jeroboão, e ultima geração de Jehu, na qual se acabava de cumprir a Divina promessa; pelo que se levantou contra elle o rebelde Sellum, e, com seis mezes de governo, lhe tirou a vida, e tomou posse do Reino.

*Sellum*  
XV. Rey. Contra Sellum se armou Manahem, tendo apenas hum mez de chamar-se Rey; e arrancandolhe na vida a Coroa, a poz na sua cabeça; e dez annos que a cingio, a teve inclinada a Phul, Rey dos Assyrios, empobrecendo os povos para lhe pagar os tributos.

*Phaceia*  
XVII. Rey. Morto Manahem, succedeo no Reino Phaceia, filho de Sellum, igual aos mais nos procedimentos. Dous annos tinha de Rey, quando Phacee lhe tirou a vida em Samaria, e reinou por elle, sem dissemelhança nos costumes, que chegaraõ à ultima dissolução, e por ella foy Israel acomettido por Teglasalasar, Rey dos Assyrios, e successor de Phul, que executou huma das mais horrendas matanças, e levou infinitos prizioneiros, ficando a Região quasi deserta. Acabou este tyranno, com vinte annos de governo, em huma conjuração, que lhe traçou Oséas, seu successor, e ultimo dos Reys de Israel.

*Oséas*  
XIX. Rey. Ultimamente, reinando em Judá o Santo Ezechias, subio Oséas à grande altura da Magestade para dar mayor golpe na sua desgraça. Nove annos teve de Rey, e outros tantos de tribu-

An. do tributario a Salmanaſar, Rey dos Affyrios; mas  
 Mund. levantando-fe com os tributos, cauſa humana,  
 de que Deos ſe valeo para a ſua ultima vingança,  
 ſe irritou Salmanaſar; e invadindo o Reino de  
 Iſrael, ſitiou Samaria, que rendeo depois de hum  
 aſſedio de tres annos, ſeguindo-fe o geral eſtrago  
 do Paiz, e o cativoeiro de todo o povo, que foy  
 levado a Ninive, ſem ficar hum ſó homem em  
 Iſrael, aonde nunca mais tornaraõ eſtes ſeus  
 filhos.

El Rey Oféas acabou a vida em hum carcere  
 carregado de cadeas; e com duzentos e cincoenta  
 e cinco annos de duraçaõ, ſe abyſmou na impiedade  
 eſte bello Reino; porque ſobre ella levantou as  
 inſubſiſtentes maquinas da aparente grandeza.  
 Abraõ os olhos os Principes, e os povos, e vejaõ,  
 pois Deos lho moſtra neſtes certiffimos ſucceſſos,  
 que ſem pureza de Religiaõ, e adminiſtraçaõ de  
 juſtiça, não ha felicidades, nem permanencia nas  
 maiores Monarquias.

## CAPITULO II.

*Dos ſetenta annos do cativoeiro do povo em Babilonia.*

3398. **D**Eixámos deſtruida a grande Jeruſalem no anno do Mundo 3414, reinando Sedecias, e principiamos a contar os ſetenta annos do cativoeiro do povo em Babilonia no de



3398, imperando Joakim, desde o qual começa o governo dos Pontifices. An. do Mundo.

Quasi sempre as desgraças abrião os olhos; porque são mestras de defenganos. Viraõ-se os Judeos escravos, e conhecerão a justa causa da sua fatalidade, quando sentados às correntes dos rios de Babilonia, tocando nos duros grillhões do seu cativeiro, entoaraõ com as vozes das lagrimas a triste saudade da sua amada Sião, suspendendo a constancia dos instrumentos sonoros, para que feridas de tanta pena as cordas do coração, na dissonancia da harmonia fossem mais lastimosos os eccos dos seus lamentos.

*Daniel, valido de Nabuco.* Entre as sombras da escravidaõ resplande- 3401.  
cia Daniel como luminar mayor da esfera das virtudes; e os seus rayos reverberavaõ com tanta efficacia, que chegaraõ a penetrar as paredes do palacio de Nabuco; e interpretados por Daniel os mysteriosos sonhos deste Principe, foy creado Pro-Rey daquelles Estados; mostrando a Providencia Divina tanto cuidado do seu amado povo, que ainda vencido imperava sobre os vencedores, e para que visse o Mundo a felicidade humana fundada sobre sonhos, em Joseph no Egypto, e em Daniel em Babilonia.

*Estatua.* Poucos annos depois mandou Nabuco le- 3417.  
vantar aquella soberba estatua, mais conhecida pela ruina, que pela grandeza, para que todo o Mundo o adorasse como Deos no seu simulacro: e porque os tres meninos Hebreos, ficeis observantes da verdadeira Fé, lhe não  
qui-

An. do Mund. quizerão dobrar o joelho, forão lançados em huma fornalha ardendo; mas desatado o fogo em linguas, foy voando ao Ceo a dar parte de tão grande caso; o qual acudio a banhar de orvalho os que passeavaõ as chammas, e a devorar nas lavaredas a crueldade dos verdugos, conseguindo ao mesmo tempo o omnipotente braço muitos triunfos: e quebrada a contumacia do Rey, vencida a impiedade, se confessou inferior a Deos, quando lhe roubava o culto.

3442. Neste tempo era Josedeck primeiro Pontifice, e estava Nabuco cheyo de vitorias, e inchado da fastosa vaidade, porque dilatara os confins dos seus dominios pelos ambitos do Mundo conhecido; mas porque em tão alto apogêo de felicidades se desconheceo, experimentou aquelle inaudito acontecimento de ser mudado em fêra pela ira do Senhor, e despojado das insignias Reaes, nú, e quadrupede, à maneira de incurvo habitou os bosques sete annos, com tal lesão da fantasia, que elle mesmo se reputava por hum animal selvagem, representando no exterior a horribilidade da figura, em que tinha mudada a alma; porque estando tão levantado nas honras, não entendeu nellas que era homem.

*Josedeck  
I. Pontifice.*

*Transformação de  
Nabuco.*

3443. Depois desta fatal transformação foy Nabuco restituído ao Reino, que possuío hum anno com mais modestia. Succedeolhe seu filho Evilmerodach, que temendo resuscitasse seu pay da morte, como o fizera da brutalidade, mandou, que fosse dividido em trezentas partes,



*Jechonias,*  
*ou Neri.* tes, e cada huma dellas deu a comer a hum buitre. Logo no principio do seu governo tirou este Principe do carcere a Jechonias, filho de Joachim, Rey de Judá, e lhe fez grandes honras, do qual nasceo Salathiel, pay de Zorobabel. An. do  
Mundi.

*Daniel no*  
*lago.* Perseguido Evilmerodach ao grande Daniel, porque destruiu o idolo de Bel, e matou o dragaõ, que adoravaõ os Babilonios, pelo que foy lançado em hum lago de leões, onde, milagrosamente defendido, esteve mais seguro entre as feras, que entre os homens. Alli foy visitado pelo Profeta Abacuc, arrebatado de hum Anjo pelos cabellos, naõ se esquecendo a Providencia dos que vivem atribulados por seu respeito.

*Visão de*  
*Daniel.* Succedeo a Evilmerodach seu filho Balthassar, e no primeiro anno deste reinado vio Daniel aquelles quatro animaes, que representavaõ as mayores quatro Monarquias, que teve o Mundo. Poucos annos depois, ao tempo que Balthassar profanava os vasos do Templo em hum esplendido banquete, lhe escreveu huma maõ sem corpo na parede opposta a sentença da sua condemnação, e perda do Reino, como lhe interpretou Daniel nas tres palavras, que ella continha, e mostrou o effeito nessa mesma noite; porque entrando Dario, Rey dos Persas, e dos Medos, em Babilonia foy morto Balthassar, e tomada posse do Reino pelo novo Conquistador, que deixou proftrada por terra a soberba Babilonia, aquella, que sonhava na sua idéa ser eterna senhora do Universo. 3449.

*Sentença*  
*de Bal. hafsar.*

An. do  
Mund.  
3467.

Por estes tempos entendeu Daniel do livro das Profecias de Jeremias, que estava vi-  
sinho o fim dos setenta annos do cativeiro do  
povo, e orou por elle vestido de penitencia.  
Foraõ os seus rogos agradaveis a Deos, que  
lhe prometteo por hum Anjo a reedificaçaõ do  
Templo de Jerusalem, e lhe revelou o mayor  
dos Mysterios, qual foy a Encarnaçaõ do Di-  
vino Verbo, com todos os da sua Vida, e Mor-  
te, e que para esta vinda só restavaõ setenta  
semanas, consolando com a esperança já me-  
nos dilatada a afflicçaõ de tantos annos de tor-  
mento.

3468.

Morto Dario lhe succedeo nos Estados  
Cyro, Rey dos Persas, e neste grande Princi-  
pe teve principio o famoso Imperio de Babilo-  
nia. No segundo anno deste reinado se com-  
pletaraõ os setenta do cativeiro do povo, de  
que entaõ era segundo Pontifice Jesus, ou Jo-  
sué, e concedeo Cyro a Zorobabel a permissaõ  
de tornar com os Hebreos para Judéa, e res-  
taurar o Templo, dandolhe para o serviço del-  
le cinco mil e quatrocentos vasos de ouro, e  
prata, dos que trouxera Nabuco. A causa des-  
ta generosidade de Cyro foy haverlhe manifest-  
ado na predicçaõ dos Profetas, que elle havia  
ser o restaurador do Templo de Jerusalem, pe-  
lo que se extendeo a sua magnificencia a repar-  
tir pelos Hebreos liberaes dons para o cami-  
nho, mostrando affectos paternos, aos que até  
alli foraõ tratados como escravos.

*Liberdade  
do povo.*

*Jesus II.  
Pontifice.*

Sahiraõ de Babilonia cincoenta mil almas,  
que capitaneava Zorobabel, acompanhado do



Summo Sacerdote Jesus, levando consigo muitos animaes, que lhes dera Cyro para o seu serviço, com quantidade de riquezas para reedificarem o Templo; e chegados a Jerusalem, pozeraõ logo mãos a esta obra, levantaraõ o Altar do Sacrificio, e celebraraõ com solemnidade as suas Festas, esquecida Jerusalem das ruinas passadas com o gosto das felicidades presentes; effeito commum das cousas humanas, que só poem a memoria no que he, como se o que foy naõ tivera sido, absorvendo na alegria a lembrança das calamidades, para naõ ser efficaz o desengano.

An. do  
Mund.*Esther.*

Por estes tempos se apresentou Esther a ElRey Assuero, que entaõ reinava desde a India até a Ethiopia sobre cento vinte e sete Provincias, para livrar o seu povo da sentença de morte, que contra elle fulminara o Rey, instigado das infames relações do seu Privado Aman, que soffria mal naõ lhe dobrar Mardocheo, tio de Esther, o joelho, quando passava. Sempre os validos quizeraõ usurpar as latrias, como se naõ fora peccado tributarlhas, porque saõ idolos. Porém mudou-se a scena de tal maneira, que a forza levantada para affronta de Mardocheo, servio para a infamia de Aman, ficando livre o povo da pena do injusto decreto; porque huma formosura tal como a de Esther faz que tudo se revogue, quando roga.

3485.

*Joacim III**Pontifice.**Esdras.*

Ao Pontifice Jesus succedeo Joacim, e a Zorobabel, no governo secular, seu filho Reza, em tempo dos quaes o Profeta Esdras, e

3502.

Es-

An. do  
Mund.

Escrivor da Ley, accommodou os livros, que queimaraõ os Caldêos, e os escreveo com melhores, e mais faceis caracteres para lhes diversificar a prolação da dos Samaritanos, e alcançou hum decreto de ElRey Artaxerxes Longimano, para reconduzir a Judéa muita gente, aonde chegou com mil setecentos setenta e cinco companheiros, e entregou aos Sacerdotes muitos vasos, e dons, que levava, offerecendo logo sacrificiõs ao Pay das misericórdias, que esquece as suas injurias, como se não tivera mais gloria, que nas acções da sua piedade.

Neste tempo acabou a vida com cento e dez annos o grande Profeta Daniel, admiravel exemplar do favor Aulico; ao qual, ainda que bateo; e combateo a inveja com todas as suas forças, pode quebrarlhe a furia, interpondo o reparo da piedade, e innocencia; enriquecendo tanto a graça ao que dotara a natureza, que soube viver no retiro de Eremita com santissimos costumes, quando era Ministro prudentissimo de tantos Reys, embaraçado com infinitos negocios.

*Morte de Daniel.*

3550. Succedeo Eliafib no Pontificado a Joacim, e neste tempo alcançou Nehemias do mesmo Rey Artaxerxes ordem amplissima para reparar os muros de Jerusalem, e edificou novas torres, e baluartes, promovendo felizmente outras muitas obras, e inexpugnaveis fortificações, que podessem resistir à Potencia Romana, que entãõ começava no Mundo a ser famosa, assistindo Deos a tudo com estupendos

*Eliafib IV. Pontifice.**Reedificação de Jerusalem.*

mila-



milagres; porque do fundo de hum poço se tirou o fogo sagrado, e se achou, com incomparavel alegria dos corações, a Arca, o Altar, e o Tabernaculo, que havia tantos annos escondera Jeremias na assolacão de Jerusalem.

*Nehemias.*

Concluiu finalmente Nehemias com tanta pressa a reedicaçãõ da sua Cidade, que justamente se lhe deve o nome de Pay da Patria, e de novo Fundador de Jerusalem, aonde já se achavaõ Juizes do sangue de David, que haviaõ manter a Republica até à vinda de Christo, em cumprimento da profecia de Jacob, que promettera naõ se tirar da estirpe de Judá o Sceptro de Israel, até que chegasse o Redemptor. Deste anno 3550 se começaõ a contar as mysteriosas setenta semanas de Daniel, que outros querem tivessem principio no fim do anno setenta do cativeiro do povo, que foy o de 3468.

An. do  
Mund.  
3550.

# HISTORIA SAGRADA, LIVRO IV.

## CAPITULO I.

*Do governo dos Pontifices até à  
vinda de Christo.*

An. do  
Mund.  
3563.

**S**UCCEDEO a Reza no governo secu-  
lar Joana, e depois Judas, e a Eliasib no  
Pontificado Joiadas, Jonathan, e Jaddo; *Joiadas V.  
Pontifice.*  
e no tempo deste ultimo era taõ grande o bra-  
do, que dava no Mundo o nome de Alexan-  
dre, que ao seu ecco emmudecia a terra, e pa-  
ra mayor admiração abria a boca sem dizer pa-  
lavra. *Jonathan  
VI. Pontif.  
Jaddo VII.  
Pontifice.*

3607.

Passou este singular Conquistador a ga-  
nhar na Asia o Imperio dos Persas, e tomou *Alexandre  
Magno.*  
Sidonia, Damasco, e Tyro; e porque o Ponti-  
fice o não quiz ajudar contra Dario, por ter  
pactado com elle não soccorrer os seus inimi-  
gos, furioso Alexandre, marchou a expugnar  
Jerusalem; mas sahindolhe Jaddo ao encontro  
vestido nos paramentos sacerdotaes, prostra-  
do por terra o grande Athlante do Universo,  
adorou o nome de Deos, que o Summo Sa-  
cerdote



cerdote trazia na frente da Mitra, mudando de repente o poderoso braço em hum acto de Religião o furor colerico de hum Principe gentio, e vitoriofo. An. do Mund.

A causa impulsiva de tanta piedade em Alexandre foy, porque se lembrou, de que em Macedonia lhe apparecera Deos naquelle mesmo traje, em que via o Pontifice, segu-randolhe, que com o seu favor, e ajuda conquistaria os Persas. Entrou Alexandre em Jerusalem entre applausos, e foy logo ao Templo, altar de hum Deos, para o seu conhecimento, tal como o de Athenas, e nelle offerreceo sacrificios à verdadeira Divindade do Senhor de Israel.

Então lhe mostraraõ no Capitulo 8 de Daniel a Profecia, de que hum Grego havia sujeitar os Persas: pelo que, interpretando-a por si, concedeo aos Hebreos grandissimos privilegios, e deu tudo o que lhes pediraõ, livrando os de qualquer tributo: e foy tal a grandeza, e liberalidade do seu Real animo, que cheya já a terra de beneficios, buscou no Ceo mais dilatada esfêra para estender as azas à sua magnificencia.

*Onias VIII. Pontifice.* Por morte do Pontifice Jaddo succedeo 3680.  
Onias nesta dignidade, e no seu tempo morreo Alexandre em Babilonia entregue a muitos generos de vicios, e com mais triunfos, do que dias.

*Simaõ IX. Pontifice.* Seguiu-se a Onias seu filho Simaõ, tendo 3743.  
o governo Politico Joseph, e depois Semey, no mando dos quaes, com fingido pretexto de

An. do  
Mund.

Religiaõ, entrou em Jerusaleem Ptolomeo So-  
tero, Rey do Egypto, e levou cativos mui-  
tos mil Judeos, que vendeo por escravos nas  
suas terras.

3717.

Ao Pontifice Simaõ, chamado o *Juslo*, *Eleazar*  
succedeo seu irmaõ Eleazar, governando Ma-  
thathias, Mathat, e Nagge, e foy este Ponti-  
fice coetaneo de Ptolomeo Filadelfo, Rey do  
Egypto, Principe taõ inclinado às letras, que  
ajuntou de diversas partes duzentos mil volu-  
mes, com que formou a famosa Bibliotheca  
de Alexandria, que barbaramente queimou de-  
pois Julio Cesar.

Este Principe, que, com o conselho de  
Demetrio Falereo, havia ajuntado hum tal  
gazofylacio de sciencias, desejou ornallo com  
os livros da Ley de Deos, que entaõ só havia  
na lingua Hebraea; e para os obter, resgatou  
à custa de immensas sommas cento e vinte mil  
desta naçaõ, que eraõ escravos dos Egyptcios;  
e mandando-os a Jerusaleem com muitas offren-  
das para o Templo, pedio ao Pontifice Elea-  
zar lhe enviasse os ditos livros, e os Varões  
mais sabios, e doutos da Ley, que os tradu-  
zisse no seu vernaculo idioma, que era o  
Grego.

Promptamente condescendeo o Pontifice  
com os rogos de Ptolomeo, e lhe mandou com  
a Ley escrita em letras de ouro setenta venera-  
veis Anciãos, sabios, e perítos, que foraõ re-  
cebidos com as demonstrações da mayor hon-  
ra; e juntos em hum grande palacio, em se-  
tenta e dous dias fizeraõ aquella celebre Ver-  
saõ dos  
Setenta.



faõ, vulgarmente chamada dos *Setenta*; obrã, que naõ sem milagre se reduzio a effeito para fummo bem dos homens, guardando a Grecia os sagrados Codigos para depois reprehender a Palestina.

An. do  
Munda.

Nestes annos, que corraõ, foraõ Principes em Judéa Hosti, Nahum, Amós, Mathatias, e o mancebo Joseph; e succederaõ a Eleazar no Pontificado Manassés, Onias Segundo, e Simaõ tambem Segundo, em tempo do qual veyo Ptolomeo Filopator a Jerusalem, depois de haver vencido o exercito de Antiocho Magno, para offerecer sacrificios em açcaõ de graças, antes de se recolher ao seu Reino do Egipto; mas entrando temerariamente no *Sancta Sanctorum*, sem embargo da contradicãõ dos Sacerdotes, foy castigado, por hum Anjo, com pena de açoutes.

*Manassés*  
*XI. Pont.*  
*Onias 2.*  
*XII. Pont.*  
*Simaõ 2.*  
*XIII. Pont.*  
*tifice.*

3737.

3762.

3771.

Escandalisou a Filopator este acontecimento, que devera humilhallo: e recolhido ao Egipto, mandou que todos os Judeos viessem à sua presença para os constranger a abandonar o culto do verdadeiro Deos, ou executar hum universal martyrio; porém orando o povo com o bom velho Eleazaro, Varaõ santo, visivelmente appareceraõ muitos Anjos, que o livraraõ do ameaçado golpe, e ficou em paz com o Rey, que favoreceo muito a todos os Hebreos. Em memoria deste successo se celebrava todos os annos huma Festa, para com a presença da alegria esquecer o susto, quando lembrava a desgraça.

★ Ptolomeo Filopator succedeo Ptolomeo

An: do meo Epifanio , e no feu reinado foy Judéa  
Mund. theatro de famofos fucceffos ; e notaveis albo-  
rotos , de que hiremos fazendo recopilada me-  
moria.

Neftes tempos foy Antiocho vencido , e  
feito tributario pelo grande Scipiaõ Romano ;  
e no Pontificado de Onias Terceiro respirou If-  
rael com o novo reinado de Seleuco Filopator,  
que respeitou muito ao dito Pontifice , e deu  
grandes esmolas ao Templo ; mas advertido  
por Simaõ , hum dos Prepositos do mefmo  
Templo , que fe dava por sentido de Onias ,  
de que nelle fe guardavaõ muitos thefouros ,  
alteradas as ondas da cubiça , mandou Helio-  
doro a Jerufalem , para que os defenterraffe  
do fundo daquelle fagrado pégo.

Onias 3.  
XIV. Pon-  
tifice.

Porém ao tempo de executar Heliodoro  
as ordens , que levava , de repente vio diante  
de fi hum terrivel cavallo , que , efpumando  
colera , lhe mostrava nos olhos a morte , e ca-  
vava com as mãos a fepultura , e montado nel-  
le hum airofo cavalleiro , com dous palafrens  
da mefma jerarquia , que lhe castigaraõ a te-  
meridade do facrilegio ; e fora a pena de mor-  
te , fe as orações de Onias naõ pegassem nos  
braços dos Angelicos verdugos ; mostrando  
Deos nesta execuçaõ quanto zela a reverencia  
dos feus Templos.

3818.

Era irmaõ do finto Pontifice Onias o im-  
pio Jafon , que fe atreveo a comprar o Ponti-  
ficado a Antiocho o *Illufre* , Rey que entaõ  
era da Syria , e fucceffor de feu irmaõ Seleu-  
co , ao qual o fobredito Heliodoro matou em

Pontifices  
falfoz.



*Começaõ  
os 20 an-  
nos.*

huma batalha; de sorte, que nestes vinte annos, que começamos a seguir não se achavaõ mais que Pseudo-Pontifices, e muitas vezes esteve vago o Summo Sacerdocio; porque o impio Jafon dava cultos publicos ao simulacro de Hercules; que não duvida negar o verdadeiro Deos quem he infiel à Patria, chamando hum abyfmo grande pelo mayor dos abyfmos.

An. do  
Mundi.

*Morte de  
Onias.*

O illustre, antes infame, Antiocho dava, e tirava Pontificados, que sempre tinha vago para o que mais dava. A detestação destas simonias antigas occasionaraõ a morte ao santissimo Onias, que acabou às mãos de Andronico, Lugar-Tenente de Antiocho, se bem que este vingou depois o sacrilegio, mandando tirar a vida a Andronico no mesmo lugar, onde matara Onias; e foy acodir ao Egypto, que, com poderosa mão, lho invadiaõ os Romanos.

*Persegui-  
ção de An-  
tiocho.*

Voltou Antiocho a Judéa mais depressa do que fora; e não se atrevendo a desembainhar a espada contra as cohortes Romanas, a enfopou até às guarnições nos miseraveis moradores de Jerufalem, com huma das mais impias, e deshumanas barbaridades, que até então tinhaõ experimentado; porque passando a affronta da vida à Religiaõ, obrigavaõ os seus Capitães, com a espada na mão, aos Hebreos a adorar os idolos, e quebrar a Ley de Deos com todo o genero de peccados. Nesta perseguição morrerãõ os invictissimos Martyres Machabeos, e sua heroica mãy, exemplar sem segundo dos animos mais varonis, acompanhados do veneravel velho Eleazaro, acabando todos

An. do todos o seu tempo na injuria dos castigos, pa- *Continuaõ*  
 Mund. ra eternizarem a sua gloria na honra do Evo. *os. 20. an-*

Opprimido desta perseguiçaõ, e resolutõ  
 a naõ largar a Ley de Deos, fugio para o de-  
 sertõ o Sacerdote Mathatias com os seus filhos  
 Joaõ, Judas, Simaõ, Eleazar, e alguns des-  
 ses poucos fieis ao nome do Senhor; os quaes,  
 abrazados no zelo da Religiaõ, principiarãõ  
 a ajuntar hum corpo de Tropas para se oppo-  
 rem à furiosa crueldade de inimigos taõ bar-  
 baros.

Naõ podia Deos deixar de ajudar guerra  
 taõ santa, fim taõ justo, e intençaõ taõ recta,  
 dando aos heroicos Defensores do seu nome  
 gloriosas vitórias, que tiverãõ por consequen-  
 cia a restauraçãõ do seu culto, e a circumci-  
 saõ de muitos meninos, aos quaes o medo de  
 seus pays deixara sem esta expiaçaõ do com-  
 mum peccado. Entre os eccos de tantos ap-  
 plausõs morreo glorioso o Santo Sacerdote  
 Mathatias, animando os seus a continuarem  
 taõ santa obra, para o que lhes nomeou por  
 conselheiro, e guia a seu filho Simaõ, e a Ju-  
 das por Capitãõ General das Tropas, o qual  
 desempenhou as obrigações do cargo, que  
 sabia representar na pessoa.

Entrou o valente Judas Machabeo a mos- *Judas Ma-*  
 trar, que o bastaõ naõ era insignia de ociosa *chabeo.*  
 honra, mas pezo de continuo trabalho. Sahio  
 à campanha com rugido de medonho leaõ, e  
 entrou por todas as Cidades de Judéa, levan-  
 do, à maneira de furioso ribeiro, tudo quan-  
 to topava diante, enfopando a espada, sem  
 distin-



Continúa distinguir sexo, ou idade, e aos seus fios ac- An. do  
 os. 20. an- bou Apollonio, Capitaõ General de Antio- Mund.  
 nos. cho em Samaria.

Já os animosos espiritos de Judas se não satisfaziaõ com correrias, nem de molestar os Gentios com golpes taõ pequenos. Apresentou batalha a Seram, Principe da Syria, que tinha hum potentissimo exercito, e o deixou jarretado. Depois fez o mesmo por muitas vezes aos formidaveis campos do Rey Antiocho, arrazou por todas as Cidades os altares dos falsos idolos, entrou em Jerusaleem, onde obrou portentosos actos de Religiaõ, e alimpou o Templo, profanado com as ridiculas expiações das immundas gentes; e estendendo o braço, para o puxar melhor, levou do mesmo golpe muitas palmas; porque atacados em huma mesma marcha, sem alterar o passo, os Galileos, Galaaditas, Ammonitas, e outros Gentios, o mesmo foy acomettellos, que desbaratillos; porque já neste tempo tanto vencia Judas com a espada, como com o nome.

Seguiu-se a morte de Antiocho o *Illustre*, comido dos bichos antes de sepultado, e de morto. Succedeo-lhe seu filho Antiocho Eupator, que deixou viver os Judeos em paz, e no mesmo dia recebeu Judas Legados de Roma, que lhe offereceraõ a amizade da Republica, e a permissaõ de viverem os Hebreos na sua Ley; para que se não contasse seculo algum, em que deixasse de vencer a virtude; que às vezes a quer Deos opprimida para gloria mayor dos seus triunfos.

An. do  
Mundi.

Fechou Jano em Judéa as portas do seu Templo; e, penduradas as armas, cuidaraõ os Judeos da cultura dos campos: porém a sua abundancia não lha deixaraõ colher muitos annos em paz os Gentios visinhos; e necessitado Judas a vestir as armas, ainda pouco frias, sahio com seis mil homens a combater cento vinte e dous mil, que tinha Gorgia, e trouxe tantos para perder mais.

Continuãõ  
os 20 an-  
nos.

Tambem Antiocho Eupator não deixou descansar Judas, para que teceffe em hum coroa muitas victorias. Investiraõ-se os campos, sem mudar a fortuna de lado; mas com o desconto, de que atacando o valente Eleazar, irmão de Judas, hum soberbo elefante, em que vinha o Rey, se metesse debaixo, lhe cravasse o ventre, cahisse o bruto, e morrefsem ambos.

Vio-se Antiocho obrigado a fazer a paz para acodir a Antioquia, aonde o chamava a rebelliaõ de Philippe: porém no mesmo tempo fugio de Roma Demetrio Sotero, filho de Seleuco, e matando este Antiocho, seu primo, se fez senhor do Reino da Syria, e começou a perseguir os Judeos, para manter o Pseudo-Pontifice Alcimo; do que resultou ganhar Judas hum grande victoria sobre Nicanor, com morte deste General, correndo os triunfos apoz este famoso Heróe.

Mas concluidos os dias decretados da vida de Judas, e devendo corresponderlhe hum ma morte igualmente gloriosa, atacou este invencivel Capitaõ com pouca gente o grande exerci-

Morte de  
Judas.



exercito de Demetrio, que commandava Barchides, e já quasi vitorioso, lhe cortou a Parca em hum só fio o triumpho, que tecera o valor em todo hum dia de combate, esforçando a morte os avances para render hum homem. Assim acabou o grande Judas Machabeo; que não podia deixar de morrer glorioso com as armas na mão, quem tinha feito vida da gloria das armas.

## CAPITULO II.

*Continúa-se a mesma Epoca.*

*Jonathas  
XV. Pontifice.*

Morto Judas, sem haver concluido a aliança, que mandara propor aos Romanos, lhe succedeo no Principado seu irmão Jonathas, que tambem foy Pontifice, tendo-se até então conservado este na Tribu de Levi, e aquelle nos descendentes de David, progenitores do Redemptor. Obteve Jonathas estes cargos dezanove annos, e se oppoz a Barchides com valor intrepido para vingar a morte de seus irmãos: e como Alcimo se via tão favorecido de Demetrio, arrazou os muros do *Sancta Sanctorum*; maldade, que, com os gritos de infoffríveis dores, lhe chamou a morte, pela qual se ajustaraõ Jonathas, e Demetrio.

No Pontificado, e governo de Jonathas, se fez senhor de Ptolemaida, aonde reinou, Alexandre o *Nobre*, filho de Antiocho Eupator,

An. do  
Mund.  
3851.

tor, com o qual travou Jonathas grande amizade, e teve fortes guerras com Demetrio; que foy morto em huma batalha: porém vindo de Creta à Syria outro Demetrio, filho deste, declarou a guerra a Alexandre; e estimulado da alliança, que com elle fizera Jonathas, mandou Apollonio contra Judéa, aonde houve muitas aventuras; e acomettidos os Estados de Alexandre por seu sogro Ptolomeo Filometor, Rey do Egypto, fugio aquelle para a Arabia, onde o matou hum nacional; e Demetrio, que casara com a mulher de Alexandre, morto seu pay Ptolomeo, de quem era herdeira, lhe succedeo Demetrio nos Estados do Egypto, e honrou muito a Jonathas, confirmando-o nos seus governos, e deu liberdade a Judéa.

Pedio Demetrio a Jonathas tres mil Hebreos para guarda da sua pessoa, do que escandalizados os Vassallos, se levantaraõ na Corte cento e vinte mil contra elle; e investindo o palacio, fõra grande a desordem, a naõ se lhe opporem os Hebreos com tal valor, que mataraõ, como dizem, cem mil revoltosos, e livraraõ o Rey, que pagou taõ grande serviço com infames ingratidões: porém nestes tempos partio Tryfon, Capitaõ do defunto Alexandre, à Arabia, e trouxe Antiocho, filho que lhe ficara, ao qual fez declarar Rey; e invadindo os Estados de Demetrio, o pozeraõ em fugida, se bem que Antiocho gozou pouco tempo os frutos da vitoria; porque o mesmo Tryfon lhe tirou a vida, e o Reino; e affectando

Façanha  
dos He-  
breos.



fectando huma grande amizade com Jonathas, o levou consigo, e depois de o privar da liberdade, fez o mesmo à vida, dandolhe por companheiros na morte dous unicos filhos.

An. do  
Mund.

*Sim. XVI.  
Pontifice.*

Cativo Jonathas, e antes de morto, elegeo o povo a seu irmao Simaõ para Principe, Capitaõ, e Pontifice; e resistindo a Tryfon, que tratava de conquistar Judéa, e fazia nella continuas irrupções, o venceu, ficando os Hebreos livres do pezado jugo dos Gentios; e começaram neste Pontificado a numerar os seus annos, sendo mais celebre, e famoso, que os passados, pela grande paz, que gozaraõ os povos de Judéa, sustentados debaixo da protecção do povo Romano, que já neste tempo se estendia por quasi todo o Mundo conhecido.

3861.

No ultimo anno do Pontificado, e da vida de Simaõ, sahio este santo velho a visitar as Cidades de Judéa em companhia de seus filhos Judas, e Mathias, e chegou a Jericó ver seu genro Ptolomeo, que os recebeu com as demonstrações do mayor agrado, para fazer mais infame a aleivosia, com que a todos tirou a vida; da qual deu parte a Antiocho Sedestes, filho, e successor de Demetrio, pedindolhe ajuda para sujeitar toda Judéa ao seu Imperio.

*Hircano  
XVII. Pon  
tifice.*

Porém advertido seu filho Joaõ Hircano da vil traição de seu cunhado, resolvendo-se com heroico valor a soffrer todos os perigos pela liberdade da Patria, se fez declarar successor de todos os cargos de seu pay; animou o povo, a quem aquella injusta morte deixara

3869.

An. do Mund. o sangue frio, e perseguindo a Ptolomeo, o deitou fóra de Judéa.

Teve este Pontifice crua guerra com o Rey Antiocho, que não obstante o apertado cerco, que poz a Jerusalem, achou meyo para ajustar huma paz honrosa; e voltando as armas contra Samaria, a reduzio a cinza com o Templo Garizin, obrigando a circumcidar os Idumeos; e foy o primeiro Pontifice, que fez em Jerusalem publicas hospedarias para os pobres, até que acabou a vida com muitos annos de governo, ficando Judéa já neste tempo inficionada com os tres generos de feitas, a saber: Fariseos, Saduceos, e Essenos.

3897. Succedeo a Hircano seu filho Aristobulo, que foy o primeiro, depois do cativeiro de Babilonia, que cingio Coroa, e se fez chamar Rey; homem impio, e deshumano, que matou sua mãy de fome em hum carcere, donde tambem meteo seus irmãos, e de entre elles matou a Antigono, e elle veyo a acabar com as entranhas podres, lançando pela boca o mesmo sangue, que derramara com as mãos.

*Aristobulo  
XVIII.  
Pontifice.*

3899. Morto Aristobulo, soltou sua mulher Salomé os Principes prezos, e fez reconhecer Rey a Alexandre Janneo, irmão de seu marido, que reinou varios annos, sem mudar com o tempo a cruel condiçãõ; e tirando por complacencia muitas vidas innocentes, morreo nas alegrias de Baccho, como vistoso espectaculo dos aggravados olhos.

*Salomé  
XIX. Pon-  
tifice.*

3926. Alexandra, mulher deste Alexandre, ganhando o favor dos Fariseos, reinou pacifica

*Hircano  
XX. Pon-  
tifice.*



alguns annos, e nomeou Pontifice a Hircano, An. do seu filho primogenito: mas depois de morta Mund.  
tiveraõ grandes contendas Hircano, e seu ir-  
maõ Aristobulo sobre a successaõ; e estas diffe-  
renças facilitarã aos Romanos a conquista de  
Judéa, entrando nella Pompeo com hum gran-  
de exercito, donde confirmou Hircano no Pon-  
tificado, e deixou por Governador a Antipa-  
tro, de nação Idumeo, e pay de Herodes Af-  
calonita, levando cativos a Roma Aristobulo,  
e seus filhos.

Neste tempo foy Judéa dividida em Cu-  
rias; e vindo depois o Consul Crafo contra os  
Parthos, entrou em Jerufalem, e saqueou o  
Templo, que Pompeo deixou intacto; e Ju-  
lio Cesar, que entã se tinha acclamado Em-  
perador, manteve Hircano no governo, posse  
que lhe durou depois pouco tempo; porque  
succedendo no trono Imperial Octavio Augus-  
to, veyo Antigono, filho de Aristobulo, pedir  
o favor dos Parthos para conquistar Judéa, e  
com effeito levaraõ cativo a Hircano, haven-  
dolhe antes cortado as orelhas, inhabilitan-  
do-o para o Pontificado: e vencidas pelas in-  
dustrias de Herodes as difficuldades, que ha-  
via para ser Rey de Judéa, voltando Hircano  
do seu cativeiro, porque os Hebreos o respei-  
tavaõ muito, lhe mandou Herodes tirar a vi-  
da, estando casado com sua filha Marianne.

*Herodes.*

*Jesus, e Si-  
maõ ulti-  
mos Ponti-  
fices.*

Forã os ultimos Pontifices Jesus, filho 3971.  
de Fabés, e Simaõ, filho de Boeth, em cujo 3977.  
tempo fez Herodes reparar o Templo de Je-  
rufalem, quasi arruinado das continuas guer-  
ras,

An. do ras, e engrandeceo com magnificos edificios a  
Mund. Samaria, e fabricou o castello, que fez chamar Herodio, desfazendo ao mesmo tempo o celebre conselho dos setenta Juizes da Casa de David, chamado Zanedrim, e nomeou Pontifice a hum Babilonio por nome Analeo; porque já nesta occasião estava cumprida a profecia de Jacob, de que se havia tirar o Sceptro da Casa de David, para vir o verdadeiro Messias, e Redemptor do Mundo, promettido neste tempo, em que se enchiaõ as sempre veneraveis, e mysteriosas Hebdomas de Daniel; por quanto:

3084+ Joaquim, da Tribu de Judá, Varaõ santissimo, casou com Anna, da mesma Tribu, *Conceicão da Senhora.* descendentes do sangue, e Real Casa de David, e tiveraõ unica filha a singular entre todas as mulheres, fosforo feliz do Sol no Oriente, e predestinada desde a eternidade, primeiro que outra nenhuma creatura, para Mãe temporal de Deos Eterno, Maria Santissima sem peccado concebida.



HISTORIA  
SAGRADA,  
LIVRO V.  
CAPITULO I.  
*Do Nascimento, e Vida de Christo.*

*Encarna-  
ção do Di-  
vino Verbo.*

**N**O dia 25 de Março do anno da Creação do Mundo 4000, imperando em Roma Augusto Cesar, e reinando em Judéa Herodes Aſcalonita, foy mandado o Anjo S. Gabriel a Nazareth por Embaixador do ſupremo Rey, a propor à Senhora, já caſada com o ſantiffimo Patriarca Joſeph, as ordens de Deos; e dando a ellas o ſeu conſentimento, no meſmo ponto concebeo por obra do Eſpirito Santo, unindo ſe hypoſtaticamente a ſegunda Pelloa da Santiffima Trindade ao compoſto humano.

An. de  
Chriſt.  
I.  
Antes  
da Era  
vulgar  
4.

*Viſitação  
de S. Iſabel.*

Pejada a Senhora, partio com ſeu Eſpoſo para as Montanhas de Judéa a viſitar tua Prima Santa Iſabel, que havia concebido aquelle grande Menino, o mayor homem que nasceo de mulher; e com eſta viſita ſe lhe adiantou a graça à natureza, ſendo ſantificado no ventre o Precursor do Santiffimo. Depois deſta jornada entraraõ os ſuſtos a affligir S. Joſeph, que

An. de como amante não podia deixar de ser zeloso;  
 Christ. e serenados elles, conheceo, que a Senhora  
 1. era Mãe de Deos.

Neste tempo mandou Augusto Cesar publicar hum Edicto, ordenando, que todos os vassallos do Imperio Romano fossem alistados pelos seus nomes. Obedecerão promptamente aos decretos humanos, os que haviaõ ser superiores de Deos Homem, e partiraõ Joseph, e Maria, para a Cidade de Belem, que era da sua Tribu de Judá, e Solar dos descendentes de David, a serem matriculados, e nella completou a Senhora o tempo do seu parto.

*Editto de Augusto.*

Chegou o suspirado dia de 25 de Dezembro do anno 4000; e desconhecidos os Peregrinos dos seus parentes, e amigos, (que não agazalha a terra os que são todos do Ceo) sahiraõ fóra da Cidade a buscar, para abrigo da noite, huma rustica, e felicissima cova, prespe de brutos, e magestoso Palacio do Rey da Gloria.

*Nascimento de Christo.*

Neste escondido retiro, em que Deos se havia ver manifesto, nasceo feito Menino, disfarçado no habito da nossa natureza, o Unigenito Filho de Deos Pádre, hum com elle, e o Espirito Santo, igual nos attributos, e sem differença na Magestade, ficando Maria sempre Vigem.

Em que Palacio, envolto entre que purpuras, e reclinado em que delicias, nasce no Mundo o Senhor de tudo? No profundo silencio de huma frigidissima noite, em huma vilissima caverna, domicilio de brutos, e deitado

tado



tado no rustico leito de huma mangedoura sobre palhas; ensinando na composiçãõ deste novo apparato, em que nascia como menos que homem, o que era Deos, o pouco que valem no Ceo as fastosas pompas da vaidade da terra.

Nasceo o Filho de Deos no anno do Mundo 4000, como dissemos, seguindo a opiniaõ mais commua, depois do Diluvio 2344, do nascimento de Abrahaõ 1992, de Moyses, e sahida de Israel do Egypto 1567, da unçaõ de David 1066, na sexagesima quinta Hebdomada, segundo a profecia de Daniel, na Olimpiada 194, da Fundaçãõ de Roma 752, nos annos do Imperio de Augusto Cesar 25, na quarta idade do Mundo, e estando todo elle em paz, fechadas em Roma as portas do Templo de Jano; porque como o pacifico Salmaõ trazia a paz aos homens, quiz tambem entrar na terra em paz.

*Circumci-  
sãõ.*

Ao dia oitavo do Nascimento, e primeiro de Janeiro, se sujeitou ao remedio do peccado o impeccavel por natureza; e como hia a receber o Santissimo Nome de Jesus, quiz mostrar, que se naõ ganhava nome grande sem derramar sangue. Com este golpe se curou a cortada esperança da humana natureza, vendo com sinaes de mortal hum homem Deos, que havia, morrendo, vencerlhe na morte o mayor contrario: e porque o vio cortada a cutis verter sangue, o adorou logo por seu Rey, trajado de purpura, e cingindo a coroa.

*Reys Ma-  
gos.*

Seis dias depois de circumcidado o Menino

An. de  
Christ.  
1.  
nino Jesus, guiados de huma Estrella, chegaram a Belem tres Reys da Arabia, e o adoraram como Deos, e como Rey: como Rey enfaxado em pobreza, como Deos vestido de carne; e deixandolhe os dons, se recolheram às suas terras, sem que os divertimentos das estranhas lhes levassem as atenções; porque visto Deos, não ha mais que ver. Venturosos Reys, que por virem a Jesus, não repararam em incommodos! Mas como estes são os mais vagarosos em o buscar, parece que por isso não foram os primeiros em o possuir. Chegaram logo os Pastores; porque Deos para se communicar não escolhe os mais grandes, busca os mais bons.

Aos quarenta dias, conforme a Ley, foy a Senhora a Jerusalem apresentar o Menino no Templo; e tanto que o Sacerdote Simeão lhe poz os olhos, não houve mister Estrella para conhecer o Sol. Oh felicidade dos que trazem o sentido em Deos, que parece conhecem a Deos pelos sentidos! Hum rayo de luz poz claros a Simeão os mais escuros Mysterios; e quando as sombras da idade lhe carregavam sobre os olhos, o Velho aquilino examinou com perspicacia o Sol nos braços. Morre já felicissimo Velho, e dá em terra com a grave carga dos annos, que não he muito opprima a morte a quem tem sobre si todo o pezo da vida.

Naõ podiaõ tardar os trabalhos a quem desceo do Ceo só a buscallos; porque advertido Joseph por hum Anjo, que Herodes tra-



çava dar morte ao Menino, temendo o lançasse do Reino, se dispoz a ausentarse com elle, e deixar a Patria. Oh grande espectáculo! Quando se não tinha nos pés, foge a innocencia a passos apressados, só porque he innocencia. Terrivel condição das cousas humanas, que nem para com Deos se mudaõ! Porém perfigaõ os Herodes o adorado dos Reys, e Sacerdotes, que desterrado em Regiões estranhas, mostrará nellas quem he; e dando comfigo em terra os idolos do Egypto, gritaráõ na publicidade do estrago, que no Mundo anda Deos escondido.

An. de  
Christ.  
3.

*Morte dos  
Innocentes*

Raivoso Herodes de o enganarem os Magos, e mais derramado com a raiva do receyo, porque estava nascido o Rey dos Judeos, revestio de furia as entranha de féra. Feliz Balem, que se ha poucos dias tiveste hum Ceo para oppor ao outro Ceo, agora dás a Deos as primicias da terra! Matou o furor de Herodes todos os Innocentes, querendo a hum só tirar a vida; offerecendo por preludeo da Redempção tantas abrazadas victimas a Jesus, diminuto dizimo dos Martyres, abrindo em hum naufragio de sangue o seguro arribo do porto, e resgatando o Evo com hum leve tormento do tempo.

*Morte de  
Herodes.*

Seis annos depois morreo Herodes cruelissimamente; e se não acudio tarde o castigo aos brados da maldade, não morreo taõ cedo, que o não enterrassem vivo: porém antes de sepultado lhe fizeraõ os bichos huma horrorsissima anathomia, mostrando ao Mundo empestados

6.

An. de  
Christ. dos os bofes do que respirava veneno. Por sua morte se dividio o Reino nos seus quatro filhos, ficando Archelao com Judéa, Herodes Antipa com Galilea, Filipe com a Ituria, e Traconitide, e Lisania com Abilena, chamando-se cada hum destes Principes Tetrarcha, ou Presidente.

Avisado S. Joseph por hum Anjo da morte de Herodes, voltou do Egypto para a sua Cidade de Nazareth em Galilea; e crescia o Menino em sabedoria, e idade, resplandecendo nelle a graça de Deos, e a affabilidade para com os homens, vivendo subdito de Maria, e Joseph o Senhor da suprema liberdade.

12. De doze annos de idade subio Jesus com seus Pays ao Templo de Jerusalem; e fazendo-se delles perdido, para resplandecer como Sol entre nuvens, sem o descobrirem entre os parentes, e amigos, vieraõ achallo no Templo, executando os altissimos negocios a que o mandara o Pay Eterno; e ensinando os Doutores, perguntandolhes. Este foy o primeiro ensayo para a representaçã das futuras maravilhas, encommendando àquellas primeiras vozes o silencio dos seguintes annos, em que muda a Palavra eterna, quiz ser reputada por filha de Joseph Carpinteiro, quando era a Conceição Unigenita de Deos Padre.

Passados alguns annos, cujo computo he incerto, morreo o castissimo Joseph, Pay Putativo de Jesus, e Anjo Tutelar da pureza de Maria, sendo Esposo. Oh que morte taõ preciosa nos olhos de Deos; pois acaba Joseph a



carreira da vida nos braços de Jesus, ao lado de Maria! An. de Christ.

*Prégação do Bautif-ta.*

Imperando Tiberio Cesar deixou o deserto aquelle portentoso Anacoreta, mayor que todos os filhos de Adaõ, o grande Joaõ Bautista; e começou por todas as Regiões, que réga o Jordaõ, a prégar o Bautifmo da Penitencia, e a sua voz, ferindo as concavidades do ermo, fez estremecer o horifonte das Esféras, aparelhando de antes os caminhos do Senhor, para lhé arrancar os tropeços da Fé. 26.

*Bautifmo de Christo.*

Taõ alto gritou Joaõ, que acudio o Filho de Deos, aonde elle bautizava; e aquellas mãos, que a humildade julgou indignas de desatar as correas aos sapatos de Christo, poz elle sobre a sua cabeça, sendo bautizado por ellas. Voa heroica virtude, que como eminentissimo fosforo has de tocar o Sol no ponto vertical! 30.

*Miffaõ de Christo.*

Bautizado Christo, o levou o Espirito Santo ao deserto, aonde jejuando quarenta dias, e noites, venceo os avances da natureza, e os repelões do inferno, e fahio a derramar por toda Judéa os inesgotaveis mananciaes da sua doutrina, provada, e approvada com infinitos milagres, a que não abrio os olhos a cegueira Judaica, repudiando a luz para se abraçar com as trevas, em que a involvera a culpa; cuja obstinada condiçãõ petrifica os callos, para que os golpes dos defenganos lhes não abrandem a dureza. 31.

*Prizaõ do Bautifsta.*

Neste tempo vivia Herodes Tetrarcha de Galilea em incestuoso conforcio com Herodias, 32.

An. de  
Christ.  
31.

dias, mulher de seu irmão Philippe; e como os Principes soffrem mal, ainda aos que vem bem, que lhes fallem com liberdade; o Bautista, que era bem visto, foy metido em hum escuro carcere, sem mais culpa, que a de falar claro; como se os heroicos espiritos de Joaõ temeraõ masmorras, a que a verdade lhe abria os alçapões.

Olhado o Bautista por Herodias, como inimigo, buscou occasião para beberlhe o sangue; e vendo a Herodes em acto, que lhe não feria difficultoso derramallo, entrou com sua filha à presença de Herodes, que enamorado do airoso ar das suas ridiculas gesticulações, não duvidou tributarlhe ao amor, com a liberdade, ametade do Reino: porém como os pensamentos da filha se regulavaõ pelos dictames da mãy, elevada à Região mais alta, esforçando a vaidade, ganhou com os pés a mayor das cabeças, pedindo cortada a dô Bautista, por ser a unica cousa, que lhe fazia pezo. Assim perdeu a vida, pelos rogos de huma mulher infame, o Martyr da pudicicia, idéa dos futuros Christãos, e louvor de todos os mortaes; foyeito-tão levantado sobre a esfêra humana, que só a infinita sabedoria de Deos podia ser, como foy, seu condigno Panegyrista.

33. Ultimamente no anno 33 da Vida de Christo, do Mundo 4033, e da Era vulgar 4029, tendo o Senhor pregado, e trabalhado incessantemente na altissima obra da Redempção, a que fora mandado, (cujos successos da

Morte, e  
Passão de  
Christo.  
Vida,



Vida, Paixão, e Morte pelos dever saber todo o Catholico, não expomos com mais diffusão) vendo o Senhor, que era chegada a hora de passar do Mundo para o Pay, rompendo o amor nas mais extremas finezas, instituiu os Sacramentos, lavou os pés aos Discipulos; e sahindo a orar no monte Olivete, tendo-o Judas vendido, o foy alli entregar aos seus inimigos, que o encherão de improperios, e afrontas, até que açoutado o pregarão em huma Cruz, como malfeitor, no alto do monte Calvario, conforme a impiissima sentença de Poncio Pilatos, Governador, que então era de Judéa, no anno 19 do Imperio de Tiberio Cesar, sendo Caifás Summo Sacerdote, e Herodes Tetrarcha de Galilea.

Com morte tão infame acabou o Author da vida, reputado por malfeitor entre dous ladrões, deixando o Mundo saõ com as suas penas, applicada a Divina Justiça com esta Hostia viva immolada pelo genero humano, rasgada a escriptura de condemnação, que o primeiro Pay assinou no tronco da arvore do Paraíso, e quebrados os grilhões, que para eterno cativoiro lançara o peccado a todos os homens; ficando aberto o Ceo, vencida a morte, e menos poyoado o inferno, gritando-nos sem cessar a voz deste beneficio, para que delles nos não esqueçamos, retribuindo com o nosso amor as finezas de hum Deos, que morreo por nos amar.

## CAPITULO II.

*Da Resurreiçãõ de Christo até à vinda do Espirito Santo.*An. de  
Christ.  
33.

**M**orto o Filho de Deos sobre a Arvore da nossa vida, rasgado de assombro o véo do Templo, enlutado o Sol de sentimento, quebradas as pedras de compassivas, tremendo a terra de affustada, resuscitados muitos mortos no ultimo arranco da vida, e aclamado Divino pelos que assistiaõ a taõ grande, e estupendo espectáculo, tiraraõ o rebuço os dous escondidos Discipulos da Escola de Jesus, Joseph, e Nicodemos; e alcançada licença de Pilatos, desceraõ o Senhor da Cruz, e envolto em huma mortalha, o sepultaraõ em hum Monumento novo, assistindo a taõ piedosos actos Maria Santissima, e as devotas Mulheres, mais varonis na constancia, que os medrosos, e fugidos Apostolos, que querendo estar juntos aos Tabernaculos no Tabor, se pozeraõ longe do patibulo no Calvario.

Tres dias esteve o sacrosanto cadaver no coração da terra, como Jonas no ventre da balea, e no terceiro dia muy de manhã renasceo verdadeirissimo Fenix o Sol de justiça, rayando em todas as esféras da eternidade glorioso, impassivel, e immortal, deixando despojados os Infernos, e mortas as suas esperanças com a resurreiçãõ da dos vivos.

*Enterro de Christo.**Resurreiçãõ.*

Appa-



Appareceo o Senhor glorioso a sua Santissima Mãe, que no retiro da sua breve saudade tinha soffrido eternidades de ausencia; e depois como amante se mostrou à Magdalena, disfarçado em trajas de hortelaõ para o conhecer melhor; porque devera lembrar-se a Magdalena, que com dous registos de agua lhe regara as plantas.

Muitas vezes se manifestou Christo glorioso; porque na tarde do mesmo dia appareceo peregrino aos dous Discipulos, que hiaõ para Emaüs; (tendo-o já visto as devotas Mulheres, e S. Pedro.) e travando com elles pratica, como quem hia de caminho, lhe poz patentes na estrada as intelligencias de todas as Escrituras: e em outra occasiaõ, estando todos os Discipulos congregados no Cenaculo, e fechadas as portas, se poz o Senhor no meyo delles, dandolhes a paz, e mandando-os tocarlhe seu santissimo corpo; repetindo outras vezes estas gloriosas appareções para fortalecer a fé dos Apostolos, merecendo a incredulidade de Thomé ter maõ para o lado de Christo; até que chegou o quadregesimo dia da Resurreiçaõ, destinado desde a eternidade para se abrirem as portas do Ceo, e entrar nelle com a sua Real comitiva o Rey da Gloria.

*Ascensãõ.*

Neste dia, em que havia subir triunfante ao Ceo a natureza humana, escrava do Inferno havia mais de quarenta seculos, juntos em Jerusalem todos os Discipulos, tiveraõ a decima, e ultima appareçaõ, na qual lhes illustrou Christo os entendimentos para entenderem as

Escri

An. de  
Christ.  
33.  
Eſcrituras, ordenandolhes eſperaffem naquella Cidade o Eſpirito Santo; e mandando-os ir a Betania, lançando a todos a ſua benção, e exhortando-os a que evangelizaffem o ſeu nome pelo Mundo todo, levantadas as mãos, e elevado da ſua Divina virtude, ſubiõ ao Ceo, aonde eſtá ſentado à mão direita de Deos Pádre.

Por eſtes dias, antes da vinda do Eſpirito Santo, exhortou o ſupremo Vigario Pedro aos Diſcípulos, para elegerem hum, que occupaffe o lugar do traidor Judas; e orando tódos a Deos, cahio ſobre Mathias taõ boa forte, ficando preterido Joſeph, que o Mundo chamava, e na realidade era juſto; porque Mathias nos olhos de Deos foy o mais digno.

*Eleição de Mathias.*

Dez dias depois da Aſcenſão do Senhor, orando os Diſcípulos no Cenaculo, de repente foy o Ceo com hum grande eſtrondo, e deſceõ o Eſpirito Santo na fórma de linguas de fogo ſobre cada hum delles, mudando-os repentinamente em huma divina fornalha, que reſpirava luzes de ſabedoria, e chammãs de zelo; taõ valentes com a fortaleza do Ceo, que entraraõ a prégar por Deos a Chriſto, pouco antes na Cruz, apenas conhecido por homem.

*Vinda do Eſpirito Santo.*

Reſplandecia nas trevas do Mundo a luz dos Apoſtolos, e Diſcípulos de Chriſto, confundindo aos Judeos os rayos de doutrina, que piedoſamente fulminava a boca de Eſtevaõ, primeiro, e fortiffimo Athleta da nova Religião, que na carreira dos tormentos levantou

*Morte do Protomartyr Eſtevaõ*



debaixo das pedras o troféo do Martyrio , An. de  
Christi  
33.  
quebrandolhe os Judeos com feixos a fuave  
efficacia de tanta eloquencia ; porque naõ suc-  
cedeffe abrandarlhes a dureza aos corações de  
pedra.

Abrio-se o Ceo para ver este novo espe-  
taculo , admirando já taõ forte a humana na-  
tureza , pois principiava a ter homens , que  
morriaõ por Christo. Assistio este supremo  
Rey em pessoa , como generoso Agonotheta ,  
a taõ vistosa contenda , tecendo na coroa do  
triunfo o eterno premio do seu Soldado , que  
levantando a voz, deu o primeiro pregaõ do seu  
applauso , pedindo a Deos , que naõ perezesse  
sem aquelles , às mãos dos quaes elle acabava.

Reparada com a morte do Redemptor a  
felicidade do Mundo , começou , com a préga-  
ção dos Discipulos , a propagar nelle a Ley da  
Graça , e Religiaõ Christã , de que as outras  
foraõ figuras , e proemios ; a qual deve ser a  
mayor applicação de todo o homem ; porque  
hella se encerraõ as eternas felicidades , para  
que fomos creados.

# HISTORIA

DA

# RELIGIAO

EM GERAL, E PARTICULAR.

## TRATADO I.

### *Da Religiao em geral.*

**H**E a Religiao o riquissimo ornato da Nobreza, gala magnifica da Politica; que entao sera completa, quando nos Nobres for perfeito o seu conhecimento, e o exercicio dos seus actos, revestidos de fervoroso zelo, revente culto, e exemplar piedade para gloria de Deos, e edificacao dos inferiores, aos quaes movem mais os exemplos, que obrigaõ as Leys.

Naõ póde haver permanencia nos Estados, faltando pureza na Religiao; porque ella foy em todos os tempos a columna das Monarquias.

Sem Religiao naõ ha justica nos Principes, *Necessidade de d. Religiao.* lealdade nos Vassallos, inteireza nos Tribunaes, palavra nos contratos, e uniao nos Matrimonios.

Esta he a razao, que obrigou a Numa Pompilio a affectarse Religioso; porque conheceo a necessidade da Religiao para o augmento do Imperio, quando dizem muitos, que elle era Ateista.

He a Religiao hum culto, que se dá ao verdadeiro *Definição.*



dadeiro Deos, e não o que os Gentios tributaõ aos idolos, que he superstição. Porém debaixo deste nome Religiaõ, geralmente se encerraõ os cultos, com que os homens, ainda que diferentes na doutrina, e costumes, adoraõ a Deos.

Querem muitos, que a Religiaõ valha o mesmo, que reeleição de Deos; porque com ella, o homem que havia deixado a Deos, o tornou a buscar.

*Idolatria.*

Depois do Diluvio se apartaraõ os homens de Deos de sorte, que em todas as Nações degenerou o culto Divino em abominavel idolatria; e depois que a superstição levantou altares às divindades mais nefandas, adorando os animaes, e bichos da terra, desceo aos Infernos a offerecer sacrificios a Plutaõ.

Varios nomes se daõ à Religiaõ, ou culto de Deos. Os Gregos lhe chamaõ Latria, e Theosebia; e val o mesmo, que culto Divino, ou bom: porém differem; porque Theosebia olha ao culto interior, que damos a Deos, o qual propriamente pertence às virtudes Theologicas; e a Latria attende à veneração exterior, que diz respeito à justiça.

Os Latinos lhe daõ muitos, e varios significados; porque lhe chamaõ Fé, Temor, Veneração, Culto, Caminho, Razaõ da vida, Reverencia, Piedade com Deos, Intimo Affecto, e Caridade.

Na Religiaõ ha varios actos, huns internos, e outros externos. Os internos são dous, a saber: Devoção, e Oração.

Os actos externos são muitos, Adoração, Sacrificio,

crifício, Oblação das Primicias, e Dons, Decimas, Voto, Juramento, Louvor, e Acção de graças, Adjuração, e Oração, que se divide em Mental, e Vocal.

Todos estes actos se encaminhaõ ao culto de huma suprema Divindade, authora de toda a fabrica visivel, e qualquer homem com razaõ natural pôde conhecer, e conhece, que ha Deos hum; pelo que difficulosamente haverá Ateistas do entendimento, ainda que haja muitos do coração, e da vontade.

He Deos improporcionadissimo objecto para os olhos humanos: porém aos entendimentos se tem dado a conhecer com tantos sinaes, e effeitos manifestos da sua omnipotencia, que fica innegavel a real existencia de hum ser infinito, primeiro mo-  
*Existencia de Deos.*

vel de todo o creado, Ente supremo, Ente por essencia, Ente, cuja essencia he ser, Ente independente, do qual todos os entes dependem, Ente, que he a fonte de todos os entes, e Ente, que he o principio, e fim de tudo.

Conhece-se o ser de Deos hum na especie humana, que contada de filhos a pays, e de pays a avós, ou ha de ir dar em hum principio sem principio, ou admittir hum processo infinito na mesma especie.

A luz da razaõ em nós mesmos nos está mostrando aos olhos do entendimento, que ha huma primeira causa de que dependemos, testemunhando esta fé os continuos sentimentos da consciencia.

Os Judeos, e Christãos tem a sagrada Escri-  
 tura, que lhes propoem hum Deos na Essencia, e Trino nas Pessoas: a estes em expressões manifes-

tas,



tas, àquelles em figuras metáforicas; porque como os seus entendimentos são tão propensos para o mal, não succedesse adorarem tres Deoses.

Neste sagrado livro tirou Deos a mascara, para conhecermos quem nos fallava; porque unio nelle de tal sorte a pureza das verdades com a elevação, e efficacia do estylo, que claramente estamos vendo a impossibilidade de ser humano o seu Author.

A fabrica do Mundo, e vulgar tradição dos homens, que desde o seu principio compoem com ella hum livro successivo de pays a filhos, são evidentes provas da Divina Effencia.

Depois de creado o Mundo até ao presente, tem sido geral a crença de Deos em todos os homens, sem que a malicia, e ignorancia do peccado podesse arrancar-lhes do entendimento a radica da força desta verdadeirissima tradição.

A composição do Mundo, ou elle a fez, ou lha fizerao. Formarse o Mundo he impossivel; porque nenhum colosso se levantou por si mesmo: fabricarem-no os homens, he outro impossivel; porque não tem as suas mãos tanto poder: logo ha huma primeira causa omnipotente, e hum supremo Artifice da maquina visivel.

O mesmo Mundo nos ensina a existencia de Deos. O Mundo Agente, que he toda a Região Celeste, e Etherea, desde o Firmamento até ao globo da Lua inclusivamente, com os seus movimentos, luzes, influencias, e poderosas impressões, que poem na outra parte inferior necessidade de variação, e mudança com alterações, e produções, com corrupções, e gerações continuas: outro sim,

O Mundo Paciente, que he tudo o que ha desde o centro da terra até ao globo da Lua, cuja parte sublunar recebe as impressões dos Orbes superiores, e conforme a efficacia, e variedade dellas, produz em si os effeitos; está tudo disposto com ordem tão admiravel, que se não pôde deixar de confessar ser obra de hum poder infinito, que com igual sabedoria tudo governa.

Confirma-se com a existencia do Mundo, que não tem ser desde a eternidade, nem ha de ser eterno: e sendo forçoso crermos, que foy creado por alguém; quem havia ser o seu Author, senão Deos?

Não he o Mundo existente desde a eternidade; porque ainda hoje nos mostra muitos caracteres da sua novidade. Que quer dizer aquella grande imperfeição com que vemos vir as artes dos paizes, em que tiverão origem, além de outras, que quasi tiverão principio nos nossos tempos? Ellas nos mostraõ, que o Mundo não sómente não he eterno, mas nem ainda muito antigo; porque não podiaõ os homens, sempre sollicitos para o seu bem, estar soporados por huma eternidade, sem reduzirem à perfeição os meyos necessarios para a sua commodidade.

Para mostrar, que o Mundo não ha de ser eterno, tem trabalhado muitos engenhos; e outros, fastosamente vaidosos, se esmeraraõ em lhe calcular a duração, averiguando as causas naturaes.

Entenderão muitos Filozofos, que acabando os Ceos, e os Astros o seu curso, acabaria tambem o Mundo, restituindo-se estes corpos Celestes



tes ao ponto do Ceo, em que os pozera Deos, quando os creou. Esta revolução, diziaõ se havia fazer em 7777 annos solares; outros, que em 9977; huns, que em 1500; e alguns, que em muito mayor numero: porém seja o que for, (averiguação cançada, e inutil; porque a duração do tempo he segredo tal, que nem aos Anjos o revelou Deos) sempre em fim ha de acabar; porque só Deos enche a eternidade, e o Mundo não entra no Evo.

*Culto de Deos.*

A este supremo Author de tudo, e Creator do homem, deve este, como dissemos, reverente culto, e veneração interior, e exterior.

*Interior.*

Com o culto interior devemos honrar a Deos em si mesmo, formando huma altissima idéa do seu poder, e bondade infinita, esforçando os sentimentos de respeito com fervorosos actos de Fé, esperando nelle como ultimo fim, e primeiro principio das nossas verdadeiras felicidades; e ultimamente amalloy mais que a nós mesmos, com todo o coração, com toda a alma, e com todo o entendimento, e forças, mais do que somos capazes, ajudados da indefectivel assistencia dos auxilios da graça Divina, e sobrenatural.

*Exterior.*

Ao culto exterior pertencem os exercicios da piedade, que consistem na oração, confissão dos peccados, acção de graças, e louvores de Deos.

*Oração.*

Tres modos ha de orar a Deos. Ha Oração puramente Mental, sem articulação de palavras, que se define por Elevação do entendimento a Deos, para o tratar familiar, e amigavelmente.

*Mental.*

Compoem-se a Oração Mental, e se reduz a tres partes, que são: Preparação, Meditação, e Conclusão,

clusão, ou actos de Acção de graças, &c. ; exercicio fantissimo, e sem o qual he muito difficuloso conservar, por tempo dilatado, a alma em graça de Deos.

Oração Vocal, e louvor de Deos, he aquel- *Vocal.*  
le culto, que lhe damos com as palavras, celebrando as suas infinitas perfeições, em si, e por meyo das creaturas; e devem ser estas vozes sahidas dos affectos do coração, e filhas legitimas de huma vida christã, e ajustada.

A Jaculatoria, ou oração transeunte, são *Jaculatoria.*  
huns actos de amor, reverencia, &c., que a alma, lembrando-se de Deos, lhe arremessa do intimo do coração, ou com a prolação da voz.

Deve ter a Oração varias condições para ser *Condições da Oração.*  
pura, e agradavel a Deos. Primeiramente ha de ser com intenção rectissima, com attenção devota, com reconhecimento humilde da nossa miseria, confiança certa na piedade de Deos, e fiel perseverança da nossa parte.

A Confissão dos peccados, he hum humilde, *Confissão.*  
e verdadeiro reconhecimento, com que diante de Deos, e do seu Ministro, que o representa, nos confessamos por miseraveis peccadores, junto com verdadeira dor das culpas comettidas, e proposito firme de reformar os costumes, e emendar a vida.

Com a Acção de graças nos mostramos obri- *Acção de graças.*  
gados a Deos, agradecendo-lhe o beneficio da criação, conservação, redempção, e os mais que devemos a Deos, assim espirituaes, como temporaes.

Este conhecimento, pois, de hum Deos, prin-



*Como serve a Religião para o trato civil.* principio, e fim de tudo, he absolutamente necessario para o commercio racional, e o seu mais firme fundamento, ou se considere independente do estado da natureza, ou já pela relação ao civil.

Sem o temor de Deos, se confundiria o Mundo, acossando-se os homens huns a outros, sem attenção à especie; porque não olharia a malicia a outra cou'a mais, que à superioridade das forças para acometter todos os insultos, que lhe propozesse a ambição; sem que a honestidade, pejo, e integridade natural a refreasse; reputando por sonhadas quiméras invisiveis caracteres, que a luz da razão imprimio no interior do homem.

No trato civil não podem florecer as Leys, sem que tenhaõ a Religião por Epiqueia; e todos os esforços seriaõ inefficazes para conter os subditos no seu inteiro dever. Faltaria o medo aos castigos, quebrar-se-hia a solemidade das promessas, desfobrigando-se da lealdade, e não teria a honra aquella força de obrigar, com que o homem por ella faz os mais arriscados empenhos.

As duas redeas, com que a razão governa os brutos appetites da humanidade, que saõ o estimulo da consciencia, e o temor da morte temporal, se alargariaõ de forte, se lhe faltassem os tres dedos da Religião, que desbocada a malicia, se precipitaria à redea solta nos mais lastimosos abyssos; por quanto a morte só mete medo aos que temem a Deos, e faltando o temor de Deos, tambem o não ha da morte, ficando os homens deste modo habilitados para se atreverem aos seus mefimos Soberanos.

Os remorfos da consciencia só prendem as liberdades

berdades licenciosas aos que são homens de Religião ; porque sem Religião não ha consciencia : e não havendo mais ley , que a do proprio interesse , elle seria o arbitro de todas as acções , pintando os absurdos , sem se retratarem , com as finas cores da prudencia ; enterrando no Mundo a caridade , para que nelle se não ouvisse mais o nome da commiseração.

## TRATADO II.

### Das diferentes Religiões do Mundo.

**A** Primeira Religião do Mundo foy a Natural, *Natural.* a qual imprimio Deos nos corações dos homens com invisiveis caracteres , e todos com a luz natural a conhecemos ; porque respeitamos huma primeira causa , que he o Creador , e Conservador de todas as cousas , e advertimos não ser justo obrar contra o proximo , aquillo que não quizeramos nos fizelles a nós.

O culto , que com esta Religião davaõ os homens a Deos , era interior , reconhecendo a immediata dependencia , que delle tinhaõ , e louvando-o com os affectos da alma ; porque , segundo o que acabamos de escrever na primeira Epoca da Historia Sagrada , principiou Deos a ter culto exterior entre os homens , quando Enós começou a invocar o seu nome , offerecendolhe sacrificios , como já tinhaõ feito Abel , e Caim.

Depois entrou no Mundo o abominavel peccado



cado da idolatria, e derão os homens cultos aos Astros, e aos seus Principes, a quem levantavaõ simulacrõs, e os adoravaõ como Deoses. Foraõ os Allyrios os primeiros idolatras, como deixamos dito na Historia Sagrada: porẽm encarnando o Verbo Divino, reconquistou os seus Estados, e lançou delles o intruso Principe das trevas; e deixando os Oraculos em eterno silencio, fundou huma Religiaõ, que permite seja perseguida, para a mostrar mais gloriosa, incontrastavel, e verdadeira.

Todas as Religiões se reduzem a quatro, que sãõ as mais principaes, a saber: a Religiaõ Catholica, Judaica, ou Mofayca, Mahometana, e Gentilica.

*Catholica.*

A Religiaõ Catholica, de que logo trataremos, he uniforme nos dogmas da Fé, e naõ admitte divisaõ de seitas. Chamava-se Romana, só para se differençar da Igreja Grega; e desde o tempo em que só a Igreja Romana ficou Catholica, conservou sempre este nome, com o qual se distingue de todas as seitas scismaticas, e protestantes.

*Seitas  
Scismaticas.*

Contaõ-se dez seitas scismaticas, que sãõ: a dos Gregos, dos Russos, dos Georgianos, dos Syrios, dos Jacobitas, dos Armenios, dos Nestorianos, dos Coptitas, ou Egepcios, dos Abexins, e dos Maronitas.

*Protestantes.*

As seitas protestantes, ou hereticas, sãõ muitas; porẽm cinco as mais principaes: a saber a dos Lutheranos, a dos Calvinistas, a dos Anabatistas, a dos Soncinianos, e a dos Trementes, ou Quakers.

A Ley, e Religião Judaica, ou de Moysés, *Mosayca.*  
 fe divide em duas, a saber: Judaica, e Samaritana, assim chamada por começar na terra de Samaria, aonde ainda existe.

O homem, que depois de Noé teve mais conhecimento da Essencia Divina, foy o Patriarca Abrahaõ, e na sua descendencia se poz o final do pacto, que elle fizera com Deos, que era a circumcisaõ; até que sabindo o povo do cativeiro do Egypto, capitaneado por Moysés, lhe foy dada a Ley Escrita, assim chamada, porque Deos a escreveo em huma pedra, e continha tres partes, que eraõ a Moral, Politica, e Ceremonial.

A Moral fazia relaçaõ aos costumes, que se continhaõ nos dez preceitos do Decalogo: a Politica tinha por objecto o governo civil do povo Hebreo, que Deos elegia por especialmente seu: e a Ceremonial regulava as ceremonias do Templo, e o Tabernaculo, e o modo de offerecer os sacrificios.

Estas duas Leys, Politica, e Ceremonial, espiraraõ com o nascimento da Ley da Graça, ficando viva a Moral, que nos obriga com a mesma, e mais força; porque os Christãos somos obrigados a viver com mais perfeiçaõ, que os Judeos; sendo porém esta mayor obrigaçaõ jugo suavissimo, que nos Hebreos foy pezado; porque toda a virtude da sua Ley era relativa a Christo, que havia de vir, e nós temos a graça de Christo, que já veyo, sem que nos sujeitasse ao rigor das suas ceremonias.

Os sacrificios da Ley Escrita eraõ de tres generos: o Holocausto, que se queimava todo em honra *Sacrificios da Ley Mosayca.*



honra de Deos; a Hostia pacifica, que se repartia entre o sacrificador, e os sacrificantes; e a victima do peccado, como contagiosa, por naõ inficionar o povo, a comiaõ, e consumiaõ os Sacerdotes.

Tinha mais o sacrificio Imperatorio, com o qual pediaõ os homens graças, e favores a Deos: O Eucharistico, para as acções de graças; e parece, que havia outro antes da Circumcisaõ, como sentem alguns Santos Padres, para a expiação do peccado original.

Tambem tinhaõ os Hebreos hum sacrificio perpetuo, em que todos os dias offerenciaõ a Deos quatro cordeiros, dous pela manhã, e outros dous pela tarde. Os sacrificios desta Religiaõ eraõ cruentos; e em todas as Hostias havia effusaõ de sangue.

Porém o veneravel, e tremendo sacrificio da Ley da Graça, Hostia mundissima, que em todos os lugares da terra se offerrece a Deos, he incruento, ainda que nelle está o sangue, e corpo de Christo representando o infinito amor, com que o derramou por nosso remedio.

*Seitas Hebreas.*

Houve tres seitas entre os Hebreos, que eraõ: Fariseos, Saduceos, e Essenos.

*Fariseos.*

Os Fariseos, que excediaõ aos mais em pureza de Fé, em erudição, e authoridade, guardavaõ, além dos livros da Ley Mosayca, e Profetas, muitas tradições, e ceremonias, com que, e com se vestirem differentes dos mais, se reputavaõ por melhores que todos; fazendo em publico muitos jejuns, orações, e esmolos, para os terem por santos, sendo lobos carniceiros. Estes seguiaõ a transmigração Pithagorica só para os homens distinctos,



tinctos, e negavaõ a Providencia, reputando todos os acontecimentos por casualidades do fado.

Os Saducees admittiaõ sómente os cinco livros de Moysés, negavaõ a existencia dos Anjos, e Espiritos, e a immortalidade da alma, que diziaõ acabava com os corpos, que nunca haviaõ refulscitar; porque na Justiça Divina não se guardavaõ premios, e castigos. *Saduceos.*

Os Essenos confessavaõ a immortalidade da alma, e contemplavaõ a morte como seu resgate; eraõ tenacissimos no culto de Deos, Religião, e Justiça: viviaõ em communidade, e abominavaõ o trato com o outro sexo, beber vinho, e comer carne: eraõ muy aceados no vestir, oravaõ antes de fahir o Sol, trabalhavaõ de dia, comiaõ de tarde com muita sobriedade, e silencio, e viviaõ muito; porque eraõ muy abstinentes. *Essenos.*

A Religião Mahometana, que tomou o nome do seu Legislador Mafoma, tem setenta e duas feitas, que se reduzem a duas principaes, que saõ: a feita dos Sunis, tambem chamada de Omar, a qual seguem os Turcos; e a dos Kyahis, tambem chamada de Aly, que seguem os Persas. *Mahometana.*

Religião Gentilica, he tudo o que não he Christandade, Judaismo, ou Mahometismo; e mais barbara de todas, a de varias gentes da Africa, e da America, onde vivem monstros abominaveis com figura de homens. *Gentilica.*

A Gentilidade da Asia tem seis Religiões, a saber: a dos Bramanes, a de Lausa, ou Tausu, e a de Xaca, que tomaraõ os nomes dos seus Legisladores Brachma, Lauzu, ou Tauxu, e Xaca. As outras tres Religiões saõ a dos Parsis, assim chamada,



mada, porque foy a Religiaõ dos antigos Perfes, fundada por Zertouft; a dos Jukiaos, ou Letrados da China, de que foy Legislador Confusio; e a ultima a dos Lamas, ainda naõ bem conhecida, que dizem alguns he huma corrupçaõ do Nestorianismo.

Todas as mais Religiões Gentilicas, que adoraõ os astros, ou outras creaturas, e algumas o diabo, se podem reduzir a estas, e dividir a Religiaõ em tres. A primeira toda pura, santa, e verdadeira, que he a Catholica, Apostolica, Romana, e Christã: a segunda toda falsa, a saber: a Gentilica, e Idolatra: e a terceira, parte verdadeira, e parte falsa, que he a Hebraica, a Mahometana, a Heretica, e Scismatica.

### T R A T A D O III.

#### *Da Religiaõ Christã.*

**P** Revio Deos desde a sua eternidade o peccado dos homens; e compadecido da sua miseria, resolveo, que encarnasse a segunda das Divinas Pelloas, para os remir, e lhes instituir huma Religiaõ purissima, santissima, e suavissima, que por meyo da sua Fé, e Sacramentos lhes facilitasse o gozo das eternas felicidades.

*Em que  
consiste.*

Consiste a Religiaõ Christã em conhecermos a Deos Trino nas Pelloas, e hum na Essencia, e a Jesu Christo seu Unigenito Filho por verdadeiro Deos, e Homem, com os mais Artigos da nossa Santa Fé.

*Sua verdade.*

Mostra-se a verdade desta Religiaõ; porque foy

foy instituida por hum homem juntamente Deos ; e que Jesus fosse Deos , e Homem , se prova pelas Profecias , vendo-se nellas todos aquelles sinaes vaticinados , inteiramente cumpridos na sua Pessoa ; na qual , e em toda sua Vida , e Morte , pureza de doutrina , e portentosos milagres , está resplandecendo huma tal serie de affombros , que transcendem a esfêra da capacidade humana , e mostraõ serem movidos por huma fantidade infinita.

Corroborar-se a Divindade no composto humano de Christo pela sua gloriosa Resurreiçaõ , em que se cumprio a Profecia de David , de que Deos não havia deixar corromper na terra o seu Santo ; e a ser este Senhor hum Pseudo-Profeta , como diziaõ los Judeos , he certo , que a Omnipotencia Divina não empenharia o seu esforço naquella Resurreiçaõ ; porque sendo a summa verdade , não podia amar o fingimento , e mentira.

A Resurreiçaõ de Christo se prova pelo testemunho ocular dos Apostolos , Discipulos , e outras muitas pessoas a quem se mostrou glorioso ; em vida das quaes se prégou em Jerusalem este Mysterio , o que não fariaõ os Apostolos , a não ser verdadeira , em huma Cidade , aonde quarenta dias antes fora Christo crucificado por malfeytor.

Taõ forte era a verdade das doutrinas , que intimavaõ os Apostolos , e Christo deixou no Mundo , que expondo-se os Christãos primitivos a cruellissimas perseguições , antes quizeraõ com heroica constancia sujeitar-se a ellas , que resistirem à evidencia da verdade , que lhes propunhaõ os successos , apoyados com os interiores effeitos da Divina



graça, sendo tão efficazes as prêgações dos Apóstolos, que ouvidas por milhares de pessoas, muitas barbaras, e incultas, no mesmo instante lhes abraçavaõ as doutrinas.

Bem sabemos, que não he impossivel fundar no Mundo huma Religião falsa, quando estamos vendo tantas: porém qual dellas se estabeleceo, senão sobre os fundamentos da violencia, da força, e da authoridade, que a obrigava a aceitar, e manter? Qual a que não fosse buscar algumas commodidades da vida temporal, a liberdade da consciencia, a satisfação das inclinações, ou os interesses, que enganadamente promete o Mundo?

Com meyos totalmente contrarios, circumstancias, e fins totalmente distinctos, plantou Christo na terra a fecundissima arvore da Religião Catholica; porque a prégaraõ doze homens rusticos na vida, e na sciencia, sem constrangerem ninguém a abraçalla, valendo-se unicamente da força da Divina Palavra, da efficacia dos milagres, e da santidade dos exemplos; resistindo estes invenciveis Pentathlas, na carreira da sua Missão, à barbara opposição de tantos Tyrannos, que esforçavaõ a crueldade para lhes darem mayores premios à constancia.

Naõ levava consigo recommendações a nossa Ley, para que a cressem os povos barbaros pela suavidade; porque abomina os divertimentos illicitos, e manda coarctar os licitos; declara huma viva guerra a todas as paixões humanas, ama a pobreza, a castidade, o jejum, a mortificação, e quer que os homens se renunciem a si mesmos.

A occasião em que foy declamada, fim podia

facilitarlhe os progressos; porque era a tempo de se averiguar a verdade: porém o lugar, e as nações a quem se intimava, lhos podia diminuir, se não fosse omnipotente o braço, que a propugnava.

O lugar foy Jerusaleem, aonde Christo morreu por embusteiro, e author de patranhas; e eraõ alli conhecidos os Apostolos por huns pobres homens de ganhar, com a cabeça taõ enlodada na ignorancia, como os pés no seu exercicio.

As nações eraõ as mais cultas, e politicas, que entaõ havia no Mundo, e não faceis de admitir enganos, as quaes eraõ a Judaica, a Grega, e a Romana, e depois às de todo o Universo, que em todo elle foy a voz destas animadas Trombetas da eterna verdade, conforme a profecia de David.

Huma das infalliveis provas da verdade Catholica he a perfeita conformidade, que tem com a recta razão, e justiça. Qual he no Mundo a Religião, que não esteja cheya de ridiculos absurdos, falsissimas crenças, e embustes dignos de mofa, e irrisão?

Pelo contrario a Religião Christã não encerra nos seus preceitos, e conselhos cousa alguma, que seja levemente opposta aos dictames da razão, como mostraõ os seus effeitos; porque apenas entrou no Mundo, cortou a lingua ao diabo, que falava nos Oraculos, arrazou os altares da idolatria, em que os homens adoravaõ por Deoses os mais nojentos sevandijas, e desterrou aquelles torpissimos, e nefandos peccados, que a cada passo serviaõ de lastimoso tropeço à cegueira do Gentilismo.



Todo o fim da Religião Christã he a fidelissima observancia da justiça; a estreita paz, e uniaõ entre os seus filhos, que depois haõ de gozar sem sobressaltos em outra melhor vida; sem que lhe eclipse os resplandores a impiedade de muitos homens, totalmente esquecidos das suas obrigações; por falta de conhecimento, por sobra de malicia, ou por affectada ignorancia, com que a prolapsidaõ da natureza, e força das paixões, arrasta os corações humanos pelos caminhos da maldade.

A vista do que, se o Mundo não estivera cego, devera confessar toda a pureza, santidade, formosura, e amavel necessidade da Religião Catholica Romana, sem discrepar hum ponto da fiel observancia dos seus Dogmas.

### *Mysterios, e Sacramentos da Religião Christã.*

**G**randissimos, e transcendentos a toda a humana capacidade saõ os Mysterios, que a Fé nos ensina.

*Mysterios.*

Creemos, primeiramente, na Santissima Trindade, que consiste na unidade das tres Pessoas Divinas, realmente distinctas, na identidade da individua Natureza Divina, identificada com triplicada subsistencia, sem detrimento da unidade.

Adoramos o mesmo Deos encarnado, morto, resuscitado, e sacramentado debaixo das especies de pão, por força de cinco palavras.

Respeitamos a santidade dos Sacramentos em reverencia do seu Author; os quaes, menos a Penitencia,

nitencia, e Bautifmo; cauzaõ a segunda graça aos que dignamente os recebem.

Necessitamos de dous Sacramentos, com necessidade de meyo, para nos salvarmos, a saber: o Bautifmo, e Penitencia, que cauzaõ a primeira graça depois da culpa, sem a qual não ha salvação.

Todos os outros Sacramentos, pelo serem de vivos, cauzaõ a segunda graça; e menos o Bautifmo, Confirmação, e Ordem, se podem reiterar todos os outros; especialmente a Penitencia, e Eucharistia, necessarios para a salvação, este por preceito, e aquelle como meyo, e segunda taboa depois do naufragio da culpa.

Os Artigos da Religião se contém na sagrada Biblia, Palavra de Deos infallivel, no Testamento Velho debaixo de figuras, e doutrinas enigmaticas, e no Testamento Novo, ou Vida de Christo, claramente manifestos, como se vê nos quatro Evangelhos, e Epistolas dos sagrados Apostolos.

A Divina verdade da Escritura se prova pela veneravel authoridade dos santissimos homens, que como amanuenses de Deos, escreveraõ o que o Espirito Santo lhes dictava, os quaes foraõ Moyses, os Profetas, Apostolos, e Discipulos de Christo, reconhecidos sempre de todas as nações por Authores dos sagrados livros, em que referem com inteira verdade os successos do seu tempo.

Vemos neste sagrado Volume, em quanto Historico, a pura narração dos acontecimentos, com identica connexão a respeito da Historia Profana; venerada por mais digna de fé, tanto na chronologia dos tempos, identidade das pessoas, como uniformidade de circumstancias.



*Suas doutrinas.* As suas doutrinas são tão conformes à recta razão, que não deixam duvida no sentimento natural, a que fazem huma imperturbavel harmonia.

*Seus preceitos.* Os preceitos são tão razoaveis, como as doutrinas; porque não pôde haver homem, a quem não pareça justissimo reverenciar huma infinita Divindade, observar as regras da justiça, e mais virtudes, sobre as quaes refulgem os reflexos da caridade.

*Sua efficacia.* Nas mesmas doutrinas, e preceitos, se admira huma efficacia tão poderosa, com estylo Divino tão suave à alma, acompanhado de infinitos milagres de tantos Varões santos, e do cumprimento das Profecias, que não podendo çaber na esfera dos homens vaticinar futuro; evidentemente nos mostraõ, que esta sagrada copia he emanada do original da eterna, e Divina Verdade.

### *Da Fé em Jesu Christo.*

*Fé em Christo.*

**O** Briga-nos a Fé a crer em Jesu Christo, Filho natural de Deos Padre em quanto Deos, e de Maria Santissima em quanto Homem, Redemptor do Mundo, e unico caminho da verdade, e da vida.

Devemos adorar profundamente o seu santissimo Nome, que tomou para nos salvar, sendo unguido por Deos para empregar os varios exercicios, e officios, que havia ter na terra, em nos alcançar aquelle fim; porque em reverencia do Nome de Jesus, Salvador, lhe dobra o joelho com reverencial acatamento o Ceo, a Terra, e o Inferno.

Foy Jesu Christo na terra Rey, Sacerdote, e Profeta. Como Rey imperou, e impéra sobre todas as cousas, e especialmente sobre a Igreja Catholica, fundando o seu Reino espirital, e eterno dentro dos corações humanos, que governa com a sua palavra, e guerrêa contra os tres fortes inimigos do nosso bem, sem nos impor mais tributos, que o amor, que nos pede.

Como Sacerdote se offereceó a si mesmo no Altar da Cruz, em sacrificio cruento, pela expiação dos nossos peccados, lavando com o seu sangue as contaminadas manchas, que estes deixaraó pegadas em todas as gerações; e entrou no *Sancta Sanctorum* da Gloria, levando consigo as primicias da Redempção, que até entãõ não eraó alli admittidas.

Em quanto Profeta revelou aos homens os altísimos segredos da Divindade, fazendo publica no Mundo a vontade de Deos, que nelle executou sempre, e ainda está executando do Ceo pelo ministerio dos Varões Apostolicos.

Somos obrigados todos os Christãos, que conhecemos a Christo por verdadeiro Deos, e Redemptor nosso, a obedecer à sua vontade, amallo, e servillo, e esperar, por meyo dos seus merecimentos, a salvação eterna, crendo, e praticando as doutrinas, que nos ensinou.

Devemos crer, e lembrarnos, que nasceo verdadeiro Homem, concebido por obra do Espirito Santo, ficando a Senhora sempre Virgem; que a sua Vida foy santissima, os seus milagres estupendos; que prégou, e trabalhou para salvar o Mundo; que o resgatou sujeitando-se innocente, e por-



e porque quiz , a infinitos tormentos , injurias ; desprezos , e affrontosa morte ; e que padecêo realmente , como verdadeiro Homem , todas as penas da sua Paixaõ , e resuscitou glorioso , para nos segurar a esperança da nossa resurreiçaõ.

### Obrigações da Religião Christã.

Obriga-  
ções.

**A**S obrigações da Religião dizem respeito a Deos , a nós mesmos , e aos proximos. As que pertencem a Deos , são os actos de amor , reverencia , &c. , como temos dito.

Cuidado da  
alma.

Pelo que toca a nós mesmos devemos reduzi-las ao cuidado da alma , e corpo , e vem a ser obrar sempre com recta razão , sem nos desviarmos dos sentimentos da consciencia , obrigando a vontade , para que se sujeite às leys do entendimento ; porque não faltemos , levados dos affectos , e paixões ; ao cumprimento das nossas obrigações , que devemos sempre encaminhar ao verdadeiro fim.

Subordinada a vontade ao entendimento , havemos sujeitar os appetites à vontade , de fôrma , que nunca obremos sem reflexão , e sem o motivo do honesto.

Mortifica-  
ção.

Para conseguirmos taõ necessario fim , visto estar taõ estragada a nossa liberdade , nas mãos da qual deixou Deos a eleiçaõ do mal , ou bem , he preciso mortificar as potencias , e sentidos , porque se não rebellem contra os dictames da razão , e preceitos da Fé ; o que tudo he facil com a graça de Deos , que tudo póde , e com a repetiçaõ dos actos , que nos fortalecem.

Devemos medir a efficacia dos nossos desejos pela

pela qualidade dos objectos a que se movem ; e abraçando os honestos , havemos resistir nos illicitos , quanto a apprehensão representa deleitavel.

A tres objectos particulares podemos reduzir os muitos , porque suspirão os desejos humanos. São estes a honra , as riquezas , e os deleites. *Objectos dos desejos.*

A honra se ha de tomar como pura estimação , ou como estimação distincta. Em quanto pura estimação , he obrigado o homem a trabalhar com todas as suas forças para a ganhar ; porque sendo esta honra devido premio da virtude , he necessario , que haja virtude para não faltar o premio : advertindo , porém , no caso de não corresponder a vulgaridade da opiniaõ ao nosso merecimento , nem por isso perdemos esta honra , que como inseparavel está sempre existente no testemunho da consciencia. *Honra.*

Em quanto a honra não he mais que estimação distincta , isto he , aquella aura popular , ou o credito , e boa fama adquirida com gloriosas acções ; pouco merecia os nossos desejos , a não ser consequencia da utilidade commua , e de principios honorificos , acompanhada da intençaõ recta , e humildade christã.

As riquezas são perigosas , porque contagiosos os seus contactos ; e antes de lhe lançar a mão para as receber , a deve levar aberta o desprezo para as largar. São amaveis as necessarias , porque ha de conservar-se o individuo : porém deve ter limites o desejo , porque não são immensas as necessidades ; fugindo do vicio dos extremos , não faltando à justiça para , por meyo illicitos , amontoar cabaedaes. *Riquezas.*



*Deleites.* Os deleites, se são viciosos, em nenhum caso se permitem, e os honestos devem moderar-se; porque todo o excesso he vicioso, e conforme a materia, mais, ou menos grave.

*Paixões.* As paixões, que são fecundas produções da alma, haõ de ajustar-se aos conselhos da Religião, não nos deixando levar da arrebatada avenida com que nos vaõ submergir a valentia do espirito, e a faude do corpo.

*Amor.* O amor, que he huma paixão a mayor, e mais forte da humana natureza, necessita de hum grandissimo cuidado, para que não exceda a mediania racional, não falte à honestidade do objecto, à satisfação licita, e à devida conformidade na perda do que ama.

*Odio.* Contra esta paixão, que bem regulada he nobre, se poem em campo o odio, que sempre he vil, quando não sabe ser santo. O homem só pôde ter odio àquillo, que Deos aborrece: e neste caso hey de querer mal ao máo, e amar o sogetto, que obra esse mal; porque a impiedade da acção, não tem relação com a bondade fysica da pessoa.

*Ira.* Do odio nasce a ira, paixão totalmente bruta; porque tira ao homem todo o ser de racional. Do nosso supremo Legislador podemos tomar exemplos para a imitação; porque he brando, e humilde do coração: porém esta paixão nem sempre he viciosa; porque se se deixa governar da razão, he instrumento da virtude; peio contrario, quando ella manda na razão, que entaõ he affecto desordenadamente vicioso.

*Vingança.* Com a ira se movem os desejos da vingança, e toda a violencia contra o proximo, que excede

os termos da natural defenfa , he paixão peccaminosa.

A alegria he hum dos affectos mais convenientes para a humana natureza : porém ha de nacer do focego da consciencia , e serenidade interior , sem declinar para o extremo da bufoneria , e ridicula escurrilidade , nem empregar-se em objectos indecentes , faltando às medidas do tempo , e da occasião.

Contra o affecto da alegria desembainha a espada a paixão da tristeza , que como buitre do Inferno roe as entranhas sem as consumir , e consume-as sem as acabar ; pelo que he necessario moderar a averfaõ do mal presente , resistindo com toda a força àquella apprehenfaõ , que move a displicencia contraria ao desejo , ou nociva à natureza , que no mesmo objecto se representa.

A esperanza , acto , ou movimento do appetite , assim sensitivo irascivel , como racional , thesouro dos pobres , e refugio dos mal affortunados , não ha de alargar tanto as enfiachas , que lhe caya o vestido dos hombros , e passe a força do animo a ser fraqueza do coração.

O temor he inimigo do animo , e o que temos a Deos , agrada-lhe se he reverencial ; porque o mesmo Senhor nos adverte , que não ha temor na caridade ; e se esta he perfeita , de todo o lança fóra ; porque o que tem medo , não tem caridade perfeita.

Vistas as obrigações , que temos de cuidar da alma , he necessario sabermos o como o havemos fazer do corpo , com quem está intimamente unida. E como este , em quanto o homem he viador ,



tem obrigação de servir à alma, deve-se conservar, e fortalecer, não lhe negando o necessario alimento, nem o poupando ao trabalho.

Por esta razão se devem fugir os vicios, que corrompem a faude corporal, não excedendo a sobriedade, e temperança, nem deixando levar o animo impellido da força das paixões; porque o homem assim como com as suas mãos se não deu a vida, da mesma sorte a não póde tirar; antes, pela conservar, póde licitamente matar o seu aggressor, no caso de não ter outro meyo mais suave, com que a possa salvar do evidente perigo, em que a considera.

*Obrigações  
entre os ho-  
mens.*

*Obrigações  
absolutas.*

Impoem a Religião obrigações aos homens, huns para com os outros, e são absolutas, e condicionadas. As obrigações absolutas, fundadas nas reciprocas obrigações, que Deos geralmente impoz a todos os homens, reduzem-se primeiramente a não molestar o proximo, nem fazerlhe aquellas cousas, que não quizeramos se praticallem conosco: e neste preceito se encerra a prohibição do homicidio, furtos, murmurações, &c.; obrigando-nos por elle a restituir o damno, que causamos, assim na honra, como na fazenda do proximo.

Outro fim devemos absolutamente julgar por nossos iguaes os homens todos, irmãos na natureza, communs na origem, sem differença na especie, no principio, e fim da vida, na incerteza dos successos, e na indifferença com que Deos nos olha, sem distincção de pessoas; porque deste modo será feliz a sociedade humana; e faltando as affrontas, e desprezos, que aticão o fogo das discordias, haverá conformidade entre os homens,

inte-



integridade na justiça, conservação na humildade, e se chegará a lograr a desejada paz.

São os homens obrigados, no possível, a usar de beneficencia com o proximo, proporcionando o beneficio com as circumstancias, e medidos pela regra da liberalidade, que já deixamos escrita. *Beneficencia.*

Esta obrigação não deixa de lucrar com usuras; porque se os que recebem tem o coração bem disposto, desejão occasiões, e possibilidade para o agradecimento, e quando mais não podem, fazem paga com o amor.

Porém ordinariamente, e o mais ordinario tem a beneficencia por paga a ingratição; vicio a que com razão chamou hum Filosofo a mayor abominação da terra: e na realidade he effeito torpe de hum animo consummadamente vil. *Ingratição*

As obrigações condicionadas, que suppoem ordem humana, e obrigaõ a determinadas pessoas, são aquellas que presuppoem alguma promessa para com outros tacita, ou expressa, com voluntario consentimento de ambas as partes. *Obrigações condicionadas.*

Para obrigar a promessa he necessario, que o consentimento seja verdadeiro, e tenha todas as condições, a saber: uso livre da razão, conhecimento certo da materia, que se trata, e inteira liberdade para obrar. *Promessa, e suas condições.*

A materia da promessa não ha de ser improporcionada às forças humanas, nem prohibida por alguma Ley; porque não succeda faltarse à palavra, promettendo impossiveis de cumprir, e se cahe sobre cousa illicita, fica a promessa de nenhuma força, e vigor. *Sua materia.*

Estas convenções, ou promessas, feitas entre *Como se fazem.*



os homens, obrigaõ sempre, ainda no caso que se naõ celebrem com a articulaçaõ da voz; porque basta qualquer final expressivo do nosso conceito; com o qual, igualmente que com as palavras, naõ podemos enganar ninguem, devendo tratar sempre o proximo com pura verdade.

*Disfimula-  
çaõ.*

A dissimulaçaõ, como especie da prudencia, poderemos usar della, quando houver de resultar-nos em alguma utilidade; e sem dar a perceber, que seja tal, se dispoem licitamente os discursos, de sorte, que dem a entender outra cousa contraria, do que se cuida.

*Verdade.*

Somos obrigados a fallar verdade, isto he, ajustarmos de tal sorte a prolaçaõ das palavras, que fielmente representem os nossos pensamentos, contra os quaes, nunca, em nenhum caso nos he licito fallar; porque em nenhuma occasiaõ se póde mentir; nem taõ pouco usar das restricções mentaes, que envolvem dolo, e fraude contra o proximo.

*Juramen-  
to.*

O juramento he hum acto de Religiaõ, affirmativo, ou negativo, que fazemos, chamando a Deos por testemunha, explicitamente, nomeando-o pelo seu nome, ou implicitamente, jurando pelas creaturas de Deos, em quanto resplandece nellas a sua bondade, poder, e sabedoria, com o qual renunciámos a sua Misericordia, e nos sujeitamos aos rigores da Divina Justica, se naõ he verdade o que dizemos: pelo que devemos jurar o menos que for possivel com religioso respeito, cumprindo exactissimamente, o que promettemos debaixo d'elle.

*Seus mo-  
dos.*

Quatro modos ha de juramentos: juramento  
Affer-

Asertorio, quando se afirma com juramento alguma cousa presente, ou passada. Juramento Promissorio, quando com elle se promete alguma cousa futura. Juramento Comminatorio, quando se jura ameaçando; e juramento Execratorio, quando pondo-se a pena, ou lançando-se a maldição, se afirma, ou nega alguma cousa.

O fim do juramento he authorizar com a presença de Deos, que he infallivel, as obras dos homens, que são falliveis, e enganosas; e para que aquelles a quem faltasse o temor dos homens, se vissem obrigados a dizer verdade com temor de Deos. *Seu fim.*

A intenção do que jura ha de ser tomar a Deos por testemunha; e faltando esta intenção, ainda que se diga a formula do juramento, não fica obrigado a elle em razão das palavras. *Intenção.*

As obrigações, que contrahem os homens entre si, regularmente se fundão sobre adquirir, ou conservar alguns bens, ou direitos, que no principio do Mundo eraõ communs a toda a especie humana; até que multiplicando esta em grande numero, foy necessario, que pelos seus individuos se repartiße a terra, para evitar contendas, e ordenar o commercio da vida; ficando os homens conservando aquelle direito, que tem sobre as outras creaturas, fundado na necessidade, que tem de muitas cousas exteriores para a sustentação dos corpos, conservação da uniaõ, e bom estado das partes, que os compoem. *Adquirir bens.*

O direito da propriedade he aquelle, em cuja virtude de tal maneira pertencem a hum taes bens de raiz, com dominio, e poder taõ absoluto, que *Propriedade.*



que os póde vender, empenhar, e dispor delles ao feu arbitrio; ficando commuas no Mundo aquellas cousas, que a pouca necessidade não involveo na geral partilha.

*Como se ad-  
quire.*

De dous modos se adquire a propriedade de bens. O primeiro, que se chama Primitivo, he aquelle, em razão do qual o que não era meu, me começa a pertencer como cousa propria. O segundo he Derivativo, pelo qual a propriedade de huma cousa, já estabelecida, passa de huma a outra pessoa, ou seja por Ley, ou por disposição do proprietario.

*Succeffão  
abintestado.*

Em virtude da Ley se adquire a propriedade por succeffão, ou herança do que morreo abintestado, passando, em virtude della, os bens dessa pessoa aos seus descendentes em primeiro lugar, e não tendo filhos, ou netos, aos pays, ou ascendentes, e na falta destes, aos irmãos, e parentes, &c.

*Prescrip-  
ção.*

Tambem se adquirem por hum, que os possue por muito tempo com boa fé, e justo titulo, os bens, que realmente são de outro; e este he o Direito da Prescripção, que com modo legitimo transfere dominio; porque o proprietario, que se descuida por largo tempo de pedir o que he seu, dá lugar à presumpção de que o tem largado; e não he justo que os bens estejam sem possuidor; o qual, sendo de boa fé, pede o bem da paz, não seja exposto a tirarlhe o que com justo titulo tinha adquirido.

Os modos de adquirir por virtude da disposição do proprietario, se reduzem a hum acto formal do mesmo proprietario, por testamento, ou por doação, chamada entre vivos.

Testa-



Testamento he huma declaração da ultima *Testamen-*  
vontade , e disposição dos seus bens depois da *to.*  
morte ; ou hum direito particular , cuja força se  
funda no dominio , que o Testador tem sobre a sua  
fazenda , que justamente possue ; o qual dominio  
fó dura o tempo da vida.

Ha tres castas de testamentos , a saber : testa- *Quantas*  
mento nuncupativo , que he de duas maneiras , *castas.*  
escrito , ou não escrito ; testamento solemne , e tes-  
tamento olografo , cujas formalidades sabem os  
Professores ; e sem ellas concederaõ os Emperado-  
res Romanos privilegios para poderem testar os  
Militares , e se lhe dá o nome de testamento mili-  
tar , como trata a nossa Ordenação.

A doação he hum acto publico , em virtude *Doaçãõ.*  
do qual póde o donatario trespassar , e trespassa a  
quem quer a propriedade , ou usufructo dos seus  
bens , ou de huma parte delles.

São muitas as castas de doações. Ha doação *Quantas*  
pura , e simplez , doação fraudulenta , doação pre- *castas.*  
caria , doação entre vivos , doação immensa , doa-  
ção remuneratoria , e doação inofficiosa.

Todos os homens por preceito formal da Re-  
ligião somos obrigados huns aos outros a deixar-  
mo-nos gozar pacificamente a posse dos nossos  
bens , sem usar de violencia , ou fraude , directa ,  
nem indirectamente para os appropriarmos.

Devemos fazer as possiveis diligencias , para  
que aquellas cousas , que viemos a possuir sem má  
fé , ou outra qualquer culpa , tornem para o seu  
legitimo dono ; e se os taes bens se destruirem , e  
não tem existencia , ficamos obrigados a restituir-  
lhes os frutos , que delles tirámos.



*Cousas que se achão.*

As cousas perdidas, se tem algum valor, não as deve occultar quem as achou, se sabe que seu dono as busca; e em quanto este não apparece, pode-se licitamente usar dellas.

### *Obrigações dos Estados.*

*Matrimo-  
mo.*

**A**S obrigações do Matrimonio, origem da sociedade humana, deixamos largamente tratadas no primeiro Tomo fallando da Economia, e alli propozemos tambem as obrigações grandes dos pays para com seus filhos, e algumas dos filhos para com seus pays.

*Obrigações dos filhos para com os pays.*

Os filhos devem aos pays respeito, amor, obediencia, e assistencia. Com o respeito haõ de venerallos, reconhecendolhes a authoridade; com o amor haõ de sollicitarlhes todo o bem, e fazerem muito por lhes grangear o affecto, e graça; com a obediencia lhes devem alegremente fazer a vontade, e se for contra a Ley de Deos, escusarem-se com respeito; e com a assistencia os haõ de ajudar nos trabalhos da velhice, tratar com caridade nas enfermidades, e soccorrellos na pobreza, ou outras quaesquer necessidades; porque assim os obriga Deos, a natureza, e a piedade.

Os amos devem tratar bem os seus criados, pagandolhes o que ajustaraõ com elles, como em outra parte deixamos dito largamente.

*Dos criados.*

Os criados a seus amos devem respeito, fidelidade, e obediencia, dandolhes a devida honra, fallandolhes com reverencia, recebendo as correções com humildade; e na sua presença, e ausencia servillos fielmente, evitandolhes todo o

genero de damno, não lhes fazendo, nem consentindo, que outrem lhes faça mal; e obedecendo voluntariamente, e sem violencia a tudo o que lhes mandarem, com tanto que seja justo.

Somos tambem obrigados a respeitar os nossos superiores, e todos os que sobre nós tem authoridade; e estes, reciprocamente, a darem aos inferiores aquillo, que merecerem. *Dos Superiores.*

Os povos haõ de sujeitar-se aos Principes, servindo-os com lealdade, executando as suas ordens, obedecendo aos seus Ministros, e Tribunaes, observando as suas Leys, se forem conformes à razão; e ultimamente servirem o Estado com os tributos, e mais direitos da soberania. *Dos Povos.*

Reciprocamente saõ obrigados os Principes a governar os povos com paternal brandura, não faltando à justiça, e beneficencia, à observancia das Leys, ao premio dos bons, e castigo dos máos, e sobre tudo ao augmento da Religiaõ, e culto de Deos. *Dos Principes.*

Os Freguezes devem aos seus Parocos amor, obediencia, e pagarlhes os premios, ou dizimos, que lhes saõ applicados para a sustentação da vida. *Dos Freguezes.*

Os Parocos saõ obrigados a ensinar às suas ovelhas ( fallo com toda a classe de Ecclesiasticos, que tem obrigação de curar almas ) puras, e verdadeiras doutrinas, administrar-lhes os Sacramentos, consolallas nas afflicções, reprehendellas nos escandalos, exhortallas à virtude; e os que tem jurisdicção mais larga, não convertaõ as chaves de Pedro em espadas de Nero; porque os Prelados sempre soffreraõ as perseguições dos Tyrannos; e não devem perseguir como verdugos. *Dos Parocos.*



Devem tambem ser zelosissimos do culto Divino, para exemplo dos subditos, vigilantes nas obrigações pessoaes, rogar a Deos pelas felicidades do seu rebanho, para que lhe aproveite o pasto espirital, e zelar igualmente a salvação das almas todas. Observadas deste modo as obrigações da Religião, haverá fidelidade, paz na Igreja, e uniaõ na sociedade Politica.

## TRATADO IV.

### *Das Religiões da Europa.*

*Neste Tratado daremos noticia ao Politico de todas as Religiões, que se professão nos Estados da Europa em particular, fazendo mençaõ de cada hum delles separadamente.*

### I T A L I A.

**C**omo a Igreja Catholica tem em Italia o seu assento, e Roma he a cabeça, que ensina aos seus membros, espalhados pelo Mundo, a verdadeira Fé, e os fortalece com o saudavel alimento de purissimas doutrinas, pareceo-nos principiar por ella este Tratado.

No duodecimo anno, depois da Morte de Christo, transferio S. Pedro a Cadeira Pontifical de Antioquia para Roma, aonde converteo muitos Gentios, e Judeos, até ao seu martyrio, deixando estabelecida no Occidente a Religião Catholica, que principiara a prégar no Oriente, e  
por

por successores da sua authoridade na universal Igreja todos os Pontifices, que lhe haõ de succeder até ao fim do Mundo.

Em toda Italia se professa a Religião Catholica Romana, sem que algumas das Heresias fizessem abalo nos christianissimos corações de tantos povos, assim pelo particular cuidado dos Principes, como pelo prompto remedio, com que acudia a Inquisição a atalhar os males.

Nestes Estados ha mais Arcebispos, e Bispos, que em nenhuns outros da Europa; de forte, que sómente os Suffraganeos da suprema Igreja, saõ quatro Arcebispados, e oitenta Bispados.

Em Roma, e outros Estados, se permitem os Judeos, que a troco de tributos compraõ na sua miseravel escravidão alguma pequena liberdade.

### V E N E Z A.

Saõ taõ zelosos os Venezianos da pureza da Religião Catholica, que lançaraõ fóra das suas terras todos os Judeos; porque lhe naõ contaminasse esta peste a sua purissima integridade; e parece que por ella se conserva no Mundo ha tantos seculos florecente, huma das suas mais antigas Republicas.

### N A P O L E S.

O Reino de Napoles, mudando em hum seculo de muitos Senhores, nenhuma mudança tem admittido na Religião, observando sempre a Catholica, em razãõ da qual estabeleceo o Tribunal do Santo Officio; porém consente alguns Gregos Scismaticos.

SICI-



## S I C I L I A.

**E** Ste Reino, sujeito ao de Napoles, segue a mesma Religiaõ; e os Prelados Ecclesiasticos tem grande authoridade, e sabem adquirir o amor dos povos, livrando-os das extorsões dos Ministros. Ha neste Reino quatro Arcebispados, que tem por Suffraganeos dez Bispados; e com estes, e os de Napoles, apresenta ElRey vinte e quatro Arcebispados, e cento e trinta Bispados.

## S A R D E N H A.

**O** Reino de Sardenha, que hoje dá titulo à Casa de Saboya, pela troca que fez com o de Sicilia, professa a Religiaõ Catholica, e tem tres Arcebispados, e treze Bispados.

## M A L T A.

**E** Sta Ilha não sómente abraça a Religiaõ Catholica Romana; mas he o antemural, que a defende com o generoso valor dos Cavalleiros da Ordem de S. Joaõ, que hoje tem nella seu assento, o que diremos melhor no Tratado seguinte.

## R I A G U S A.

**A** Republica de Ragusa em Dalmacia, no Golfo de Veneza, resistio muito tempo aos Turcos, e depois que a sujeitaraõ, ficou sempre conservando a Religiaõ Catholica, e juntamente hum Bispo nesta populosa, e mercantil Cidade.

## D A L M A C I A.

**D**Almacia, que antigamente foy Reino, e hoje huma porção da antiga Illiria, situada ao longo do mar Adriatico; está misturada de Christãos, Gentios Scismaticos, e Turcos; governados aquelles pelos tres Arcebispos de Zara, Ragusa, e Spalato, que tem muitos Suffraganeos.

## C O R F U.

**C**Orfú, Ilha do mar Adriatico, pertencente a Veneza, segue a Religião Grega Scismatica, que se lhe consente, porque se não entreguem aos Turcos; porém entre elles ha muitos Catholicos.

## C A N D I A.

**A** Ilha de Candia, que antigamente teve o nome da Ninfa Creta, taõ celebrada dos Poetas pelo nascimento de Jupiter, pelo baixel Tauro, em que foy arrebatada a Europa, e pelo Labyrintho de Minos, que pertence aos Venezianos, he habitada de Catholicos, Scismaticos, e Judeos, assim na parte que toca aos Turcos, como na dos Venezianos.

## G E N O V A.

**E**Sta Republica, cuja Capital está assentada em hum recosto do mar Ligustico, e he huma das mais vistosas Cidades da Europa, segue, com os mais Estados de Italia, que são Toscana, Milão, Man-



Mantua , Modena , Parma , &c. , a Religião Romana.

## H E S P A N H A.

**A**S nossas Hespanhas , que são as meninas dos olhos de Deos , nunca a sua Providencia quiz permittir , que lhas aggravasse a impiedade das Heresias ; porque todos os Reys Catholicos defenderão à ponta da espada a pureza da sua Fé. Ficaram muitos Mouros em Hespanha , que com os Judeos hião pervertendo a Christandade : porém o ardente zelo dos Catholicos Reys , Fernando , e Isabel , principiaão a atalhar o mal , que depois se cortou pela raiz.

No anno de 1623 se levantou no Bispado de Cadiz huma confraria de Hereges , chamada dos *Alumbrados* , que os Inquisidores aniquilaram totalmente , passando pelo fogo muitos dos pretendidos Illuminados.

## P O R T U G A L.

**A** Pureza da Religião Catholica , e a piedade christã , em nenhum outro Reino da Europa resplandece como no nosso Portugal , e como tal he amado , e especialmente escolhido de Deos , para nunca tirar d'elle os olhos da sua infinita Misericordia : e se alguns daquella infiel nação novamente reduzida , que nelle ficaram , querem saltar aos limites do seu dever , passando além delles com a sua malicia , são rigorosamente castigados pelo integerrimo Tribunal do Santo Officio , cujo respeito os contém modestos , expurgando o fogo destas immundas fézes a pura preciosidade do nosso ouro.

Naõ se fatisfizerão os christianissimos corações dos



dos Portuguezes de colher no seu Continente tantos frutos de Religião, na magnificencia do culto Divino, na grandeza dos Templos, no respeito dos Sacerdotes, na multiplicação de tantas, e tão bem patrimoniadas Religiões, no zelo de tantas Ordens, Irmandades, Confrarias, e Hospitales; fenaõ, que fazendo-se fortissimos Athlantes da Fé, sustentaraõ em pezo a sua esféra, tão dilatada como a do Mundo; levando o conhecimento da sua verdade a tantas, e tão remotas Regiões da terra, com immensa gloria de Deos, e proveito das almas; e depois de clamarem estas Trombetas nos Certões da Africa, na inculta, e barbara America, chegaraõ até aonde o Sol nasce, fazendo resplandecer no Oriente os rayos de outro Sol, que até entaõ alli não dera luz, tirando das trevas da sua cegueira tantos milhões de almas na China, no Japaõ, e quasi todos os Reinos, e Imperios da dilatada Asia, tremolando triunfante o nosso Labaro em todas as partes do Mundo, desde o Gange ao Tejo, e desde o berço até ao tumulo do Sol.

## FRANÇA.

**E**ste florentissimo Reino foy hum dos primeiros, que abraçou a Religião Catholica no tempo do seu Rey Clodoveo, e a conservou incontaminada até ao decimo quinto seculo, em que reinandõ Francisco II., foy inficionada pelas impias doutrinas de Calvino; porque Servet, Theodoro de Beza, e outros Sectarios deste Heresiarca, formando ligas, e ajudados de Antonio de Bourbon, e do Principe de Condé, que se tinhaõ declarado reformados, espalharaõ por todo o Reino os seus falsos dogmas, e se resolveraõ



a ir atacar ElRey em Amboise, onde lhe correspondeo o successo à esperança.

Os Ministros de Genebra poderaõ ganhar huma grande parte da Nobreza de França, a quem lisongea-va a liberdade de consciencia; e vendo-se poderosos com tantos sequezas, no tempo de Carlos IX. se atreverão a prégar publicamente os seus impios erros, ajudados dos Inglezes, e Alemães, e pozeraõ o Estado em tal consternação, que a Rainha Regente se vio obrigada por hum Edicto a concederlhes plena liberdade de consciencia; e começaraõ a exercitar a nova doutrina, e a executar, para a propagarem, todo o genero de hostilidades, e detestaveis absurdos, que reduziraõ França a lastimoso estado; estragando o Paiz com huma guerra civil, e taõ diuturna, que occupou os reinados de Carlos IX., Henrique III., e Henrique IV.; os quaes para comprarem a paz, e repouso do Reino, saerificaraõ a Religiaõ dos povos por meyo de muitos Edictos, em que lhes deraõ total liberdade. Porém no tempo do grande Monarca Luiz XIV. foraõ todos os Calvinistas lançados de França; e restituído o verdadeiro culto, se professa hoje unicamente a Religiaõ Romana.

### L O R E N A.

**N**O Ducado de Lorena, e nos seus Bispados de Metz, Toul, e Verdun, ha muitos Calvinistas, e Lutheranos; porém a mayor parte dos povos segue a Religiaõ Catholica à imitação dos seus Christianissimos Principes. O anno passado subio ao trono do Imperio o legitimo Senhor destes Estados, e esperamos do seu zelo ver grandes progressos na Religiaõ, e que



com o mesmo se applique à desejada paz da Europa.

### BEARNE, E NAVARRA.

**O** Estado de Bearne era todo Catholico até ao tempo de Calvino, cujas doutrinas abraçou em 1568., favorecendo as falsas opiniões a Rainha Margarida, mulher de Henrique II., Rey de Navarra. Principiou a espalhar-se este veneno no seu tempo, e foy geral a infecção no de sua filha Joanna; a qual estimulada, de que o Papa favorecendo o partido de Hespanha, fosse, em parte, causa de seu avô João perder o Reino de Navarra, se declarou contra a Igreja Romana, e mandou nos seus Estados arrazar os Templos, desterrar os sacrificios, sacudindo totalmente o jugo da obediencia, que devia à suprema Cabeça.

A temeraria impiedade desta Princeza foy origem de muitas guerras entre os Bearnezes Catholicos, e Calvinistas. Nestes Estados mostrou Deos a força do exemplo dos Principes; porque estando repartido o Reino de Navarra entre França, e Hespanha, a parte que tocava a esta se conservou illesa, quando a outra estava totalmente inficionada: mas por piedade de Deos, e pelo meyo do zelo dos Christianissimos Reys Henrique IV., e Luiz XIII., se tornou a restituir nestes povos o culto da verdadeira Religião, arrancando pela raiz a heresia.

### PAIZ BAIXO.

**N**O Paiz Baixo Austriaco, se não permite outro exercicio, que o da Religião Catholica Romana; se bém que o zelo dos mesmos povos não ne-



cessita de constringido ; porque por não perderem a Religião, quizeraõ antes ficar sem liberdade, quando os seus nacionaes se rebellaraõ contra Hespanha, a que eraõ entãõ todos sujeitos.

## H O L L A N D A.

**A**S Provincias de Hollanda tem tantas Religiões, como pessoas. Cegueira grande de huns entendimentos taõ perspicazes ! Rebellaraõ-se os Hollandezes contra Philippe II., Rey de Hespanha, seu legitimo Soberano ; porque como Catholico, e piedoso Monarca, não quiz consentir em todos os seus Estados outra Religião, que a Romana, sujeitando-se antes a perdellos, que a vellos manchados com a falsidade das opiniões novas. Ajudou o Inferno as idéas dos rebeldes, e por altos juizos de Deos, principia-raõ com a força a estabelecer a pretendida reforma.

Além da feita Calvinista, se professa nas Provincias Unidas a Religião Catholica, a dos Lutheranos, dos Brunistas, dos Independentes, dos Arminianos, e Armenianos, dos Anabaptistas, dos Soncinianos, dos Quaquers, ou Trementes, dos Arrianos, dos Borrelistas, Moscovitas, e Libertinos, e outras tantas, e taes miserias, com que brutalizados os entendimentos, andaõ às apalpadellas buscando a luz, que se não acha entre tantas trevas.

Os Catholicos Romanos, que saõ muitos, e juntos com todos os Sectarios haõ de compor huma terceira parte dos habitantes das Provincias Unidas, vivem nellas professando a sua Religião ; mas sem exercicio publico ; porque alguns ajuntamentos, que se lhes permitem, he nas suas casas particulares, entre pou-



poucos fogeitos : porém os moradores do campo tem mais liberdade , e todos são perseguidos pela impiedade dos Hereges , que com infames diçterios pretendem fazer a yerdade odiosa.

As opiniões Lutheranas , que na celebre confissão de Ausburgo se deraõ a conhecer ao Mundo , são diferentes entre os mesmos professores , especialmente em Alemanha ; e todas as sobreditas feitas tem tanta disformidade entre si , que só as sombras da obstinada malicia podem esconder a luz à perspicacia dos entendimentos.

## I N G L A T E R R A .

**N**Aõ teve a Igreja Catholica nação alguma na Europa , que zelasse tanto a pureza da sua Fé , como a Ingleza ; e hoje apenas haverá alguma , que a iguale no odio contra a mesma Igreja.

Cinco annos depois da Morte de Christo abraçou Inglaterra a Religião Christã , aonde teve a primeira Igreja em Sommerfet-Shire , e o seu Rey Lucio foy tambem o primeiro Monarca Catholico , que teve o Mundo ; e se conservaraõ na obediencia Romana quinze seculos até ao infeliz reinado de Henrique VIII. , que depois de apagar a penna a favor da Igreja , desembainhou a espada contra ella , declarando-se cabeça da Igreja Anglicana , negada totalmente a obediencia ao Papa.

Foy causa desta lamentavel desgraça o desordenado amor de Henrique para com Anna Bolena. Era este Rey casado com Catharina , filha de Fernando , Rey de Aragaõ , que ficara viuva de seu irmão Artur , e a recebeo com dispensa do Papa : porém rendido à affei-



afeição de Bolena, e metido em escrupulos pelo Cardeal Volseo, mal affecto à Rainha Catharina, determinou annullar o Matrimonio, com o pretexto de ter sido mulher de seu irmão, que pela sua apressada morte o não consummou, e contrahillo com Anna Bolena, que cegamente amava.

Para conseguir o fim dos seus desordenados desejos, mandou a Roma a Cramner, Arcebispo de Cantuaria, em que foy nomeado debaixo da condição de declarar a nullidade do Matrimonio, ainda contra a authoridade do Papa: e encontrando em Roma muitas difficuldades, se declarou ElRey cabeça da Igreja Anglicana, confiscou os bens dos Ecclesiasticos, e recebeu occultamente a Anna Bolena, repudiando de propria authoridade a Catharina; e entraraõ as novas opiniões a ter grandes progressos neste Reino.

Informado o Papa da resolução de ElRey, declarou por illegitimas as segundas vodas, com o que acabou de atear o incendio; porque julgando-se Henrique offendido, privou a Rainha Catharina, e sua filha Maria de todas as honras, e privilegios; fez que o Reino reconhecesse legitimas as segundas nupcias, e a Isabel, que nascera dellas; prendeo os Christianissimos Herões Thomás Moro, e João Ficher, Bispo de Rocester, e outros muitos Religiosos; mandou, que se lhe pagassem a elle as Annatas, e Decimas dos Beneficios; e que o Papa fosse reconhecido por hum simplez Bispo de Roma.

Seguiraõ-se a estes outros abyssos; porque appropriou a si os Mosteiros dos Religiosos, e Religiosas; fez merce das suas rendas aos Fidalgos, para os atrahir ao seu partido; e arrazados dez mil Templos, se abyssinou em Inglaterra o culto da verdadeira Religião.



Morreo este impio Rey, e naquella hora conheceo, que perdia tudo. Succedeo lhe seu filho Eduardo VI., e neste reinado se acabaraõ de apagar algumas faiscas da Religiaõ Catholica, que ainda luziaõ em Inglaterra. Entrou a reinar por sua morte Maria, filha de Henrique VIII., e da Rainha Catharina; e para restaurar a Fé, casou com Philippe II., Rey de Heipanha: porém os altissimos segredos de Deos naõ permittiraõ lograsse esta Princeza os seus santos desejos, morrendo no sexto anno do seu reinado; e succedendo-lhe Isabel, tornou a pôr o Reino no lastimoso estado, em que hoje o vemos.

Ha neste Reino muitas, e diversas heresias, e as mais principaes faõ os Puritanos; que negaõ o livre arbitrio; fazem a Deos author do peccado; que condemna os homens, porque quer; que Christo morreo só pelos predestinados; e que os meninos bautizados, e sem uso de razãõ se podem perder.

Os Protestantes se reputaõ livres de muitos erros de Luthero, e Calvino, e que seguem a pura, e verdadeira doutrina da Igreja Anglicana, que chamaõ *Reformada*; porém misturaõ na sua feita as heresias dos Puritanos, e Anabaptistas.

Estes Hereges Anabaptistas, que como taes rebautizaõ ao seu arbitrio, tem tantos nomes, e taõ ridiculas doutrinas, que por evitar o escandalo, e o fastio deixamos em silencio.

Os Quaquers, ou Trementes, assim chamados; porque querendo profetizar, tremem, abraçaõ, e ensinãõ erros detestaveis; de sorte, que até fazem a Christo desesperado na Cruz, quando para dar a entender, que padecia como Homem, exclamou: *Deos meu, Deos meu, porque me desamparaste.*



Além destas herefias , ha em Inglaterra a dos Independentes , assim chamados , por se governarem por leys proprias ; a dos Presbyterianos , Synagogas de Judeos , e algumas familias Catholicas : porém ao presente poderia principiar neste Reino os cultos da Religiaõ , se o filho primogenito do Pretendente desta Coroa , que se achava dentro em Escocia , apoyado do grande poder de França , chegasse a tomar posse della : e permita a Omnipotencia Divina se confira o fantissimo fim do restabelecimento da Religiaõ naquelles florentissimos Estados.

### E S C O C I A .

**E** Ste Reino abraçou a Religiaõ Catholica no anno de 203 , sendo Pontifice S. Zefyrino , e o seu Rey Crakinto defferrou de todo a idolatria ; e inficionando-o depois a heresia de Pelagio , mandou o Papa Celestino I. a Palladio , que a destruiu , ficando sempre fiel até 1542 , em que Henrique VIII. , e a Rainha Isabel sua filha , ganharaõ o Rey , e povo de Escocia ; com o que tiveraõ a Fé quasi extincta , e se apagara entaõ de todo , se Jaques V. Rey de Escocia , e a Rainha Maria de Lorena , naõ reparassem a violencia do fopro.

Porém morto este Principe , e declarado o Conde de Aran por Tutor da Rainha , e Governador de Escocia , foy ganhado por Henrique VIII. de Inglaterra , a fim de alcançar da sua authoridade o ajuste do casamento entre Eduardo seu filho , e Maria Estuarda , filha herdeira de Jaques V. ; e neste tempo entrou a heresia em Escocia com absoluta liberdade.

Com a nova Religiaõ se dividio o povo em bandos ,

dos, e a Rainha viuva se retirou a França com sua filha, que casou naquelle Reino com o Delfim Francisco II.; porém favorecida a Rainha mãy do poder de França, voltou a Escocia com o titulo de Rainha Regente, onde viveo em paz algum tempo; e escandalizados os Sectarios do muito favor, que fazia aos Francezes, introduziraõ no Reino Predicantes de Alemanha, que o acabaraõ de perverter.

Morta a Rainha mãy, e Francisco II. de França, sem filhos, veyo Maria Estuarda para Escocia, onde tornou a casar com seu primo Henrique Estuardo, e de quem nasceo Jaques VI. de Escocia, e I. de Inglaterra; mas sendo muitos os Hereges rebeldes, que esta santa Rainha queria extirpar; e perseguida delles, se retirou para baixo da protecção da Rainha Isabel de Inglaterra, que com impia barbaridade lhe mandou cortar a cabeça, e com a sua morte deu o ultimo arranco o culto publico da Religiaõ Catholica em Escocia.

## I R L A N D A.

**H**Uma Rainha introduzio a Religiaõ Christã em Irlanda no anno de 322, e a propagou hum Rey teu successor no de 335. Estes Principes supponmos, que entraõ no numero dos vinte Reys antigos da Graõ Bretanha, aos quaes sabemos os nomes, mas sem que os Chronologicos lhes ajustem as eras; e talvez por isso os naõ nomæem os Authores. Durou a Religiaõ Catholica em Irlanda até o tempo de Henrique VIII., e Isabel; e unidos depois estes tres Reinos, ficaraõ seguindo as Maximas da Igreja Anglicana.



## GENEIRA.

**E**Ntrou a heresia nesta Cidade, porque o Papa, com prejuizo dos seus Bispos, deu a sua jurisdicção temporal aos Duques de Saboya; e andando os seus moradores em continuas rebelliões, conseguirão em pouco tempo erigilla em Soberania, e fórma de Republica, insolente, e soberba como nenhuma outra; declarando-se inimiga da Casa de Saboya, e aliando-se com os Cantões Suiços contra ella.

Tomou força a heresia em 1535, no qual anno entregaraõ os Sectarios aos Esquizaros Lutheranos as casas dos moradores Catholicos, que haviaõ naquelle dia hido a huma romaria, e ficaraõ absolutos na Cidade, além daquelles, os Hereges Zuinglianos, e Calvinistas; e este ultimo Herefiarca teve nella a sua cadeira, donde lhe dictou, e confirmou a heresia de Zuinglio.

Algum tempo se conservou em Genebra a Religião Catholica; mas entrando alli Calvino, foy o Bispo lançado fóra, prohibido o Christianismo, e introduzidos Ministros da nova doutrina, que fizeraõ reconhecer aquelle Herefiarca por cabeça da Igreja Reformada, e radicaraõ de forte os seus erros, que só transplantadas as gentes se arrancará a zizania.

Espirou em Genebra a Religião Romana, e ficou hum inferno de abominações, seminario de todas as heresias, e o refugio dos homens impios, que bandidos do conforcio humano alli vaõ viver peyor que brutos, formando de toda a casta de apostatas huma vil, e infame synagoga, que parece a destinaõ os altos juizos de Deos para aula do Anti-Christo.

## CANTÕES.

**O**S Cantões Suíços, compostos de muitos Estados, e Republicas, pela intima uniaõ, que entre si tem, formão huma só Republica, e Estado. São treze estes Cantões, a saber: Uri, Suíça, Undervald, Lucerna, Zürich, Zug, Glaritz, Berna, Friburg, Solura, Scafozen, Appenzeel, e Basiléa. Entrou a heresia em alguns destes Cantões; e como os erros da Religião sempre se estabeleceraõ com força, declararaõ os Hereges a guerra aos Catholicos, na qual se executaraõ barbaras crueldades desde o anno de 1525 até o de 1537, em que os compoz Henrique II. Rey de França.

Destes Cantões, huns são todos Catholicos, outros todos Hereges, e outros Hereges, e Catholicos. Os todos Catholicos, são Uri, Lucerna, Friburg, Solura, Zug, Undervald, e Suíça; Hereges são quatro, a saber: Zurich, Berna, Basiléa, e Scafozen; os mixtos, são Glaritz, e Appenzeel.

## GRIZÕES.

**O** Paiz dos Grizões jaz sitiado nos montes Alpes, que dividem a Italia de Alemanha, e se reparte em tres ligas, a saber: a Griza, a da Casa de Deos, e a das Comunidades. Neste mesmo Paiz se contém a Valtelina, que povoão muitas mil almas. A liga Griza quasi toda he Catholica, e as duas, ainda que a mayor parte são Hereges, permitem o culto publico da Religião Romana; e em todo o Paiz dos Grizões ha plena liberdade de consciencia.



Na Valtelina esteve a Religião Catholica quasi extincta por industria de Calvino, e dos seus Sectarios; mas estabelecida a Inquisição, e as Ordens Religiosas, entrou a florecer, e frutificar como dantes.

### A L E M A N H A.

**I**nficionou a impia doutrina de Luthero estes famosissimos Paizes, trazendo ao seu partido muitos, e grandes Principes, especialmente Joã Fedrico, Eleitor de Saxonia, com o favor do qual, e com as doutrinas carnaes, tão proporcionadas ao genio dos Alemães, attrahio os affectos desta voluptuosa nação, e a fez declarar inimiga da Igreja Romana para se vingar do Papa, que, na publicação das Indulgencias, preferira os Dominicos aos Agostinhos, de cuja Ordem era Luthero.

Os primeiros, que em Alemanha abraçaram as opiniões deste impio apostata, foram os Condes de Mansfeld, e o Eleitor de Saxonia, que o recebeu debaixo da sua protecção. Inficionados dos seus erros os Doutores, e Estudantes de Wirtemberg, se espalhou a heresia por toda a Alemanha: e ainda que o Emperador Carlos V. se lhe oppoz, e com effeito a abateo na grande vitoria, que ganhou dos Protestantes, com tudo continuou nos seus progressos; porque Mauricio, Eleitor de Saxonia, e o Marquez de Brandemburgo, declararam a guerra ao Emperador, que se vio obrigado na Dieta de Spira a assinar hum Decreto, no qual permittio o livre exercicio da confissão de Ausburgo.

Depois se convocou outra Dieta nesta dita Cidade, para resolver as materias da Religião. Nella se de-



determinou, que os Principes, e Estados do Imperio seguissem a Religião, que lhes parecesse, e podessem passar de huma para outra, sem que por isso perdessem os Principes Seculares as suas reputações, e Estados; mas que os Ecclesiasticos seriaõ privados delles, e que aquelles, aos quaes elles pertencessem, elegeriaõ os que fossem Catholicos.

Os Vassallos de varios Dominios pediraõ na mesma Dieta liberdade de consciencia, e que os Principes os não perturbassem nos seus livres exercicios. A este requerimento se oppozeraõ os Austriacos, e Bavaros, e por algum tempo o embaraçaraõ; porém depois se foy semeando a heresia por toda Alemanha.

Naõ foy só a de Luthero a que inficionou a pureza da Religião Germanica; porque entraraõ em Munster, e Wesfalia os Anabaptistas, e depois de crearem hum Rey, foraõ desbaratados pelo Arcebispo de Colonia: e André Osiandro, Sectario de Luthero, se declarou auctor de outra nova heresia, chamada dos *Ubiquitarios*.

Na Alemanha saõ as Religiões quasi tantas como os Estados. As feitas mais principaes, naõ fallando nos Zuinglianos, Georgianos, Deistas, Arminianos, Magicianos, Judeos, e Atheistas, de que muitas Cidades estaõ cheyas, saõ o Lutheranismo, Calvinismo, e Anabaptismo. A primeira propagou mais; porque a abraçaraõ trinta e seis Principes Alemães, dos quaes alguns a abjuraraõ já, mais de quinze Cidades Imperiaes, e quasi dous terços dos Estados Germanicos.

Aos Calvinistas se oppozeraõ sempre os Lutheranos, os quaes, pelo seu grande poder, naõ deixaraõ dilatar aquelles os seus progressos na Alemanha; sem embargo do que, tomaraõ as suas doutrinas hum, e outro



e ourro Palatinado, o Paiz de Haffia, o Ducado de Wirtemberg, Strasburgo, o Condado de Embden, o Ducado de Brema, as Cidades Anfiaticas, e parte dos Estados de Brandemburgo.

Os Anabaptistas foraõ se introduzindo por quasi toda a Alemanha, menos Austria, e Baviera, que sempre lhes fecharaõ as portas. Onde acharaõ entrada franca, foy em Bohemia, Saxonia, e Brunswich.

Da feita Lutherana se derivaõ em Alemanha outras trinta e nove feitas, nomes, que por terrivelmente enfadonhos passamos em silencio.

### B O H E M I A

**E**ste Reino, que no presente tempo tem sido glorioso theatro de heroicas façanhas, ha muitos lèculos, que nelle se toleraõ duas Religiões: huma he a Catholica debaixo do titulo Sub Una; porque commungaõ os Leigos debaixo de huma só especie: e a outra se chama Hussita, Protestante, e Sub Utraque; porque commungaõ os Leigos em ambas as especies.

Alguns tempos se conservaraõ estes povos unidos: porém rebellando-se os Hussitas contra os Principes para expulsarem os Catholicos, depozeraõ do Reino a El Rey Fernando, e acclamaraõ o Palatino do Rheno, que lançou fóra os Catholicos, profanou os Templos, e Imagens, obrando barbaras insolencias. Acudio a tanto estrago o Emperador, derribou do trono o novo Rey, banio os Hereges, castigou os rebeldes, e restabeleceo a Religiaõ.

Os mais Estados pertencentes à Casa de Austria, como saõ Moravia, Silesia, Styria, e Carinthia, estaõ inficionados de toda a forte de herefias; mas ha nelles

nelles Cidades inteiras de Catholicos, e o Condado do Tirol, Gratz, e outros Estados, professaõ todos a mesma Religiaõ.

**H U N G R I A.**

**A**S Maximas da Religiaõ causarãõ grandes perturbações neste famosissimo Reino, que comprehendo-se de sessenta Condados, possuiaõ seis os Protestantes, vinte e seis os Turcos, e vinte e oito a Casa de Austria, que hoje tem mayor extensaõ de Paiz, ganhado pelas armas dos Emperadores Leopoldo, e Carlos seu filho, commandadas por aquelles grandes Generaes dos nossos seculos Carlos V. de Lorena, Eugenio de Saboya, e Luiz de Baden, Principes taõ grandes, como valerosos.

Este Reino antes de ser hereditario na Casa de Austria, era grandemente cioso da sua liberdade; e antepoendo os erros de Luthero à pura Religiaõ do seu Principe, se rebellaraõ muitos povos contra o Emperador Leopoldo, soprados por certa Potencia, que não perde occasiaõ de desmembrar os Estados daquela grande Casa, e commandados pelo rebelde Conde Emerico Tekeli, Heroe de memoravel coraçãõ, se não empregara tanta magnanimidade contra o seu legitimo Senhor.

Ha em Hungria muitas, e diversas seitas. Além do Lutheranismo, e alguma cousa de Mahometismo, que facilita a visinhança dos Turcos, seguem ainda muitos Hungaros o Arrianismo, e Atheismo, com outra liberdade, que não tem os seus nacionaes Vassallos do Turco; porque este não lhes consente as heresias, por não innovar cousa alguma em materias de Religiaõ nos seus Estados.



Esta nação, no presente tempo, tem desengañado o Mundo, e mostrado com as obras o mais estu-  
pendo amor, e lealdade à sua Augustíssima Soberana, hoje Imperatriz de Alemanha. Despertou o adormecido valor dos seculos passados, e, com as armas na mão em varias partes da Europa, vay dando largo assumpto para a admiração dos futuros.

### P O L O N I A.

**O** Reino de Polonia foy dos ultimos Christãos; porque depois da vinda de Christo conservou a idolatria até o anno de 965 Micislao, seu Duque, foy primeiro Catholico. Esta Fé professou Polonia até o tempo de Luthero, e Calvino, sem que antes fizesssem alguma commoção nos seus povos as heresias dos Hussitas, e outros.

Mas semeando Luthero as suas zizanias, não forão só ellas as que entraraõ em Polonia; porque inficionaraõ os seus campos outras muitas, condemnadas pela primitiva Igreja. Ainda hoje em muitas Provincias da Lithuania, com escandalo da illuminada Europa, adoraõ os homens ao demonio, e os mais vis bichos da terra.

Tanto que as novas opiniões entraraõ no Reino, se lhes oppoz o seu Rey Ladislao, com os Fidalgos, e Prelados, e recusou aceitar a Coroa de Bohemia; porque a sua heresia não entrasse em Polonia. Sobre estas delicadas materias convocou huma Dieta, na qual se resolveo, que fossem castigados asperamente os fautores dos Hereges, e que os moços Polacos não podessem ir às Universidades infectas de Alemanha; porque a facilidade da communicação lhes não pegasse

pegasse o contagio: mas, não obstante tão zelosas, e christãs prevençoens, os Paizes visinhos introduziraõ em Polonia os erros de Arrio, e Ebion.

Os primeiros pòvos, que abraçaraõ o Luthera-nismo, foraõ os de Prussia, que depois admittio os seus Predicantes. A Cidade de Dantzie tambem foy das primeiras hereges, e depoz o Senado, arrazou as Igrejas, e desterrou a Religião dos seus mayo-res. Seguiu-se a Apostasia de Alberto de Brandemburgo, que sendo entã Graõ Mestre da Ordem Theu-tonica, se fez Senhor de huma grande parte da Pro-vincia. Imitaraõ os pòvos a impiedade do seu exem-plo, que dilatara mais os progressos, a não encontrar a forte opposiçaõ dos zelosos Bispos de Prussia.

El Rey Sigismundo Augusto de Polonia, para contentar a Nobreza, não tendo successores, permit-tio liberdade de consciencia, que totalmente se estra-gára, se a morte deste Rey não atalhara tantos males: Foraõ seus successores Henrique, e Estevaõ Battori, os quaes com animo christão detiveraõ o arrebatado enxurro de tantas impiedades; para o que infi-tuiraõ Seminarios, edificaraõ Collegios, e reforma-raõ a Universidade de Cracovia, mandando distribuir pelo seu povo o pasto de saudaveis doutrinas.

A Lithuania tambem teve huma grande reforma; porque Jagellon, seu Duque, com quasi todos os vassallos, se fez Christão no anno de 1586; se bem, que o descuido da futura instrucçaõ, o dilatado do Paiz, e a communicaçãõ com os Russianos lhe intro-duzio mil scismas, e superstiçoens, vendo-se ainda hoje na Samogicia muitos pòvos idolatras.

Finalmente as Provincias de Polonia visinhas do mar Baltico, que sãõ Prussia, e Livonia, tem as he-



refias de Alemanha: as confinantes com a Moravia, Silesia, e Hungria, participaõ o mal dos seus vizinhos: as que cahem para o Meyo dia seguem o scisma Grego: na Polonia baixa ha muitas, que profesão as heresias modernas: porém isso não obstante, ha mais Christãos em Polonia, que todos os Sectarios juntos, e destes poucos na alta Polonia.

### TRANSILVANIA.

**E**ste grande Principado, que o famoso Carlos V., Duque de Lorena, unio por força de armas á Casa de Austria, he habitado de Saxoës, ou Moldavos, e de Siculos, e Hungaros, que não sabem distinguir Religioës, e por isso abraçáraõ todo o genero de barbaridades.

A mayor parte dos Moldavos são Lutheranos; os Hungaros, e Siculos, Arrianos, e Calvinistas; e os Valacos, que habitão as montanhas, seguem o scisma Grego, e reconhecem o Patriarca de Constantinopla. No seu culto envolvem muitas ceremonias gentlicas, crem em agouros para adivinhar futuros, são grandissimos feiticeiros, invocaõ os Deoses da gentilidade, e tem grandes semelhanças com os idolatras.

### R U S S I A.

**E**stes grandes Estados, que no nosso seculo começaram a ser famoso Imperio Militar, e Politico, tem varias Religioës. A mayor parte dos Russiaes Meridionaes, especialmente a Nobreza, são Catholicos Romanos: o povo reconhece a authoridade do Patriarca de Constantinopla, e seguem o seu

scisma, quasi universal em todas as Provincias.

### T A R T A R I A.

**A** Pequena Tartaria, povos descendentes da Tartaria Asiatica, e habitadores nos contornos da Península de Crim, confinantes com a Ciscacia, Mofcovia, Polonia, e Moldavia, e para o Norte com as Lagoas Meotides, e a Taurica Cherfoneso, entre o mar Mayor, e o mar de Zabache até o Estreito de Caffa, que divide a Europa da Asia, antes do Mahometismo era idolatra, e depois que elle veyo ao mundo, o abraçou.

Entre os Tartaros vivem muitos Judeos, e Italianos, especialmente Genovezes, que tem muitas Praças nestes povos, onde se lhes faculta o livre exercicio da sua Religiaõ; e na Cidade de Caffa, e outras, ha magnificos Templos, que elles fundaraõ, quando possuirem aquella parte da Taurica Cherfoneso.

### D I N A M A R C A.

**A** Dinamarca, e Noruega, se conservaraõ muitos seculos na pureza da Religiaõ Catholica, ate o tempo de Christerno II. que naõ impedindo a entrada do Lutheranismo em Suecia, a deixou franca em Dinamarca. Voltou Christerno da viagem que fizera àquelle Reino, e achou o seu pervertido sem o poder remediar; porque os vassallos o despojaraõ da Coroa, e succedendo-lhe seu irmaõ, que estava casado com huma irmã de Joaõ Frederico, Eleitor da Saxonia, e Protector de Luthero, declarou a sua Apostasia, e perseguindo os Bispos, e Prelados de



Dinamarca, Noruega, Islandia, e Gothia, encheo o Ceo de Martyres; espirando a Fé Catholica com as infames respirações do Predicante Lutherano Joaquim Poleman.

Este Rey Frederico, além de Apostata, tinha muitos vicios, especialmente o da gula, e ebriedade, com a qual morreo afogado em hum banquete, dia de sexta feira Santa. Succedeo-lhe seu filho Christerno III., que com os mais Reys seus successores até ao presente seguio sempre os erros de Luthero.

### S U E C I A.

**O** Christianissimo Reino de Suecia, que no anno 1416., reinando Biorno, conheceo a Christo pela prégação de Santo Anogrito, se esqueceo da sua verdadeira Religião no tempo de ElRey Gustavo, que lhe introduzio o Lutheranismo, sem mais intenção, que a de apropriar-se dos bens Ecclesiasticos.

Principiou a devastação do Reino pela entrega que ElRey fez das Universidades aos Sectarios Lutheranos, pela introducção dos livros hereticos, e lastimoso incendio dos verdadeiros, avançados totalmente os erros de Luthero no campo, que já deixara a verdade Catholica.

As impiedades de Calvino tambem entraraõ em Suecia no tempo de seus filhos Henrique, e Carlos III., e querendo aquelle, que foy immediato successor de Gustavo, remediar os absurdos de seu pay, lhe não foy possivel, nem a seu irmaõ Joaõ, que lhe succedeo, com o temor de alguma rebelliaõ do outro irmaõ Carlos, que depois reinou.

Porém este piedoso Monarca permittio á Rainha

nhã Catharina sua mulher, e filha de Sigismundo, Rey de Polonia, o exercicio da Religião Catholica, a que se convertera, e elle observou os Ritos Romanos; restabeleceo muitas Igrejas com christã fazienda de ver administrar ao povo o Sacramento do Corpo de Christo, mandou Embaixadores aos Papas Pio IV. e Gregorio XIII. e fez que seu filho Sigismundo, depois Rey de Polonia, e legitimo herdeiro de Suecia, se criasse na Religião Romana, que acabou com a morte da Christianissima Catharina.

Morta esta Princeza, seu cunhado Carlos, que então era Principe de Sundermania, tendo muita authoridade nos Estados, os usurpou ao filho de seu irmão, e lançou delles aos Jesuitas, que sendo alli os unicos Athlantes da Fé, sustentavaõ o pezo da Religião Sueca sobre os hombros do seu ardente, e valeroso zelo. Favorecido Carlos da fortuna das armas, e da liberdade, que concedeo aos Lutheranos para o ajudarem na intrusão do Reino, ficou na sua posse, e esbulhada della a Religião Catholica, até que Deos, por sua infinita bondade, e cumpridos os seus altissimos juizos, seja servido restituir, com a força da graça ao aprisco da sua Igreja tantas mil ovelhas desgarradas.

## TRATADO V.

### *Das Ordens Militares.*

**C**omo nesta grande Historia, em que se tem apurado, e aparado tantas pennas, não haverá lugar de expor todas as circumstancias, podem ver os curiosos a Bernardo Giustiniani na sua *Historia Chronologica*



nologica di tutti gli Ordini Militari; o *Theatro de Honra, e Cavallaria*; a *Historia moderna des Ordens Monastiques Religieux, & Militaires*, a Monf. Hermant nos seus dous Tomos, que intitula *Histoire des Religions, ou Ordres Militaires de l'Eglise, & des Ordres de Chevalerie*; a Franc. Quaref. *Elucid. Terræ Sanctæ*. a Mennius *Deliciae Equestr. Ord.* e outros muitos Authores, de quem não faltará noticia aos applicados.

— *S. João de Malta.*

**A** Illustrissima Ordem de S. João de Malta, que ainda não diminuiu hum ponto do seu primitivo esplendor, lhe deve a Christandade ha sete seculos tantos, e tão avultados serviços, que justamente merece o primeiro lugar.

Pouco antes que o grande Godofredo passasse á Terra Santa, alguns Mercadores Napolitanos, que negociavaõ no Levante, obtiveraõ permissaõ do Califa de Egypto para fundarem em Jerusaleem huma casa, aonde recolhelles os peregrinos Christãos, que fossem visitar os santos Lugares. Pouco tempo depois fabricaraõ duas Igrejas dedicadas huma á Mãe de Deos, e outra á Magdalena.

O fogoso zelo, que ardia nestes primeiros Fundadores, se ateou em outros peitos piedosos: e unidos muitos Christãos com os vinculos da caridade, edificaraõ outra nova Igreja, com hum Hospital para curar os enfermos, e agalhar os peregrinos, a qual dedicaraõ a S. João Bautista. Começou esta obra com tão pequenos principios, no anno de 1099. sendo seu director o B. Gerardo a tempo, que os Christãos

command-

commandados por Godofredo, Duque de Lorena, conquistaraõ Jerusalem.

Quando se rendeo esta Cidade, já os Hospitalleiros estavaõ ricos, e poderosos: e edificado Godofredo da exemplar vida de Gerardo, recebeu a Ordem debaixo da protecção dos Reys de Jerusalem; mandando aos Cavalleiros, que usassem de habitos negros com huma Cruz branca de oito pontas, e se sujeitassem aos tres votos da Religião, a que accrescentaraõ quarto, que foy o de receber, amparar, e defender os peregrinos Catholicos, conformando-se á Regra de Santo Agostinho.

Esta formal, e regulada fundação foy no anno de 1104. sendo Rey Balduino, successor de Godofredo. O Papa Honorio II. lhes confirmou a Ordem, ainda com o nome do Hospital: porém como os Religiosos se viraõ necessitados a valer das armas, e applicar á guerra, para segurarem os caminhos, e defenderem os peregrinos, attrahiraõ muita Nobreza, e se lhes mudou em Cavalleiros o nome, que até alli tinhaõ de Hospitalleiros.

Depois de 200 annos de posse, no de 1299 decahiraõ muito os negocios da Christandade: e faltando os Principes do Occidente com os soccorros necessarios aos Cavalleiros, perderaõ todas as terras, que tinhaõ na Syria, e se retiraraõ a S. João de Acre, que defenderaõ com huma das mais heroicas gentilezas, que viraõ as armas. Nesta decadencia foraõ obrigados a seguir Joaõ de Lusignano, que no seu Reino de Chypre lhes deu huma Praça, onde se conservaõ até o anno de 1310, no qual tomaraõ a Ilha de Rhodes, debaixo da condução do Graõ Mestre Fulco de Villaret, pelo que foraõ chamados Cavalleiros de Rhodes.



Postuho a Ordem esta Ilha 213 annos, obrando sempre portentosas façanhas, até que no anno de 1523, sendo atacados pelas grandes forças do Turco Solimam, a perderaõ por falta de socorro, a pezar de huma generosa defenfa. Retiraraõ-se os Cavalleiros a Candia, e dahi a Sicilia, e Roma, sendo Pontifice Adriano IV. que lhes fez mercê da Cidade de Viterbo para sua residencia, depois de haverem experimentado na Provença a magnifica generosidade do Duque de Saboya. Estas foraõ as mudanças, que com o tempo teve a Ordem de S. Joaõ até se estabelecer em Malta, como veremos.

Neste tempo ameaçavaõ as Luas Turcas com funestos eclipses á Christandade: e querendo os Cavalleiros achar-se mais promptos a servilla, passaraõ a Siracusa, donde entaõ estava o Emperador Carlos V. que enamorado de tanta formosura de valor, lhes deu a Ilha de Malta, que aceitarãõ com consentimento dos Principes, em cujas terras tinha possessoens a sua Ordem; obrigando-se a reconhecer os Reys de Hespanha por seus Protectores, aos quaes fariaõ presente de hum Falcaõ em cada anno.

Estando os Cavalleiros na sua Ilha de Malta, que hoje lhe dá nome, foraõ postos em apertado sitio por Solimam no anno de 1566, sendo Graõ Mestre Joaõ de la Valetta, que defendeo a Ilha com valor taõ bravo, que poz o Exercito Turco em vergonhosa fugida, depois de haver perdido quatro mezes de tempo, quinze mil Soldados, oito mil marinheiros, e mais de setenta e oito mil tiros de canhaõ.

Compunha-se a Ordem de oito Naçoens, ou linguas em quanto Inglaterra foy Catholica; e depois da sua Apostasia, ficou com sete, que tem por

Cheses



Chefes os primeiros Cargos da Religiaõ, a saber, a de Provença o Graõ Commendatario, a de Auvergne o Marechal, a de França o Graõ Hospitaleiro, a de Italia o Almirante, a de Aragaõ o Graõ Conservador, a de Alemanha o Graõ Balio, e a de Castella o Graõ Chanceler. O Chefe da naçaõ Inglesa, que compunha a oitava lingua, era o General da Infantaria da Ordem.

A Religiaõ comprehende tres estados: o primeiro he o dos Cavalleiros, o segundo dos Capellães, e o terceiro dos Serventes de armas. Tambem ha na Ordem os Padres, que cuidaõ das Igrejas, e se chamaõ da Obediencia, os Serventes do officio, e as Meyas Cruzes, que propriamente lhe naõ formaõ o corpo.

Os Cavalleiros, para haver de serem admittidos na Ordem, haõ de ser nobres de quatro gerações por pay, e mãy, de limpo sangue, e legitimo matrimonio; porque só os bastardos dos Principes entraõ nella. Os Capellães naõ necessitaõ de nobreza igual, mas ao menos haõ de ser de familia consideravel; e os Serventes de armas basta-lhes qualquer grão superior ás familias commuas.

Foraõ os Cavalleiros isentos de pagar dizimos pelos Papas Adriano IV., e Alexandre III., em attençaõ ás gloriosas expediçoens, que com incançavel zelo faziaõ a favor da Fé.

Nas differenças entre os Principes Christãos saõ obrigados os Cavalleiros a observar huma exacta neutralidade; porque as suas espadas, conforme os seus Estatutos, só se desembainhaõ para derramar sangue infiel.

O governo da Religiaõ he Monarquico, e Aristocratico,



toocratico; porque o Graõ Mestre tem soberano poder na Ilha de Malta, e suas pertençaç, bate moeda, faz graças aos criminosos, dá as Provisões dos Grãos Priorados, Baliados, e Commendas; e todos os Cavalleiros, de qualquer condiçaõ, lhe tem obediencia.

Nos negocios grandes he absoluta a authoridade entre o Graõ Mestre, e o sacro Conselho, que entaõ forma a Aristocracia, ou governo dos Principaes, no qual o Graõ Mestre tem dous votos em attençaõ á sua Dignidade.

O Conselho he ordinario, e completo: ao ordinario assiste o Graõ Mestre, como cabeça, e os Grãos Cruzes, que saõ o Bispo de Malta, o Prior da Igreja, os Balios Conventuaes, os Grãos Piores, e os Balios Capitulares. O Conselho completo compoem-se dos Grãos Cruzes, e de dous Cavalleiros mais antigos de cada huma das sobreditas linguas.

Tem havido na Ordem muitos Grãos Mestres de varias naçoens desde o seu principio até o presente: e no nosso seculo foraõ elevados á mesma Dignidade dous Fidalgos Portuguezes: o primeiro foy Dom Fr. Antonio Manoel de Vilhena, da illustrissima familia dos Manoeis, e filho sexto de Dom Sancho Manoel I. Conde de Villa Flor, o qual depois de ter occupado os mayores lugares da Religiaõ, foy eleito Graõ Mestre a 19 de Junho de 1722, e havendo governado prudentissimamente, faleceo com gloria da sua naçaõ a 12 de Dezembro de 1736.

O segundo, e actual Graõ Mestre, he Dom Fr. Manoel Pinto da Fonseca, que foy elevado a esta Dignidade em 18 de Janeiro de 1741, sujeito dignissimo de taõ alto emprego pelas suas virtudes, e esclarecido nascimento, bem conhecido no nosso Reino.

Entrou



Entrou nelle esta illustre Ordem pouco depois da dos Templarios no anno de 1130, e tem por sua Cabeça a Villa do Crato; e algumas Commendas, e Baliados ricos desfruta no mesmo Reino, que por todos fazem vinte e cinco. O Convento das Religiofas Maltezas de Estremoz, fundação do Infante Dom Luiz, he desta Ordem, que no anno de 1194 tambem teve por Graó Mestre a Dom Affonso, filho natural de ElRey Dom Affonso Henriques.

### Templarios.

**N**O anno de 1118, foy esta Ordem instituida em Jerusaleem por Hugo de Paganis, e Geofredo de Santo Adelfmaro, com outros sete Companheiros, dedicando-se ao serviço de Deos á maneira dos Conegos Regulares, e fizeraõ os votos de Religiaõ nas mãos do Patriarca de Jerusaleem.

Contribuiu muito Balduino II, para accender o fervoroso zelo dos novos Cavalleiros, e lhes emprestou huma casa junto ao Templo de Salamaõ, onde podessem recolher a sua Milicia, que por esta razão foy chamada dos Templarios, ou Cavalleiros do Templo.

Este Principe com os Grandes, e Prelados, porque os Cavalleiros não viviaõ de esmolas, lhes dotaraõ a Ordem, em attençaõ ao seu caritativo Instituto; pelò qual se obrigavaõ a defender os perigrinos da crueldade dos infieis, e a alimpar os caminhõs aos Catholicos, que fizessem a viagem da Terra Santa.

Teve S. Bernardo ordem do Papa Honorio II. para lhes formar a Regra, e o Concilio de Troya em Champagna, que foy no anno 1118, lhes deu o habi-



to branco, a que o Papa Eugenio III. accrescentou huma Cruz sobre as capas em 1146.

Augmentou-se a Ordem tanto em riquezas, e reputação, que passava de ter nove mil Casas, e se fez taõ insopportavel a sua arrogancia a alguns Principes ( achamos que os Francezes foraõ os mais resentidos ) que trabalharaõ para a sua extineção, e a conseguiraõ no Concilio de Vienna do Delfinado; do que daremos huma breve noticia.

Dous Cavalleiros da Ordem, como he opiniaõ commua, estavaõ condemnados a carcere perpetuo por crimes atrozes, que tinhaõ commettido. Era hum delles Francez, e Prior de Montfaucon, e o outro o Cavalleiro Noffo, de nação Florentino Estes para se vingarem dos Juizes, ou para escaparem a taõ diuturno castigo, delataraõ a Philippe o *Formoso*, Rey de França, homem impio, muito avarento, e de estragadissima consciencia, as horrendas maldades, que se commettiaõ na Religiaõ, e saõ as seguintes, allás inverosimeis a todo o juizo.

Que na Ordem naõ era admittido nenhum Cavalleiro sem renegar de Jesu Christo, e cuspir sobre a sua sacrosanta, e veneravel Imagem, com outras ceremonias barbaras, e ridiculas: que por Estatuto se practicava a idolatria, e ao idolo se sacrificavaõ victimas humanas; e que geralmente era permittido o peccado nefando.

Esta caterva de monstruosidades defendem muitos Authores Francezes, aos quaes se deve pouco credito; porque se a sentença foy injusta, cahe sobre sujeitos da sua nação, que como taõ interessada lhe convem acudir pela propria opiniaõ.

O Aquilles com que estes apaixonados querem enervar



enervar as razões contrarias, he a authoridade do Papa Clemente V., e do Concilio de Vienna ( dentro em França , governada então por hum Rey , que não duvidára causar novidades na Igreja ) o qual approvou a sentença , da sorte que o Papa a dera , e os sobreditos crimes foraõ provados com muitas testemunhas.

Porém isto não obstante , não se contiveraõ as pennas de venerabilissimos Escreitores com o respeito das allegadas authoridades , para deixarem de defender a innocencia dos Templarios ; resolvendo-se hum delles a pôr em publico , que o Papa Clemente andara inclemente , e impio ElRey de França.

Eu me não atrevo a dizer tanto: porém he certissimo , que o Pontifice , e os Padres do Concilio declaráraõ , que não havia fundamento para condemnar os Templarios conforme a Direito ; mas como a Ordem pela calumnia dos seus inimigos , e alguns , porém não taõ feyos , procedimentos , tinha no mundo muito má fama , e já não era util á Christandade ; o Papa com este racionavel motivo , e por se não expor , e a toda a Igreja a algum defacato de ElRey de França , não por via de Sentença juridica , mas por hum Decreto Provisional , podia justamente extinguir a Ordem , o que manifestamente se colhe da Bulla *Ad Providam*.

Naõ ha duvida , que no dilatado Processo dos Templarios juráraõ muitas testemunhas contra elles , sem que fação prova ás opiniões Francezas ; porque ElRey Philippe com a mesma facilidade com que teve quarenta testemunhas para fazer Herege ao Papa Bonifacio VIII., querendo deshonorarlhe os ossos , acharia quarenta mil , que provassem a Apostasia dos Templarios,



plariós, para lhes fazer as cinzas abominaveis.

Resolvem muitos Authores, que a avareza de ElRey Filippe com a ancia nas muitas riquezas da Ordem, exasperou este notavel furor contra ella. E por mais que gritem os Escriptores Francezes, protestando, que os bens se deraõ á Religiaõ de Malta, não podem negar, que foraõ só os de raiz, pelos quaes recbeo ElRey sommas taõ grossas, que ficaraõ rigorosamente vendidos; e os moveis se guardáraõ nos erarios de França, com o pretexto das despezas do Processo.

Em diversas partes de França foraõ queimados vivos sessenta Cavalleiros com o seu Graõ Mestre Jaques Molay, que em huma praça de Pariz padeceo lastimoso catastrofe acompanhado de Guido, Mestre de Norrandia, e irmaõ do Delfim de Auvergne, e de Hugo de Peraldo, que tinha sido Intendente da Fazenda Real. Todos estes morrerãõ, negando constantemente nos tormentos a falsidade dos crimes, que lhes imputavaõ: e alguns, que antes com o temor da morte os confessãõ verdadeiros, no ultimo da vida protestaraõ serem imposturas a que os obrigara o medo.

Por ventura faz se crível, que todos os Cavalleiros, e em tantos annos, eraõ taõ impios, que nenhum delles, ao menos, á hora da morte, e em alguma parte do mundõ delatasse tantas maldades para bem da Christandade, e descargo da sua consciencia? Em fim, nós sabemos, que o Graõ Mestre á hora de morrer emprazou o Papa, e ElRey de França, este para que em hum anno, e aquelle em quarenta dias, comparecessen diante do Tribunal Divino, e nenhum delles excedeo o termo: porém como os altos juizos de

de Deos são infondaveis , elles só comprehendem a verdade de hum negocio tão delicado.

Ao que temos dito se accrescenta , que os malvados homens , delatores dos innocentes Templarios , como Cains fraticidas , os não consentio a terra sobre a sua face , morrendo todos , huns pendentés nas forcas , e outros ás mãos dos assassinos. Vejaõ os curiosos a Monf. Hermant no primeiro Tomo da *Historia das Ordens de Cavallaria*, o qual antepoz a verdade de Historiador à naturalidade de Francez.

Em todos os Reinos Catholicos se processou a causa dos Templarios , e só em França se virão os castigos. Em Salamanca se juntou hum Concilio , composto dos Bispos das Hespanhas , e depois de huma exacta averiguação se declararaõ os Templarios por innocentes. E se os Leitores quizerem conformar comigo os seus juizos , suppostas as gravissimas authoridades , que nesta materia vi em Escritores de diversas nações , devemos resolver , que a paixão , e avareza de ElRey Filippe foy só quem os fez culpados. Das arruinadas riquezas desta illustre Ordem , que montavaõ mais de dous milhões de renda , se formaraõ outras celebres , e poderosas , como hiremos vendo no discurso deste Tratado.

## ORDENS DAS HESPAÑHAS.

*Neste Tratado não seguiremos as Ordens pelas suas antiguidades , mas pelos Reinos , em que florecem , principalmente pelas nossas Hespanhas.*



## Santiago.

Quando os Mouros dominavaõ as Hespanhas, no anno de 846 ganhou ElRey Dom Ramiro de Castella sobre elles a memoravel victoria de Clavijo. Nesta sanguinolenta batalha foy visto o Apostolo Santiago fazendo os officios de bom Soldado com huma espada, que na cor, e no exercicio toda era sangue. Em agradecimento deste beneficio determinou ElRey erigir huma Confraria de Armas, dedicada ao mesmo Santo, com a divisa da sua espada. Os primeiros, que nella se alistaraõ foraõ aquelles Fidalgos, que na força do conflicto tiveraõ a fortuna de ver brigar o seu celestial Companheiro, e Soldado do Senhor dos Exercitos.

Dizem alguns Authores Francezes, que a formal instituição desta Ordem fora em 1170; porém o nosso Mariz a poem no anno de 1155. A causa do seu estabelecimento foraõ os continuos insultos, que os Mouros commettiaõ contra os peregrinos de Compostella, aonde se venera o corpo do Santo Apostolo.

Treze Fidalgos unidos com os Conegos Regulares de Santo Agostinho, que tinhaõ edificado Hospitales nos caminhos para segurarem os peregrinos, e estavaõ senhores de muitos Castellos, e Casas fortes, deraõ formalmente principio á Ordem de Santiago, que approvou o Papa Alexandre III. em 1175, e lhe regulou as Dignidades. Em 1198 a confirmou Innocencio III. e tendo já do sobredito Papa permissaõ para casarem, fizeraõ os tres votos de Religiaõ na observancia da Regra de Santo Agostinho, sendo seu primeiro Graõ Mestre D. Pedro de Puente Encalada.

O ha-



O habito dos Cavalleiros era branco com humã Cruz vermelha á maneira de espada , a que o vulgo chama Lagarto. As Armas da Ordem taõ a mesma Cruz com humã concha no meyo della , em campo de ouro. A concha he insignia do Apostolo Santiago , e as trazem os seus Romeiros , em memoria das cont que appareceo o Santo nas prayas de Hespanha.

Fizeraõ os novos Cavalleiros maravilhotas conquistas nas terras , que possuiaõ os Mouros , e tomando parte nas desavenças de ElRey Fernando contra seu sobrinho Dom Affonso IX. seguiraõ as partes deste , e se retiraraõ para o seu Reino de Castella , aonde experimentaraõ magnificas liberalidades , recebendo , entre outras , o Castello de Ucles , que elegeraõ por Chefe-Lugar da sua Ordem , e nelle se defende raõ com bravo valor do sitio, que lhe pozeraõ os Mouros.

O Reino de Portugal , que estava visinho , e naquelles tempos taõ guerreiro , participou do valor dos novos Cavalleiros , sendo chamados pelos seus Reys. E como os nossos Monarcas aos Estrangeiros sempre mostraraõ mãos de Principes , tanto as abri raõ com estes , que em pouco tempo estava a Ordem riquissima ; pelo que , ElRey Dom Diniz a separou da sujeiçaõ de Ucles , dando-lhe a Villa de Alcacere do Sal para sua Cabeça , que depois se transferio para a de Palmella , aonde hoje existe , e tem o Convento dos seus Freires.

Depois da separaçãõ de Ucles foy a Ordem administrada muito tempo pelos Reys de Portugal , e morto o Senhor Dom Jorge , Duque de Coimbra , seu ultimo Graõ Mestre , foy a sua administraçãõ concedida a seu pay ElRey Dom Joaõ II. , até que o Papa



Julio II. annexou o Mestrado á Coroa a favor de El Rey Dóm Joáo III.

Em Hespanha se dividio a Ordem, e teve dous Grãos Mestres, hum do partido de Ucles, e outro do de Leaõ, recebendo tantas approvações dos Papas, e beneficios dos Reys de Hespanha, como nenhuma outra, além da de Malta. As suas riquezas forão tantas, que excediaõ ás de todas as Ordens juntas das Hespanhas.

Antes que o Mestrado se unisse á Coroa de Hespanha, eraõ estes eleitos por treze Cavalleiros, que compunhaõ huma representação do Apostolado, e tinhaõ voto em todos os negocios: porém esta authoridade se lhes diminuiu muito com o estabelecimento do Conselho das Ordens, formado pelo Emperador Carlos V. reunindo o Papa Adriano VI. os Mestrados das Ordens de Santiago, Calatrava, e Alcantara á Coroa de Hespanha, com condição de haver o dito Tribunal, que tem a mesma jurisdicção do da Meza da Consciencia neste Reino.

Os Cavalleiros, que se admittiaõ, assim em Portugal, como em Castella, haviaõ ternobreza de quatro gerações por pay, e mãy; e ainda que nos primeiros tempos não era necessaria nobreza mais antiga, que a sobredita; no Capitulo Geral de 1653 se determinou, como requisito preciso, que a houvesse; porém a diuturnidade, nesta, e outras Ordens, abrogou esta louvavel Constituição, supprindo muitas vezes as dispensas faltas, que não deveraõ.

Tem esta Ordem em Hespanha sete Mosteiros de Freiras, ou Cavalleiras, que são, Santo Espirito de Salamanca, Santa Fé de Toledo, Nossa Senhora de Junqueiras em Barcelona, Santa Cruz de Valhado-



lid, Santa Eulalia de Merida, Nossa Senhora de Granada, e hum em Madrid. Nestes Conventos se observão os votos, e a clausura com differença; porque humas Religiosas guardaõ a clausura, e os votos rigorosamente; e outras sahem fóra, e podem casar, assim como as da Senhora de Junqueiras em Barcelona, e as do Real Convento de Santos em Portugal, nobilissima accommodação das Senhoras illustres deste Reino. Além dos Authôres citados acima, vejaõ os curiosos com mais diffusão a Francisco de Rades na *Chronica das Ordens, e Cavallaria de Santiago*.

*Aviz, em Portugal.*

**D**Epois de vencida a memoravel batalha do Campo de Ourique, em que o exercito de Elmael, e outros Reys Mouros, foy cortado em peças pela invencivel espada do Gedeão Portuguez, o Senhor Rey Dom Affonso Henriques, instituiu este Principe a Ordem de S. Bento do anno de 1147.

Alguns annos depois, no de 1166 conquistou o famoso Giraldo a Cidade de Evora; e reconhecendo El Rey a milagrosa assistencia de Maria Santissima naquella conquista, em que commetteo temeridades o valor, formou a guarnição da Cidade de parte destes Cavalleiros com o nome de Confrades de Santa Maria de Evora; e alli edificaraõ a Torre, chamada ainda hoje da Freiria.

Nesta Cidade começaraõ os Cavalleiros a ter forma de Ordem, e celebravaõ os Officios Divinos na Ermida, que dedicaraõ a S. Miguel, de quem El Rey era devotissimo, e muito favorecido, como veremos na Ordem da Ala. Teve esta em Evora tres



Grãos Mestres. O primeiro foy Fernão Monteiro, que teve por successor a Gonçalo Viegas, a quem succedeo Pedro Annes, e no seu tempo, no anno de 1181, se mudou a Ordem para Aviz, cujo Castello tomou ElRey aos Mouros, e o deu aos Cavalleiros pelo muito, que nesta conquista se signalaraõ.

As Armas nas bandeiras da Ordem saõ huma Cruz verde em campo de ouro, da forma da de Calatrava; e ao pé della duas Aves negras, por allusão ao nome de Aviz. A sua Regra he a de Cister, a que o Abbade Joã ajuntou particulares Constituições.

No anno de 1204 a approvou o Papa Innocencio III, e depois outros muitos Pontifices; fazendo se especialmente recommendavel á estimação dos Principes Portuguezes pelas gloriosas victorias, e avultados serviços, que fazia á Coroa; recebendo das suas Reaes mãos muitas, e grandes Praças, com o que se augmentou consideravelmente. Porém o que contribuiu para a sua mayor ventagem foy a doação, que Dom Rodrigues Garcias de Aça fez a esta Ordem dos muitos bens, que a de Calatrava, de que era Graõ Mestre, tinha em Portugal; pelo que a Ordem de Aviz se unio, e aceitou as Regras, e Constituições de Calatrava.

Apertadas com estes vinculos estiveraõ as sobreditas Ordens até ás desavenças dos Reys Dom Joã I. Mestre, que foy de Aviz, e primeiro restaurador da liberdade Portugueza, com Dom Joã de Castella, que pelo casamento com a Infanta Dona Beatriz, filha de ElRey Dom Fernando, queria succeder nesta Coroa. E porque os Cavalleiros, como Portuguezes, seguirão a voz do seu Rey; se passaraõ da uniaõ de Calatrava; e ainda que na violenta intrusão dos Filippes se



se reunirão, desfatarão o nó ao mesmo tempo, que se quebrarão as cadêas da nossa esclaydaõ no felicissimo anno de 1640.

Os Cavalleiros, para haver de serem admittidos, necessitavaõ de nobreza, e valor; e por elles se repartiãõ mais de quarenta Commendas, que havia na Ordem, e eraõ premio de cinco annos nos trabalhos da guerra. O Convento das Freiras da Encarnaçaõ de Lisboa he sujeito á Ordem de Aviz, e nelle, como no de Santos, só se aceitaõ as Senhoras de conhecida qualidade.

*Ala, em Portugal.*

**C**onfundem-se os Chronologiflas no anno preciso da fundaçãõ desta Ordem. Dizem os Francezes, que fora depois de vencida a gloriosa batalha, em que o valor de ElRey Dom Affonso Henriques derrotou o exercito de Albojaque nos campos de Santarem, que elles poem no anno de 1140, contra o commum dos nossos Chroniftas, que a referem no de 1181, e que a formaçaõ da Ordem fora no de 1165, ou 1171, no que tambem se enganaraõ; porque se a batalha se ganhou em 1181, e o estabelecimento da Ordem foy logo depois, pertence ao mesmo anno, ou ao seguinte de 1182.

O motivo que teve o nosso primeiro Rey para instituir a Ordem da Ala de Saõ Miguel, foy, porque naquella jornada, ao tempo que se esquentava a refrega, appareceo no ar hum braço com huma espada, e huma Aza, que voava para onde ElRey se movia, mostrando combater em seu favor, e que trabalhava pela honra do seu triunfo; e como ElRey tinha huma grande devoçaõ a Saõ Miguel, reconheceo



ceo naquelle aperto a poderosa assistencia do seu Angelico Protector.

Conseguida taõ grande victoria, que devia voar nas azas da fama pelos horizontes da Eternidade, armou ElRey de Azas os Senhores da sua Corte, para que nos prodigios do valor andasse patente o milagre do Ceo. O habito destes Cavalleiros era branco com huma Cruz vermelha em forma de espada, semelhante á de Santiago. ElRey lhes fez muitas mercês em quanto viveo. Naõ teve esta Ordem mais approvaçãõ, que a dos Bispos do Reino, e se acabou com a vida dos primeiros que a professaraõ; ficando a antiguidade com o menosprezo da honra sem proveito.

### *Calatrava.*

**O** Grande, e bravo Rey de Castella Dom Sanchõ III. instituio esta Ordem para a oppor aos Mouros, como incontrastavel baluarte, e lhe deu a Praça do seu nome, que tomou aos mesmos infieis; porque os Templarios, a quem a entregou, naõ bastavaõ a defendella, e temeraõ o aspecto das Luas Mouriscas.

Foy isto pelos annos de 1158, em que era Abba de em hum Mosteiro Cisterciense o valeroso Raimundo, que com outros Companheiros, em habitos Monacaes, se offereceraõ a ElRey para defender Calatrava, e ElRey lha deu em feudo. Do sobredito anno se começa formalmente a contar o estabelecimento da Ordem, a que dahi a muitos annos foy dada a Cruz vermelha com quatro flores de liz nas pontas, a que nos termos da Armaria se chama floreteada,

da, ou floridelhada, e cantonada de duas algemas azuis, com o que se distingue das outras Ordens. O seu primeiro Graõ Mestre foy D. Nuno Peres de Quinhones.

Mereceo a Ordem de Calatrava particular estimação dos Reys de Hespanha, e de muitos dos Summos Pontifices. Alexandre III. Gregorio VIII., e Innocencio III. a confirmaraõ; e depois se fez famosa com as muitas victorias, que ajudou a ganhar ao nobre Rey Dom Affonso de Castella, continuando a successaõ dos seus Graõs Mestres, até que o Catholico Rey Dom Fernando, por permissaõ de Innocencio VIII. annexou á Coroa aquella Dignidade em 1490.

*S. Juliaõ, e Alcantara.*

**E**L Rey Dom Fernando II. de Aragaõ por occasiaõ das guerras, que teve com seu sobrinho D. Affonso IX. de Castella, cujas partes seguiraõ os Cavalleiros de Santiago, como dissemos, perdeu a illustre nobreza della, que generosamente prodiga do seu sangue honrava a Religiaõ, dava gloria aos Estados, e temor aos inimigos.

Determinou aquelle Principe restituir esta perda, para o que no anno de 1177 fundou outra Ordem, estabelecida pelo valor de Dom Gomes Fernandes, igualmente illustre, e valeroso, e seu primeiro Graõ Mestre, que lhe deu principio no Lugar chamado Peireiro, debaixo do titulo de S. Juliaõ do mesmo Lugar; e approvada em 1177 pelo Papa Alexandre III. na observancia da Regra de S. Bento. As suas Armas saõ a mesma Cruz de Calatrava floreteada de verde, carregada em coraçãõ de hum escudo de ouro, e hum peireiro verde.



Conservaraõ os primeiros Cavalleiros o nome de S. Juliaõ do Pereiro, e as sobreditas Armas, até que no anno de 1218 se trasladaraõ para a Villa de Alcantara, que lhes tirou o primeiro nome, e deu o seu. A dita Villa tomou El Rey Dom Affonso IX. de Castella aos Mouros, e a doou á Ordem de Calatrava, que a trespassou á de S. Juliaõ do Pereiro; pelo que os Cavalleiros de Alcantara ficaraõ reconhecendo o Graõ Mestre de Calatrava por seu Chefe, e Superior. Passados alguns annos sacudio a Ordem de Alcantara o jugo desta obediencia, e elegeo por primeiro Graõ Mestre a Dom Diogo Sanches. Por este tempo, reinando El Rey Dom Diniz, passaraõ a Portugal os Cavalleiros do Pereiro: porém os bens, que nelle adquiriraõ, foraõ repartidos pelo Mosteiro de Alcobaça, e Ordem de Christo.

O Mestrado de Alcantara, como os mais, se uniraõ á Coroa na pessoa do Catholico Rey Dom Fernando. O Papa Paulo III. concedeo aos Cavalleiros a permillaõ de casarem. Conta esta Ordem mais de cincoenta Commendas, e trinta e sete Graõs Mestres, até se unir á Coroa este cargo a favor do dito Rey.

### *N Senhora do Rosario, em Hespanha.*

**D**izem alguns Authores, que esta Ordem Militar fora instituida pelo Patriarca S. Domingos para a oppor aos Mouros de Hespanha: porém he certo, que estes se enganaraõ; porque depois da morte daquelle Santo foy formada a Ordem por Frederico, Arcebispo de Toledo, que com piedoso zelo attrahio muita nobreza das Hespanhas, e dando-  
lhe

He a Regra de S. Domingos o nome de Cavalleiros de nossa Senhora do Rosario, e huma Cruz, ametade branca, e ametade negra com os extremos em forma de flor de lyrio, e no meyo hum oval com a Imagem da Senhora do Rosario, a oppoz ás correrias dos Mouros. Naõ teve esta Ordem approvaçãõ alguma, e foy de pouca duraçãõ. Alguns Authores duvidaõ, que a houvesse.

A Rainha Dona Anna de Austria, sendo ja viuva de Luiz XIII. Rey de França, instituhio para as Senhoras huma Ordem em 1645, a que deu o nome de Colar Celeste do Santo Rosario.

*Cavalleiros da Fé de Christo, e da Cruz de S. Pedro Martyr.*

**A**ntigamente houve em Milaõ, e outras Dioceses de Italia, huma affociação de pessoas, que tomaraõ a qualidade de Cavalleiros, com o nome da Fé, e Cruz de S. Pedro Martyr; os quaes por voto se obrigavaõ a trabalhar pela exaltaçãõ da Santa Fé, e extirpaçãõ das herefias, com sujeiçãõ ao seu Inquisidor.

Esta Confraria de Milaõ he o mesmo, que os Officiaes, ou Familiares do Santo Officio, estabelecidos nas Hespanhas á sua imitaçãõ.

*Ordem de Christo, em Portugal.*

**A**preclarissima Ordem de Jesus Christo, a nenhuma inferior na magnificencia, foy fundada pelo Real animo, e religioso espirito do grande Rey Dom Diniz no anno de 1318, assim para animar a no-



breza contra os Mouros, como para restaurar a lastimosa perda dos Templarios, que admittio na nova Ordem; reconhecendo a sua innocencia, e renovar o fervor da de Aviz, que havia esfriado muito.

No anno seguinte de 1319 foy confirmada a Ordem pelo Papa Joaõ XXII. debaixo da Regra de S. Bento, e reformação de Cister. Nella fazem os Cavalleiros os tres votos de Religiaõ, e quarto de defender a Igreja contra os infieis: porém o Pontifice Alexandre VI. a instancias de ElRey Dom Joaõ II. dispensou o voto de castidade, facultando aos Cavalleiros o poderem casar.

Logo nos seus principios subio a Ordem a hum grande augmento; porque como fora fundada sobre as ruinas dos Templarios, arrasada aquella grande estatua, todo o seu pó ficou de ouro. Dom Gil Martins foy o primeiro Graõ Mestre, que ja o havia fido da de Aviz; e como as principaes expediçoens dos Cavalleiros eraõ na fronteira de Andaluzia, se lhes deu a primeira Casa em Crasto-Marim, ficando o Reino do Algarve com a gloria de ser berço de huma Ordem taõ illustre. Concedeo-lhe ElRey grandes honras, e privilegios; e passados alguns annos, se mudou o seu assento para a Villa de Thomar, aonde estava o Convento dos Templarios.

O seu habito he hum manto branco com huma Cruz vermelha aberta tambem em branco. A Ordem costumava ser visitada pelo Abbade de Alcobaça até ao tempo de ElRey Dom Joaõ III. que alcançou Bulla de isençaõ, e reformou aquelle Convento na forma em que hoje está.

Conhecem muito bem os nossos Soberanos o quanto devem a esta magnifica Ordem; porque de-  
pois



pois de os ajudar a lançar do Reino as impias reliquias do Mahometismo, passaraõ os Cavalleiros a Africa, animados do Real espirito do seu Graõ Mestre, o Infante Dom Henrique, eterna gloria naõ só de Portugal, mas do nosso Algarve, venturosa escala dos seus descobrimentos, e naquella parte do mundo alcançaraõ victorias taõ memoraveis, como grita a fama na vulgaridade das tradiçoens, e estenderaõ as conquistas com tanta gloria do nome Christaõ, e credits do valor Portuguez, as quaes os nossos Principes, com animo Real, abandonaraõ, como proprias, nas mãos que as ganharaõ, mostrando á sua Ordem em tantos premios, quanto estimavaõ a relevancia dos serviços.

Excedeo aos seus augustos antecessores El Rey Dom Affonso V. cognominado o *Africano*; porque além de confirmar as doaçõens temporaes, que aquellès haviaõ feito á Ordem, lhe entregou tambem a jurisdicção espiritual sobre as referidas conquistas, com approvaçãõ do Papa Calisto III. em 1455, nomeando o Graõ Prior os Beneficios simplicis, e Curados; e servindo-se das censuras, e outras penas, que saõ proprias da dignidade Episcopal, para conter nos limites do seu dever os transgressores das suas determinaçoens.

Tantas circunstancias honorificas elevaraõ a Ordem na esfera da Igreja ao Apogeo do mayor luzimento; e sobre tudo o grande credito, a muita nobreza, e as marcas de valor, que em tres annos de espada na maõ deviaõ ter os sujeitos para serem nella admittidos. Porém, como a roda dos tempos anda em hum continuo gyro, aquellas justissimas circunstancias ficaraõ enterradas.



Houve na Ordem quinhentas Commendas, que se estendiaõ pelo Reino, e suas Conquistas, com hum excessivo rendimento, que se fazia mais consideravel com o do Mestrado. Naquelles bons seculos eraõ ellas o premio, que posto aos olhos animava a mercello com gloriosas façanhas na conquista de Africa, intento formal do Instituto: porém esquecido este facto fim, se vaõ fazendo estes bens hereditarios, naõ lembrando á cubiça o ser de sagrados.

O Mestrado da Ordem de Christo foy unido á Coroa em 1550 pelo Papa Julio III. e depois tomaraõ os nossos Soberanos o titulo de Administradores perpetuos da Ordem, como já tinhaõ feito da de Aviz. *Vid. Marian. e Vasconc.* com mais diffusaõ.

### Montesa.

**H**Um anno antes da instituiçaõ da Ordem de Christo em Portugal, fundou Jaime II. Rey de Aragaõ em Hespanha a de Montesa, com o mesmo fim de reparar a arruinada dos Templarios, e oppor aos Mouros o valor dos seus Cavalleiros. Principiou o seu estabelecimento na Villa de Montesa, debaixo do feliz auspicio de Maria Santissima; pelo que foraõ chamados Irmãos de N. Senhora.

Muitos Summos Pontifices confirmaraõ a Ordem na observancia da Regra de Cister. Dous annos depois da sua instituiçaõ, no de 1319 se unio á de Calatrava com inteira sujeiçaõ espirital, e temporal: porém antes desta uniaõ se fez outra á Ordem de Montesa, e foy a de S. Jorge de Alfama, Cidade de Catalunha, que no anno de 1201 havia instituido Pedro II. Rey de Aragaõ; e como esta naõ havia sido

confirmada por algum Pontifice, o Antipapa Pedro de Luna, de nação Hespanhol, que se fez chamar Benedicto XIII. a incorporou á de Montesa, ficando ambas unidas á de Calatrava.

As Armas da Ordem de Montesa eraõ em campo de ouro huma Cruz vermelha sem ornamento, chamada Cruz de S. Jorge, Patrono dos Reinos de Aragão, e Navarra, a qual alludia á uniaõ da Ordem de Alfama, que fica dita. *Vid. Zurita nos seus Annaes liv. 3.*

### Ordem da Banda.

**I**nstituhio esta Ordem Affonso XI. Rey de Leaõ no anno de 1330, e naõ no de 1318, como dizem alguns; porque entãõ apenas tinha este Principe sete annos. O fim deste estabelecimento foy para dar mostras da sua magnificencia aos Senhores da Corte, e marcas do seu zelo á Religiaõ. As muitas mercês de ElRey a fizeraõ florescer muito; e nella só se admitiaõ os filhos segundos das mais illustres familias de Hespanha. A sua divisa era huma fita de seda vermelha em forma de banda, que tomava do hombro esquerdo, e cahia debaixo do braço direito. Na milagrosa batalha do Salado, em que o valor Portuguez obrou maravilhas, fizeraõ estes Cavalleiros finaladas proezas. A sua Ordem naõ tinha mais Regra, ou voto, que hum simples juramento de fidelidade ao Rey. Pelo discurso do tempo foy totalmente aniquilada. *Vid. Marian. Hist. liv. 15. e 16.*



Ordem da Pomba.

**D**Uvidaõ os Escretores no anno, e no Fundador desta Ordem. Dizem huns, que fora Joaõ I. Rey de Leaõ, e Castella; outros que Henrique III. seu filho: este no anno de 1399, e aquelle no de 1379.

Seja porém qual for o Fundador, o lugar do seu estabelecimento foy Segovia, e o fim fazer com ella semblante aos Mouros, que invadiaõ as Provincias de Hespanha. O seu collar era de ouro, encadeado de rayos como os do Sol, ondeados em ponta, e no extremo huma Pomba marchetada de branco, os olhos, e o bico vermelhos. Os Estatutos eraõ louvaveis; porém a esperança da sua grandeza se desvanecio com a morte do Fundador, devendo a Ordem pouco cuidado aos seus successores. *Vid. Marian. liv. 18. e 19.*

Ordem do Ventre da Virgem.

**E**Rnando o Justo, Infante de Castella, e depois Rey de Aragaõ, filho de El Rey Joaõ I. de Castella, ganhou sobre os Mouros huma grande victoria, e lhes tomou a Praça de Antequera no Reino de Granada. Em reconhecimento dos muitos serviços, que nestas expediçoens lhe fizeraõ os grandes do Reino, e animando os a interprender outras mayores, instituhio para elles huma nova Ordem no anno de 1410, a que deu o nome do Ventre de nossa Senhora, sendo este Principe o primeiro, que se honrou com a divisa da Ordem, composta de hum oval, dentro do qual estava a Imagem da Senhora com o Meni-

no nos braços. Desta Ordem apenas ha memorias em Hespanha.

*S. Salvador de Monte-Real.*

**O** Lugar proprio desta Ordem, segundo a Chronologia, era antes da de Christo em Portugal: porém reservamola para a serie das que se extinguirão em Hespanha. Os Reys della, que com tanta honra sua, e gloria da Religião se empenharaõ em combater os inimigos da Fé, para os lançarem dos seus Estados, punhaõ a mayor confiança no valor dos Cavalleiros.

Por esta razaõ Affonso VII. a quem as suas continuas expediçoens deraõ o nome de *Batalbador*, succedendo a Affonso VI. nos Reinos de Castella, por casar com sua filha, ajuntou todos os grandes, e determinou chamar-se Rey das Hespanhas; e porque os Mouros occupavaõ ainda huma grande parte do Reino de Valença, para lhes impedir as correrias, fez edificar a Villa de Monte-Real em 1120, e porque só nos Cavalleiros achava valor para refrear os Mouros, e tambem pelos rogos de Saõ Bernardo, cometeo a sua defenfa aos Templarios.

Porém como aquella Ordem foy destruida, se fundou logo outra dos mais illustres Fidalgos de Aragaõ, a que se deu o nome de S. Salvador de Monte-Real, e se lhe dispoz a Regra com muita conformidade á dos Templarios, excepto a permissaõ de casarem os Cavalleiros. O seu habito era branco com huma Cruz tinta de vermelho, e os Reys de Aragaõ foraõ os seus Chefes; mas faltando inimigos da Fé com quem combater, se aniquilou a Ordem, e os seus



seus rendimentos se confundirão com os bens da Coroa.

*Monte-Alegre, de Monte-Fraco, e de Truxillo.*

**E**sta Ordem não he de Hespanha; porque nasceo na Palestina, e não sabemos quem fosse o seu Fundador: porém na decadencia dos negocios do Oriente achou em Hespanha seguro abrigo. Em quanto ao assumpto do seu estabelecimento, se presume, que alguns Fidalgos unidos para guardarem os Lugares santos, foraõ os seus instituidores pelos annos de 1180. Tomou o nome de Monte-Alegre, em razãõ de huma montanha assim chamada, e não longe de Jerusalem, que talvez tivesse aquelle nome pela alegria, que causava aos peregrinos, quando della descobriaõ os Lugares da nossa Redempçaõ.

O Papa Alexandre III. pelo piedoso zelo dos novos Cavalleiros approvou a Ordem debaixo da Regra de S. Basilio: mas perdendo os Christãos a Terra Santa, se retiraraõ aquelles para a Europa, e se estabeleceraõ no Reino de Valença, recebendo dos seus Principes muitas mercês, e privilegios. El Rey Dom Affonso IX. lhes deu o Castello de Monte-Fraco, de que tomáraõ o nome, ainda que em outras partes de Hespanha ficaraõ conservando o de Monte-Alegre. O Santo Rey Dom Fernando, vendo que a Ordem decahia muito, a unio á de Calatrava em 1221. O seu habito era branco com huma Cruz vermelha.

Na mesma Hespanha ha Cavalleiros, que trazem origem desta Ordem, e se chamaõ de Truxillo, em razãõ da mercê, que El Rey Dom Affonso IX. lhes fez desta, e outras Praças conquistadas aos Mouros:

ros: porém reconquistando-as estes, e não tendo para onde se retirar, se unirão á Ordem de Alcantara, a que ficaraõ incorporados.

ORDENS DOS REINOS DE FRANÇA,  
e Navarra.

*Santa Rodoma.*

**A** Occasião, porque se erigio esta Ordem no Reino de França, foy o milagroso successo da Pomba, que no baptismo de Clodoveo, em dia de Natal do anno 496, trouxe no bico huma Rodoma, a que os Francezes chamaõ Ampoulla, chêa de oleo sagrado, que não sómente servio para a unção daquelle Principe, mas dos seus successores, especialmente os da terceira linha dos Capetingios. Esta magnifica cerimonia se celebra na Cidade de Rheims.

Em memoria deste milagre, que nos não importa averiguar, instituirãõ os Reys da primeira raça, chamados Merovingios, huma Ordem de Cavallaria, a que deraõ o nome da Santa Rodoma. He ella a mais antiga de França, ainda que se ignora precisamente o anno da sua instituição. Compoem-se de quatro Cavalleiros, que na sagração dos Reys levaõ as varas do Pallio na Procissão da Rodoma. O seu habito he huma Cruz de ouro marchetada de prata, carregada de huma pomba com a Rodoma no bico, recebida por huma mão móvente de encarnação, e pendente de huma fita negra. No reverso trazem a Imagem de São Remigio, que baptisou o dito Rey, pelo que se chamaõ Cavalleiros do mesmo Santo.



## Ordem do Caõ, e do Gallo.

**H**Um Fidalgo da illustre Casa de Montmorency, que assistio ao bautismo do seu Rey Clodoveo, e com elle recebeu a verdadeira Fé; querendo fazer huma publica demonstraçaõ da sua fidelidade para com Deos, e para com o seu Principe, instituhio esta Ordem, a que deu por divisa hum Caõ, symbolo da fidelidade.

Naõ dizem os Authores o anno da sua formaçaõ, mas que fora na Cidade de Orleans: e vendo o Senhor de Montmerency o grande progresso, que ella fazia, estabeleceo com muita magnificencia huma segunda Ordem, chamada do Gallo, que depois se unio á do Caõ; e tendo durado algum tempo em França, expiraraõ com o nascimento das Ordens dos Reys. Os seus Cavalleiros traziaõ hum collar de ouro composto de muitas cadêas, e no seu extremo pendia hum caõ, e hum gallo com a divisa desta só palavra: *Vigiles.*

*Genetta.*

**T**odos os Authores se confundem sobre a origem desta Ordem. Dizem alguns, que tivera principio na memoravel batalha, que Carlos Martelo ganhou dos Mouros sobre a Cidade de Tours em 732, e que para lhe conservar a memoria instituiria a Ordem da Genetta, que tomou o nome das muitas, e preciosas pelles destes animaes, achadas entre os riquissimos despojos do campo vencido. Naõ consta, que algum Pontifice a approvasse, naõ obstante a mui-

ta estimação, que teve dos Carlovingios, ou Reys da segunda estirpe de França, aonde apenas ha della alguma memoria

*Ordem de Frisia, ou da Coroa Real.*

**Q**Uiz o Imperador, e Rey de França, Carlos Magno fazer mercês aos nobres Frisoens, que o serviraõ na guerra contra os antigos Saxonios, e instituhio em seu favor esta Ordem pelos annos 802. Deu-lhes o habito branco com huma coroa bordada de ouro, e por divisa a letra: *Coronabitur legitime certans*. Os Reys de França se attribuem a Dignidade de Grãos Mestres, que outros dizem pertence aos Imperadores, por ficar esta Ordem unida á Coroa Imperial. *Vid. os Authores citados ao principio.*

*Ordem da Estrella.*

**H**E opiniaõ commua, que esta Ordem foy instituida por ElRey Roberto, filho de Hugo Capeto, em 1022, Principe pio, religioso, e sabio, em hum seculo inculto, que debaixo da educação de Gerberto, Bispo de Rheims, e depois Papa Silvestre II. aproveitou igualmente em virtudes, e sciencias.

Com a formação da Ordem da Estrella, dedicada á Mãe de Deos, que elle respeitava como a Estrella do Mar, Guia, e Protectora dos seus Estados, floreceraõ elles muito, tomando os Reys de França o titulo de seus Grãos Mestres. O seu collar era composto de tres cadêas de ouro, entrelaçadas de rosas do mesmo, esmaltadas alternativamente de branco,



e vermelho, e pendente delle huma Estrella de ouro com cinco rayos.

Foy grandissima a veneração, que esta Ordem teve em França, e o seu habito só se conferia aos Principes: porém como na continuação das guerras de Filippe de Valois se diminuiu o seu esplendor, lho restabeleceo Joaõ II. filho daquelle Principe no anno de 1352, conferindo o habito aos mayores Principes do seu Reino.

Veyo em fim esta Ordem a aniquilarse, e ha huma grande controversia entre os Authores, se fora a sua ruina no tempo de Carlos V. ou de Carlos VII. O motivo da diminuição foy, porque hum destes Principes, vendo esgotadas as suas rendas, e não tendo outros meyoys de recompensar os Capitães dos seus exercitos, lhes deu o collar desta Ordem, que até então só se conferia aos Principes, e grandes Fidalgos de França; os quaes fizeraõ a ElRey fortes representações sobre esta materia: porém elle convocando hum Capitulo no Palacio de Clichy em 1455, tirou do pescoço o seu mesmo habito, e honrou com elle o Capitão da Ronda de noite, ordenando, que os Cabos dos Archeiros da mesma Ronda trouxessem no peito, e nas costas huma Estrella bordada de branco, e deu ao Capitão o nome de Cavalleiro da Banda. Este absoluto procedimento de ElRey obrigou aos Senhores a tirar o collar; porque nas desproporções não se soffrem igualdades.

*Senhora do Lyrio.*

**D**emos este lugar á Ordem, de que vamos a tratar; porque o titulo, e huma grande parte de Navarra, onde foy instituida, anda unido á Coroa de França.

Na Cidade de Naxera tinha a sua Corte Garcia VI. Rey de Navarra, e nella estava gravemente enfermo, sem que o Ceo desse ouvidos ás continuas deprecações, e incessantes votos, que pela sua saude se faziaõ á Deos.

Neste mesmo tempo appareceo naquella Cidade a milagrosa Imagem da Senhora, sahindo de hum lyrio, que lhe deu o nome: e recobrando EIRey a não esperada convalescença, a attribuhio a prodigio da mesma Senhora; pelo que lhe edificou huma Igreja magnifica, e hum soberbo Mosteiro, que deu aos Religiosos Bentos, e instituhio a Ordem dos Cavalleiros, chamados de Nossa Senhora do Lyrio, no anno de 1048.

O mesmo Principe reservou para si o Mestrado, e ordenou, que andasse unido ás pessoas dos seus successores. Dizem alguns Authores, que esta Ordem he huma das mais antigas das Hespanhas, a que propriamente pertence, e que para ella se escolhiaõ os Fidalgos das mais illustres familias de Navarra, Biscaya, e Castella a velha. O seu habito era hum lyrio bordado de prata no peito, e ao pescoço, em huma cadêa, hum oval, que fechava hum lyrio. A sua Regra dizem huns ser a de S. Basilio: porém ha mais apparencias de que era a de S. Bento.



## Cavalleiros de Albrac.

**O** Hospital de Albrac, ou Aubrac, situado em hum horroroso deserto nos confins das Provincias de Guienne, Languedoc, e Auvergne, deu nome aos seus Cavalleiros, e Hospitaleiros. Foy fundado por Alardo, Visconde em Flandes, o qual vindo de huma romaria de Santiago de Galiza, cahio nesta montanha em huma emboscada de ladroes. Neste aperto prometteo a Deos, se o livrasse daquelle perigo, de edificar alli hum Hospital para defender os passageiros.

Foraõ ouvidos os seus rogos, e cumprida a promessa pelos annos 1120.; porẽm como nelle (ainda que confirmado pelo Papa Alexandre III.) se não estabeleceo formalmente a regularidade, o deu o Bispo de Châlons, com permissaõ de ElRey, aos Conegos Regulares da Refórma de Chancelade em 1697.

## Ordem da Giesta.

**Q**Uiz ElRey S. Luiz mostrar-se agradecido ao omnipotente Braço, que exaltára a sua humildade, eleyando-a ao Throno de França, em lugar da Magestade de seu irmaõ Filippe, morto sem casar; e instituhio huma Ordem Militar, a que deu o nome da Flor do Arbusto, que vulgarmente chamamos Giesta, ajuntando-lhe por divisa as palavras: *Exaltat humiles.*

Na solemnidade do seu casamento com Margarida, filha primogenita de Raimundo Beranguer, Conde de Provença, e de Beatriz de Saboya em 1234.

fez

fez ElRey o estabelecimento da Ordem, e recebeu o seu colar, com que tambem honrou os principaes Senhores do Reino. Compunha-se este de fementes de giesta, entrelaçados de flores de liz de ouro, e no seu extremo huma Cruz floreteada. Duraraõ estes Cavalleiros em França até o tempo de Carlos VI. que na entrada da Rainha Isabel de Baviera, sua esposa, fez Cavalleiros da Estrella, e da Giesta a seus primos Luiz de Anjou, Rey de Sicilia, e a Carlos, Principe de Taranto.

### N. Senhora do Cardo.

Confundem-se alguns Authores, e com pouco fundamento, sobre o Fundador desta Ordem. Ha quem diga, que fora instituida por Philippe II. Duque de Borgonha em 1430, outros, que por hum Luiz II. Duque do mesmo Estado; em 1403, sendo certo que se equivocaraõ com Luiz II. Duque de Bourbon, seu verdadeiro instituidor no anno de 1369.

No primeiro dia do dito anno quiz aquelle Principe dar as estreas aos Fidalgos dos seus Estados, e lhes fez presente de huma Ordem chamada o Escudo de Ouro, que tinha huma banda de perolas, e as palavras, *Allen, Allen*, em que os exhortava ao ferviço de Deos, e defenſa do proprio Paiz, e que tomassem por divisa a palavra, *Esperança*.

O mesmo Principe, a quem a sua muita virtude deu justamente o sobrenome de *Bom*, no anno seguinte de 1370 casou com Anna Delfina, filha unica de Beraldo, Conde de Auvergne, chamado o *Grande*. O principal festejo daquelle dia foy a instituição.



ção da Ordem dos Cavalleiros de Nossa Senhora do Cardo, de que o mesmo Principe, e seus successores haviaõ fer os Soberanos. Traziaõ os Cavalleiros hum collar, de que pendia huma figura ovada, e dentro nella a Imagem da Senhora rodeada de hum Sol de ouro, corõada de doze Estrellas de prata, com hum crescente de Lua debaixo dos pés, e no extremo huma cabeça de cardo esmaltado de verde.

*Ordem de Orleans, chamada do Porco Spim.*

**L**uiz de França, Duque de Orleans, filho de Carlos V. e de Joanna de Bourbon, no bautifmo de feu filho Carlos de Orleans, que foy pay de Luiz XII. Rey de França, instituhio a Ordem do Porco Spim no anno de 1393. Compunha-se ella de vinte e cinco Cavalleiros, de que o Duque era Graõ Mestre; e traziaõ ao pescoco hum Porco Spim de ouro com estas palavras por divisa: *Cominus, & Eminus*, que querem dizer: de perto, e de longe.

O motivo, porque este Principe instituhio semelhante Ordem, foy para mostrar a Joaõ, Duque de Borgonha, seu mortal inimigo, que lhe naõ faltava valor, e armas para se oppor com coragem aos seus ataques. Por esta razaõ escolheo o Porco Spim, e com elle deu nome á sua Ordem; porque este animal está taõ bem guarnecido, que de perto fere com as lanças dos seus bicos, e de longe arremessa huns pequenos dardos, com que faz retirar os cães, que o perseguem. Luiz XII. Rey de França, neto do sobredito Duque, desfez esta Ordem.

## Ordens do Arminho em França, e da Espiga.

**A** Ordem do Arminho em França he diversa de outra, que pertence ao Reino de Napoles, aonde a trataremos. Instituhio a dita Ordem Joaõ V. Duque de Bretanha, chamado o *Valente*, e *Conquistador*, depois da crua guerra, que trouxe com a Casa de Blois, em que ficou victorioso, e pacifico nos seus Estados. No mesmo anno em que concluiu o ventajoso Tratado de Paz, que foy o de 1365, dizem alguns, que fundára esta Ordem; e outros, que fora formalmente estabelecida em 1381.

O seu colar tinha muito de magnifico. Compunha-se de duas cadeas, cujos extremos prendiaõ em duas coroas Ducaes, e a cada huma dellas fechava hum Arminho passante, e ficavaõ huma pendente sobre o peito, e outra no pescoço. As cadeas, cada huma era composta de quatro brochas, e estas em figura de Arminho, com hum rolo torcido á roda do corpo, e sobre elle escrito: *Pela minha vida*. Os rolos estavaõ alternativamente esmaltados de branco com letras negras, e de negro com letras brancas. Na circunferencia dos pescoços dos dez Arminhos havia hum colar, donde pendia huma cadea de quatro, ou cinco anneis.

A Ordem da Espiga foy instituida por Francisco I. Duque de Bretanha, filho de Joaõ VI. e neto do sobredito Joaõ V. o *Valente*, da qual se fez Graõ Mestre. Deu-lhe o nome da Espiga pela grande devoção, que tinha ao Santissimo Sacramento, ou, como dizem alguns, porque os Duques de Bretanha tiveraõ sempre hum grande cuidado em fazer fer-



til o paiz de todo o genero de grãos.

Traziaõ os Cavalleiros hum collar de ouro , feito á maneira de huma coroa de Espigas de trigo , juntas humas a outras , e entrelaçadas em laços de amor. No feu extremo pendia hum Arminho de duas cadeinhas de ouro , com as palavras : *Pela minha vida* , que eraõ a divisa do Duque Joaõ V. Observavaõ estes Cavalleiros a Regra de Santo Agostinho , e professavaõ huma especial devoçaõ ao Santissimo Sacramento. Ignora-se o anno preciso da sua instituiçaõ ; porém foy antes do de 1448 , e totalmente extincta ; quando a Provincia de Bretanha se unio á Coroa de França.

### *Ordem de S. Miguel.*

**C**arlos VII. foy aclamado Rey de França , quando apenas tinha Estados sobre que poder cahir o titulo ; porque Isabel de Baviera , sua mãy , como se o não fora , fez sublevar o Reino contra elle , e coroar Rey de França ao menino Henrique VI. de Inglaterra , filho de sua filha Catharina. Porém na desesperaçãõ do remedio , acudio Deos com hum não cuidado ( se não claudica a Historia ) porque suscitou o espirito da valerosa Joanna de Arc , vulgarmente chamada a *Donzella de Orleães* , que fez levantar o cerco desta Cidade , e derrotou os Ingleses , quasi absolutos em todo o Reino de França. Dizem as Historias Francezas , que nesta famosa refrega appareceo o Anjo Saõ Miguel , peleijando a favor da sua naçaõ ; pelo que ElRey Carlos teve sempre particular devoçaõ , e mandou dibuxar nos Estandartes a Imagem do feu Anjo Tutelar , e de todo o Reino de França.

Luiz XI. seu filho herdou com o valor a devoção paterna, e excedendo-o nesta, instituiu huma Ordem Militar, illustre em França, com o nome do mesmo Arcanjo São Miguel. Este Principe, de genio desconfiado, e summamente Politico, teve fortes desavenças, sobre particulares interesses, com seu irmão o Duque de Berry, o Duque de Bretanha, o Conde de Charolois, e o Duque de Bourbon, que unidos com os mesmos vinculos, desembainharaõ as espadas contra ElRey, feitos em hum corpo.

ElRey, que depois da primeira composição, não se absteve de dar novos motivos de sentimento áquelles Principes, querendo evitar outro rompimento publico, instituiu em Amboise a Ordem Militar de São Miguel no anno de 1469, para honrar, e obrigar com ella os Principes, e Senhores. Ordenou este Principe, que os Cavalleiros trouxessem hum collar de ouro feito em conchinhas, laçadas huma com outra de hum laço dobrado, prezas sobre malhas de ouro, de que pendia huma medalha, e dentro nella a Imagem de São Miguel, combatendo, e pisando o infernal dragão.

No tempo de ElRey Luiz XI. e dos tres Reys seus successores, era esta Ordem taõ venerada, que se conferia a pouquissimas pessoas, e essas da primeira grandeza do Reino: porém no reinado de Henrique II. a pozeraõ as Meisdames em estado de venal; e a Rainha Regente, Catharina de Medicis, a deu a todo o mundo, com o pretexto de fortificar o seu partido; o que escandalizou de sorte aos Fidalgos, que vieraõ a desprezalla, e fugiaõ de entrar nella. Continuou a Ordem nesta falta de gravidade até o tempo do grande Rey Luiz XIV. que vendo o mon-



truoso numero de indignos Cavalleiros, espalhados por todo o Reino, e os abusos, e contravenções, com que os antigos Estatutos, e Regras da Ordem eraõ vilipendiados, para os remediar, compòz novas Ordenanças no anno de 1665, e lhe restituhio alguma pouca de mais honra.

### Ordem do Cordaõ.

**A**Nna de Bretanha foy instituidora desta Ordem no anno de 1498. Era esta Princeza filha unica, e herdeira de Francisco II. Duque de Bretanha, e teve por maridos a Carlos VIII. e Luiz XII. Reys de França. Morto Carlos no sobredito anno, a quem succedeo Luiz, e estando a Rainha viuva, resolveo formar a Ordem de que tratamos. Para este effeito fez compor hum colar entrelaçado de Cordaõ, e o poz na circunferencia das suas Armas, em forma de banda, e por divisa estas palavras: *Tenho o corpo desatado*. Faziaõ ellas allusaõ á morte de seu espolio, pela qual ficara livre do vinculo do matrimonio.

Esta magnifica Princeza deu o nome de Cordaõ á sua Ordem, guarneceo com elle as suas Armas, e honrou as Senhoras do seu Reino, á imitação de seu pay, em memoria do grande Patriarca dos Menores o glorioso S. Francisco de Assis. Francisco I. Rey de França, que casou com Claudia, filha de Luiz XII. e desta Rainha Anna de Bretanha, herdou com o Reino a devoçaõ, que seus sogros tinhaõ ao Santo Patriarca, e se honrou com o mesmo Cordaõ, que sempre os Soberanos estimaraõ pelo mais rico diadema, sem que elle necessite da Magestade para ser Coroa.

*Ordens do Santo Espirito, principalmente em França.*

**T**Res Ordens achamos com a invocação do Santo Espirito, que aqui trataremos; porque além de não existirem as primeiras duas, forão as ultimas instituidas por Principes Francezes.

A primeira Ordem de Santo Espirito tem dado que fazer a pennas bem aparadas, e tratando Moreri largamente das ultimas, não diz desta huma palavra. Achamos porém muitos Authores, que a tem pela fonte, e origem de todas as Ordens; e dizem, que tivera por Instituidora a Martha, sua irmã a Magdalena por Fundadora, e a Lazaro, irmão de ambas, por primeiro Geral, ou Graõ Mestre, o qual retirando-se a França com temor dos Judeos, formára aquelle corpo de Milicia, que deixou em Jerusalem depois da morte do Redemptor.

Pelo curso dos seculos veyo a florecer muito esta Ordem, e teve por varias partes magnificos Hospitales, especialmente em Italia; e ainda hoje se conservaõ alguns, e mais celebre que todos o da Curia Romana, chamado de Santa Maria in Saffia, para administração do qual chamou o Papa Innocencio III. a Guido, filho de Guilherme, Senhor de Montpellier, que nesta Cidade, pelos annos de 1195, havia edificado hum em tudo grande. Em França se conserva hoje esta Ordem: porém foy declarada Regular por determinação do Conselho de Estado em 1700 com confirmação de El Rey, dada no anno de 1708.

A segunda Ordem do Santo Espirito foy instituida por Luiz de Anjou, chamado de Taranto, Rey de



de Jerufalem, e de Sicilia, e marido de Joanna Rainha de Napoles, e Condessa de Provença. A fua formação fe fez no Castello do Ovo em Napoles dia do Espirito Santo do anno 1352, debaixo da protecção de S. Nicoláo de Bari, cuja Imagem pendia do extremo do colar: porém morrendo Luiz sem filhos da Rainha Joanna, expirou a Ordem totalmente; e depois de muitos successos, apenas se pode conservar para a memoria o original da fua Constituição.

Segue-se a illustre, e grande Ordem de Santo Espirito em França, fundada por Henrique III. Vio este Monarca summamente abatida a Ordem de S. Miguel, que deixamos escrita, e determinou estabelecer huma nova a que a uniffe; ordenando, que nella só podessem entrar Catholicos, e grandes Fidalgos, para assim attrahir ao feo partido alguns Senhores Calvinistas, na furiofa tormenta das guerras civís.

Dizem alguns, que a razão, porque ElRey dedicou a fua Ordem ao Santo Espirito, foy, porque nasceu no feo dia, e nelle teve as duas Coroas de Polonia, e França. A fua Cruz he de ouro, com huma flor de liz do mefmo em cada hum dos angulos, e no meyo huma pomba de prata. Os Cavalleiros, e Officiaes trazem no reverso a Imagem de São Miguel. A primeira cerimonia foy celebrada por ElRey Henrique III. no anno de 1578, e unio á Coroa o feo Meltrado. *Moreri Supp. á letra E. verb. Esprit.*

### *Ordem da Caridade Christã.*

**N** Aõ he razão, que passemos em silencio esta Ordem, que devia ser gloriosamente imitada por todos os Principes. Instituhio-a o mefmo Henrique

que III. de França para os pobres Capitães, e Soldados, que pelo serviço da Patria vieraõ a ficar inuteis, e estropeados. Assignou-lhes para sua sustentação muitas rendas sobre todos os Hospitales de França, e lhes deu huma casa em Pariz, no Arrabalde de São Marcello, chamada da Caridade Christã; e ordenou, que os que nella se admittissem, trouxessem sobre as capas, da parte esquerda, huma Cruz bordada de setim branco, orlada de azul celeste, carregada de huma flor de liz de ouro, e estas palavras, bordadas do mesmo, por divisa: *Por ter servido fielmente.*

As inquietações de França nos dous reinados seguintes, não deixaraõ augmentar muito esta Real instituição, até que no anno de 1671, reinando Luiz XIV. empregou parte dos seus cuidados, e caridade em entreter estes illustres inuteis, edificando o magnifico, e soberbo Hospital de Marte, a que deu o nome dos Invalidos; obra de grandeza taõ desmarcada, que como se excedera a immensidade daquelle Real animo, não a pode acabar na sua vida.

*Ordem de Santa Maria Magdalena.*

**A** Lastimosa impiedade, com que a nobreza de França perdia as vidas, e as almas nos combates particulares, chamados duellos, moveraõ a compaixaõ a João Chesnel, Fidalgo Bretaõ, e Senhor de Chappronnaye. Quiz este inventar hum meyo suave, que attrahisse a Fidalguia a observancia da Ley de Deos; e determinou estabelecer huma Ordem Militar, que tivesse por primeiro objecto, e especial voto, renunciar os duellos, e encontros particulares.



No anno de 1614 propoz este Fidalgo a sua resolução ao Conselho de Luiz XIII. que lha approvou; e com effeito instituhio a Ordem de Santa Maria Magdalena, recebendo elle o primeiro colar da mão do mesmo Rey: porém não se adiantaraõ os seus pios desejos; porque não teve a sua fundação os necessarios progressos, e retirado Joaõ Chénel a hum deserto, junto a Fontainebleau, viveo o resto dos seus dias em santos exercicios, com o nome de Eremita de Santa Maria Magdalena.

### *Ordem de S. Luiz.*

O Grande Rey Luiz XIV. que em todas as acções se distinguio dos Principes do seu tempo, instituhio a Ordem Militar de S. Luiz no anno de 1693. Todas as Potencias da Europa se conjuraraõ para abater a alta fortuna, e gigante valor deste Monarca, mas em vão; porque o seu espirito, superior ao valor, e á fortuna, rendeo inuteis todos aquelles esforços: e porque tantos bons successos se deviaõ ao zelo dos seus Soldados, para os honrar, e enriquecer, estabeleceo esta Ordem, que só se devia conferir aos Officiaes das Tropas; unindo-lhe muitas rendas, e pensões, e formando-lhe o mesmo Rey admiraveis Regras, e Estatutos.

Declarou ElRey por Chefes, e Grãos Mestres da Ordem a si, e os seus successores; e ordenou, que os Cavalleiros trouxessem huma Cruz de ouro, e sobre ella a Imagem de Saõ Luiz, com differença no modo de a pôr, entre os Grãos Cruzes, Commendadores, e simplices Cavalleiros. No reinado presente floresce muito esta Ordem; porque Luiz XV. em

obse-

obsequio á memoria do seu augusto bisavô, no anno de 1719 a confirmou, augmentou, e lhe concedeo grandes privilegios, que nos não importa expender.

## ORDENS DOS REINOS DE INGLATERRA.

**C**omo a Grá Bretanha tem hoje, debaixo do dominio de Inglaterra, total uniaõ entre os tres Reinos, que a compoem, a saber, Inglaterra, Escocia, e Irlanda, trataremos aqui de todas as Ordens, que lhes pertencem.

### *Ordem dos Cavalleiros da Taboa redonda.*

**A** Ordem dos doze, ou vinte e quatro Cavalleiros da Taboa redonda foy instituida por Artur, Rey de Inglaterra, e não sabemos precisamente o anno em que a formou. O fim, que teve este grande Rey para a estabelecer, foy o de honrar os bravos Fidalgos do seu Reino, que prodigos da vida a possunhaõ á gloria do merecimento.

No Palacio de Wincester se conserva esta Meza, em que se sentavaõ os Cavalleiros dia do Espirito Santo, quando ElRey os tratava de cerimonia. Na figura redonda se dava a entender em como todos eraõ iguaes em virtudes, amados do seu Rey, sem distincão, e entre si sem differença. Já houve hum Rey em Portugal, que desejou em certa occasiaõ ter comfigo estes Cavalleiros, como se não estivera acompanhado de Portuguezes.

Alguns Authores escrevem o contrario do que temos dito, a respeito da antiguidade, e Fundador dos Cavalleiros da Taboa redonda. Dizem alguns,



que a instituirá Eduardo III. em 1042, e que o lugar fora o Castello de Vindsfor, em huma casa, a que se deu o nome de Taboa redonda. Guilherme Cambden trata esta materia largamente.

*Santo André do Cardo, em Escocia.*

Entre muitos Escritores, fomite achamos noticia desta Ordem no grande Diccionario de Moreri, e não poderemos dar outra além della. Acayo, Rey de Escocia, foy o seu Fundador, e teve origem na alliança, que este Principe fez com Carlos Magno. A divisa foy hum Cardo, e a Arruda com as palayras: *Elle defende a minha defensa.*

Depois desta alliança instituhio Acayo a Ordem, que chamou de Santo André do Cardo, e por divisa: *Nemo me impunè laceffet.* Deu-lhe o colar de ouro, formado de flores de Cardo, e folhas de Arruda, de que pendia a Cruz, ou Alpa de Santo André. ElRey Jaques II. ou IV. a renovou depois, ou conforme outros, a estabeleceo.

*Ordem de Santo Thomaz.*

Tambem achamos noticia da Ordem Militar de Santo Thomaz, Arcebispo de Cantuaria, em Inglaterra, sem mais averiguação, que a de ser instituida por ElRey Ricardo I. depois da perda de Acre, ou Ptolemaida; e que nella só se admittiaõ Inglezes. O seu habito era branco, e a Cruz chea de vermelho, carregada em coração de huma conchinha branca, e o colar do mesmo.

*Ordem do Santo Sepulchro de Inglaterra.*

**E**L Rey Henrique II. foy glorioso limitador das christianissimas acções dos seus predecessores; e por lhes seguir o exemplo, visitou os Lugares santos de Jerusalem, onde entaõ floresciaõ os Cavalleiros do Santo Sepulchro, que vaõ adiante. Tanto que El Rey se recolheo aos seus Estados, e compoz as defaveças, que tinha com Philippe Augusto, Rey de França, instituhio nelles outra Ordem semelhante, pelos annos de 1174, ou 1177, e lhe deu por final huma Cruz verde á maneira da dos Patriarcas.

Foy esta Ordem do Santo Sepulchro de Inglaterra approvada pelo Papa Innocencio III. na observancia da Regra de S. Basilio, e depois a confirmou Alexandre V. A sua estimacão, e riquezas naquelle Reino foraõ igualmente grandes: porém apenas se abrireaõ nelle os fundamentos da Apostasia, se enterrou com a Religiaõ Catholica esta illustre Ordem.

*Ordem da Jarretiere.*

**E**Duardo III. Rey de Inglaterra, foy hum dos Principes mais bellicosos do seu tempo, e taõ fatal ao Reino de França, como referem as Historias, e pregoa a fama nos clarins das victorias de Crecy, e Poitiers, na qual ficou nas mãos dos vencedores a pessoa de El Rey Dom João.

Aquelle valeroso Principe foy o instituidor da Ordem, de que tratamos; e duvidaõ os Authores o anno da sua formaçãõ; porque huns a poem no de 1345, e outros no de 1350. O motivo, que teve



aquelle Monarca para o seu estabelecimento foy mais amante, que zeloso. Sitiava David, Rey de Escocia, a fermosa Condessa de Salisbery na Praça deste nome, e Eduardo a livrou d'elle com brioso valor. Entrou aquella dama á presenca de ElRey a agradecerlhe a liberdade, que lhe dera, e cativou quem a resgatára.

Entre outros festejos com que se applaudio a victoria, houve hum baile a que sahio a mesma Condessa; e cahindo lhe, quando dançava, huma liga de seda azul, chamada naquella lingua, Jarretiere, a tomou ElRey. Este abatimento, indigno da Magestade, desafiou o riso dos Cortezãos, e provocou o pejo á honesta Condessa. Estimulou-se ElRey de levarem a mal a sua amante urbanidade, e disse aos circunstantes, afirmando-lho com juramento, que aquelles, que zombavaõ da Jarretiere, desejavaõ honrar-se com ella.

Sucedido este caso, determinou ElRey instituir huma Ordem Militar, a que desse o nome de Jarretiere azul; e com effeito ajuntando a sua Corte no Castello de Vindfor, poz o seu intento em execução, debaixo dos auspicios de São Jorge, Protector de Inglaterra; e deu aos Cavalleiros, que eraõ quarenta, hum manto de veludo roxo, forrado de damasco branco, e sobre elle huma Cruz vermelha em escudo de prata, com huma Jarretiere azul, atada em huma fivella na perna esquerda, que era donde cahira á Condessa, e por divisa as palavras, naquella lingua: *Honni soit qui mal y pense*. Passado algum tempo se mudou a Jarretiere da perna para o pescoço, e pendia della a Imagem de S. Jorge, com as sobreditas palayras gravadas á roda.



Outros muitos Authores se dividem nos sentimentos sobre os motivos, e Fundador desta Ordem; querendo alguns, que fosse obra de Ricardo I. renovada por Eduardo; e outros, que sim era deste; porém que tivera motivo mais heroico; porque fora em razão das bandas, que aquelle Principe dera aos seus valerosos Soldados, para perpetuar a memoria da famosa batalha de Poitiers, em que prenderaõ El-Rey de França.

Henrique V. lhe mudou o colar, que compoz de rosas brancas, e vermelhas, entrelaçadas de nós em laços de amor; e depois, sendo Rey de Inglaterra Jaques VI. de Escocia, tornou a mudar as rosas em cardos, para unir esta com a Ordem de Santo André do Cardo daquelle Reino.

He esta a mais illustre de todas as Ordens de Inglaterra, que tem por Grãos Mestres os seus Soberanos; e conservou as primeiras insignias até o tempo de Henrique VIII. porém fazendo-se á impiedade daquelle bello, e florentissimo Reino taõ odiosa a Religiaõ Catholica, se mudou a Cruz desta Ordem em hum Sol, que deixou em mais espessas trevas a cegueira dos seus habitantes.

### *Cavalleiros dos Banhos.*

**H**E opiniaõ seguida, que esta sorte de Cavalleiros tem muita antiguidade em Inglaterra; porém a mais commua he, que Henrique IV. lhes dera principio no decimo quarto seculo. O motivo, que teve para a sua instituiçaõ, dizem, que fora; porque estando aquelle Principe em hum banho, o advertira hum Fidalgo, que duas mulheres lhe vinhaõ



nhaõ pedir justiça ; e ElRey sahindo logo d'elle, disse: *Que primeiro estava fazer justiça aos vassallos , que recrear a sua pessoa.*

Outros attribuem esta formaçoã a Ricardo II. ao qual Henrique IV. usurpou a Coroa na Conquista de Irlanda, e fez a quatro Escudeiros, Cavalleiros dos Banhos. Entre esta diversidade de opiniões he certo, que Henrique, no dia da sua sagraçoã no Castello de Londres, lhe deu o lustre, e magnificencia de Ordem, e ordenou aos Cavalleiros trouxessem na espadaõ esquerda hum escudo de seda azul celeste com tres coroas bordadas de ouro, e por divisa as palavras: *Tria in unum*, que assignalavaõ a Fé, Esperança, e Caridade, em que queria se distinguissem os seus Cavalleiros.

Nos dias das suas vodas costumavaõ os Reys de Inglaterra honrar a muitos Senhores com esta insignia; e practicavaõ a mesma cerimonia, quando davaõ aos seus filhos a investidura de algum Estado. Teve esta Ordem muitas, e ricas Commendas em Inglaterra, e acabou naquelle Reino com a Religiãõ Catholica, nõ infeliz reinado de Henrique VIII. sem della ficar o menor vestigio.

## ORDENS DE ITALIA.

**N**este Tratado se comprehendem todas as Ordens Militares dos Estados, que, com diferentes Soberanos, formaõ o continente de Italia.

## Ordem de S. Lazaro.

**E** Sta Ordem , instituida na Palestina , teve os seus mayores progressos na Saboya , pelo que lhe damos este lugar. Dizem os Authores , que tivera principio nos annos 70 , ou 71 , depois da morte de Christo ; e que o fim do seu estabelecimento fora defender os primitivos Christãos da perseguição dos Scribas , Fariseos , Saduceos , e Romanos ; e que depois se edificaraõ Hospitaes para a cura , e agasalho dos pobres , e enfermos , com o nome de S. Lazaro , sujeitando-se os Hospitaleiros a tratar particularmente dos leprosos.

Floreceiraõ estes Hospitaes no tempo de S. Basilio , que os estimava em muito ; e os Hospitaleiros abraçaraõ a sua Regra , e formaraõ hum instituto , differente do da Ordem do mesmo Santo , que approvou o Papa S. Damaso. I.

No quarto seculo passaraõ os Hospitaleiros á Morea , e elegeraõ a Cidade de Acre por Chefe-Lugar do seu instituto. Depois ajudaraõ com valor a Balduino II. na sua reconquista em 1104 , e este Principe , em recompensa dos seus serviços , os mudou de Hospitaleiros em Cavalleiros de S. Lazaro , dando-lhes o habito , e Regra dos Conegos Regulares de Santo Agostinho , sobre a qual fizeraõ os votos de Religiaõ , e de assistir aos pobres leprosos.

Pelo decurso dos tempos vieraõ aquelles enfermos a ser raros ; e como elles eraõ o principal objecto deste Instituto , foy a Ordem supprimida pelo Papa Innocencio VIII. em 1490 , e applicados os seus bens á Ordem de Malta. Porém em França não foy

rece.



recebida a Bulla da extirpação; e se ficaraõ conseruando as Commendas, Graõ Mestre, e Cavalleiros, até o tempo dos Pontifices Leaõ X. e Pio IV. que a restabelecerãõ pelos annos de 1565.

Algum tempo depois do anno de 1572 vagou o Mestrado da Ordem, e o Papa Gregorio XIII. conferio esta Dignidade ao Duque de Saboya Felisberto Manoel, que a sujeitou á de Cister; e com approvação do meismo Papa a unio á de S. Mauricio; ficando com jurisdicão sobre todas as Commendas, que a Ordem tinha nos Estados de Italia, e em Hespanha.

No Reino de França ficaraõ os Cavalleiros na sujeição dos Grãos Mestres da sua nação, e Henrique IV. a restabeleceo formalmente em 1607 por Bulla de Paulo V. e á imitação do Duque de Saboya, e para a distinguir da sua uniaõ, a ajuntou á Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Ainda em França florece esta Ordem.

#### *Ordem de S. Marcos, em Veneza.*

A Republica de Veneza, huma das mais celebres, das mais antigas, e das de mayor duração no mundo, se ennobreceo com a instituição desta illustre Ordem. Ignora-se o tempo preciso da sua formação: porém dizem alguns, que fora no governo dos Duques, que começou em Lucio Anafesto, antes dos annos 703, e acabou em Sebastiaõ Zani no de 1173.

Depois que o corpo do Evangelista S. Marcos foy transportado de Alexandria para Veneza, o tomou a Republica por seu Patrono, edificou-lhe huma Igreja magnifica, e em sua honra instituhio esta Ordem de

de Cavallaria, que tem ao Doge por seu Graõ Mestre, e não recebe pessoa alguma, sem ter feito assignalados serviços á Republica , e prometter dar a vida na guerra contra os infieis.

Trazem os Cavalleiros ao peito huma Cruz de ouro , e no meyo della hum leão alado , que tem o livro dos Evangelhos com estas palavras : *Pax tibi Marce Euangelista meus*, que faõ as Armas da Republica.

*Ordem da Estola de ouro.*

**N**A mesma Republica de Veneza ha outra Ordem Militar , chamada da Estola de ouro , que se confere aos Embaixadores , mandados ás Testas coroadas ; e recebem esta honra na audiencia de despedida, se cumprirão dignamente o seu dever.

Estes Cavalleiros trazem na Cidade huma Estola negra bordada de hum galaõ de ouro com a cintura de fivelas douradas. Nos actos de cerimonia a usaõ de panno de ouro. Por huma ordenança , que se fez no anno de 1636 , lhes he permittido trazerem o habito vermelho sobre a veste preta.

*Ordem de S. Joãõ Bautista , e S. Thomaz.*

**D**emos este lugar á Ordem de São Joãõ Bautista , e Santo Thomaz , porque alguns Authores , ainda que erradamente , lhe pozeraõ o seu nascimento em a Cidade de Ancona , talvez , porque nella floreceo muito.

O Seu verdadeiro estabelecimento foy em Acre , antiga Ptolemaida , na Syria , e lhe deraõ principio alguns Fidalgos , movidos da caridade para com os



pobres enfermos, para os quaes fundaraõ Hospitaes, que brevemente passaraõ a Commendas pelos privilegios, que lhes concederaõ os Papas; elevando o seu instituto á dignidade de Ordem Militar, debaixo da protecção dos sobreditos Santos; obrigando-se os Cavalleiros a fazer a guerra aos infieis, e segurar a viagem aos peregrinos, que visitassem os Lugares santos.

Duvida-se o anno desta instituiçãõ; e o mais que se averigua he, que o Papa Alexandre IV. que subio á Cadeira do supremo Pontificado em 1254, foy o primeiro que a approvou, e lhe deu a Regra de Santo Agostinho, seguindo-se depois as approvaçoens de Alexandre V. e Joaõ XXII. porém naõ obstante tantas confirmaçoens, veyo a Ordem a acabar de todo, unindo-se os seus Cavalleiros á de Malta.

A insignia desta Ordem era huma Cruz vermelha toda simples, e no meyo della hum oval com as Imagens de S. Joaõ Bautista, e Santo Thomaz. Depois da sua ruina houve alguns Cavalleiros, que se naõ uniraõ á de Malta, e ficaraõ conservando huma Ordem particular só com o nome de Santo Thomaz, que unicamente traziaõ no oval da Cruz: porém a diuturnidade do tempo a aniquilou inteiramente.

*Ordem de Santa Maria, chamada dos Irmãos da Jubilação.*

**O**S diferentes sentimentos em materias de Religiaõ, que em todos os seculos inquietaraõ os Reinos, e dividiraõ as familias, tambem occasionaraõ muitas desordens na Italia, que experimentou grandes confusões na facção dos Guelfos, e Gibelinos;



linos; a qual despertou o zelo de hum Bispo Santo de Vincencia, chamado Bartholomeo, da Ordem de S. Domingos, para fundar huma Ordem Militar, que servisse de prompto remedio a tantas perturbaçoens.

No anno de 1233, instituhio o sobredito Prelado a Ordem, a que deu o nome de Santa Maria, e a Regra de Santo Agostinho, que era a mesma da sua Religiaõ. O Papa Urbano IV. no anno de 1261, lhe deu a sua approvaçaõ; e eraõ as principaes obrigaçoens dos Cavalleiros defender a Igreja contra os infieis, e opporem-se aos Authores de opinioens novas, que com as apparencias de zelo, e simuladas com huma virtude Farisaica perturbavaõ o repouso publico; atrevendo-se os embustes da mais refinada hypocrisia a manchar com infames victimas os Altares da justiça, e a pôr a maõ naquelle sagrado, para quem se levantaraõ os olhos com reverencial respeito.

Além deste, e mais votos de Religiaõ, faziãõ os Cavalleiros publica profissaõ de ter particular cuidado das viuvas, e orfãos, e trabalhar pela paz das familias, e das pessoas. Este novo Instituto taõ util á Igreja, e sociedade civil, se espalhou por toda a Italia, aonde teve ricas Commendas; porém como lhe faltavaõ Mosteiros, e os seus Cavalleiros viviaõ em particular nas proprias casas, entregues a passatempos, sem cuidarem em cumprir as obrigaçoens da Ordem, escandalizado o povo, lhes chamava por desprezo, Irmãos da Jubilaçaõ, ou Irmãos Alegres.

O seu habito era branco com huma Cruz vermelha frisada de ouro, acompanhada de duas estrellas em chefe, e o manto pardo. Sobre a forma desta Cruz ha huma grande disputa entre os Authores:



porém esta Ordem está hoje extincta, e por morte do seu ultimo Commendador Camillo Volta, deu o Papa Xisto V. os bens, que ella tinha, ao Collegio de Montalto, sua Patria.

### *Ordem do Crescente, e da Estrella.*

**D**ous Principes da Casa de Anjou instituirão, em differentes tempos, duas Ordens diversas com este mesmo nome. O primeiro foy Carlos de Anjou, irmão de S. Luiz Rey de França, a quem o Papa Urbano IV. offereceo a Coroa das Duas Sicilias, com as condiçoens requisitas de feudo, e homenagem á Santa Sé, para os livrar da tyranna intrusão de Manfredo filho natural de Frederico II. que injustamente se havia amparado delles, depois de concorrer para a morte de seu irmão Conrado, e cometido monstruosas maldades, que coroou com hum detestavel parricidio.

Nesta critica situação estavaõ os negocios de Napoles, quando Carlos lhe aceitou a investidura; e marchando a buscar o seu inimigo, em huma só batalha, que foy a de Benevento, lhe tirou a honra, a vida, e o Reino a 26 de Fevereiro de 1266, dando-se ao seu cadaver a sepultura de excommungado; porque as suas acçoens não mereceraõ a de Catholico.

Tomou Carlos posse do Reino, e não taõ pacifica, que Conradino, Duque de Suevia, e filho de El Rey Conrado, a quem Manfredo tirou a vida, lha não disputasse com as armas. Neste aperto, em que Carlos vio empenhados os Principes Alemães contra os seus interesses, no anno de 1268, estabeleceo na Cidade de Messina esta Ordem Militar,

com

com que pudesse ganhar os Senhores do Reino, e fortificar o seu partido.

O nome, que ElRey Carlos deu á sua Ordem, foy o que vulgarmente damos á Lua, quando está no quarto crescente. O colar era composto de huma cadea de ouro, entrelaçada de Estrellas, e flores de liz, no extremo da qual pendia hum crescente de Lua; e por divisa as palavras: *Donec totum impleat.*

Foy approvada esta instituição pelo Papa Clemente IV. porém na queda da Casa de Anjou se abismou esta Ordem; e se mudou o seu nome no da Estrella, que ainda existe em Sicilia, e não póde ter mais de sessenta Cavalleiros, que trazem, em lugar do sobredito colar, huma Cruz de ouro de oito pontas, e no meyo della huma Estrella.

A segunda Ordem do Crescente foy instituida por Renardo de Anjou, chamado o *Bom*, Rey de Sicilia, Duque de Anjou, e Conde de Provença. Alguns Authores, que não sey se se enganarão, fazem Fundador desta Ordem o mesmo Carlos, Rey de Napoles, talvez confundindo huma com outra: porém dizem outros, que o seu estabelecimento fora no anno de 1448, em que reinava Renardo.

Fundou este Principe a Ordem em honra de S. Mauricio, para proteger a Igreja, e dar gloria aos seus Estados. Nella só se admittiaõ Senhores titulares, e fidalgos de grande nobreza. O seu symbolo era hum Crescente de ouro, e escritas nelle as palavras: *Lozen Croisfant*, que vinhaõ a dizer: Tanto se cresce em virtude, e gloria, quanto se augmenta em louvor. Os Principes da Casa de Anjou, nunca quizerãõ o Mestrado desta sua Ordem, a que deraõ o nome de Presidencia,



dencia, contentando-se com se chamarem seus Manutendores.

### Ordem da Annunciada.

O Primeiro motivo para a fundação da Ordem da Annunciada nasceo do amor profano, que a poderosa mão do Altissimo soube mudar em divino. Renderaõ as armas da formosura o animoso Amadeo VI. Conde de Saboya; chamado o *Verde*; porque sahio a hum torneio com armas desta cor; e querendo a sua Dama prenderlhe a firmeza, já que lhe captivara o amor, mettendo em ferros á Magestade, lhe deu hum bracelete tecido dos seus proprios cabellos, e trançado em laços de amor, que sempre estaõ armados, para não perder as occasioens.

Recebida a prenda, determinou o Principe fazella publica; que em predominando a paixão de hum affecto, ainda que o cubra a capa da piedade, a mesma cegueira lhes descobre o rosto, ficando ella sempre mal vista, sem que os catastrofes, que se lhe mettem pelos olhos, lhes tirem as cataratas. Assim o fez Amadeo, convertendo a infamia do seu procedimento em hum acto de Religião, mas verdadeiro; porque para ter o caracter de Principe não necessitava de ser hypocrita; e no anno de 1355 instituhio huma Ordem Militar, que chamou dos Laços de Amor: porém como já neste tempo obravaõ nelle os desenganos, quebrando a dureza á obstinação, mereceo ser reconhecido por Principe piedoso; porque a emenda nas desgraças tira o vulto á malicia, e acrescenta a estatura aos merecimentos.

O colar desta Ordem era feito de rosas de ouro,

ouro, esmaltadas de vermelho, e de branco, juntas por laços de amor de seda, entrelaçados com as quatro letras F. E. R. T. que conforme alguns Authores, significavaõ, vertidas do Francez no nosso idioma, Ferri, Entray, Rompey Tudõ; e eraõ a divisa dos Cavalleiros, que brigavaõ na fronteira. No extremo deste colar estava pendente hum oval de ouro, tambem esmaltado de vermelho, e branco, e dentro nelle S. Mauricio, Protector de Saboya, montado a cavallo. Os Grãos Mestres desta Ordem foraõ o Conde Amadeo, e seus successores.

Passados tempos, Amadeo VIII. Duque I. de Saboya, ou conformê outros, Carlos o Bom, purificou a intençaõ primeira, com que se estabeleceo esta Ordem, intitulado-a com o mayor extremo do Amor Divino, a Encarnaçaõ do Verbo Eterno. Impoz-lhe o nome da Virgem da Annunciada, cuja Imagem mandou honrassê o colar, cercado de quatro laços de amor de seda, á maneira de cordaõ, e carregado das mesmas quatro letras acima ditas, ás quaes deu a interpretação do valeroso Amadeo IV. chamado o Grande, quando fez levantar o sitio, que os Turcos tinhaõ posto á Ilha de Rhodes, a saber: *Fortitudo Ejus Rhodum Tenuit*. Succedeo esta mudança no anno de 1434, e os Duques de Saboya honraraõ muito esta Ordem, que alguns Authores duvidaõ tivesse origem no desordenado amor de Amadeo VI. antes dizem fora effeito da devoçaõ, que o Principe mostrava aos mysterios de Christo, e da Senhora.



*Ordem dos Argonautas de S. Nicoláo.*

**Q**uando Urbano VI. e Clemente VII. disputaraõ a legitimidade do Pontificado, era Rainha de Napoles Joanna, filha de Carlos, Duque de Calabria, filho de Roberto, Rey de Napoles, e neto de ElRey Carlos de Anjou, irmaõ de S. Luiz, Rey de França; a qual em quartas vódas tinha recebido por marido a Ottaõ, Duque de Brunswich; e como esta Princeza se declarou a favor de Clemente, cuidou Urbano em a esbulhar do Reino, e com o pretexto de feudo da Igreja, deu a investidura delle a Carlos, Duque de Duras (parente da Rainha Joanna) que gloriosamente triunfara dos Venezianos, sendo General de Luiz, Rey de Hungria.

Enganou Carlos a Urbano, que no Reino de Napoles queria fazer grande a sua Casa, e aceitando a investidura dos Estados alheyos, (que nunca a ambição temeo a infamia dos roubos) com os thesouros da Igreja, e a força das armas sem justiça, se a poderou do Reino, e prendeo a Rainha Joanna, a que depois com barbara impiedade mandou cortar a cabeça, querendo segurar o Throno sobre os estragos da innocencia.

Pacifico o Duque de Duras na intrusão do Reino, na coroação de Margarida sua mulher, e sobrinha da defunta Rainha Joanna, no anno de 1381 fundou a Ordem Militar dos Argonautas de S. Nicoláo debaixo da Regra de S. Basilio. O seu colar era composto de dobrados Crescentes, ou meyas Luas, e de conchas de ouro tambem dobradas, prezas com cadeinhas do mesmo, e pendente delle hum oval com hum

navio dentro equipado de prata, e por divisa as palavras: *Non credo tempori.*

Outros Authores attribuem a instituiçãõ desta Ordem a S. Luiz Rey de França, se se não equivo- caraõ com outra, formada pelo Santo Rey na ultima expediçãõ de Africa, para animar a nobreza de França a não temer na sua companhia os perigos do mar.

Entre outros votos, obrigou Carlos de Duras aos Cavalleiros, que promettessem sustentar a Urbano nos seus interesses contra o Antipapa Clemente: porém como estas demonstraçoens nasciaõ da ambiçãõ, satisfeita ella, foy Carlos o mais cruel, e ingrato perseguidor do seu injusto bemfeitor; e todas as promessas, que havia feito ao mal procedido sobri- nho do mesmo Papa, não foraõ cumpridas, e ape- nas lhe deu o Castello de Nocera, que servio depois de asylo ao perseguido Urbano.

Nenhum Pontifice Romano approvou esta Or- dem, que acabou com a merecida, e tragica morte de Carlos de Duras; o qual acabou em hum affaffino, animado pelas poderosas industrias da Rainha Isabel de Hungria, viuva de ElRey Luiz, que com a sua morte se quiz amparar do Reino, como elle fizera á innocente Joanna.

### *Ordem de S. Mauricio.*

**A** Madeo VIII. primeiro Duque de Saboya, to- cado da poderosa maõ da graça, abandonou o mundo, e se retirou a viver solitario no deserto de Ripaille, aonde lhe foraõ fazer Corte muitos Fidal- gos do seu Reino. Edificado o Principe da generosa imitaçãõ de tantos animos igualmente pios, e desin-



teressados, instituhio no anno de 1434 a Ordem Militar de S. Mauricio, para os honrar; e he a mesma que se unio á de S. Lazaro, como dissemos, tratando della.

Sujeitou o Principe os seus solitarios Cavalleiros á Regra de Santo Agostinho, e os mandou vestir de huma sottana parda, com a cintura de ouro, o barrete, e mangas vermelhas de chamalote, e sobre a capa huma Cruz cerrada de tafetá branco. A do General era bordada de ouro. Depois da uniaõ da Ordem de S. Lazaro, feita pelo Papa Gregorio XIII. em 1572, a instancias do Duque Felisberto Manoel, se obrigaraõ os Cavalleiros a oppor-se aos Hereges, e combater contra os inimigos da Fé.

#### *Ordem do Arminho em Napoles.*

**E**sta Ordem do Arminho, differente da que tratamos nas do Reino de França, foy instituida por Fernando I. Rey de Napoles, filho natural de Affonso V. Rey de Aragaõ, depois de pacificar este Reino da perturbação, que Joaõ, Duque de Lorena, causava na Calabria, e extirpar o partido do Duque de Sessa, que pretendia tirar-lhe a vida, sem lhe causarem horror as razoens do sangue. Porém triunfante Fernando dos seus inimigos, e de si mesmo no generoso perdaõ que deu ao Duque de Sessa, querendo premiar a fidelidade dos seus vassallos, instituhio para elles a Ordem do Arminho no anno de 1483.

Neste estabelecimento poz El Rey aos olhos dos seus vassallos a pura fidelidade, que estes devem ter aos seus Soberanos; dando-lhes hum colar de ouro,

e pendente delle hum Arminho, que tinha estas palavras por divisa: *Malo mori quam fedari*. A sua Regra era a de São Basilio, e obtinhaõ o Mestrado os Senhores do Reino: porèm unindo-se esta á Casa de Austria, tambem o Mestrado o ficou á Coroa; e não temos noticia no reinado presente le houve nelle alguma mudança.

### Ordem de S. Pedro, e S. Paulo.

**D**Epois que os Pontifices Romanos foraõ Senhores temporaes de hum bello, e magnifico Estado, de que fizeraõ doaçaõ á Santa Sè os Principes Christãos, cuidaraõ em imitar os outros Reinos Catholicos na instituiçaõ das Ordens Militares, e entre outras, he huma das magnificas a que tratamos.

Foy seu Instituidor o Papa Leão X. no anno de 1520, debaixo dos felices auspicios do Principe dos Apostolos S. Pedro. Obrigaraõ-se os seus Cavalleiros a fazer a guerra aos infieis; guardar, e defender as costas do Estado Ecclesiastico; e este christão, e brioso voto augmentou consideravelmente esta Ordem por toda Italia, de sorte que só em Roma se contava nos seus principios hum grande numero de Cavalleiros.

Porèm o tempo, universal consumidor, pelo descuido de alguns Pontifices, diminuhio, o esplendor á Ordem de São Pedro; e como o Papa Paulo III. lhe deu a sua approvaçaõ, instituhio outra no anno de 1540, a que a unio, dando-lhe o nome do Apostolo São Paulo, tão inseparavel de São Pedro depois que ajuntaraõ os ossos, que nunca mais se lhes apartaraõ os nomes. Os Cavalleiros traziaõ ao



pescoço hum oval, que cahia sobre o peito, e dentro nelle as Imagens dos Santos Apostolos.

*Ordem de S. Estevaõ.*

**O** Grande Cosme de Medicis, que apenas era filho de hum Cidadão honrado de Florença, por hum esforço da fortuna, que não faltou aos seus merecimentos, sem o cuidar, foy eleito pelos Florentinos para seu Principe, tendo 18. annos de idade. Soube-se aproveitar ventajosamente dos meyo, que lhe offerecia a sorte para se adiantar no mundo, ganhou o amor dos povos, e se elevou ao mais alto ponto de grandeza, fazendo-se absoluto no Estado, e abrogando aquelles direitos, que davaõ a Florença huma especie de Republica.

Já os Reaes espiritos de Cosme se não satisfaziaõ com a qualidade, e nome de Duque, que tomara, e cuidou o modo porque se revestiria com o caracter da Magestade; que como as obras apoyavaõ a pertençaõ, não se offendia a modestia com o altivo dos pensamentos. Para este fim sondou o genio do Papa S. Pio V. e travando com elle particular amizade, obteve a permissaõ de se chamar Graõ Duque da Toscana, titulo pouco distante da Magestade, e ficou o mais poderoso Principe de Italia.

A grande Politica de Cosme I. comprehendeo o quanto lhe importava contentar os vassallos, e cõbrio a novidade com a capa das mercês, poderoso attractivo das inclinaçoens. Entre as muitas que fez aos Grandes, foy huma a instituiçaõ da Ordem Militar, a que deu o nome de Santo Estevaõ, em honra á memoria do S. Pontifice Estevaõ X. que no anno de

1057, ou 1058, morreu em Florença, e a mesma Cidade o elegeo por seu Titular, e Protector.

Esta instituição, segundo a opinião mais commua, foy no anno de 1560, e á imitação da Ordem de Malta, se distingue em Cavalleiros, Padres, e Irmãos do Serviço. Os Cavalleiros trazem nas Festas solemnes huma roupa comprida de chamalote branco, e no lado esquerdo huma Cruz, semelhante á de Malta, de setim vermelho carmesí, e a orla de hum galaão de ouro. Os Padres ufaão da Cruz de tafetá vermelho sem bordado; e os Irmãos do serviço, de huma Cruz de S. Antonio.

He esta Ordem sujeita á Regra de São Bento pelas approvaçoens dos Papas Pio IV. e Pio V. a que Xisto V. acrescentou muitos privilegios, e confirmou o Graão Duque, e seus successores, por Chefe soberano da mesma Ordem. A sua casa principal he em Piza. Os Cavalleiros haõ de ter a mesma nobreza, que os de Malta, e se obrigaõ, como elles, a servir por mar, e terra contra os inimigos da Fé, conformes ás Ordens do Graão Duque.

### *Ordem da Senhora do Loreto.*

**E**M todos os seculos procreou monstruosidades a fortuna. Hum dos seus mayores partos foy o Papa Xisto V. que nascendo pastor do mais rustico, e immundo rebanho, veyo a ser supremo Mayoral das ovelhas de Christo. Foy tal a grandeza desta Alma, que atropellando as inclinaçoens da vileza, e os baixos predominios do sangue, se soube revestir do mais perfeito heroismo com assombro das idades.

Nunca



Nunca Roma foy tão magnifica, como no tempo deste Papa; porque emulando a estupenda grandeza dos antigos Cesares, passou além della a sua liberalidade, ficando as obras daquelles com a unica estimação de mais antigas. A Política, e Justiça do seu tempo, fez esquecer as cidades de Numa Pompilio, Cesar, Trajano, Tito, Theodosio, e Justiniano; e por não omittir hum ponto da magnificencia, não só dos seus antecessores, mas ainda dos mayores Potentados, mostrou a grandeza do seu animo na instituição da Ordem, que vamos a tratar.

Reconheceo Xisto o alto gráo da sua fortuna a effeito da especial devoção, que tinha á May de Deos na Imagem, que se venera na Santa Casa do Loreto; e debaixo de tão augusto, e soberano Nome instituhio huma Ordem Militar no anno de 1587. E para que a primeira cerimonia tocasse o Apogeo da magnificencia, mandou edificar naquelle lugar, que tinha sido do seu nascimento, huma grande Cidade, a que concedeo muitos privilegios, para attrahir os Estrangeiros, e a erigio em Episcopal, com outras muitas isençoens.

Concluidas felizmente estas disposiçoens para a fundação da Ordem, abriu Xisto as mãos á liberalidade, e honrou os novos Cavalleiros com muitas mercês, e privilegios; obrigando-se elles a sustentar os interesses da Igreja, especialmente da da Senhora do Loreto, e a pelejar contra os inimigos da Fé. Usavaõ os Cavalleiros de esporas douradas, pelo que foraõ chamados ( como outros adiante ) Cavalleiros dourados; e traziaõ ao peito huma medalha com a Imagem da mesma Senhora do Loreto: porém sobrevindo a morte ao Papa Xisto, foy a grandeza

deza da sua Ordem cahindo por si mesma, atè não ficarem della vestigios na Italia.

*Ordem do Sangue de Christo.*

**N**A Cidade de Mantua, Capital do Ducado do seu nome, se conserva a preciosa reliquia de tres gotas de Sangue do nosso Redemptor, que conforme a tradiçãõ, trouxe a Italia S. Longuinhos, que a recebeu do lado de Christo, quando, ainda cego, lho abriu com huma lança. Este inestimavel thesouro se guarda na Igreja de Santo André com a devida veneraçãõ, e piedade daquelles christianissimos povos.

Vicente Gonzaga, que como nenhum outro dos Duques de Mantua, se singularizou na piedade, e justiça, reconheceo mais altamente o incomparavel favor, com que o Ceo o fizera depositario de huma joya de valor infinito; e determinou, em honra sua, instituir huma Ordem Militar, como fez, no anno de 1608, dando aos Cavalleiros o nome precioso do Sangue de Jesu Christo, e declarando-se, e aos seus successores, por Soberanos Chefes, e Grãos Meitres.

Celebrou o Duque a primeira, e magnifica cerimonia na Capella do Palacio Ducal, sendo elle o primeiro que recebeu o habito das mãos de seu filho o Cardeal Fernando de Mantua, e depois a confereo o Duque ao seu primogenito, e a varios Senhores da tua Corte. O Papa Paulo V. approvou esta Ordem, na qual os Cavalleiros prometterãõ dar a vida pela defenõsa da Fè, e interesses da Igreja, fazendo juramento de fidelidade nas mãos do Duque.

O colar



O colar dos Cavalleiros he composto de ovaes de ouro, huns em comprido, e outros em largo, entrelaçados juntamente por argolinhas fechadas do mesmo; e sobre os ovaes em comprido, se elevaõ de esmalte branco as palavras: *Domine probasti*; e sobre os outros em largo, estaõ chammas de fogo, que queimaõ á roda de hum cavado. Do extremo deste colar pende hum oval, onde se representaõ dous Anjos esmaltados segundo o natural, pegando em hum Calix coroado com tres gotas de sangue, e as palavras: *Nibil hoc trite recepto*. Deste colar usaõ os Cavalleiros nas grandes ceremonias; e nos dias ordinarios trazem ao peito huma medalha.

### Ordem da Conceição.

**R**econhece esta Ordem por seus Fundadores os tres Christianissimos Principes, Fernando Duque de Mantua, Carlos Gonzaga Duque de Nevers, e Affonso Conde de Alla; os quaes movidos da caridade do proximo, lhe deraõ principio no anno de 1619, com o nome da purissima, e immaculada Conceição de Maria Santissima. No anno de 1624, foy confirmada, e approvada pelo Papa Urbano VIII. a instancias do Duque de Nevers, que para este fim passou a Roma pessoalmente.

Foy tanto do agrado deste Pontifice a instituição da nova Ordem, que com generoso animo se offerecia á defenfa da Igreja, que na presença dos Cardeaes, deu o habito, e a Cruz ao sobredito Duque, depois de feito o voto de viver conforme a Regra do Serafico Padre S. Francisco. Depois do Duque, conferio o Cardeal Esforcia o mesmo habito a outros Principes.

O seu

O seu Estandarte em tempo de guerra traz de huma parte a Cruz de azul bordada de ouro, semelhante á de Malta, e no centro della a Imagem da Senhora, cercada de hum Sol cheyo de rayos, a Lua aos pés, e coroada de doze Estrellas, conforme a visão do Apocalypse. Do outro lado tem a figura de S. Miguel, vestido de branco, com huma espada na mão, e pizando o infernal dragaõ.

Esta mesma Cruz he a de que usão os Cavalleiros; porém com a differença de a cercar hum cordão branco de S. Francisco, que he o symbolo da sua veneravel Regra. E nascendo no mundo esta Ordem taõ illustre, e taõ moderna, faz mais lastimosa a sua total decadencia, quando começava a crear forças.

## ORDENS MILITARES DE AMBAS as Germanias.

### *Ordem do Cisne.*

**N**O tempo das guerras civís de Flandes, em que a ambição confundia com a cor toda a qualidade de sangue, instituiu Carlos, Duque de Brabante, a Ordem Militar do Cisne. Nella se obrigaraõ os Cavalleiros por juramento, a trabalhar com os mayores esforços no augmento da Religiaõ Catholica, e em pacificar os Senhores, que por motivos particulares, perturbavaõ o socego commum. Traziaõ elles hum habito negro, e o colar da Ordem, que era huma cadêa de ouro, e no seu extremo a figura de hum Cisne.

O tempo desta instituição he incerto entre os Chronologicos; porém não tem duvida, que os Prin-



cipes da Casa de Cleves tomaraõ o Cisne por timbre das suas Armas, para honrar a memoria destes Cavalheiros. O valeroso Elias trazia no seu broquel a figura da mesma ave, depois que esteve senhor da sobredita Casa. Pelo seu successo, que referiremos, se pode colligir a antiguidade desta Ordem, sendo, como dizem as Historias, o Cisne da Casa de Cleves em memoria destes Cavalheiros.

Foy Elias hum Fidalgo particular, de animo taõ grande, como o seu espirito. Servia este Cavalheiro, com fidelidade de vassallo, a Beatriz, filha unica, e herdeira de Theodorico, Duque de Cleves; e naõ respeitando a ambiçaõ o fexo, e formosura desta Princeza, a attacaraõ os seus inimigos no Castello de Neufburga, no anno 711; pcrém o valor de Elias tomou a seu cargo a defenfa, desbaratou os contrarios, e em premio deste serviço recebeu de Beatriz, com o dominio dos Estados, a maõ de esposa.

### *Ordem Teutonica.*

**A** Ordem Teutonica, ou de Nossa Senhora do Monte Siaõ, nasceo na Palestina, teve os seus mayores progressos na Prussia, e hoje o seu alento em Alemanha, pelo que lhe damos este lugar. Foy seu Instituidor Henrique, Rey de Jerusalem, acompanhado de outros Principes, depois da perda da mesma Cidade, no anno de 1191.

Pouco tempo depois partiraõ á reconquista da Santa Cidade o Emperador Frederico, e varios Principes, que aceitaraõ a Cruzada, levando na sua companhia, como voluntarios, muitos Fidalgos Alemães, a quem o zelo da Religiaõ conduzia a brigar em taõ

santa guerra. Obraraõ elles estupendas façanhas com mandados pelo mesmo Emperador, que naõ teve a gloria de finalizar os seus heroicos intentos, mortos com a vida.

Vendo-se os briosos voluntarios sem cabeça, ao tempo que sitiavaõ a Praça de Acre, resolveraõ eleger por seus Generaes a Frederico, Duque de Suevia, filho segundo do defunto Emperador, e a Henrique, Duque de Brabante.

Animado o valor com dous espiritos Reaes, fez taõ gloriosa aquella campanha, que elle mesmo se admirou da sua gentileza; e por exceder tanto a vulgaridade, devera temer o labéo de temerario. El Rey Henrique, que media o valor das acçoens por ellas mesmas, julgou-se obrigado a agradecer tantos servigos; e como já em Jerusalem havia hum rico Alemãõ, que movido da piedade, unindo a si outros da sua naçaõ, que no anno de 1190 passaraõ de Bremen, e Lubek á Palestina, tinha edificado hum Hospital para amparo dos peregrinos, determinou, destes Hospitaleiros fundar huma Ordem de Cavallaria com a invocaçãõ de S. Jorge, para com ella premiar os valerosos Fidalgos.

Executou o Principe o seu projecto; e mudando a primeira resoluçãõ, dedicou a Ordem á May de Deos, e deu aos Cavalleiros o Hospicio de Jerusalem, consagrado á mesma Senhora, para os peregrinos das suas terras. Convocou logo El Rey o Patriarcha, e mais Prelados, com outros muitos Principes Seculares, e juntos todos formaraõ os Estatutos da Ordem sobre os mesmos das de S. Joã, e dos Templarios; tirando delles os principaes artigos, e mais convenientes para huma Religiaõ, que ao mes-



mo tempo havia ser de Cavalleiros, e Hospitaleiros.

Mandaõ os Estatutos, que todos os que entrarem na Ordem sejaõ nobres, e façaõ, além dos votos da Religiaõ, o de defender a Igreja, e Lugares santos; que assistaõ os Cavalleiros aos peregrinos, e ufem do titulo de Nossa Senhora do Monte Siaõ. Foraõ elles approvados pelo Emperador Henrique VI. e pelo Papa Celestino III. que lhes deu o habito branco, e por Armas humã Cruz chea de negro, que depois foy carregada de outra Cruz de prata; mandando, que os Cavalleiros vivesses conformes á Regra de Santo Agostinho.

Depois desta approvaçaõ, que foy pelos annos de 1193, se seguiu humã das mais augustas ceremonias, que em actos semelhantes viraõ as idades. El Rey de Jerusalem, o Duque de Suevia, e outros innumeraveis Principes, e Senhores de alta jerarquia, acompanharaõ os primeiros Cavalleiros á Igreja, para pelas suas mãos lhes conferirem o habito, como fizeram com grande magnificencia.

Foy eleito para primeiro Graõ Mestre Henrique Walpot, Fidalgo illustre, da Nobreza immediata do Imperio; e ainda que no seu governo, e dos dous seus successores, que foraõ Ottaõ de Kerpen, e Hermano de Barth, naõ se augmentou a Ordem muito, fazendo os seus Cavalleiros heroicas gentilezas em armas; veyo esta a avancar se consideravelmente nõ dilatado governo do seu successor Hermano de Saltza.

Corriaõ os annos 1210, em que foy eleito o sobredito Graõ Mestre, e nelle chegarãõ os negocios da Christandade a hum fatal estado; sendo assolada a



Palestina pelos formidaveis Exercitos dos Sarracenos, que pozeraõ esta Ordem na mayor confusão: porém o sabio, e prudente governo do Graõ Mestre Herimano, pescou nestas aguas envoltas o mayor augmento da sua Ordem, fazendo o seu nome recomeçavel à memoria.

Antes que os Cavalleiros viessem admirar a Europa com o seu valor, se acharaõ com o Exercito Christaõ na grande batalha, em que Coradino, Rey da Syria, o cortou em peças: e porque nella salvaraõ das mãos dos barbaros o Principe Joaõ, filho de El-Rey Henrique de Jerusalem, em reconhecimento de tão grande beneficio, ajuntou o mesmo Principe á sua Cruz negra outra carregada de prata.

Passaraõ finalmente os Cavalleiros á Europa, quando muitos povos barbaros, e indomitos habitavaõ varias Provincias de Polonia; e vendo o Duque Conrado, ou o Czar de Molcovia, como dizem outros, que nos Cavalleiros havia valor para commetter mayores emprezas, com approvaçãõ do Papa, e Emperador, fez doaçaõ á Ordem de todas as terras, que ganhassem aos idolatras, trespassando-lhas com direito de soberania.

Entraraõ os Cavalleiros com as suas valerosas armas pelos paizes do gentilismo, e conquistaraõ Prussia, Livonia, e Curlandia. Fundaraõ nestas Provincias Cidades, e Castellos, que povoaraõ com colonias de Alemães; e erigiraõ nove Bispados, quatro na Prussia, e cinco na Livonia, e Curlandia.

Pouco depois passaraõ os Cavalleiros á Russia, e estabeleceraõ nella a Religiaõ Christã. No anno de 1255 tomaraõ a Samogicia, obrigando aquellas barbaras gentes a receber o bautismo, ganhando-lhes as



almas, quando lhes sujeitavaõ os corpos; porém quando a Ordem fazia taõ gloriosos progressos na Europa, acabou de perder na Asia algumas terras, que ainda conservava na Syria.

Continuou a Ordem a sua assistencia na Prussia, que lhe deu nome, e foy esta Provincia, com as mais confinantes, hum horrivel theatro de sanguinolentas guerras, já pelos motivos da Religiaõ contra os idolatras, já com os Principes vizinhos por particulares interesses; e ainda que a fortuna se mostrou muitas vezes jornaleira, nunca o valor dos Cavalleiros foy totalmente abatido, reservando os altos juizos de Deos as forças da heresia, para lançar da Prussia hu valor, que pela diuturnidade dos seculos creára em cada raiz hum tronco.

A principal Casa da Ordem na Alemanha foy em Marpurg, Cidade de Haffia no Circulo do Alto Rheino; e depois se transferio para a de Mariemburgo, que fundaraõ na Prussia os Cavalleiros, e a conservaraõ sempre victoriosa de todos os ataques; porém no anno de 1510 sendo eleito Graõ Mestre o Marquez Alberto de Brandemburgo, trocou a Religiaõ dos seus mayores pela impia Seita de Luthero, que tocou a muitos dos Cavalleiros, e largando aquelle Titulo deitou fóra da Prussia, os que se mantiveraõ Catholicos; ficando aquella Provincia, desde entaõ, com o nome de Prussia Ducal, que nos nossos tempos foy erigida em Reino pelo Emperador Leopoldo, a favor do Eleitor Frederico, que o ajudou com zelo na guerra contra os Turcos, e rebeldes de Hungria.

Apagada na Prussia a luz da verdadeira Fé, e lançados della os Cavalleiros, fizeram a sua residencia em Mariendal, Cidade de Franconia, deixando nas mãos



mãos da impiedade o Patrimonio, que ganhara o seu sangue tão Catholico. Alli se conserva esta illustissima Ordem, que por muitos annos medio as forças, e riquezas com os mayores Principes do Norte; mas já sem as marcas do valor daquelles tempos, experimentando, como todas as cousas mundanas, a lastimosa decadencia, que trazem consigo as idades.

Tem ainda hoje a Ordem em Alemanha doze Provincias, e muitas Commendas particulares. O Commendador mais antigo de cada huma das Provincias se chama Commendador Provincial; e todos tem sujeição ao Graó Mestre de Alemanha, que costuma ser eleito d'entre os doze Commendadores Provinciaes, e tem a sua residencia em Mariendal com rendas, e tratamento correspondente ao seu grande caracter. No tempo presente he Graó Mestre da Ordem Clemente Augusto de Baviera, Arcebispo Eleitor de Colonia, e irmão do defunto Emperador Carlos VII. As Commendas della ordinariamente as possuem os filhos segundos dos Principes, e grandes Senhores de Alemanha.

*Ordem do Urso, chamada de S. Gallo.*

**T**eve origem esta Ordem na romaria, que o Emperador Frederico I. fez á Abbadia de S Gallo em Suiza no anno de 1210, a cumprir o voto, que lhe fizera se o ajudasse a depor do Imperio a Ottaó IV. inimigo da Igreja, e depois de conceder muitos privilegios; e fazer muitas mercês áquelle Mosteiro, ao seu Abbadé, e mais nobreza do Paiz, para fazer esta acção mais recomendavel, e magnifica, instituiu a Ordem Militar do Urso, no anno de 1213.

Offe-



Offereceo o Emperador a instituição da sua Ordem á protecção de Santo Urso, valeroso Soldado da Legião Thebana, que se corouo, e outros alentados camaradas, com a laureola do martyrio, diante do Templo do Sol, em Solura, por haver recusado dobrar o joelho ás falsas Divindades do Gentilismo. Os primeiros, a quem o Emperador conferio o colar, forão os Senhores da sua comitiva. Compunha-se este de cadeas de ouro, e no seu extremo pendia hum Urso esmaltado de negro.

Pela Bulla da instituição se permittia aos Abba-des de S. Gallo, Apostolo de Alemanha, conferirem as insignias, e armarem os Cavalleiros, que por especial voto promettiaõ defender a Igreja contra os infieis; e em quanto os Cantões Suiços estiveraõ no dominio Austriaco, floreceo esta Ordem consideravelmente; porém depois que se erigiraõ em Republica, arrasando-se as Casas Fortes, e Castellos dos Senhores, e Fidalgos, experimentou a Ordem com elles igual ruina.

### *Ordem de Santo Antaõ.*

**D**uas Ordens Militares achamos nos Authores com a invocação do grande Antaõ: huma antiga na Ethiopia, outra mais moderna na Hollanda. Desta naõ encontrámos averiguação mais especial, que a de haver sido instituida em 1382 por Alberto de Baviera, Conde de Hainaut, de Hollanda, e Zelanda, com o designio de fazer a guerra ao Turco; porém, que com a vida do mesmo Principe espirára a Ordem, depois de ter huma Igreja, e hum Castello na Cidade de Mons. O colar de que usavaõ os Cavalleiros



leiros era de ouro, feito á maneira de cintura de Arminho, do qual pendia huma muleta, como a que vemos nas Imagens de Santo Antão.

A segunda Ordem da Ethiopia apoyada por huns Authores, he recusada por outros, fundados, em que na Ethiopia nunca reinara algum Preste Joaõ, a quem o seu estabelecimento se attribue; nem que o Papa S. Leão approvasse os Cavalleiros Abyssinos, já infecionados da heresia de Dioscoro; porque foraõ rejeitados no Concilio de Calcedonia, Dioscoro de posto nelle da Dignidade Episcopal, sendo Presidente do Concilio o mesmo Santo Pontifice, com outras muitas razões, que não podemos expor diffusamente.

Porém seguindo a opiniaõ dos que defendem a existencia da Ordem de Santo Antão na Ethiopia, dizem elles, que fora fundada pelos annos 370, e o seu Author hum pio, e religioso Principe daquelles Estados chamado Joaõ, do qual os seus successores tomaraõ o nome de Preste Joaõ.

Este Principe, para segurar nos seus Estados a Religiaõ Catholica, estabeleceo a dita Ordem, que dedicou ao Redemptor do mundo, e lhe deu o nome de Santo Antão, que era o Protector daquelle vasto Imperio, porque tanto trabalharaõ os Portuguezes. A sua Regra era a de Saõ Basilio, e a obrigaçaõ dos Cavalleiros defender a Religiaõ, até perder a vida. Dizem, que o mesmo Emperador formara desta Ordem Militar outra Regular, com o mesmo nome, para que assistissem aos officios Divinos, e se occupassem na Oraçaõ, em quanto os Cavalleiros brigavaõ na campanha.

Filippe VII. filho, e successor de Joaõ, engran-  
Tom. II. Qq deceo



deceo muito a Ordem de seu pay, com innumeraveis graças, e privilegios, obrigando todas as familias do Imperio, a que dessem á Ordem os seus filhos segundos, sem excluir desta ley os seus proprios. Alcançou-lhe a approvaçãõ do Papa S. Leão I. erigindo-lhe Commendas em todas as Cidades do seu dilatado Imperio.

Divide se a Ordem em tres fortes de Cavalleiros. Os primeiros são os Commendadores, e os mais illustres Fidalgos. Os segundos se chamaõ Irmãos do serviço, e se dividem em duas especies; huns, que devem ser de familias nobres, applicaõ-se ás letras, succedem aos Ecclesiasticos, e se lhes conferem os Beneficios, e ao seu Presidente chamaõ Deaõ. Os outros occupaõ-se nos officios baixos da Ordem, e são tirados das familias commuas do povo, e a sua cabeça se chama Prior.

Fazem os Cavalleiros muitos votos especiaes, e entre elles o de huma exacta pontualidade em defender a Fé, e a Igreja Catholica Romana, de observar fidelidade conjugal, e concorrerem com tres mil dos mesmos Cavalleiros, quando o Emperador he obrigado a fazer a guerra, á qual levaõ hum Estandarte negro, que tem de huma parte a Cruz da Ordem, e da outra hum escudo com hum leão rompente, que pega em outra Cruz, e á roda della as palavras: *Vicit Leo de Tribu Juda*, que são as mesmas Armas do Emperador.

O Graõ Mestre usa de hum habito magnifico, que lhe chega aos joelhos, bordado de flores de ouro, e seda, a veste negra, e a capa guarnecida de Armíños, como as purpuras dos Principes. A geral divisa da Ordem he hum colar enriquecido de preciosas



pedras, e no seu extremo huma Cruz azul floreteada, e guarnecida de hum fio de ouro nos extremos: põem outros dizem, que a Cruz he á maneira da mula de Santo Antão.

Mas não obstante estas, e outras noticias, que omittimos, e tratao alguns Authores, especialmente o Abbade Giustiniani, que diz, que estes Cavalleiros tinhao Commendas em todos os Reinos da Europa, e em Vienna de Austria hum Abbade da mesma Ordem, em que sem duvida se enganou com o da Abbadia de S. Antão de Vienna do Delfinado, o sabio Maronita Abraham Ekellenle, no Prefacio a Regra de S. Antão, julga esta Ordem por fabula; e além delle vejaõ os curiosos a Cesar Veccellio, *Habiti antichi, & moderni di tutto il mondo*: a Adriano Schonebeck, *Historia das Ordens Militares*, e ao Padre Bonanni, *Catalogo das Ordens Militares*.

### Ordem do Dragaõ vencido.

Entre os Augustos Cesares, que montaraõ sobre o Throno Imperial de Alemanha, he digno de particular memoria o Emperador Sigismundo I. a quem a graça, e a natureza fizeraõ grande, e formoso no corpo, e alma. Este Christianissimo Potentado, que começou a reinar em hum tempo critico, soube com a sua rara prudencia restabelecer os embrulhados negocios da Igreja, que em hum enfadonho, e diuturno scisma hia experimentando lastimosa ruina.

Tinha este grande Principe reunido na sua pessoa os Reinos de Bohemia, e Hungria, havendo lançado delles a seu irmaõ Vencesláo, Principe brutal, e excessivamente vicioso, indigno de taõ augustos dia-



demas; e porque as pertençaens dos Antipapas Joaõ XXIII. Gregorio XII. e Benedicto XIII. causavaõ na Igreja hum universal escandalo; ao mesmo tempo, que a heresia de Wiclef devastava a Alemanha, e Bohemia, o zeloso Sigismundo, querendo dar prompto remedio a tantas desgraças, e reformar as perturbações, que se causavaõ á Igreja, fez convocar o Concilio Geral de Constancia, que começou pelos annos de 1414.

Neste celebre Concilio mostrou Deos a altissima Providencia, com que permite seja perseguida a sua Igreja, para mayor gloria, e firmeza da sua verdade. Alli foraõ depositos os tres ambiciosos pretendentes do Pontificado, e eleito Martinho V. por unanimidade de votos, e experimentaraõ o ultimo castigo da impiedade Joaõ Hus, e Jeronymo de Praga, famosos sectarios das heresias de Wiclef, sendo queimados vivos pela obstinada teima da sua escandalosa vida.

Porém como as forças do Concilio não poderaõ decepar esta hydra, reproduzindo-lhe a maldade muitas cabeças; o valeroso Sigismundo, resolutos a vencella com a valentia de Hercules, se valeo da força das armas, e destruiu na Bohemia as Cidades de refugio, em que se fazia forte a perfidia. E não se dando por satisfeito o seu abrazado zelo com tantos, e taõ publicos obsequios feitos á Religiaõ, instituhio para defenja sua huma Ordem Militar no anno de 1418, a que deu o nome do Dragaõ vencido.

Obrigou o Emperador aos novos Cavalleiros a defender a Religiaõ, e fazer huma guerra irreconciliavel aos hereges Hussitas, crueis inimigos da Igreja; sendo taõ grandes os progressos da Ordem, que



naõ fomentou occupou a Alemanha, e Italia, mas passou ás nossas Hespanhas; porque movido El Rey Dom Affonso V. de Aragoã do piedoso exemplo do Emperador, a abraçou, e estabeleceu no seu Reino para impedir, que nelle entrassem as heresias.

Ufavaõ os Cavalleiros de huma Cruz floreteada de verde; e nos dias de cerimonia se revestiaõ de huma capa, ou manto de escarlata, e sobre o mantelete de seda verde traziaõ huma cadea dobrada de ouro, e pendente do seu extremo hum dragaõ vencido, com as azas abatidas, esmaltado de diversas cores, symbolo dos diabolicos artificios, de que se valiaõ os hereges para enganar os povos; e como o diabo he hum mono das obras de Deos, suggerio á impiedade dos Lutheranos, que dous seculos depois assolaraõ a Alemanha, a affectar nas suas insignias, e estandartes insolentes divisas, que representavaõ o Dragaõ levantado contra a Igreja. Decahio finalmente em Alemanha esta illustre Ordem depois da morte do Emperador Sigifmundo, e a negligencia dos seus successores a deixou arruinar de todo.

### *Ordem do Tusaõ.*

Entre as magnificas solemnidades, com que o justo, e pacifico Philippe II. Duque de Borgonha, celebrou os seus desposorios com a Princeza Isabel de Portugal, filha do Grande Rey Dom Joaõ I. foy a mayor de todas a instituiçaõ da Ordem do Tusaõ de ouro, no anno de 1429, como achamos commummente nos Authores nacionaes, e estrangeiros, naõ obstante a trazer o Padre Dom Rafael Bluteau *verb. Tusaõ* no anno de 1409, o que reputamos erro da impressaõ. A insti.



A instituição desta Ordem foy na Cidade de Bruges, composta de vinte illustres Cavalleiros; e por seus Grãos Mestres os Duques de Borgonha. Este numero foy depois augmentado pelo Emperador Carlos V. atéo de 51, no Capitulo Geral, que se celebrou em Bruxellas no anno de 1516, e fazendo-se a Ordem commua a todos os Principes Austriacos, descendentes de Maria de Borgonha, filha de Carlos o *Atrevido*, se multiplicaraõ em mayor quantidade.

O fim desta instituição foy animar os Cavalleiros a expôr a vida pela defenfa da Religião Catholica, á imitação dos Argonautas de Jafon, que não duvidaraõ arriscalla na Conquista do Vello, ou Vellocino de ouro, chamado dos Francezes *Toison*. Outros dizem, que Philippe lhe dera este nome em memoria das grandes rendas, que tirava do negocio das lãs no Paiz Baixo.

Foraõ approvados os Estatutos da Ordem pelos Summos Pontifices Gregorio XIII. e Clemente VIII. Os seus Cavalleiros trazem huma grande cadêa em hum colar de anneis, entrefachados com pederneiras, que lançaõ fogo. Estas pedras eraõ as Armas dos Duques de Borgonha; e nas chammas, que dellas sahiaõ se significava o vigor, com que estes Cavalleiros haviaõ investir o inimigo, com este mote: *Ante ferit, quam flamma micet*. Do seu extremo pende hum carneiro, e ainda que seja fabula, mais semelhante áquelle, de que Jafon levou o Vello em Colchos, que aos que se tosquiaõ em Flandes, com a divisa: *Pretium non vile laborum*.

Esta Ordem he particularmente estimada dos Principes Austriacos; e os Reys de Castella, pelo direito, que tem no Ducado de Borgonha, saõ hoje

as suas cabeças, e Grãos Mestres, ainda que sejaõ ramo da Real Casa de Bourbon, conforme a disposição do ultimo Rey Austriaco Carlos II. O Protector da Ordem he o Apostolo Santo André: nella sò entraõ os Principes Alemães, e Grandes de Hespanha.

*Ordem da Cruz de Borgonha.*

**E**Ntre as gloriosas acções, que daõ o nome de invencivel Heroe ao Emperador Carlos V. he huma das mais particulares a famosa expedição de Africa, para que contribuiu a Real pessoa do Infante Dom Luiz, acompanhado do valor Portuguez; alegrando-se o Emperador de levar consigo a nossa milicia practica, e valerosa, a quem não pareceraõ estranhas as Luas, e lanças Africanas.

Depois das successivas vitorias, com que foy tomado o Forte da Goleta, conquistado o Reino de Tunes, lançado delle o valente Corsario Barba Roxa, e restabelecido gloriosamente no Throno da Barbaria Mulei Hassen, que Barba-Roxa havia usurpado; entrou o Emperador na idéa de formar huma Ordem Militar, para, com este effeito do seu augusto animo, recompensar o valor dos seus officiaes. Pôz em execução o seu intento, e deu á Ordem o nome da Cruz de Borgonha. Nella deixou á posteridade huma eterna memoria de taõ gloriosa acção, que excedeõ os dilatados termos da sua mesma esperança.

Rendida a Cidade de Tunes, no anno de 1535, entrou nella o victorioso Emperador com hum magnifico manto, bordada sobre elle a Cruz de Borgonha, que he a Aspa do Apostolo Santo André, cercada de chammãs de fogo. Conferio depois o colar a muitos



Cavalleiros. Compunha-se elle de huma cadêa de ouro, entrefachada da Cruz de Santo André, donde pendia hum fuzil fazendo scintilar fogo de huma pedra, com a inscripção, *Barbaria*.

Foy esta cerimonia, acompanhada de magnificos festejos, que se fizeraõ mais plausiveis pela liberdade de vinte mil e tantos escravos Christãos, que foraõ tirados das masmorras de Africa. Passou o Emperador victorioso a Alemanha, onde instituhio muitas rendas, e creou varias pensoens, assim para os Officiaes, que já tinhaõ o habito; como para os valerosos Soldados, que com o preço do sangue, e perigos da vida lhe compraraõ a gloria.

### *Cavalleiras da Vera Cruz.*

**E**sta fundação não tem forma de Ordem, e he huma Companhia de Senhoras, que, pelo motivo do seguinte caso, foraõ destinadas para especialmente honrar a Cruz de Christo.

No anno de 1668, quando já occupava o Throno Imperial Leopoldo I. e a infidelidade os coraçõs dos nobres Hungaros Condes de Nadafti, Zerin, e Marquez Francipani, por industria destes Fidalgos pegou o fogo no Palacio Imperial de Vienna, querendo na confusão do incendio senharearse da pessoa do Emperador, ou tirarlhe a vida. Acudio a Providencia Divina, e fez esmorecer o valor daquelles, aos quaes estava encarregada acção taõ barbara,

Arderaõ lastimosamente os preciosos moveis do Palacio; mas o Catholico animo da Imperatriz Leonor Gonzaga; viuva de Fernando III. só se lembrava, entre tanto estrago, de hum cofre, que guardava a preci-

preciosa reliquia de hum santo pedaço da verdadeira Cruz, antiga joya do thesouro Austriaco. Compadeceo-se Deos da afflicta Princeza; e á custa de hum milagre lhe aliviou a sua christá desconçolação. Achou-se a sagrada reliquia sem a menor lezaõ do fogo, correndo a rios o ouro, e a prata, a que a actividade do incendio mudara as propriedades da natureza.

Foy incomparavel a alegria da Imperatriz, recebendo nova tanto do gosto da sua devoção; e em memoria do favor do Ceo, com satisfação do Emperador, instituhio huma Companhia de Senhoras da primeira qualidade, a que fez chamar, Cavalleiras da Vera Cruz, e lhes impoz a obrigação de honrar, e procurar a gloria deste final da nossa Redempção.

Entregou a Imperatriz a sua nova Companhia á Protecção de Maria Santissima, e tomou para si o titulo de sua Presidente. O Papa Clemente IX. lhe deu a approvação com as expressões mais vivas de louvor á piedade da Imperatriz, concedendo ás Cavalleiras muitas graças, e privilegios. Trazem estas sobre o peito, da parte esquerda, huma Cruz de ouro preza de huma correa, ou fita negra, e no meyo della duas linhas, que reinaõ no comprido, e largo da Cruz; nas quatro extremidades se vem quatro estrelas, e á roda quatro aguias, com a divisa, *Salus, & gloria*; com o que se dá a entender ás Cavalleiras, quanto devem trabalhar pela salvação da alma, e particular gloria da Cruz.



## Ordem de S. Roberto.

**A** Gloriosa paz de Carlowitz, que com tanto credito, e utilidade dos Catholicos concluiu o Grande Emperador Leopoldo no anno de 1699, depois de huma continuada, e victoriosa guerra contra os Turcos, e Rebeldes de Hungria, em que as armas Imperiaes reconquistaraõ huma grande parte deste Reino, deu origem á instituiçaõ de duas Ordens Militares, huma no Reino da Prussia, e a de Saõ Roberto em Alemanha, da qual tratamos-

Foy seu fundador o Arcebispo de Saltzburgo, Principe do Sacro Romano Imperio, que quiz recompensar com ella o valor dos seus Diocesanos, que antepoendo a Religiaõ á vida, se mostraraõ por ella prodigos do seu sangue, e para os animar nas occasioens futuras, e semelhantes, a mostrarem o mesmo zelõ pela Fé; obrigando-se por juramento a este pontual obsequio, e catholica obrigaçaõ.

Deu-lhe o Principe o nome de S. Roberto, em memoria deste glorioso, e primeiro Arcebispo de Saltzburgo, aonde morreo a 27 de Março de 718, para que com taõ feliz auspicio, experimentassem os Cavalleiros a protecçaõ de quem naõ só os amparasse santo, mas os sustentasse pay. A Cruz, que elles usaõ, he de ouro esmaltada de roxo, com huma medalha de S. Roberto, e pendente de huma fita roxa.

ORDENS DOS REINOS DE PRUSSIA,  
Polonia, Dinamarca, e Suecia.

*Ordem de Christo, ou de Obrin na Prussia.*

**A** Prussia, Provincia de Polonia com titulo de Du-  
cado, que tem o mar Baltico ao Septentrião,  
ao Occidente a Pomerania, Polonia, e Moscovia, e  
ao Meyo Dia a Lithuania, e Samogilia, era antiga-  
mente habitada de idolatras taõ barbaros, como hoje  
de impios hereges.

No seculo decimo terceiro da nossa Redempção  
era tal a deshumanidade daquelles barbaros, que fa-  
zia esquecer a ferocidade dos antigos Scitas, sem que  
o zelo de Christiano, seu primeiro Bispo, taõ christão  
nas obras, como no nome, podesse refrear a desbo-  
cada insolencia, que deixava os povos em horrivel  
soledade.

O Duque Conrado, que dizem alguns Historia-  
dores o era de Polonia, determinou oppor hum po-  
deroso reparo ás incursoens barbaras. Escolheo mui-  
tos Senhores da sua Corte, e com elles deu principio  
á instituição da Ordem Militar, a que impoz o au-  
gustissimo Nome de Jesu, com o qual pertendiaõ  
abater a arrogancia daquelles, que elegera o inferno  
para instrumento fatal das suas idéas.

Determinou o Duque, que os Cavalleiros trou-  
xessem hum manto branco, com huma Cruz ver-  
melha em forma de espada, e sobre a ponta huma  
estrella. E porque a furia dos idolatras se havia em-  
pregar com mayor raiva contra a nova Milicia, man-  
dou edificar o Castello de Obrin, onde se podesse de-



fender, e do qual a Ordem tomou o nome.

Eraõ poucas as forças dos alentados Cavalleiros, para fazerem cara a tantos inimigos, pelo que o Duque Conrado pediu a amizade da Ordem Teutonica, que pelo seu grande valor era muito temida. Concedeo-lha o seu Graõ Mestre, o famoso Hermano de Salza, e o Duque em reconhecimento lhe fez doação de varias Provincias. Entraraõ logo os Cavalleiros unidos a obrar na Prussia aquellas gentilezas em armas, que deixamos referidas na Ordem Teutonica.

### *Ordem da Livonia, chamada dos Porta-Espadas.*

**A** Livonia, Provincia de Sarmacia Européa, situada ao Septentrião do golfo Finlandia, que antigamente era toda dos Reys de Polonia, depois a mayor parte dos de Suecia, e hoje do Imperio da Russia, vio-se, como a Prussia, inficionada de muitos idolatras igualmente barbaros, e resolveo, ao seu exemplo, interpor-lhe o reparo das Ordens Militares. A origem da que tratamos foy na forma seguinte.

Corria o duodecimo seculo, quando huns Mercadores de Bremen, que comerciavaõ na Ilha de Goslandia, foraõ lançados por huma tempestade na costa, aonde o rio Duna paga ao mar grossos tributos. Insensivelmente se estabeleceraõ alli os naufragantes, e tiveraõ permissaõ dos naturaes para usarem do seu commercio. Edificaraõ logo huma Igreja, e mais com as obras, que com as palavras, converteraõ á Fé muitos Senhores. Pediraõ-lhes estes mandassem vir de Alemanha sujeito habil, que os instruisse nos dogmas da



da Fé, e Religião Catholica, e com effeito foy para seu Bispo Menardo, Monge da Abbacia de Sigebert, sagrado pelo Arcebispo de Bremen.

Sucedeo a este Prelado o segundo Bispo Bertholdo, Monge do Mosteiro de S. Paulo, que foy morto ás mãos dos idolatras em 1197, e teve por successor a Alberto I. que com incomparavel zelo se applicou á conversão daquelles barbaros; e para segurar a sua pessoa de algum insulto, edificou a Cidade de Riga, huma das celebres da Europa.

No tempo deste piedoso Prelado, da illustre Ordem de Cister, se lhe offereceraõ alguns ricos Mercadores, que acompanhavaõ a Engilberto, e a Thierry de Tiffench, para se opporem aos idolatras de Livonia, e nas suas mãos o prometteraõ por voto. O mesmo Prelado lhes formou a Regra, que foy a de S. Bernardo, e deu o habito de sarge branca, a capa negra, e sobre ella, na espada esquerda, huma espada vermelha cruzada de negro, e ao peito duas espadas iguaes, passadas em aspa com as pontas para baixo, pelo que foraõ chamados Porta-Espadas.

Approvou esta Ordem o Papa Innocencio III. e vendo-se ella sem forças bastantes para resistir aos barbaros, se incorporou na Teutonica, no anno de 1237, e recebendo della o seu valor, e forças, dilatou logo os seus progressos na Livonia; e reduzida esta Provincia á sua obediencia, conquistou a Curlandia, e Semigabia, suas visinhas.

Porém como Alberto de Brandemburgo, Graõ Mestre daquella Ordem, abandonou a Religião Catholica, e se entregou todo aos erros de Luthero, no anno de 1525, se separaraõ os Cavalleiros da Livonia dos seus antigos camaradas os Teutonicos; e elegeraõ



raõ por Graõ Mestre a Walther de Plettemberg, hum dos mais valerosos, e Politicos Fidalgos do seu seculo; que querendo mostrar logo a grandeza da sua alma, além de bellas acçoës, bateo moeda como Soberano, e o Emperador Carlos V. lhe deu o titulo de Principe do Imperio, com direito de voto na sua Dieta, concedendo á Livonia muitos privilegios.

Sucedeo a este grande homem Guilhelme de Furstemberg, que com o cargo lhe naõ herdou as virtudes; porque morrendo com aquella cabeça a reputaçãõ da sua Milicia, invadiraõ os Moscovitas a Livonia, e o fizeraõ prisioneiro. No seu governo se espalhou na Provincia a doutrina de Luthero, que apoyavaõ os Bispos, por gostarem de opiniões novas, sem as temer por condemnadas; de sorte, que o Arcebispo de Riga Guilhelmo de Brandemburgo, se declarou publico sectario, seguindo o povo o seu impio exemplo.

Ultimamente, esta Ordem taõ antiga, e illustre, foy inteiramente aniquilada; porque o seu ultimo Graõ Mestre Gothardo de Ketler, no dia 5 de Março de 1562 renunciou em publico a sua verdadeira Religiaõ, despio o habito, com outros muitos Cavalleiros, e em presença de Nicoláo de Ratzevil, Palatino de Vilna, e Commissario de Sigismundo Augusto, Rey de Polonia, demittio a Provincia a favor da Coroa Polaca, e se declarou Lutherano; seguindo, se depois degradallo de todos os direitos, e privilegios da Ordem. Em premio daquella infame demissaõ, foy dada a este Graõ Mestre a investidura dos Ducados de Curlandia, e Semigalia, com titulo de Duque, para elle, e seus herdeiros, com condiçaõ de os ter como feudos dependentes da Coroa de Polonia.



*Ordens da Aguia branca, em Polonia.*

**N**O Reino de Polonia ha duas Ordens Militares da Aguia branca, huma antiga, e outra muito moderna, que ambas trataremos neste Capitulo.

Na occasião do casamento do Grande Casimiro com a Princeza Anna, filha de Gedimiro, Duque da Lithuania, depois de instruida nos dogmas Catholicos, e bautifada pelo Bispo de Cracovia em 1325, determinou seu pay Uladisláo V. ou III. chamado o *Pequeno*, Rey de Polonia, instituir huma Ordem Militar, para fazer aquella cerimonia mais augusta.

Dizem as Historias, que a razaõ, porque Uladisláo lhe poz o nome de Aguia branca, fora, porque mandando os primeiros Reys de Polonia abrir os fundamentos, para se edificar a Cidade de Gnesna, se achara hum ninho de aguias com os seus filhos; e por memoria deste successo, escolheo a Rainha das aves, para insignia da sua Ordem. Os Cavalleiros a traziaõ ao peito coroada de prata, e pendente hum colar de cadeas de ouro. O mesmo Rey foy o seu Graõ Mestre; e as obrigaçoens do Instituto consistiaõ em hum juramento de fidelidade aos Principes, e zelo da Religiaõ Catholica.

A segunda Ordem da Aguia branca em Polonia foy estabelecida no anno de 1705, por El Rey Augusto, Eleitor de Saxonia, e pay do presente Rey, e Eleitor dos mesmos Estados. Foraõ grandes as aventuras deste Monarca, em que se vio totalmente desamparado dos seus vassallos, e com poucas esperanças de remontar o Throno de Polonia, a não ser a lastimosa desgraça do perfeito, e invencivel Heroe do nosso



nosso seculo, Carlos XII. Rey de Suecia.

Este grande homem, não sendo ainda mais que menino, porque de idade de quinze annos, foy atacado pelos mayores Potentados do Norte, a saber, o Czar de Moscovia, e os Reys de Dinamarca, e Polonia. Aconselhavaõ-lhe os seus Ministros, que a formidavel tempestade, que ameaçava Suecia, só se poderia dissipar por meyo das negociaçoens: porém o magnanimo coração de Carlos, muito mayor que os seus annos, rejeitou propostas, que se não conformavaõ com a honra do seu brio; e resolveo, fundado na justiça da sua causa, oppor-se com a força á violencia dos contrarios.

Sahio Carlos á campanha com a velocidade, e effeito do rayo, empregando a sua furia na mayor resistencia, e cahindo o primeiro impeto sobre Dinamarca, em breve tempo se vio aquelle Rey obrigado a pedir a paz, com as condiçoens, que lhe quiz preferver o vencedor. Passou a Polonia, e depois de vencer El Rey Augusto em muitas batalhas, o despojou da Coroa, e elegeo em seu lugar a Stanislaõ, Palatino de Posnania, e hoje Duque de Lorena.

De Polonia deu o valor de Carlos o salto á Moscovia, e depois de ganhar muitas victorias, por muitos accidentes contrarios, que nos não toca referir neste lugar, se perderaõ os negocios deste alentado Principe na temeraria batalha, e lastimosa derrota de Pultowa, em que foy obrigado a retirar-se aos Dominios do Turco, aonde esteve cinco annos.

Vendo-se El Rey Augusto desafombrado da opposiçaõ de taõ forte inimigo, resolveo repassar a Polonia, e com effeito chegou á Prussia, onde foy recebido com particulares demonstraçoens de alegria por todos



os do seu partido; em favor dos quaes instituhio a Ordem Militar da Aguia branca, esperando com esta promoçaõ, e com a ajuda do Czar, restituir-se das suas perdas, que não pode reparar antes da rota de Pultowa em 1709.

### *Ordem de Santa Brigida.*

**A** Bemaventurada Brigida, não só grande Santa, mas illustre Fidalga de Suecia, que nas suas continuas Revelaçoes ( verdadeiras visoens daquelle seculo, e não ridiculas visagens do nosso ) vivendo com o corpo na terra, morava com a alma no Ceo, não sómente foy nobilissima Fundadora da Ordem Militar, que vamos a tratar, mas de outra Regular, que escreveremos no seguinte Tratado.

No anno de 1302 nasceo Brigida do illustre Fidalgo Birgero, e de sua mulher Sigrida, do Real sangue dos Godos, e foy fruto correspondente de tão boas arvores. Seus pays lhe deraõ o estado de cazada, vendo-se obrigada a obedecer-lhes, com grande pezar da sua castidade. Seu marido Wlphon, Principe de Nericia, tocado de impulso mais superior, desgostou das grandezas do mundo; e com consentimento de Brigida, tomou o habito de S. Bernardo, com o qual morreo, antes de acabar o anno do Noviciado.

Vendo-se Brigida desatada das prisoens do matrimonio, se entregou toda aos laços do Amor Divino, para nunca mais se soltar delles; e como o seu espirito tinha já forças para mayores emprezas, se resolveo a executallas. A primeira, a que lançou mão, foy a instituiçaõ da Ordem Regular do Salvador pelos an-



nos de 1344; mas como o seu zelo da Fé se não satisfazia só com esta authentica prova, repetio os seus heroicos actos no estabelecimento da Ordem Militar de Suecia, nos annos de 1366.

O motivo, que teve a Santa para fundar esta Ordem, foy o continuo estrago, que os Tartaros, e outras naçoens barbaras fazião com as suas irrupçoens nos territorios de Suecia, Dinamarca, e Polonia. Revelou lhe Christo o quanto eraõ do seu agrado as Ordens dos Cavalleiros, que antepoõdo a Religiaõ á vida, apertavaõ as redeas á impiedade, e determinou instituir a sua. Nella eraõ armados os Cavalleiros com christãs, e religiosas ceremonias, como consta de varios Capitulos das Revelaçõens da mesma Santa.

Foy a Ordem approvada pelo Papa Urbano V. na observancia da Regra de Santo Agostinho, e possuhiõ em Suecia grandes riquezas, e consideraveis Comendas. As Constituiçoens, e Cruz dos seus Cavalleiros, foraõ quasi semelhantes ás de Malta. Era esta de azul com oito pontas, e no extremo della pendia huma lingua de fogo, symbolo do ardente zelo, que os Cavalleiros deviaõ ter pela Religiaõ, e amor de Deos, e do proximo. Com a gloriosa morte desta Santa, que passou a melhor vida no anno de 1373, espirou esta Ordem em Suecia; e ha quem affirme, que e la só existira na idéa, e nos eseritos da Santa, o que se faz pouco verosimil.

*Ordem do Elefante, em Dinamarca.*

**E**L Rey Christerno I. de Dinamarca, chamado o Rico, que começou a reinar em 1448, foy o magifico fundador desta Ordem, nas solemnes vodas de seu

seu filho o Principe Joaõ , no anno de 1478. Não tem a Europa Paiz , a quem Marte communicasse maiores impulsos do furor bellico , como a Dinamarca. Este Reino , hum dos mais Septentrionaes do nosso continente , foy a Regiaõ dos antigos Cimbrios , que em todas as idades procreou Principes ferozes , e povos formidaveis , que sahindo em bandos das suas terras , se semearaõ por toda a Europa , como a cada passo encontramos nas Historias.

Foy esta barbara naçaõ hum dos mayores escandalos da Religiaõ Catholica , em quanto cega ; mas depois , que vio as luzes da Fé , se mostrou ao mundo gloriosa Protectora do mesmo sagrado , que profanava ; instituindo esta Ordem Militar para sua defenza , e propugnando a sua verdade á custa do proprio sangue.

Entregou Christerno a sua Ordem á augusta protecçaõ da Mãe de Deos , e formou para os Cavalheiros hum colar de ouro , composto de duas Cruzes Patriarcaes , e pendente do seu extremo hum Elefante esmaltado de branco , carregadq nas costas de hum Castello de prata , rebocado de negro , e postõ sobre hum terrado de verde esmaltado de flores , com a Imagem da Senhora , cercada de hum Sol : porém depois que a impia doutrina de Luthero occupou os coraçõens Dinamarquezes , se tirou do colar a Imagem da Senhora , e as Cruzes Patriarcaes , pondo em seu lugar huma cadeia de ouro , e ficando a Ordem com o simples nome do Elefante.



*Ordem da Aguia negra na Prussia.*

**E**mpenhou o Eleitor Frederico de Brandemburgo todas as suas forças a favor do Emperador Leopoldo na grande guerra contra os Turcos, e Rebelles Hungaros; e depois de concluida a paz de Carlowitz, solicitou Frederico do Emperador, que em reconhecimento dos seus serviços, lhe erigisse em Reino a Prussia Ducal, que pela apostasia de Alberto, Graó Mestre da Ordem Teutonica, ficara de posse a sua casa. Determinou o Emperador, em attenção aos Principes interessados, illudir semelhante demanda ganhando tempo: porém vendo-se obrigado a declarar a França huma nova guerra para sustentar a justiça, que seu filho Carlos, depois Emperador VI. do nome, tinha á Coroa de Hespanha contra as pretensões do Duque de Anjou, depois Philippe V. condescendeo com os rogos do Eleitor, para o ter do seu partido.

Tomou posse Frederico do novo titulo a 15 de Janeiro de 1701, e se fez acclamar Rey da Prussia, com magnificas ceremonias, e para as fazer mais plausiveis, instituhio a Ordem Militar da Aguia negra, dando aos Cavalleiros huma Cruz azul, pendente de huma fita amarella, que da espada esquerda passa abaixo do braço direito, e cercada a Cruz de aguias negras, cujo colar conferio a vinte Cavalleiros, sendo os primeiros seu filho o Principe Eleitoral, e os Markgraves seus irmãos.

## Ordem do Esporão dourado.

Muitos Authores antigos examiney com especial cuidado, e grande trabalho, para dar alguma noticia particular desta Ordem de Cavallaria, que com pouca especificação escreveraõ os modernos; e depois de gastado o tempo inutilmente, vi, que naõ achava novidade, com que podesse lifongear os curiosos.

Dividem-se os Authores sobre o Fundador, e tempo, em que foy estabelecida esta Ordem. Neste nenhum acerta, e só dizem he muy antiga; naquelle quasi todos se confundem, e raros a attribuem ao Emperador Constantino o *Grande*, fundados em discursos, e conjecturas; afirmando, creara o Emperador estes Cavalleiros para guardas da sua pessoa, e que a sua divisa era huma Cruz de ouro, e pendente della huma Espora, a qual se lhes punha nos pés, tanto que montavaõ a Cavallo, pelo que foraõ chamados, Cavalleiros do Esporão Dourado.

Affirmaõ alguns Escritores, que o Papa Pio IV. fizera huma refórma nesta Ordem no anno de 1559, e concedera aos Cavalleiros muitos, e grandes privilegios, e entre outros o grão de nobreza para os descendentes, dos que entravaõ na Ordem, ainda que elles o naõ tivessem, e o titulo de Condes Palatinos do Sacro Palacio; isentando-os juntamente da jurisdicção dos Ordinarios, ficando com immediata sujeicção á Sé Apostolica.

Pela Bulla da instituição, ou refórma do Papa Pio, se ordena aos Cavalleiros, que tragaõ no seu Estandarte de hum banda a Imagem de Santo Ambrosio



sió, Bispo de Milaõ, e da outra as Armas do Pontifice, que reinar, com a Tiara, e chaves, da maneira, que elles uiaõ; e tudo mettido em duas medalhas de ouro: porém á repentina elevaçãõ, que teve este estabelecimento, na vida de Pio IV. correspondeo a decadencia depois da sua morte, ficando desta Ordem apenas algumas memorias.

## ORDENS MILITARES DA ASIA.

*Segue-se tratarmos das Ordens de Cavallaria, que tiveraõ origem na Asia, reservando para o fim deste Tratado algumas, que se fundaraõ na Europa com os nomes de Christo, e S. Jorge.*

### *Ordem do Santo Sepulchro, em Jerusalem.*

**A**S opiniões dos Escriitores sobre a origem desta Ordem são muy diversas, e totalmente incerto o tempo da sua fundaçãõ. Dizem huns, que fora instituida pelo Apostolo Santiago, quando nomeou varias pessoas para vigiarem sobre o Santo Sepulchro do nosso Redemptor, ás quaes dera por Estandarte a Santa Cruz. Escrevem outros, e daõ esta gloria a hum Judeo chamado Cyriaco, que manifestou a Santa Helena o lugar do Sepulchro, e Cruz de Christo, o qual sendo eleito Bispo de Jerusalem, formára este instituto no anno de Christo 313.

Outros seguem, que no reinado de Godofredo de Bulhaõ começára esta Ordem a florecer na Palestina; e alguns dizem, que a augmentára, ou instituirá seu irmão, e successor Balduino I. e que dera aos Cayalleiros o habito branco, com huma Cruz vermelha,

Iha, cantónada de quatro Cruzinhas da mesma, pendente de huma fita negra: porém a opiniaõ mais provavel he a dos que seguem, que a sua fundaçãõ foy sobre as ruinas dos Conegos Seculares, que guardavaõ o Santo Sepulchro, e estabelecida em 1496 pelo Papa Alexandre VI.

Perdidos os Lugares santos, se retiraraõ os sobreditos Conegos á Europa; e no anno de 1459 forãõ supprimidos, e unidos os seus bens á Ordem Militar de Nossa Senhora de Bellem, que entãõ havia instituido o Papa Pio II. porém naõ subsistindo a dita Ordem, o Pontifice Innocencio VIII. com consentimento de todos os Principes, unio a do Santo Sepulchro á de Malta, como já havia feito á de S. Lazaro, o que no anno de 1560 veyo a confirmar Pio IV. mas isto naõ obstante, ficaraõ os sobreditos Conegos conservando algumas Casas em Sicilia, e Polonia.

Depois que os filhos do grande Francisco forãõ escolhidos, como mais vigilantes sentinellas, para guardas dos Lugares santos, concedeo o Papa Alexandre VI. ao Guardiãõ de Jerusaleem, que podesse armar estes Cavalleiros; mas como elles davaõ es depojmentos de si mesmos, e ordinariamente eraõ Peregrinos, e Mercadores, lhes faltavaõ as circumstancias de nobreza, que requeria a Ordem.

No decimo quinto seculo estava ella em hum grande decadencia em Flandes, assim como nas mais partes; e querendo os Cavalleiros fazella reviver, buscaraõ o amparo de Filippe II. Rey de Hespanha, elegendo o por seu Graõ Mestre, titulo, que naõ desprezou; porém logo demittio á instancia do Graõ Mestre, e Cavalleiros de Malta, que temeraõ do poder de hum taõ grande Principe fizelle reentrar na



Ordem os bens, que a de Malta possuía desde a primeira união, que em 1560 tornou a confirmar o Papa Paulo IV. E ainda que Carlos Gonzaga, Duque de Nevers, quiz animar esta Ordem, e desejou declarar-se seu Graó Mestre, advertido o de Malta, representou a Luiz XIII. a união, que fizera o Papa Innocencio, e confirmara Paulo IV. admoestando-o a seguir o exemplo de Philippe II. o que com effeito lhe acordou aquelle Monarca, sem que as pretensões do Duque passassem de idéas, ficando a Ordem unida á de Malta.

### *Ordem dos Santos Cosme, e Damiaõ.*

Quando os infieis se apoderaraõ dos Lugares da Palestina, eraõ muitos os Peregrinos, que movidos da devoção, emprendiaõ taõ dilatado caminho, por causa do qual, e da diversidade do clima, enfermavaõ muitos, e morriaõ em lastimoso desamparo.

Estas misérias do proximo moveraõ os coraçõens de muitas pessoas ricas; e para assistirem aos pobres, edificaraõ hum Hospital em Jerusalem, debaixo da invocação dos Santos Cosme, e Damiaõ, para que com a protecção de Santos remediaassem aos que já não podiaõ curar como Medicos.

Foy exemplar a vida dos Hospitaleiros na observancia da Regra de Saõ Basilio: e porque contra os inimigos da Fé fizeraõ gloriosas expedições, foraõ elevados á Dignidade de Cavalleiros, com approvação do Papa Joaõ XX. porém arruinados os negocios da Syria, cahio a Ordem por si mesma, e os seus muitos bens nas mãos dos infieis, ficando della no mundo huma confusa memoria.

*Ordem de Santa Catharina de monte Sinay.*

**F**Oy esta Ordem instituida na Palestina pelos annos de 1067, sujeita á Regra de S. Basilio. Os Cavalleiros eraõ obrigados a segurar os caminhos aos peregrinos, que visitavaõ o santo Sepulchro de Christo; porẽm como estes eraõ creados sobre o monumento de Santa Catharina no monte Sinay, parece, que o seu Instituto propriamente se formára para guardarem o sepulchro, e corpo da Santa, e defender as estradas aos que alli hiaõ em romaria. Nas ruinas do Imperio do Oriente se enterrou esta Ordem, que tinha por divisa a Roda de navalhas, com que a Santa foy atormentada.

*Ordem de S. Braz.*

**A** Ordem de Saõ Braz dizem, que se estabele-  
cera quasi ao mesmo tempo, que a dos Templarios, e que foraõ os Reys da Armenia os seus Fundadores; os quaes lhe deraõ o nome daquelle Santo, que era Protector do seu Reino, e nelle foy Martyr, e Bispo de Sebaste. O principal instituto obrigava os Cavalleiros a se opporem aos Hereges, e purgar o Reino de opiniões falsas; porque nunca com ellas se pode fazer bom governo, ainda que seja só para a apparencia do externo; e por isso se dividio a Ordem em Religiosos, e Cavalleiros; aquelles, que ensinavaõ os dogmas da Fé; e estes, que brigavaõ na campanha contra os inimigos della. O final da sua dignidade era huma Cruz vermelha, e no centro della a Imagem de S. Braz. Observava esta Ordem a Regra de S. Basilio; mas como naquelles Estados en-



trou o Mahometismo, acabou ella ás mãos da sua impiedade.

*Ordem de S. Gereaõ.*

**H**E esta huma das mais antigas Ordens da Palestina, mas com poucas noticias da sua origem; porque dizem huns fora instituida pelo Emperador Frederico Barbaroxa, e outros, que por Frederico II. Os seus Cavalleiros traziaõ huma Cruz Patriarcal sobre tres montanhas de verde em campo vermelho; e dizem, que ló os Fidalgos Alemães entravaõ nesta Ordem.

Igualmente se duvida se a sua Regra foy a de S. Basilio, commua no Oriente, ou se se submetteraõ á de Santo Agostinho. Segundo algumas apparencias foy esta Ordem a mesma, que no Reino de Hungria instituhio Santo Estevaõ seu primeiro Rey, e lhe deu por divisa as Armas do Reino, que saõ a sobredita Cruz Patriarcal sobre tres montes. A estes Cavalleiros de S. Gereaõ em Hungria, se acafo saõ os mesmos, chamavaõ Porta-Cruzes.

*Ordem de Chypre, ou da Espada.*

**O** Valeroso Guido de Lusignano, Rey de Jerusallem, por casar com Sybilla, filha herdeira de Amaurico, Rey da mesma Cidade, e viuva de Guilherme de Longa-Espada, Marquez de Monferato, foy feito prisioneiro pelo alentado Saladino, e não pode alcançar delle a liberdade, sem preceder a entrega daquella santa Capital.

Neste lastimoso estado estava a Palestina quando Ricardo I. Rey de Inglaterra partio á sua reconquista no anno de 1191. Obrigada de huma furiosa

tormenta, foy a frota de Ricardo lançada nas costas de Chypre, aonde então era Rey Isaac Comneno, que esquecido da Religiaõ, e humanidade, tratou os hospedes, e irmãos, como a inimigos. Escandalizou a Ricardo hum procedimento tão alheyo das obrigaçoens Catholicas, e leys da hospitalidade; e invadindo a Ilha, se fez Senhor della, e levou prezo a Isaac, e sua familia.

O successo desta guerra não correspondeo ao zelo de Ricardo; porque se lhe oppoz o ciuime de Hugo de Borgonha. Era o intento daquelle Monarca formar na Palestina hum grande Reino: e porque lhe não disputassem o titulo do de Jerusalem, o comprou a Guido de Lusignano, e lhe deu em escambio a Ilha de Chypre, que com o titulo de Reys se conservou nos seus descendentes até o anno de 1473.

Guido, que na Palestina fora testemunha ocular das bellas aççoens dos Cavalleiros das Ordens, tanto que tomou posse do novo Reino, erigio huma para lustre, e segurança delle; e lhe deu o nome de Ordem da Espada, que era a sua divisa, com a letra, *Securitas Regni*. Durou alguns seculos este instituto; porèm no anno de 1571, arrancando os Turcos das mãos dos Venezianos o Reino de Chypre, com a mudança do Senhorio, acabou a Ordem.

## ORDENS DE CAVALLARIA,

*Instituidas com o augustissimo Nome de Jesu.*

**A** Lèm da illustre Ordem de Christo em Portugal, se fundaraõ outras com o mesmo santissimo Nome. Huma das mais uteis á Igreja foy, a que estabe-



leceo o Grande Patriarca S. Domingos para combater a impiedade dos Hereges, que com lastimoso estrago assolavaõ França, e Italia; ficando em herança aos seus filhos este zeloso espirito, que vemos arder para purificar os detestaveis absurdos, que a malicia com capa de piedade, e refórma vay introduzindo no precioso ouro da nossa acrisolada Religiaõ, como ha poucos dias, com assombro deste christianissimo Reino, se viraõ propugnados em publico por sujeitos, que tem obrigação de ensinar solidas doutrinas; pretextando o escandalo das suas resoluçoens com a espeiosidade das regalias.

Empenhou o Santo Patriarca toda a força da sua doutrina, para de hum golpe cortar pelo meyo a Hydra, de sorte que não reproduzisse mais cabeças. E como os competentes direitos Ecclesiasticos eraõ defattendidos, e os bens dos Prelados usurpados pelos Leigos, que inficionados das heresias, não lhes ficava que temer nas censuras, se as não acompanhasse a força; fez o Santo, que os bens se restituirem a quem tocavaõ, e ajuntou hum corpo de espiritos devotos (que sempre teve sequazes a verdade) a que deu fórma de Milicia; persuadindo-os a que tivessem hum particular cuidado de recobrar os direitos Ecclesiasticos, e de empregar as suas ramas contra os Authores de opiniões novas, ou destes que authorisaõ a novidade das opiniões; porque o melhor meyo de atalhar heresias, que começaõ, he cortar as cabeças, que as animaõ.

Sahiraõ a campo os defensores da Fé, fazendo primeiro especial voto de praticarem obras tão boas na intençaõ, como na apparencia; porque com o uso da hypocrisia não se dissipaaõ os abusos introduzidos



na Religiaõ, e tomaraõ o nome de Gentes de Armas de Jesu Christo, para darem a entender, que como verdadeiros Catholicos estavaõ promptos a defender com o sangue, na integridade da sua Ley, o sagrado da sua Pessoa.

Traziaõ estes Cavalleiros huma Cruz branca, e floreteada sobre o peito. O mesmo S. Domingos lhes deu o habito, que era branco, e negro, para os distinguir dos outros homens, sujeitando-os á Regra de S. Agostinho. Vendo a suprema Cabeça da Igreja os grandes serviços, que a nova Milicia lhe fazia, destruindo os Albigenes á força de armas, lhe deu a sua confirmação, e fez graça de muitas concessões, e privilegios o Papa Innocencio III. que entaõ governava a Igreja.

Depois do glorioso transito de S. Domingos foy decahindo esta instituiçãõ; e ainda que perdeu a primeira fórma, goza o bem dos mesmos effeitos; porque sendo o integerrimo Tribunal do Santo officio huma especie, e parte essencial desta Ordem; este, sem a necessidade de expor a vida dos seus membros, combate com os monstros da iniquidade, descabeça as Hidras das Heresias, e triunfa de todos os inimigos da Igreja, levando a fogo, sem fazer sangue, os Castellos da obstinaçãõ, que se não rendem aos brandos ataques das paternaes admoestações. A estes valerosos Soldados de Christo não ha temeridade, que se atreva; e se alguns vapores, que á força de sopros andaõ voando por fora da sua esfera, presumem escurecer aquellas luzes, expoem-se a que os lancem ao lugar donde sahirãõ, ou ao menos basta, que andem de rastos pelas linguas; porque não ha mayor infamia, que a má fama como pena de damno da reputação.



A segunda Ordem de Christo foy instituida no anno de 1320. pelo Papa Joaó XXII. estando a Santa Sé em Avinhaõ, debaixo da Regra de Santo Agostinho. A Cruz destes Cavalleiros era vermelha, com a bordadura de ouro, e os seus votos os mesmos da Ordem de Christo em Portugal.

O Papa Paulo V. fundou terceira Ordem de Christo, a que accrescentou o nome Santissimo de Maria. A sua Cruz era de azul, semelhante á dos Cavalleiros de Malta, e no meyo della entrefachadas as tres letras: *J. H. S.* que exprimem o Sacrosanto Nome de Jesu; e os seus votos eraõ concernentes ao augmento da Igreja. Alguns Authores confundiraõ esta Ordem com a sobredita do Papa Joaó XXII. que acabou com a vida deste Pontifice.

Dizem alguns, que em Suecia houve outra Ordem com o mesmo Nome de Christo, e que fora instituida no anno de 1334 por ElRey Magno IV., a qual tambem se chamou Ordem do Querubim; porque o seu colar era composto de Querubins de ouro, esmaltados de vermelho, e de Cruzes Patriarcaes; no extremo do qual pendia huma figura ovada do mesmo, esmaltada de azul, com o Nome de Jesu em ouro, e na ponta deste oval, os tres cravos, com que o Senhor foy pregado na Cruz, esmaltados de branco, e negro. As obrigações dos Cavalleiros eraõ defender a Religiaõ, e opporem-se ás irrupções dos povos, e nações barbaras: porém subindo ao Throno o Principe de Sundermania Carlos, que foy pay do grande Gustavo, e sectario de Luthero, com a sua apostasia se acabou esta Ordem.

## ORDENS MILITARES,

*Com o nome de S. Jorge.*

**N**O Principado de Catalunha, e Cidade de Alfama, instituhio ElRey Dom Pedro II. de Aragoã, no anno de 1201, a Ordem Militar de S. Jorge, que se unio á de Monteza, como dissemos nas Ordens das Hespanhas.

Com o nome do mesmo Santo instituhio outra Ordem de Cavallaria Rodolfo, Conde de Haspurg, e primeiro Emperador da grande Casa de Austria, para guarda, e segurança das Fronteiras de Hungria, e para impedir as incurfões dos inimigos da Fè. Determinou este Principe fazer grande a sua Ordem, e se declarou seu Graõ Mestre, e lhe assignou por cabeça a Cidade de Millestad, Praça forte no Ducado de Carinthia, e outras muitas terras consideraveis.

Obrigavaõ se estes Cavalleiros a defender a Religiaõ, venerar particularmente o Santissimo Sacramento, e acompanhallo quando sahisse aos enfermos; porque á devoçaõ deste altissimo Mysterio deveo a Casa de Austria a sua grande elevaçãõ, na mesma pessoa de Rodolfo. O Escudo das Armas dos Cavalleiros era de prata, com a Cruz de vermelho; e traziaõ a cotta de Armas branca, com a Cruz cheya daquella cor.

Alguns Authores attribuem a fundaçãõ desta Ordem ao Emperador Frederico III. em 1468, o qual estando em Roma, neste anno, obteve faculdade do Papa Paulo II. para a sua erecçaõ, que depois lhe confirmaraõ Leão X. e Julio II. concedendo-lhe o mesmo

Empe-



Emperador muitas honras, privilegios, e grandes riquezas: porèm todos estes augmentos mudaraõ de face por causa das continuas guerras, que o Emperador teve com os Turcos, e com Mathias Rey de Hungria, que causaraõ á Ordem consideraveis perdas, que depois trabalhou para lhe restituir o Emperador Maximiliano I. filho, e successor de Frederico.

O mesmo Emperador Frederico III. quando fez a jornada de Roma, para receber do Papa a Coroa Imperial, concedeo a todas as Cidades por onde passava muitas graças, e privilegios, para que o convidava a sua grande liberalidade, e querendo usar com a de Genova de demonstrações magnificas, instituiu nella outra Ordem Militar de S. Jorge, honrando com o seu colar todos os Senadores, e Nobreza illustre da Republica; do qual pendia huma Cruz vermelha sem ornamento.

A quarta Ordem Militar de S. Jorge foy instituida pelo grande Emperador Maximiliano I. mais conhecido pelas victorias, que pelo nome. As continuas ventagens, que este bravo Principe alcançava dos Turcos, lhe fizeraõ nascer a idéa de renovar no Imperio a Ordem, que seu Pay, ou Avô, havia instituido, ou de estabelecer outra de novo, vista a decadencia daquella; e porque em huma grande batalha, que teve com os Turcos, foy visto o Santo Cavalleiro pelejar com valor mais que humano, executou logo o seu intento; enaõ se sabe o anno certo desta Fundaçãõ.

Sujeitou o Emperador esta Ordem á Regra de S. Agostinho; e ha quem diga, que ella naõ tinha regularidade ou fórma de Ordem; mas que era huma simples sociedade, em que se admittiaõ pessoas de  
ambos



ambos os sexos. Não tenho esta opinião por muito segura; por quanto o Emperador, e Principes Alemães derao a esta Ordem particular estimação, e o Papa Alexandre VI. com muitos Cardeaes, se fizeram alistar nella.

Tambem os Pontifices Romanos instituirão duas Ordens de S. Jorge. A primeira fundou o sobredito Papa Alexandre, para defender a Igreja no anno de 1498, ou conforme outros de 1492, e deu aos Cavalheiros por collar, huma cadeia de ouro, e preza nella huma medalha, que tinha gravada a Imagem do Santo a cavallo, e ferindo hum dragão com as suas armas. Esta Ordem, que dizem era a mesma Confraria do Emperador Maximiliano, teve pouca duração.

A segunda Ordem de S. Jorge foy estabelecida em Ravenna pelo Papa Paulo III. e durou com a sua vida. Nella se obrigavao os Cavalheiros a fazer a guerra aos Corsarios, que infestavao as Costas do Estado Ecclesiastico. Traziao aquelles por marca da sua Dignidade huma Cruz de ouro, e sobre ella huma Coroa do mesmo

Resta-nos coroar este Tratado com a mais antiga, e illustre Ordem de S. Jorge, que referem venerados, e doutos Authores. Sabem, os que tem luz da Historia, que no grande combate, que o Emperador Constantino o Grande deu a Maxencio, sendo ainda gentio, o favoreceo o Ceo, mostrando-lhe no final da Cruz a mais triunfante espada.

Depois desta victoria não abriu Constantino de todo os olhos da alma: porém, empenhado o Ceo na sua conversão, o cobrio de lepra, que costuma Deos com os golpes das enfermidades fazer cahir es-



camas á obstinação. Mandavaõ os Medicos, que o Emperador se banhasse no sangue de innocentes meninos; e como naquelles tempos o Sacramento do Bautismo naõ só apagava a primeira nodoa da alma, porque tambem lavava as manchas do corpo, o pediu o Emperador ao Papa S. Silvestre, que lho administrou com cerimonia taõ magnifica, que veyo affitir a Corte do Ceo a este grande triumpho da Religiaõ.

Feito Constantino Christaõ, e regenerado pela graça, deu especial culto ao final do seu caracter, e se declarou Defensor da Cruz, que perseguiu. Seguiu-se a instituiçaõ da Ordem Militar com o nome de Cavalleiros Angelicos Dourados de S. Jorge, glorioso Martyr de Christo, quasi naquelles tempos, porque no anno 305. E como o Emperador tinha destinado cinco Soldados para guardas do seu triunfante Labaro, foraõ elles os primeiros, que da sua maõ receberam o colar, de que pendia huma Cruz.

O de que usavaõ os Grãos Mestres, e Grãos Cruzes era magnifico; porque se compunha em cifras das letras do Labaro, a saber: *In hoc signo vinces*, e no seu extremo a Imagem de S. Jorge pizando hum dragaõ. Os seus votos eraõ concernentes á defenza da Religiaõ, na observancia da Regra de S. Basilio. Os Pontifices lhe concederaõ innumeraveis graças, e privilegios; e para entrar nella se requeriaõ quatro graõs de nobreza, em que rara vez, e por fortes razoes, se dispensava.

Os continuos insultos dos infieis, e hereges puzeraõ esta Ordem em grande decadencia; porém a Imperial Casa dos Comnenos a teve sempre na mayor estimaçaõ, e da sua familia houve quasi trinta Grãos Mestres, trabalhando estes Principes, quando possui-



raõ o Imperio do Oriente, para a elevarem ao primeiro estado da sua grandeza.

Varios Principes dos ultimos seculos fizeraõ da mesma Ordem igual apreço. O Emperador Carlos V. se declarou seu Chefe, e deu o Estandarte della a seu filho Dom Joaõ de Austria, para com elle combater os infieis. Fernando Maria, Eleitor de Baviera, tomou o titulo de seu Protector em 1667. O Emperador Leopoldo, os Papas Clemente X. Innocencio XI. El Rey de Polonia Joaõ Sobieski, e a Republica de Veneza, se declararaõ, huns por seus Protectores, e outros lhe confirmaraõ os antigos privilegios, que tinha.

O Graõ Mestrado desta illustre Ordem haviaõ acordado os Summos Pontifices perpetuamente á sobredita Casa dos Comnenos: porém o ultimo varaõ della, que foy André Angelo Flavio, Principe de Macedonia, depois de haver administrado a Ordem muitos annos, no de 1699 fez cessaõ do seu Mestrado na pessoa do Duque de Parma, Francisco Farnese, para elle, e seus successores, com approvaçaõ do Papa Innocencio XII. havendo entaõ, com o novo Soberano, alguma mudança nos antigos Estatutos.

Porém, a grandeza desta magnifica Ordem consiste mais na honra, que no proveito; porque não obstante serem muy consideraveis as suas riquezas, unidas aos Grãos Priorados, e Baliados, são todas estabelecidas no Oriente, de que não tem utilidade alguma os Cavalleiros da Europa.



## TRATADO VI.

*Das Ordens Regulares.*

**R**esumirey este Tratado mais, que o antecedente, porque outras materias muito necessarias estaõ chamando mayor extensaõ. Vejaõ os curiosos, entre muitos Authores, ao Padre Soares de *Religione*; a Lourenço Reyerlinck no *Theatrum Vite Humane*, verb. *Religio*, o I. Tomo das *Questoes Regulares, e Canonicas* do P. Fr. Manoel Rodrigues, todos no idioma Latino; e melhor que tudo no Francez a Historia moderna *Des Ordres Monastiques, Religieux, & Militaires, & des Congregations Secluiers de l'un, & de l'autre sexe, qui ont etè etablis jusqu'à present.*

*Ordem do Grande Patriarca S. Agostinho.*

**N**A Cidade de Tagaste, da Numidia em Africa, anno 354, nasceo Agostinho de Patricio, e Monica: e com infausto horoscopo veyo ao mundo, se lhe levantassem a figura só aos primeiros annos. Começou Agostinho a ter uso de razaõ, e a largar as redeas aos abusos da maldade. Era rara a efficacia da sua Logica, que esforçou quanto pode para defender a seyta dos Manicheos, que abraçara em Carthago. Passou a Roma a fazerse Rhetorico, e sem o cuidar aprendeo com o grande Ambrosio a ser Santo, e levou para a sua Africa ajustados os tropos da eloquencia do Ceo.

Principiou Agostinho a mostrar com a lingua, que era Catholico no coração. Empenhou a poderosa



fa energia da sua eminentissima sabedoria em propugnar aquella verdade, que até então perseguira, e mereceo justamente o titulo de Doutor dos Doutores da Igreja, e de Apostolo da Santissima Trindade.

Logo no principio da conversão cuidou em formar o Instituto Monastico, e na idade de 35 annos começou a fundar Mosteiros, e a propagar a vida Eremitica. No anno 15 da sua conversão foy sagrado Bispo, e compoz na sua casa huma Congregação de Clerigos, de que parece trazem os Conegos Regulares a sua origem, ainda que aquella querem alguns fosse restituida, e não formada por Santo Agostinho; por que no tempo dos Apostolos floreceraõ as Communidades de Clerigos.

Morreo Agostinho pelos annos 430, e ficou reproduzido em tantos Agostinhos, quantos são os volumes da sua doutrina, e multiplicado em tantos sujeitos, quantos os filhos que deixava no mando, assim Clerigos, como Monges. Eraõ estes já tantos, e estava tão frondosa a arvore Agostiniana, que os seus muitos ramos não cabiaõ no curto campo do seu nativo terreno: estenderaõ os braços, e de Pólo a Pólo, mediraõ os ambitos do Universo.

Transpozeraõ-se muitos por varias partes, e fructificaraõ em Inglaterra, Hibernia, Italia, e outras Provincias. No tempo de Carlos Magno floreceo hum em França; S. Donato levou outro a Hespanha; S. Fulgencio radicou em Africa; passou outro á Ethiopia; outro á Grecia fazer sombra ao Cedro de Babilio, que alli estava no seu Libano: e finalmente profundaraõ tanto as raizes desta arvore, que penetrados os Antipodas, dos quaes já não duvidava o seu tronco, foraõ gozar os primeiros influxos do Sol no seu



seu Oriente; conduzindo-as as espadas dos estranhos Portuguezes a lugares aonde lhes não deixara noticias a Aquilina penna de seu proprio Bay.

Apenas ha palmo de terra no mundo, aonde se não plantasse a arvore de Agostinho, mayor na realidade, que a sonhada de Nabuco. As muitas Provincias, em que se reparte, contaõ os Conventos a milhares, e do mesmo modo os Santos, Varoens veneraveis, Escritores doutissimos, e Santas Virgens, e Viuas. A primitiva Ordem teve hum só Papa, que foy S. Gelasio; porque o empenho dos primeiros Eremitas era fugir ás grandes honras: porém foraõ muitos os Cardeaes, Arcebispos, e Prelados eminentes em letras, e virtudes.

### *Ordem dos Conegos Regulares.*

**O**S Conegos Regulares, que observaõ a Regra de Santo Agostinho, segundo alguns Escritores, trazem a sua origem do tempo dos Apostolos, e foraõ restituídos pelo Santo Patriarca, que depois de ser Bispo determinou reformar o Clero, para o que lhe deu a sua Regra, e fundou Mosteiros, onde vivessem em Communidade.

Tambem Eusebio, Bispo de Vercelli, vindo do Oriente no anno de 362, muy edificado dos Monges do Egypto, quiz ter na sua Diecesi hum exemplar da perfeição Monastica, para o que persuadio aos Clerigos unissem com a vida Clerical a obediencia Regular; e seguiraõ este exemplo outros Prelados da Christandade.

Em varios tempos houve diversas reformas nesta Ordem com distinctos nomes. A primeira foy a

Lateranense, ou Frisonaria em Italia; a de S. Ruffo em França; a Arvasiense em Flandes; a Windesimense em ambas as Germanias; e não menos celebres a de Santo Espirito, e de S. Gregorio em Alga (em Veneza) que vay a diante.

Dos Conegos Regulares huns saõ da Congregação de S. Salvador, a que deu principio a Santa Congrega Maria do Rheno, das quaes tambem houve Ordens, humas com o nome de Virgens Clericaes, ou Conegas, e outras de Virgens Monacaes, ou Freiras. Das Conegas Regrantes da Congregação Lateranense, em Italia, unida a Congregação de Coimbra em Portugal, e das Conegas inclusas, que chamavaõ Terceiras, vejaõ os curiosos a *Chronica dos Conegos Regrantes part. 2. liv. 12. cap. 2. 3. 4. &c.*

Os outros Conegos Regulares de Santo Agostinho saõ os que elle restituiu, derivados das antigas Congregaçoens de Clerigos.

Esta celebre Ordem, que tanto se ampliou nos outros Reinos, sem inveja sua, floreceo, e florece em Portugal, aonde nas mais das Sés antigas, como a de Lisboa, Lamego, Coimbra, e outras, viveraõ os Conegos regularmente, o que melhor se pôde ver na *Historia Ecclesiastica* do Licenciado Gaspar Alvares de Loufada.

Floreceiraõ nesta sagrada Ordem Varoens eminentes nas letras, e virtudes. Della foy filho o mayor dos Portuguezes S. Antonio, que alli aprendeo os rudimentos da heroica santidade, que coroou depois com o humilde sayal do grande Francisco; o Veneravel Kempis, que nas inspiraçoens de espirito alheyo deu a conhecer qual era o seu espirito; e além de outros, S. Theotónio primeiro Prior de Santa



ta Cruz de Coimbra, Mosteiro, que na magnificencia da fábrica, e reformada observancia da Regra se não reconhece inferior a algum da Christandade.

*Ordem Premonstratense.*

**E** Em S. João de Premonstrato, no Reino de França, foy fundada a Ordem, que dalli tomou o nome; e o seu instituidor S. Norberto, grande amigo de S. Bernardo, lhe deu a Regra de Santo Agostinho em 1120. Dizem, que este Santo lha trouxera do Ceo, e fizera grandes promessas, que brevemente se viraõ cumpridas; porque escolheo a divina Piedade o santo zelo desta Religiaõ para livrar o seu povo da impiedade dos Hereges Sacramentarios, que devastavaõ a Alemanha, e contra quem se puzeraõ em campo, sempre triunfantes, os novos Soldados da verdadeira Fè.

Na vida do mesmo S. Norberto foy a sua Ordem approvada pelos Papas Pascoal II., e Innocencio tambem II. a qual propagou de sorte, que nos primeiros 80 annos da sua fundação contava mais de 1080 Mosteiros, e hoje muitos, e grandes santos, alguns Pontifices, quantidade de outros Prelados, e agudissimos engenhos, pelo que mereceo os mayores elogios dos Papas Alexandre III. Bonifacio VIII. e Innocencios III. e IV. com outros muitos, que na Cancellaria de Roma, de tempo muy antigo, mandaraõ fosse reconhecida por huma das quatro Ordens privilegiadas.

*Varias Ordens da mesma Regra de Santo  
Agostinho.*

**A** Congregação dos Antonianos, que pelos annos de Christo de 1121, fundaraõ com oito Companheiros os nobres Gastaõ, e seu filho Gironde na Diecesi Viennense, para assistirem aos pobres enfermos; e tomaraõ por divisa a figura da letra grega T. em final do poder, que tinhaõ para o sobredito exercicio.

Com a occasiaõ da vinda do corpo de Santo Antaõ, que de Constantinopla trouxe Jocelino, e collocou na Provincia Viennense no lugar, que hoje tem o nome do mesmo Santo, se deu principio formal a esta Ordem; e os dous sobreditos Fundadores com o mesmo Jocelino, e Guido Desiderio edificaraõ huma Basilica, aonde puzeraõ as Reliquias do Santo; com o que, e com os muitos milagres, que obrava nos enfermos, cresceo a Congregação, e foy approvada pelos Papas Alexandre IV. Urbano, e Clemente IV. e Bonifacio VIII. na observancia da Regra de S. Bento: porèm este ultimo dos ditos Pontifices tirou depois os Monges Benedictinos, e mandou toda a Ordem se sujeitasse á Regra de Santo Agostinho. Esta resoluçãõ confirmaraõ outros muitos Papas, e com a nova observancia se estendeo a Ordem por varios Reinos da Europa.

II.

A Ordem dos Guilhermitas, instituida por S. Guilherme, Duque de Aquitania, que por acharmos em Authores de boa nota pertencer á Regra de S. Bento, a trataremos em seu lugar.



## III.

A Congregação Regular de Clerigos, e Leigos com o titulo da Santissima Trindade, Ordem santa, e agradável a Deos, que em diversas Regioens tem Prioros menores, e Congregações particulares, e por cabeça de todas a Igreja da Santissima Trindade na Cidade de Massilia, Provincia de Narbona.

Os filhos desta Santissima Ordem não comem carne mais que ao Domingo, nunca andão a cavallo, nem despem o habito nas horas de dormir. Os bens de que são senhores, se dividem em tres partes: huma para resgate dos Cativos, que estão em poder de infieis: outra para sustentação dos pobres enfermos, que curão nos seus Conventos, e servem com as proprias pelloas; e a terceira, e menor de todas para a passagem da sua sobria, e pobre vida.

## IV.

A Ordem de Nossa Senhora da Mercê de Redempção de Cativos, que no anno de 1218, foy instituida pelo pio, e catholico D. Jayme, Rey de Aragoão, e por S. Raymundo de Penaforte, da Ordem dos Pregadores, e Confessor do mesmo Principe, que ambos, e em igual hora tiverão revelação, de que era agradável a Deos a formação da nova Ordem, e com identicas circumstancias succedeo o mesmo a S. Pedro Nolasco, primeiro Pay deste Instituto.

O exercicio desta veneravel Ordem Militar, e Regular he applicarse á redempção dos Cativos. Os seus Religiosos se obrigão por especial voto a ficar entre os infieis, se assim for necessario para o resgate dos escravos. Foy approvada por authoridade Apostolica em tempo de Clemente IV. e depois de reformada se dividio em Calçada, e Descalça.



## V.

A Ordem dos Cruciferos, ou Crucigeros, que traz a sua origem, e primeira instituição de Cyriaco, Bispo de Jerusalem, o qual nos annos de Christo 365, descobrio a Santa Helena a Cruz do mesmo Senhor, como consta das Bullas dos dous Papas Alexandres III. e VI.

Naquelles primeiro seculos não tinha esta Congregação fórma de Ordem, e era hum ajuntamento de homens instituido para amparar os pobres peregrinos, e livrallos de alguns tyrannos, especialmente de Juliano Apostata.

O Papa Urbano II. a recreou no tempo em que os Principes Christãos aceitaraõ a Cruzada para a guerra santa, a que tambem se offereceraõ os seus filhos. No anno de 1169 a instituiu, ou reformou, Gerardo, Prior do Mosteiro de Santa Maria de Bononia, de que foy Fundador Alexandre III. e no Concilio de Mantua, no anno de 1460 lhe deu Pio II. a fórma do habito. Depois a confirmou Pio V. e lhe concedeo grandes privilegios.

## VI.

A Ordem do Valle Scholario, que fundou Guihelmo, de nação Inglez, o qual, sendo Mestre em Borgonha, se retirou com os seus estudantes a hum ermo, e de diversas Regras formou huma, que dizem differe pouco da de S. Agostinho, e na sua observancia os fez viver regularmente, com approvação do Papa Honorio III. Teve a sua origem na Campania Gallica.

## VII.

A Congregação dos Monges da Caridade de Maria Santissima, que no lugar da Jainuilla, na mes-



ma Campania Gallica, fundou Guido Jauuilliano Fidalgo illustre, com hum Hospital intitulado da Caridade, que dotou de sua fazenda, e confirmaraõ os Papas Bonifacio VIII. e depois Clemente VI. no anno de 1347.

Tem esta Ordem varios Conventos em França, e entre todos memoravel o de Pariz, aonde a impiedade de hum herege cravou com hum punhal a Hostia consagrada, e della correo grande copia de sangue; porque para abrandar a obstinaçãõ se mostrou a impassibilidade atormentada.

## VIII.

A Ordem dos Servos de Maria Santissima, que instituirãõ os sete bemaventurados Florentinos Bonfilio, Bonajuncta, Manetto, Ugucio, Aleixo Falconerio, Softhenio, e Amideu no monte Senario perto de Florença; e foy taõ agradavel ao Ceo, que a mesma Senhora lhe veyo trazer o habito, e mandou observar a Regra de Santo Agostinho. Taõ grande brádo deu no mundo a fama da fantidade dos novos Congregados, que o Papa Innocencio IV. recebeu a Bonfilio, primeiro Geral da Ordem, com as publicas demonstraçoens da mayor honra, e lhe deu a confirmaçãõ. Augmentou-se ella consideravelmente com a fundaçãõ de nobres Mosteiros, e attrahio muitos homens reformados com a exemplar vida dos seus santos Fundadores.

## IX.

A illustriſſima Religiaõ da Santissima Trindade, que no Reino de França fundou S. Joã da Matha no anno de 1197, em tempo dos Papas Anastacio, e Adriano IV. e movido por Guilherme, Duque de Aquitania, que com ardentissimo zelo da redempçaõ

ção dos cativos instituiu para este ministerio muitas Confrarias.

O primeiro Mosteiro desta Ordem, chamado S. Thomé de Formis, mandou fundar em Roma o Papa Innocencio III. porém aonde ella florece mais, he nas Hespanhas, França, e Flandes; e no nosso Portugal, no anno 1498, foy illustre Fundadora da preclarissima Confraria da Misericordia, na qual, como em outra nenhuma do mundo, se exercitaõ as mayores obras de piedade. Deu-lhe principio o Padre Miguel de Contreiras, Religioso da sobredita Ordem, e Confessor da Rainha Dona Leonor. Os primeiros Confrades foraõ ElRey D. Manoel com toda a Familia Real.

## X.

A Ordem dos Servos de N. Senhora, que no anno de 1257 foy fundada em França, e confirmou Benedicto, Bispo Massiliense, por mandado do Papa Alexandre IV. Esta Ordem he distincta da que formaraõ em Italia os sobreditos sete Florentinos; porque os Servitas Italicos usaõ de habito negro, e os Francezes o traziaõ branco: porém no Synodo Lugdunense foy supprimida esta Congregação, e entregue depois aos Guilhermitas por Bonifacio VIII. e Philippe o *Formoso*, Rey de França.

## XI.

A Congregação dos Jesuatos de S. Jeronymo, ou dos Clerigos Apostolicos, que na Cidade de Senna, anno de 1355, fundou o Beato Joaõ Columbino, e foy approvada por Urbano V.

## XII.

A Ordem dos Eremitas de S. Jeronymo, que no anno de 1380 instituiu o Beato Pedro Gambacurta, e florece muito em Italia.



## XIII.

A Congregação Fefulana de Religiosos Mendicantes de S. Jeronymo, que no anno de 1386 fundou o Beato Carlos, filho de Antonio, Conde de Monte Gravello, e confirmaraõ os Papas Innocencio VII. Gregorio XII. e Eugenio IV.

## XIV.

A Ordem do Salvador, ou de Santa Brigida, que fundou a mesma Santa. Os seus Monges vivem nos Mosteiros das Religiosas, com muros, e cellas, que os dividem, e são todos governados pelas Abbadessas em reverencia da sua santa Fundadora, que passou a melhor vida no anno de 1374, e foy canonizada por Bonifacio IX.

## XV.

A Congregação dos Monges de S. Jeronymo em Hespanha, que pelos annos 1374, instituirão Pedro Fernando, e Pedro Romano seu Companheiro, florentissima em todos os Reinos della, e approvada por Gregorio XI.

No anno de 1422 se dividio a Congregação em em duas; porque Lopo de Olmedo, Monge de Guadalupe, com approvaçõ de Martinho V. fundou a de Santo Isidoro, e deu aos seus Monges huma compilação da Regra de S. Jeronymo.

Entre muitos Mosteiros grandes da Ordem se fazem celebres o Escorial, esforçoado empenho da Real grandeza de Philippe II. Rey de Hespanha; o de Juste, aonde o Emperador Carlos V. com exemplo raro, enterrou ainda vivas as glorias do mayor Imperio, e os triunfos das mais completas victorias.

Tambem em Portugal temos o de Belem, a ne-

nhum inferior na grandeza, e na gloria mayor que todos; porque além de ser o Pantheon das Sacras, Reaes, e Augustas Magestades dos nossos Principes, que muitos o elegerão para correspondente Maufoleo da sua grandeza, he não menos celebre, porque nelle costumavaõ os Herões Portuguezes ir tomar a benção a Deos, quando partiaõ áquellas expediçoens taõ portentosas, que ainda não deixaraõ fechar a boca á admiração.

## XVI.

A Congregação dos Clerigos da vida commua instituida por Gerardo, Conego da Sé de Aquisgran, que passou a melhor vida no anno de 1376. Contra esta Ordem se puzeraõ em campo fortissimos inimigos, e pretenderaõ a sua extinção no Concilio Constantiense, do que resultou receber dos Pontifices não só approvaçoens, mas privilegios.

## XVII.

A Ordem dos Aleixianos, ou Cellistas, que instituío em Flandes S. Aleixo para o caritativo exercicio de enterrar os mortos. Todos os seus filhos são leigos.

## XVIII.

A Congregação dos Hospitaleiros, ou Ministrantes dos enfermos, que fundou o nosso glorioso Portuguez S. Joáo de Deos, honra de Montemór o Novo sua Patria, e confirmou Pio V. em 1571. Tambem os seus Religiosos quasi todos são Leigos.

## XIX.

A Ordem de S. Paulo primeiro Eremita, hoje celebre em muitos Reinos, e neste de Portugal dá nome mais alto á Serra de Ossa, cabeça da Provincia Lusitana desde o anno de 1186, reinando D. Sancho I. Começou este Instituto em Eremitaens

Lei-



Leigos, que tiveraõ por Fundador a Fernandes Annes, Varaõ de singular virtude, e Mestre da Ordem de Aviz. Dizem, que estes Eremitaens saõ taõ antigos, que já os havia em tempo d'elRey D. Affonso Henriques, e querem que deste Instituto fosse o Eremitaõ, que lhe veyo fallar antes da batalha do Campo de Ourique. O Papa Gregorio XIII. a instancia do Cardeal Henrique, anno de 1578, approvou es Estatutos da Ordem; e depois fizeraõ os Religiosos os tres votos.

Os antigos Eremitas desta Congregaçaõ foraõ assim chamados, porque nas perseguiçoens dos Imperadores fugiaõ para os Ermos, onde habitavaõ: mas depois que fundaraõ Mosteiros nos campos vizinhos ás povoaçoens, tomaraõ o nomes de Monges; e no tempo de Urbano V. se levantou outra nova Congregaçaõ, pouco differente da de S. Jeronymo, a que deu principio em Italia, Pedro de Piza, com o mesmo nome de Eremitica.

XX. A Ordem da Caridade de Nossa Senhora, que foy fundada em França pelos annos de 1300.

XXI. A Congregaçaõ dos Armenios, ou de S. Bartholomeu de Genova, que florece em Italia.

XXII. A Congregaçaõ de Santo Ambrosio do Bosque, fundada em 1431, e confirmada por Eugenio IV.

XXIII. A Congregaçaõ dos Bons Homens, que em Inglaterra formou Ricardo irmaõ de ElRey Henrique III.

A

## XXIV.

A Ordem dos Apostolos, ou Barnabitas, que traz a sua origem do Apostolo S. Barnabé, e pelos annos de 1484 lhe deu Innocencio III. a Regra de S. Agostinho. Adiante faremos della menção, tratando da Ordem dos Theatinos.

## XXV.

A Congregação dos Conegos Seculares, vulgarmente chamados Loyos, que traz a sua origem de huma das Refórmãs dos Conegos Regulares de S. Agostinho, e começou em Veneza pelos annos de 1400, formada pelo illustre Varaõ Gabriel Condulmerio, com o nome de Congregação de S. Gregorio em Alga, á imitação da dos sobreditos Conegos Regulares.

Em Portugal a estabeleceo o insigne Medico, depois Bispo de Lamego, no reinado de ElRey D. João I., e a sua fundação teve principio em hum Mosteiro de S. Bento, chamado S. Salvador de Villar de Frades junto a Barcellos. O Papa Innocencio IV. lhe concedeo muitos privilegios, e a amplificou em Italia, confirmada depois por Bonifacio VIII. Vejaõ os curiosos o livro intitulado *Ceo aberto*, que compoz o P. Francisco de Santa Maria, Conego, e Chronista Geral da mesma Congregação, que em parte nos não conformamos com elle.

## XXVI.

A este mesmo Catalogo pertence a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, e a dos Prégadores, que trataremos em seu lugar proprio.



*Ordem do Grande Padre S. Basilio.*

**N**asceu o Grande Basilio em Capadocia pelos annos de Christo 328, e foy o primeiro instituidor da vida Monastica no Ponto, e Capadocia. Estudou as primeiras letras em Cesaréa, e a Rhetorica em Athenas. Foy particular amigo de S. Gregorio Nazianzeno. Perigrinou pela Syria, visitou os Lugares Santos, enamorado da vida Regular dos Solitarios da Palestina determinou seguir lhes o exemplo.

Recolheo-se Basilio á sua Patria, e para evitar obstaculos á vocação, desprezou as honras, que á sua grande sabedoria promettia o mundo. Fugio-lhe para viver consigo, e morar com Deos. Fallava Basilio no Ermo com o seu coração; mas repercutindo os eccos, e ferindo os brádos mudos do alto exemplo, acodiraõ dous irmãos, e outros amigos, e se offereceraõ a viver com Basilio, porque lhe emulavaõ com a imitação igualdades á santidade. Entaõ deu principio ao Instituto Monastico, que depois se propagou na grande Grecia.

Por este tempo morreo Eusebio, Bispo de Cesaréa, e foy eleito Basilio para esta Dignidade, que aceitou obrigado da obediencia, porque era Santo. Seguiriaõse-lhe logo grandes perseguiçoens, porque não ha virtude entronisada na terra, contra quem se não aballem os pavimentos. Era forte o que as moveo a Basilio. Determinou o Emperador Valente contrangello a abraçar os erros de Arrio, para ganhar sectarios com a força de huma tal opiniaõ. Recusou o Santo, e resolveo-se Valente a desterrallo. Tres vezes

vezes pégou na penna para firmar esta impia sentença, e outras tantas lhe fugio da mão, voando a Omnipotencia a livrar o seu Servo das mãos da insolente impiedade.

Augmentou-se muito na Grecia a Ordem de S. Basilio, aonde este Santo teve grandes debates com Eudoxio, e depois com Eustaquio, que perseguião a fé do Concilio Niceno. Compoz muitas, e excellentes obras na lingua Grega, das quaes se traduzirão algumas na Latina com honra, e proveito da Religião Christã.

Todos os Monges Gregos, e de outras Provincias Orientaes, seguem a Regra de S. Basilio. O mesmo Instituto passou a Italia, e Hespanha. A cabeça da Ordem entre os Latinos he em Italia, na Cidade de Frascati, chamada Cova Ferrata. Este Mosteiro fundou o Servo de Deos Nilo Rosciano, de nação Grego, que havendo commettido hum estupro na sua mocidade, abraçou a reformada vida dos Monges, para fazer aspera penitencia daquelle peccado. Veyo Nilo a Italia, aonde foy recebido com particulares honras do Papa Gregorio V., e do Emperador, e edificou o dito Mosteiro de Cova Ferrara.

### *Ordem do Grande P. S. Bento.*

**F**Oy S. Bento hum dos primeiros Fundadores da vida Monastica no Occidente. Nasceo no territorio de Nursia, Cidade do Ducado de Espoleto, no anno de 480. Floreceo nas escolas de Roma, quando já frutificava em virtudes.

Retirou-se S. Bento dos tumultos do mundo, que nunca fizeraõ boa companhia á santidade. Naõ



gizou o Santo por muito tempo da amavel soledade: Muitos homens o buscaraõ , mas todos defenganados: e viver com estes he morar com Deos. Entaõ formou S. Bento o seu Instituto Monastico , e em pouco tempo fundou doze Mosteiros. Ainda no monte Cassino tinhaõ os idolos adorações. Naõ o soffreo S. Bento , subio ao monte , arrazou os simulacros , e convertidos os póvos , fundou o celebre Mosteiro do seu nome , com huma numerosa Communidade.

Esta santa Familia tem propagado tanto , como sabem ainda os menos bem instruidos. Só o numero dos sujeitos veneraveis apenas se faz crível. Trinta Pontifices deu esta Ordem á Igreja , mais de duzentos Cardeaes , e além de quatro mil Bispos , que alguns sobem a quatorze , e outros a quinze mil , com mayor numero de agudissimos engenhos , que fatigaraõ as imprensas.

Os Santos , e Beatos resplandecem na fantidade como Estrellas , e igualmente se confundem no numero. Li em hum sermaõ deste Santo Patriarca , que dera a sua Ordem á Igreja para cada dia do anno sete mil quinhentos setenta e seis Santos Canonizados , e que ainda restavaõ para repartir trezentos e sessenta , naõ entrando neste grande numero os infinitos Beatificados , e Martyres ; o qual feria muito mayor , se hum Capitulo Geral da Religiaõ naõ rogasse á Sé Apostolica , por justos motivos , que lhe naõ canonizasse mais Santos.

Vinte e hum Emperadores trocaraõ a purpura pela cogula , e doze Imperatrizes deixaraõ os Palacios pelos Mosteiros. Seguirãõ o mesmo exemplo dezaneve Reys, e Rainhas , além de outros muitos , que sem professar na Ordem , forraraõ a Magestade da purpura com a humildade do habito. Of.

## Ordens da Regra de S. Bento.

## I.

**A** Ordem dos Camaldulenses, que fundou S. Romualdo, Monge Benedictino, e no seculo da illustre familia dos Duques de Ravena. Deu-lhe principio no anno de 1030, ou no de 1008, conforme alguns. Desta Ordem foy filho o Papa Gregorio IX. e teve dez Santos, quarenta e cinco Beatos, Arcebispos, Bispos, e muitos Prelados.

## II.

A Congregação de Valleumbrosa, que fundou S. João Gualberto, Monge do grande Mosteiro de Cluni. A primeira fundação foy a hum lado do monte Apenino, que tem o sobredito nome, no anno de 1040, e approvada por Alexandre II. Ha nella varios Santos, dezanove Cardeaes, e alguns Bispos.

## III.

No anno de 1232, se instituiu huma Religião sujeita á sobredita, e chamada dos Silvestrianos, em razão do seu Fundador o Beato Silvestre Gosolinie, Monge de Valleumbrosa, a qual depois foy confirmada por Innocencio IV. em 1258. Passado algum tempo, se separou esta Ordem da sujeição da de Valleumbrosa, e se governa por hum Preposito perpetuo. O seu principio foy no monte Fano, e florece na Marca de Ancona.

## IV.

A Ordem do Monte da Virgem, que fundou S. Guilherme Vercellense, o qual depois de muitas peregrinações chegou ao dito Monte, e nelle edificou o pri-



primeiro Mosteiro, que deu nome á sua Ordem, e com elle foy confirmada por Alexandre III.

## V.

A Ordem dos Guilhermitas, que tocamos na Regra de S. Agostinho, fundada por aquelle grande peccador, e mayor Santo, Guilherme, Duque de Aquitania, que neste segundo nascimento lhe deu o mesmo berço do Stablo de Rhodes. Muito antes de S. Guilherme havia esta Congregação florecido naquelle lugar, supponho que com o seu nome, mas já na observancia da Regra de S. Bento. S. Guilherme vendo-a quasi extincta a reformou em tempo de Innocencio IV. e depois propagou em Flandes, e França, onde tem magnificos Conventos.

## VI.

A Ordem dos Humildes, que foy huma Congregação de nobres Milanezes, e Lombardos, que viviaõ em commum com habito de penitencia, depois que voltaraõ ás suas terras do desterro de Alemanha, perdoado pelo Emperador Henrique II. a instancias de Guido, Duque de Milaõ. S. Joaõ Meda lhes deu a Regra de S. Bento, com confirmação do Papa Innocencio III. em o anno de 1200, e havendo florecido 368 annos, e tido dous Cardeaes, tres Bispos, e dezoito Santos, foy destruida pelo Pontifice.

## VII.

A Ordem dos Celestinos, de que foy Fundador Pedro Moron, Abbade do Mosteiro de S. Pedro da Apulia, que depois foy eleito Papa com o nome de Celestino V. e depondo o Pontificado, morreo com o de Saõ Pedro Celestino. Antes de ser Pontifice, lhe confirmou a sua Ordem Gregorio X. e elevado a esta suprema Dignidade, lhe deu o seu nome, e a ampliou  
muito

muito, tornando-a a confirmar seu successor Bonifacio VIII. a favor do qual renunciara o Pontificado.

A principal extensaõ deste Instituto foy em França, aonde tem grandes Conventos, e sobre todos o magnifico de Pariz, a que deu mayor nome aquelle digno filho desta Religiaõ, o grande Cancellario Gerson.

### VIII.

A Congregaçaõ do monte Olivete, que no anno de 1320 fundou S. Bernardo Ptolomeo, sendo Pontifice Joaõ XXII. e a approvou Gregorio XI. em 1372. Este Santo Varaõ foy nobilissimo Senador da Cidade de Senna, e eminente na literatura. Perdeo a vista de repente, e recobrando a por intercessaõ da Mãy de Deos, abriu ao mesmo tempo os olhos da alma, renunciou o mundo, e retirado a hum Mosteiro, chamado o monte Olivete, vestio o habito de S. Bento, e fundou a nova Ordem debaixo da sua Regra, que própogou em muitos lugares, e nella florecco o exemplar das Viuvas Santa Francisca Romana.

### IX.

A Congregaçaõ de Fonte Ebralda, que no Reino de França fundou o insigne Parisiense Roberto, no anno de 1117, e a approvaraõ muitos Pontifices, veneraraõ, e dotaraõ muitos Reys, e Principes.

Além das Religioes referidas, e de outras da mesma Regra, com o Instituto de Cister, que logo trataremos, tem a Ordem de S. Bento celebres Mosteiros, e primeiro entre todos, o magnifico de Cluni, que os Escritores antigos querem fosse fundado por Guilherme Pio, Duque de Aquitania, o qual tem jurisdicaõ sobre dez Provincias da Ordem.

O segundo, debaixo do qual se comprehende a serie



ferie de outros muitos em Alemanha, he da Congregação Reformada de Bursfeld, que teve principio depois do Synodo Constanciense em 1420, e foy seu Author João Rodio, Abbade do Mosteiro de Treveris. Esta uniaõ Reformada tem jurisdicção sobre cento vinte e cinco Mosteiros, cada hum de tanta grandeza, que por muita a passamos em silencio.

### *Ordem de Cister.*

**A** Notavel grandeza desta preclarissima Ordem, ainda que observante da Regra de S. Bento, nos obrigou a tratalla separadamente, unindo ao seu merecimento o obsequio da devoção, e affecto.

No anno de 1108 era Abbade do Mosteiro Molismense, da Ordem de S. Bento, o virtuoso Roberto; e porque vio relaxada a sua Communidade, escolheu vinte e hum Companheiros, e buscou o solitario Ermo de Cister, em Borgonha, para alli chorar, sem testemunhas do mundo a tibieza dos seus irmãos.

Sentiraõ estes a falta, porque a virtude escondida melhor se conhece. Chamáraõ-no com as vozes das lagrimas, e com os brados da penitencia, acompanhados da Ordem do Papa; preceitos taõ fortes, que naõ pode resistir-lhe a obediencia, e caridade de Roberto. Recolheo-se ao seu Mosteiro, e deixou a Estevaõ por cabeça do pequeno corpo, e Mayoral do rebanho, que nos pastos do deserto achava melhor proveito para a nutrição da alma.

Pouco se augmentava a nova familia na sujeição de Estevaõ; porque tinha Deos predestinado para seu glorioso Pay ao grande Bernardo, Fidalgo Santo,

to, e natural de Fontana, Villa do Ducado de Borgonha.

Chegado o tempo de Bernardo servir a Deos, e de servirse Deos de Bernardo, abandonou o mundo, e com a companhia de outros trinta defengados buscou a Estevaõ no deserto de Cister, conhecendo, que viver entre Santos, naõ era estar só com homens.

Aqui abriu Bernardo os alicerces para o alto colifõ de huma Religiaõ santa, e para o eminente colifõ da sua grande santidade. Por ella mereceo Bernardo crear a sua sciencia com o racional leite daquelles virginaes peitos, que nutrirãõ, em quanto humana, a Sabedoria divina; e recebeo pela adopçaõ do amor a incomparavel honra daquella filiaçaõ, que lhe naõ podia dar a natureza.

Vio este glorioso Patriarca nos seus dias estabelecida a eternidade da sua memoria em cento e sessenta Mosteiros, que animados do espirito do seu Fundador, até as paredes respiravaõ santidade, espalhados seus filhos pelo mundo, e occupada por elles a Cadeira do supremo Pontificado.

Foy Bernardo Abbade do seu Mosteiro de Claval na Cidade de Langres, em França, aonde, como nos mais Reinos, havia a Ordem propagado muito. Apenas o Santo entrou nelle, tomaraõ o habito setecentos Noviços, movidos pela graça, e attrahidos do exemplo.

No anno de 1425 foy a Ordem reformada em Hespanha por Martinho de Vargas, Monge do Mosteiro de S. Pedro de Aragaõ, que fundou o primeiro Convento, chamado do Monte Siao, no Arcebispado de Toledo, a que se seguiraõ depois ou-



tros muitos por todos os Reinos das Hespanhas.

Porém entre todos os da Congregação Reformada he o primeiro, e cabeça sua o Real Mosteiro de Alcobaça em Portugal, o mais famoso, e veneravel de todos os Abbaciaes da Christandade, fundação da augusta magnificencia, e Real demonstração daquella fina amizade, que o Senhor Rey Dom Affonso Henriques travara com o glorioso Padre S. Bernardo.

Teve a Ordem quatro Papas, que foraõ Eugenio III. Alexandre III. Urbano IV., e Benedicto XII. com muitos Cardeaes. O numero dos Santos, Escriitores, Collegios, e Mosteiros, de hum, e outro sexo, com que esta illustrissima Ordem se ennobrece, tem mais de verdadeiro, que de verosimil.

### *Ordens do Instituto Cisterciense.*

#### I.

**A** Ordem do Vallecaulio da Reforma de Cister, exemplar no Reino de França na pura observancia da pobreza Eyangelica, e continua assistencia aos louvores divinos, separados totalmente os seus Religiosos dos negocios do mundo para se occuparem só nas cousas do Ceo.

#### II.

A Ordem dos Gilbertinos, que instituhio no seu Reino o veneravel Inglez Gilberto Sempingamo, no anno de 1148, e teve muitos filhos de ambos os sexos. Foy approvada por Eugenio III.

#### III.

A Ordem dos Grandimontenses, que no anno de 1120, fundou o Beato Estevaõ Arvernense, e reformou o Papa Joaõ XXII. Os Francezes lhe cha-

chamaõ tambem a Ordem dos Bons Homens.

## IV.

A Congregaçõ Fulienfe, chamada de S. Bernardo da Penitencia, que instituhio em França Joaõ Barrerico, Abbade do mefmo Mosteiro Fulienfe, e os tem grandes no dito Reino, hum em Fontana, Patria de S. Bernardo, e outro magnifico em Roma.

## V.

A Ordem das Religiofas da Conceiçãõ, que em honra deste fantiffimo Myfterio instituhio em Toledo, no anno de 1486, a illuflriffima Portugueza Dona Beatrix da Silva, da grande Casa de Villa Real, e Condes de Portalegre. Foy approvada por Innocencio VIII.

Além destas Ordens, devem outras aos feus filhos muita parte da fua gloria, affim como a dos Prédadores, que recebeo, e o feo Santo Patriarca, muitos beneficios do Beato Diogo, Bispo de Oſma, e da Familia de S. Bernardo; a de Noſſa Senhora da Mercê, que teve por Fundador a Jaime Rey de Aragaõ fummamente afeiçoado ao Instituto de Cifter; a dos Premonſtratenfes formada por S. Norberto, e pela direcçãõ de S. Bernardo; e a eſte numero ajuntaõ alguns a da Santiffima Trindade de Redempçãõ de cativos, que dizem lhe dera principio S. Guilherme, Duque de Aquitania, e dicipulo do mefmo Santo, que com a efficacia da fua doutrina converteo aquelle tal peccador em Santo tão grande.

*Ordem da Cartuxa.*

Foy fundador deſta Angelica Ordem o grande Patriarca S. Bruno, paſſino de ſantidade, e igual allombro de penitencia. Dizem os Eſcritores, que



fora Conego de Rheims, ou de Colonia sua Patria, e varaõ igualmente sabio, e illustre.

He tradiçaõ vulgar, que estudando Bruno na Universidade de Pariz, assistira ás exequias de Raymond, Doutor da mesma Universidade, na morte do qual choravaõ as letras a falta de hum poderoso arrimo, e se edificava a piedade com o suave cheiro da opiniaõ. Levantou este a cabeça do feretro em que jazia, e por tres vezes, e em tres dias successivos foy repetindo, ou respondendo á liçaõ, que começa: *Responde mihi*, no primeiro, que por justos juizos de Deos era accusado, no segundo, que julgado, e no terceiro, que condenado.

O horror deste espantoso caso penetrou de forte o coração de Bruno, que resolutivo a nunca peccar, cuidou em se applicar aos meyoos necessarios de o conseguir: e como a morada do mundo quasi sempre traz a salvaçaõ em contingencias, com alguns Companheiros, aos quaes aquelle successo deixara igualmente commovidos, se retirou Bruno para os altissimos montes da Cartuxa, avisinhandose logo ao Ceo com os primeiros passos, com que fugia da terra.

Collocou o Author da Natureza este felicissimo sitio da Cartuxa em humas altas eminencias no Delphinado, e Bispado de Granoble, entre huns bosques taõ espessos, que o mesmo horror os faz sagrados. O Bispo S. Hugo fez delle mercê ao Santo Patriarca, para alli formar aquelle Paraíso, emulo da continua assistencia, que diante do Throno de Deos compoem os Serafims com o seu incessante, e celestial Trisfagio.

Aqui deu Bruno glorioso principio ao seu venerabilissimo

nerabilissimo Instituto, que propriamente he a Regra da Ordem; porque não tem immediata sujeição a alguma das quatro approvadas pela Igreja, á qual esta santa Familia deve a mayor veneração, edificando as suas supremas Cabeças com a inalteravel observancia da primitiva fundação, sem que a diuturnidade de tantos seculos esfriasse o fervor do primeiro instante.

Propagou tanto na Europa a Familia de Bruno, que contava em dezaseis Provincias innumeraveis filhos, sem meter medo aos homens o carrancudo aspecto de taõ sério Instituto, na sua mesma dureza mais delicado para a observancia: porém a virtude, quando he heroica, não se espanta de apparencias superficiaes, que sabem revestir de formosuras as interiores suavidades da graça.

Dous Conventos, e verdadeiramente sem par, tem esta Ordem no nosso Reino, hum em Lisboa, e outro em Evora, com observancia taõ exemplar, que basta verlhes as paredes para se despertar a devoção.

A Cartuxa tem dado á Igreja Pontifices, Cardeaes, e Prelados; ao Ceo innumeraveis Santos declarados pela Igreja, além de infinitos sujeitos veneraveis; que no conceito da piedade o he cada hum dos seus individuos; á Fé quantidade de Martyres; ás sagradas letras muitos Athlantes, e aos elogios dos mayores Santos, e Authores conspicuos, eternos assumptos.



*Ordens Mendicantes.*

**E**Ntre muitas Congregaçoens, que gozaõ os privilegios de Mendicantes, quatro dellas merecem com propriedade este nome, a saber, a Dominicana, a Franciscana, a Agostiniana, e a Carmelitana. As tres primeiras tomaraõ posse do mundo, e herança da Igreja, como suas Plenipotenciarias. A fantissima Refórma do Carmello levada pelo impulso do valente espirito de sua santa Matriarca a ambas as Indias, tambem trabalha incessantemente naquelles incultos campos, para que produzaõ abundantes fructos de Catholicas conversoens.

*Ordem dos Prégadores.*

**N**O Reino de Aragaõ, e Cidade de Calahorra, no anno de 1170, nasceo Domingos de Gusmaõ, fe para ser grande entre os do seu appellido, para se fazer mayor com a sua rara santidade, mais estimavel por ser só sua, que os melhores Gusmaens, que pertenciaõ a tantos.

A sua primeira occupaçaõ foy a de Conego na Sé de Osma, exercicio proprio de hum espirito angelico: porém como conhecia nelle mayor efficacia, que a necessaria para salvarse, sahio a ter maõ em tantos perdidos, quantos levava arrastando a impia furia dos Albigenfes. Sahio em fim a campo este valeroso Soldado de Christo com furor taõ forte, e animo taõ santo, que excederaõ os triunfos aos golpes, e ganhou em cada batalha muitas victorias. Este heroico zelo da Fé, que deixou em herança aos seus

feus grandes filhos, o fizeram merecedor, mais que o esclarecido do seu sangue, do respeito dos Principes, e veneração dos Papas.

Fundou este Santo Patriarca a sua Ordem dos Prégadores, e a talhou á proporção do mundo, para que em todo elle se lhes ouvillem as vozes. Approvou a Innocencio III. no Concilio Lateranense, a que assistio o mesmo Santo, no anno de 1212, e depois foy confirmada por Honorio III. A sua Regra he a de Santo Agostinho, e tem Constituições particulares formadas por S. Domingos.

Os Santos desta Ordem são muitos, e muito grandes, com outros Varoens veneraveis em virtudes, e doutrina. Além de S. Domingos, Luminar mayor desta esfera, resplandecem como luzidos Phosphoros S. Thomaz, o grande S. Alberto, S. Vicente Ferrer, mímo da graça, e a graça dos Santos, o Beato Jordão, S. Raymundo de Penaforte, e os Santos Jacinto, Antonino, e Pedro Martyr: o Cardeal Caetano, Bartholomeo dos Martyres, veneravel Arcebispo da Primaz de Braga, Luiz de Granada, Domingos Soto, e outros muitos, que ennobreecem esta illustrissima Familia como verdadeiros filhos de taõ grande Payor.

A Ordem Dominicana tem dado á Igreja os Papas Innocencio IV. Benedicto XI. Pio V., e Benedicto XIII. quarenta e oito Cardeaes, vinte e tres Patriarcas, mais de mil e quinhentos Bispos, seiscentos Arcebispos, quarenta e tres Nuncios, sesenta e nove Mestres do Sacro Palacio, oitenta e quatro Confessores aos Reys de Hespanha, quinze aos de Portugal, dezaseis aos de França, seis aos de Inglaterra, e vinte e hum aos de Polonia. Os Doutores, e Escriitores não tem a somma taõ facil.

Este



Este mesmo Instituto seguem as Religioens Dominicanas de Santa Catharina de Senna, que propagou á proporção do de seus irmãos. A Ordem Terceira tem regras particulares, e á imitação da do grande Patriarca S. Francisco, intimo amigo de S. Domingos, fórma por todo o mundo diversas Congregaçoens seculares de hum, e outro sexo.

### *Ordem do grande P. S. Francisco.*

**N**A Cidade de Assis, em Italia, veyo ao mundo Francisco de Assis, que he necessario nomear-lhe a Patria por se não duvidar, que nasce da terra. Foy o seu nascimento igual aos dos mais homens, e semelhante nas circumstancias ao do Homem Deos. Veyo Christo ao mundo mandado pelo Pay, para salvar o Povo de Deos, e appareceo Francisco no mundo por ordem de Deos, para que se não perdesse o Povo de Christo. Hum desceo do Ceo á terra para reparar as ruinas da casa de Abrahaó, e outro subio da terra ao Ceo, porque teve maó nos estragos da casa de Deos. Christo fundou a sua Igreja, porque o mandou o Pay: Francisco levantoulhe o antemural com Ordens de Christo. Em fim hum he Christo, e outro Francisco: aquelle distingue-o a Fé pela Divindade: este confunde-o a representação pela semelhança; porque vestido o Serafico sayal em ambas as Humanidades, não pertence aos olhos separar o divino.

Semelhante a Christo, foy Francisco destinado para Mercador. Ambos negociaraó com a mesma fazenda, armaraó companhia, e para cabedal do contrato esgotaraó os thesouros da riquissima pobreza.

Entra-

Entraráo porém os dous Socios com partès desiguaes, porque Christo com sommas immensas, e Francisco, que não tinha tanto, deu mais do que por si só podia: Christo fazendo-se mãos rotas para todos, e Francisco não negando o que tinha, a quem lho pedia por Christo.

Foy Francisco o primeiro homem, que deu sequazes á pobreza, fazendo formosa no mundo tão medonha carranca. Renunciou elle aos pés do seu Bispo tudo, o que a terra costuma frazer nas palmas, e com o seu exemplo puzerao muitos aos pés de Francisco as palmas da terra. Para seguir a Christo houve quem deixasse barcos, e redes: para imitar a Francisco houverao muitos, que renunciarao Imperios, pizarao Coroaes, e desprezarao Purpuras. Seguiráo a pobreza de Christo homens pobres: abraçarao a pobreza de Francisco muitos Ricos-homens.

Com doze homens formou Christo o seu Apostolado, e com doze Apostolos deu Francisco principio á sua sagrada Familia: Impoz-lhe o nome de Menor; porque como para a sua humildade estava guardada a honra do melhor assento, foy necessario dar-lhe no nome inferior lugar.

No anno de 1209 foy Francisco a Roma, e sem ser sonho, vio dormindo o Papa Innocencio III. que este Athlante da Igreja gemia opprimido com o demarcado pezo da Basílica Lateranense, á qual arrimava os hombros, tirando forças da penitente fraqueza, para que com espantoso estrondo não desse consigo em terra a esfera da verdadeira Fé. A tão inaudito allombro corresponderáo da parte do Pontifice as devidas demonstraçoens; e confirmada a grande Ordem dos Menores, ficarao firmísimos os alicerces



da Igreja sobre a incontrastavel rocha da Familia Franciscana.

Declarado o novo Abrahaõ da graça por Pay da sua immensa geraçaõ, começou esta a multiplicar de forte, que só em hum Capitulo celebrado pelo mesmo Santo Patriarca, se acharaõ presentes trinta mil Religiosos, com inveja, e emulaçaõ das estrelas, que até entaõ tinhaõ a estimaçaõ de unicas na infinidade do numero.

Quiz Christo fazer publica a ultima prova do seu amor para com Francisco, e no retiro do monte Alverne, famoso theatro das glorias Seraficas, o fez participante daquelle soberano, e mais que todos estimavel Dom, que só gozaõ Christo, e Francisco; imprimindo-lhe as suas santissimas Chagas, para se gloriar na equivocaçãõ.

Fundou o Santissimo Patriarca tres Ordens debaixo de outras tantas Regras, santas nas doutrinas, e mysteriosas no numero, com as quaes ganhou para Deos o mundo todo. A primieira, que foy instituida em 1206, Comprehende os Conventuaes, Observantes, Capuchinhos, e Recoletos.

A Familia dos Conventuaes, ou Claustraes, como levaõ Authores, que escreveraõ no meyo do seculo passado, tem trinta e cinco Provincias, dezoito Custodias, mil e quinhentos e cincoenta e nove Conventos, e mais de trinta mil Religiosos. A Familia da Observancia, conforme os mesmos, consta de cento e quarenta e nove Provincias, sem comprehender as do Brasil, Açores, e Madre de Deos de Goa, cinco Custodias, e vinte e quatro Vigairarias, sem distinguir, que dos que se nomeavaõ simplesmente Observantes, eraõ noventa e nove, e dos Capuchos, ou Re-



formados, cincoenta e tres, que fazem cento e cincoenta e duas Provincias.

Esta Familia Observante, conforme a Taboa do Capitulo Geral de Toledo de 1633, tem nas suas Provincias quatro mil Conventos, e cento e nove mil Religiosos. A Familia dos Capuchinhos comprehende sessenta Provincias, mil e duzentos Conventos, e trinta mil e setecentos Religiosos. Genebrardo, que julgaõ encarecido, somou nove mil Conventos de Frades Menores; e nós excedendo o seu encarecimento, dizemos sem hyperbole, que para a Familia de Francisco faltaõ mundos, e tudo o que pizamos he casa sua.

Finalmente, comprehendida toda a esféra Seráfica, vemos nella duzentas e quarenta e cinco Provincias, e muito além de duzentos mil Religiosos, sem comprehender os Terceiros Regulares, e Seculares, e o numero innumeravel de Religiosas, proporcionalmente igual ao de seus Irmãos.

Entre a espantosa quantidade de Santos, e Martyres, sobrefahem as virtudes do glorioso Portuguez Santo Antonio, S. Boaventura, e os Santos Bernardino de Senna, Joaõ de Capistrano, Pedro de Alcantara, com outros Athletas da santidade, que na carreira da mortificação ganharaõ a coroa da gloria, como premio de justiça.

Deu a Ordem Seráfica á Igreja os Papas Nicolao IV. Alexandre V. e os dous Xistos IV. e V. além de mais dous, que por serem eleitos em occasiões de Scisma se duvida o contallos. Os Cardeaes foraõ cincoenta e nove, os Arcebispos cento e vinte e oito, os Bispos mais de seiscentos, Patriarcas doze, Legados de Pontifices, e Reys, duzentos e setenta. Vin-



te Soberanos foraõ Religiosos, mais de cincõenta e cinco Principes, filhos de Reys, sete Principes herdeiros, hum Archiduque, vinte Duques, trinta e quatro Marquezes, oitenta e cinco Condes, oitenta e quatro Inquisidores Geraes, e mais de tres mil dos ordinarios, excepto outros infinitos Senhores filhos da Terceira Ordem.

Tres Athlantes da esfera litteraria fundaraõ Escolas. Foraõ elles, o Doutor irrefragavel Alexandre de Ales, o Serafico Doutor S. Boaventura, e o Doutor Sutil Joaõ Duns Scoto. A Ochaõ, Principe dos Nominas, e Aureolo, Doutor facundo, tambem se lhes deve a mesma gloria.

Os Escriitores Seraficos saõ mais de mil, sem que a multiplicação diminua a rara subtileza dos seus discursos, e doutrinas, a que sempre inclinaraõ as cabeças, as que eraõ mais levantadas na sabedoria; achando-se juntas nos filhos de Francisco aquellas virtudes, que particularmente saõ veneradas em cada huma das sagradas Familias.

Ao S. Patriarca Francisco, e seu grande amigo o Padre S. Domingos, deve o Tribunal do Santo Officio a sua instituicao, e ambos o fundaraõ em Italia, e Franca, e os seus filhos o crearaõ em Hespanha. Neste Reino de Portugal foy o primeiro Inquisidor Geral, em tempo de El Rey D. Joaõ III., Fr. Diogo da Silva, Religioso Menor; porque como estas sagradas Familias eraõ as columnas mais fortes da Igreja, sobre ellas se havia sustentar o pezo da Religiao.

No anno de 1212 foy formada a segunda Ordem, que comprehende as Religiosas Claristas. As observantes da Regra de S. Francisco sem a modificação do Summo Pontifice Urbano VIII. saõ as Claristas pobres



pobres, Coletanas, e Capuchas; e desta rigorosa observancia são, além de outros, o Convento das Senhoras da Madre de Deos de Lisboa, exemplar Reforma do mundo christão, e o de Nossa Senhora da Assumpção da Cidade de Faro, Real fundação da Senhora Rainha Dona Catharina. As Religiosas Urbanas, que aceitaraõ a modificação da Regra, tem rendimentos annuaes, e são chamadas nos outros Reinos Claristas Ricas, e no nosso se distinguem com o nome de Urbanas.

Das Religiosas de S. Clara se formão tres Congregações. A primeira, a que vulgarmente se diz de S. Clara, conforme a Regra de S. Francisco: a segunda, a Congregação Coletana, que instituiu S. Coleta, reformando a Ordem de S. Clara: e a Terceira, a de Nossa Senhora da Annunciação, que fundou a Beata Joanna, filha de Luiz XI. Rey de França, approvadas todas pelos Pontifices Romanos. Nestes jardins do Ceo tem Deos colhido admiraveis, e innumeraveis flores, fragrantissimas na santidade.

A Ordem Terceira da Penitencia, formada no anno de 1221 abraça huma grande parte do mundo catholico de hum, e outro sexo. Na sua observancia se fundou huma Religião Regular chamada da Terceira Ordem, e hoje, entre outros Reinos, illustre no de Portugal, aonde tem grandes Conventos, muitos Religiosos conspicios, e excellentes Letrados. Conta esta Ordem Regular quarenta e nove Beatos, e Beatas, e cento oitenta e cinco Veneraveis; e a Secular se honra com quinze Santos Canonizados, cento setenta e cinco Beatificados (além de cincoenta e nove Martyres) e cento e trinta Varões, e Matronas de veneravel vida, e exemplar piedade.



Varias Religiões imitando a de S. Francisco, fundaraõ Ordens Terceiras á maneira da Serafica, que a todas servio de exemplar, ficando superior a todas ellas, em razaõ de naõ serem estabelecidas sobre Regra propria, e particular, instituida pelos seus Santos Patriarcas, e com approvaçaõ da Igreja; prerogativas muito peculiares da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, fecunda progenitora de tantos, e taõ esclarecidos Santos, e augusta Mãy dos mayores Principes, e Soberanos Potentados.

Esta he, em pequena arvore, a immensa fecundidade do grande Pobre Francisco, propagada em todo o mundo, venerada das Nações, estimada das Tiaras, respeitada das Coroas, mayor na grandeza, que todo o louvor, e nella igual a si mesma: guarda dos santos Lugares da nossa Redempçaõ; eterna fundação de Jesu Christo, para columna da Igreja, immovel Colosso da Religiaõ, e Montante da Fé; Flagello das Herefias, Seminario de Virtudes, Gazofilacio de Sciencias, Escola de Apostolos, Povoadora das ruinas do Ceo, e especial Gloria de Deos.

### *Ordem de Nossa Senhora do Carmo.*

Muitos seculos antes da vinda de Christo, fundaraõ os Santos Patriarcas, e Profetas Elias, e Eliseo huma Congregaçaõ de Monges, ou Eremitas, nos altos montes do Carmelo, aonde, em figura, teve culto Maria Santissima, representada naquella pequena nuvem, que com copioso orvalho fecundou a terra toda; e em honra da futura Mãy de Deos edificou Elias huma Erinida, na qual era reverenciado o Santissimo Nome, que entaõ se guardava no entendimento de Deos.



Na Ley da Graça veyo ao mundo o mayor dos nascidos, Joaõ Bautista, no espirito, e virtude de Elias, e observantissimo do seu Instituto Carmelitano. Nos desertos do Jordaõ viveo o Bautista em companhia dos filhos de Elias, e bautizou a todos nas aguas daquelle rio. D'entre elles escolheo os Legados, que mandou preguntassem a Christo, se era elle o verdadeiro Messias.

Fundados nisto, dizem os Authores, que a esclarecida, e illustre Familia Carmelitana foy fundada na Ley Escrita pelo Patriarca Elias, na da Graça pelo Santissimo Precursor no Jordaõ, e no sagrado Carmelo pelo Beato Enoch; os quaes a foraõ conservando, reconhecendo por sua Mãe a Maria Santissima do Monte do Carmo, e por Pay ao Grande Elias.

Porèm, passados os primeiros quatro seculos depois da nossa Redempção, sendo Joaõ XLIV. Bispo de Jerusalem, e que fora antes Abbade do Carmelo, temperou o Instituto antigo, formando huma como Regra, compilada da moderna de S. Basilio, e da velha de Elias, debaixo da qual viveraõ os Religiosos até o anno de 1121, quando o Instituto Grego passou aos Latinos, sendo já morto Aymerico, Legado do Papa Alexandre III. no Oriente, e Patriarca de Antioquia, que na Palestina tinha reunido muitos filhos de Elias, mandando-os habitar no monte do Carmo.

Depois de alguns annos, no de 1205 receberam os Carmelitas varias Regras, formadas por Alberto Patriarca de Jerusalem, e confirmadas dous annos depois pelo Papa Honorio III.

No anno de 1238 vieraõ os filhos do Carmo á Europa, aonde havia ser fecunda a sua propagação; e compadecido o Papa Innocencio IV. do excessivo



rigor das Regras primitivas, lhas modificou muito; porque não era justo, que aquella mistura do jugo pezadissimo só de Deos carregasse tanto o leve, e suave de Deos, e Homem.

Multiplicou-se a sagrada Familia dos filhos de Maria Santissima do Carmo em trinta e duas Proviñcias, das quaes he primeira a da Palestina, e dellas subiraõ á Cadeira de S. Pedro dous Pontifices, ambos gloriosos Martyres de Christo; foraõ mais deltrinta Patriarcas, muitos Bispos, e grandes Escriptores. Os Santos Martyres da Ordem passaõ de cem, mais de quarenta Confessores, e dezoito Santas Virgens, entre as quaes se remonta na santidade a grande Doutora Mystica Santa Tereza, illustrissima Mãe do Carmelo Reformado.

Foy Geral da Ordem o Santo Inglez Simão Stoch, filho taõ amado da Senhora, que mereceo vir-lhe trazer do Ceo aquelle milagroso dom, tecido pelas suas Divinas mãos, o sagrado Escapulario, dignissima honra do habito Carmelitano, destinado para o uso, e poderoso alylo dos Fieis, enriquecido pelos Summos Pontifices com innumeraveis graças, e indulgencias, e mais aborrecido, e espantoso ao Inferno, que outra alguma das sagradas Reliquias.

Tem a Religiaõ Carmelitana, além dos Confrades do Escapulario, Ordem Terceira de Irmãos Seculares, que em muitas terras deste Reino florece com exemplar piedade, zelo, e decencia do culto Divino, desempenhando nos ardentes affectos para com a Senhora do Carmo a legitimidade de Filhos do grande Patriarca Elias.

No decimo sexto seculo era Religiosa no Convento do Carmo da Cidade de Avila, em Hespanha, e aginto de Deos.

Tereza de Jesu, hum dos mais heroicos corações do seu sexo, e huma das mais estupendas mulheres, que virão as idades; verdadeiramente mulher forte, e tão forte mulher, que não foraõ bastantes os ataques do inferno, e os repelões do mundo, para lhe renderem a constancia.

Com irrisão do seculo, e gloria de Deos levantou Tereza os seus altissimos pensamentos, cuidando o como reformaria o Carmelo; e principiando pelo seu Convento, o tornou a pôr na primitiva austeridade, fazendo observar a Regra de Alberto, Patriarca Jerosolimitano, sem aceitar a branda modificação de Eugenio IV. depois da de Innocencio IV.

Não faltaraõ a Tereza Discipulas da sua doutrina; porque se os embustes da hypocrisia vemos com tantos sequazes, como haviaõ faltar estes á verdadeira virtude de Santa Tereza? Com ellas fundou a nova Reformadora muitos Conventos, pondo cada pedra sobre montes de contradicões, para subir mais depressa a escalar o Ceo, conseguindo humilde, o que confundio os homens por soberbos; porque levantar torres de apparencias he desafiar os idiomas, para que se diga mal por todas as linguas.

Da Reforma das Religiosas passou Santa Tereza a reformar os Claustros dos homens; e acompanhada de varios Religiosos Santos, e entre elles S. João da Cruz, horrivel medo dos demonios, levou adiante o seu projecto, reduzindo a afeitos as suas fantás idéas, por meyo suavissimos, acompanhados de recta intenção, a que nunca faltaõ as assistencias de Deos. Foy approvada a santa Refórma do Carmelo pelo Pontifice Gregorio XIII. em 1580, que com exemplar edificação dos Fieis, se vay extendendo pelo



mundo, e tem já dado á Igreja grandes Santos, aos maiores louvores muitos assumptos, e ao nosso exemplo. continuas, e heroicas virtudes.

*Ordem dos Eremitas de S. Agostinho.*

**E**M hum Ermo, naõ longe da Cidade de Tagaste, em Africa, instituhio Santo Agostinho a Ordem Eremitica, no anno de Christo 388, e foy approvada por Innocencio I. no de 402, e por outros muitos Pontifices. Entre elles Leão I. Innocencio III., e IV. e Alexandre tambem IV. naõ só confirmaraõ a Ordem, mas uniraõ diversas Congregações da Regra Agostiniana á sujeição de hum Prefeito Geral, e todos os annos a 5. de Junho se celebrava a festa desta Reuniação.

Multiplicou esta Religiosa Familia com exemplo, e edificação, em todo o mundo; e em todas as suas partes tem Provincias, e Conventos, que respirãõ fragrancias de virtudes, e daõ a gostar suavissimos frutos de puras doutrinas, e varias sciencias, que ficaraõ em herança aos filhos daquelle sapientissimo Pay.

— Entre as primeiras, he louvavel a Provincia Lusitana de Nossa Senhora da Graça, que ha muitos tempos a illustraõ Varões igualmente santos, e doutos, e reconhece por filhos huma grande parte da nobreza do Reino, que avulta mais pela filiação de hum Pay taõ grande, como conhecido.

Saõ differentes as Congregações de Eremitas, especialmente em Italia, e sujeitas todas ao Prefeito Geral, que reside em Roma; e ha muitas reformadas, e exemplares; entre as quaes saõ veneraveis a de Portugal,

gal, que hoje tem Religiosos doutísimos, e confpicuos, dignos filhos da Descalcez Agostiniana, e a Congregação da Lombardia, que em 1444, instituirá Gregorio Roquio Papiense, e Gregorio Cremoneuse.

*Ordem dos Minimós.*

**A** Ordem dos Minimós foy instituida pelo grande humilde S. Francisco de Paula, natural do pequeno lugar do seu nome na Calabria. Nasceo este menino como bemaventurado fruto das Orações de seus pays, e logo offerecido a Deos na sua conceição. Com poucos annos de idade contava Francisco seculos de virtude, e na flor daquelles se trasplantou no deserto para nelle colher frutos de santidade na primavera da vida.

Naõ valeo a Francisco esconder-se ao mundo; porque gritando a fama por toda a parte, fez que buscassem a origem do ecco os que querião dar brado no Ceo. Attrahio o magnete daquelle exemplo, sem differença de sexo, ou idade, innumeraveis pessoas; para as quaes instituhio Francisco as suas tres Regras, que approvará, e confirmará os Papas Xisto IV. Innocencio VIII. e Alexandre V.

Começará por este tempo as heresias a devastar lastimosamente o florentissimo Reino de França, chorando os marmores, e os troncos mayores affolações, que as que encareceo Lucano como Poeta nas guerras civís de Roma: porém os filhos de Francisco, martelos das heresias, se puzerá em campo contra ellas, e derrotará os formidaveis esquadrões do inferno, guarneccendo o Ceo com os preciosos despojos de mui-



tos Martyres, que em todas as Provincias infectas lavaraõ com o seu sangue as pestilenciaes manchas da abominação.

Nas campanhas da Fè, e nos Claustros da Religiaõ pelejavaõ os Minimicos com valor taõ heroico, que nestes vencião o mundo, e naquellas aprisionavaõ o inferno, com gloria especial de Deos, e proveito das alheyas, e suas almas, tantas no numero, quantas a Igreja declarou Bemaventuradas, e respeita a piedade por Veneraveis; além de outros muitos, que na inteireza dos seus escritos mostraraõ ao mundo a integridade dos seus costumes, fazendo publicos nas vozes os sentimentos dos corações.

### *Companhia de Jesu.*

**E**Ntre as Congregações dos Clerigos Regulares, primeiro que todas, com espanto do nosso respeito, e particular satisfação do nosso affecto, e obrigação, se nos poem diante a esclarecida, e veneravel Companhia de Jesu para objecto dos nossos louvores. E ainda que tememos offenderlhe a grandeza com os rasgos de huma penna, que se confunde de saber voartaõ pouco, devendo o pouco que sabe a esta sagrada Religiaõ, dissimule ella ao seu agradecimento dar neste voo hum pequeno brado, com que ajude o pregaõ da sua fama.

Foy illustre Fundador desta preclarissima Congregaçãõ o nobre Fidalgo, e grande Santo Ignacio de Loyola, mais obrigado a Pamplona por lhe offerer defenganos, que devedor a Cantabria por lhe dar conhecido berço. No sitio daquella Praça, que atacavaõ os Francezes, foy ferido o valente Soldado  
Ignacio;



Ignacio; mas applicando á sua cura a receita, que nas suas vidas deixaraõ os Santos, ficou taõ perfeitamente convalecido, que se resolveo a naõ perder a saude em esperar, como Soldado da fortuna, obter nos postos o premio da valentia, antes levantar huma Companhia á sua custa para que o valor, e o cargo fosse tudo seu.

Naõ meteo Ignacio tempo entre resolver, e executar, porque sabia, como bom Soldado, que perder as occasiões era malograr as empresas. Retirou-se para a Cova de Manresa, para alistado debaixo de outras bandeiras vencer inimigos mais fortes. A este deserto do mundo chamou a vida de Ignacio a Corte do Ceo; e levantado o seu espirito sobre as cousas da terra, compoz aquelle livro dos seus santos Exercicios, que todos respiraõ suavidades da gloria.

Perigrinou depois a Roma, e Jerusalem, e na volta se applicou aos estudos em Barcelona, que continuou em Alcalá, Salamanca, e Pariz, até que deu principio á Companhia de Jesu, e tanto de Jesu, que, contra o commum das mais Familias sagradas, nunca os seus filhos se chamaraõ Ignacianos, mas sempre Jesuitas; talvez, porque o humilde Ignacio, sendo taõ illustre, se naõ julgou digno Pay de taõ grandes filhos, ou porque naõ quiz deixar na sua Religiaõ hum nome, que fosse meramente humano.

As santas obras de Ignacio, e seus Companheiros, e mayor entre todos aquelle grande homem, e homem grande S. Francisco de Borja, pediraõ mudas a approvaçaõ Apostolica da Congregaçaõ dos Clerigos da Companhia de Jesu, como lhe chama o Concilio Tridentino, e com effeito lha concederaõ Paulo III. Julio III. Gregorio XIII. e outros Summos Pontifices.



— He a sagrada Religião da Companhia a quella grande Casa, que para si edificou a Sapiencia. No numero das Artes lhe levantou sete columnas, e propoz as sciencias em mesa publica, mandando chamar pelas ruas, e praças toda a classe de homens, para lisongearem o gosto com a suavidade dos seus sabores; attrahindo a si todos os pequenos, sem se de dignar de communicar com os ignorantes, para os mudar em sabios.

Alli lhes manda deixar a infancia, obrigando com branda violencia á razão, para que se adiante aos annos: e porque as mocidades movão como centenarias os pés das reseluçoens, as poem nos caminhos da prudencia, e lhes mostra no temor de Deos o mais breve, e seguro atalho para chegarem ao termo da sabedoria; ensinando-lhes com fantas maximas a desviar d'elle aquelles tropeços, em que costuma claudicar a idade, que mal se sustenta sobre os pés da consideração.

— Dem-me licença todas as sagradas Familias para dizer, sem injuria da sua grandeza, que nellas se não encontraõ tantas circumstancias unidas, como na Companhia. Se puzermos os olhos na fantidade, veremos, que no espaço de pouco mais de dous seculos são tantos os Martyres, e outros Santos, que proporcionalmente fazem as outras Ordens pouco excellõ á Companhia, e só nella encontramos hum Athlante da Religião, que sustentou em pezo o mundo todo, qual he o gigante Xavier.

— Se entrarmos pelas Aulas das Sciencias, acharemos nas outras Congregações muitos Religiosos doutos: porém na Companhia quasi todos sabios, e nenhum ignorante. No zelo da Religião, e opposição  
aos



aos Hereges dem-se por satisfeitos, os que a igualaõ. Na carreira das Missoens para conversãõ do genti-  
lismo, quem atêgora medio os passos com os Jesui-  
tas? No esplendor, e gravidade assim do commum,  
como do particular, quem os excede? Na utilidade  
publica, quem se reparte em tantas, e taõ contínuas  
funçoens? Quem como elles soube já mais unir a  
melhor Politica, com a mayor virtude, sem declinar  
para os extremos? Em toda a República Literaria,  
quem na profundidade, e subtileza excede os seus  
doutissimos Escritores? He certo, que todas as gen-  
tes devem pregoar a sua sapiencia, que o seu louvor  
lho enunciará a Igreja.

Quasi todos os Oraculos Pontificios empenharaõ  
a mayor persuasãõ, para mostrarem ao corpo catho-  
lico o alto conceito, que as suas Cabeças formavaõ  
da grandeza, virtudes, e letras da Companhia. En-  
tre ellas se fazem memoraveis os Papas Paulo III. Pio  
IV. e Pio V. este, que no anno de 1571, de motu pro-  
prio, numerou a Companhia entre as Ordens Men-  
dicantes, e lhe concedeo os seus privilegios, que  
depois foraõ confirmados por Gregorio XIII. naõ  
menos honrador da Companhia, e que com as ex-  
pressoens mais energicas, fez publica para com ella  
a sua excessiva estimaçaõ. O Papa Gregorio XIV. poz  
a coroa a todos os applausos dos seus predecessores,  
declarando á Companhia pela Reparadora dos dam-  
nos da Igreja, e immediato instrumento da sua paz,  
e utilidade.

Foy a Companhia nos seus primeiros annos o  
David mais moço, que se poz em campo contra o  
Gigante das Heresias modernas, monstro de muitas  
cabeças, e para quem foraõ necessarias muitas pedras,



e outras tantas fundas. Cornelio Croco, e Joaõ Du-  
ceo vencerão os Anabaptistas: Joaõ Haio, e Chri-  
stovaõ Sacroboscho os Ministros Inglezes: Manoel  
da Veiga, Edmundo Augerio, e Joaõ Cotonos os  
Arrianos na Transilvania: Martinho Becano, Gre-  
gorio de Valença, Roberto Bellarmino, e Jacobo  
Gretzero os Predicantes de Genebra; e estes tres ul-  
timos com o Padre Joaõ Buzeo os Ubiquitarios, e ou-  
tros Hereges: Pedro Ribadeneira, e Antonio Pos-  
sevino os Machiavelistas, sem escaparem a violen-  
cia de outros golpes os Ministros de Hollanda, e va-  
rias partes de Alemanha, que rendidos aos pés dos  
Jesuitas, entregavaõ as espadas, e as cabeças.

— Desta illustre Religiaõ foy filho o Padre Anto-  
nio Vieira, nosso Portuguez, e hum dos mayores ho-  
mens, que viraõ as idades; o qual, para passar álem  
de todas ellas, levantou quatorze colossos, com que  
dobrou as maravilhas, coroando-os com a mayor de  
todas no seu nome, que com injuria do tempo vay  
correndo com o Evo, depois de estar de assento na  
eternidade.

— Em todo o mundo se dilatou a Companhia, que  
com o Nome de Jesu foy em todos os ambitos da  
terra, e por toda ella tem muitas Provincias, e Col-  
legios; porque álem da Europa, se estende pela  
Asia nas Provincias de Goa, Malabar, Japaõ, Chi-  
na, e Cochinchina: pela America nas do Brasil, Perú,  
Chile, Nova Granada, Cordova, Mexico, e Fili-  
pinas, que todas trabalhaõ incessantemente na gloria  
de Deos, salvação das almas, e utilidade dos povos.

— Na Europa não ha Estado sem Provincia da  
Companhia, e illustre entre todas a de Portugal,  
aonde veneramos sujeitos de abalizada virtude, egre-  
gios



gios na literatura, e eminentes nas sciencias, e erudição. São bem conhecidos no mundo os seus magníficos Collegios de Coimbra, e Evora, aonde tem huma publica Universidade, e em todos os mais Aulas de varias Sciencias, que com commodidade das terras lhes educaõ as suas mocidades, e desde os primeiros annos as poem nos caminhos da virtude, e Politica, com proveito das almas, e conveniencia da sociedade civil.

Apenas haverá Religiaõ, para quem se inclinarem tanto as Coroas, e respeitarem as Purpuras; porque nos negocios de Estado soube sempre aconselhar a Companhia conformè as suas razoes, sem offender as Maximas da Religiaõ, e inteireza da verdade, que sempre antepoz a todos os Platoens; refreando muitos, com a authoridade de Confessõres, a inconsideraçã, ou desordenado affecto dos Príncipes, que o monstro da lisonja levava com disfarçadas apparencias a buscar a ultima ruina nas gostosas satisfaçoens da vontade.

### *Orde n dos Theatinos.*

**N**As Religioens da Regra de Santo Agostinho tocãmos na Congregaçaõ dos Apostolos, ou Barnabitas, que era de Clerigos Congregados, e traziaõ a sua origem dos Apostolos. Relaxou-se esta pelo discurso dos tempos, e teve duas Refórmas: a primeira foy a do Beato Jeronymo Emiliano; e a segunda de S. Caetano, que he a de que tratamos.

O principal Instituto deste grande Santo foy renovar a vida dos Apostolos, que nem possubiaõ



rendas, nem pedião esmolas, e vivião da caridade voluntaria dos Fieis.

Esta vida Apostolica teve gloriosos imitadores, e forão os primeiros o Evangelista S. Marcos em Alexandria de Egypto, Polycarpo em Esmyrna, Ignacio em Antioquia, Crescente nas Gallias, Cypriano em Carthago, Basilio em Cesaréa, S. Jeronymo na Palestina, Santo Agostinho na Africa Menor, na Lombardia Santo Ambrosio, em Roma S. Gregorio Magno, e outros muitos em varias partes.

Porém vendo S. Caetano apagados os vestigios do viver Apostolico, e sabendo que Luthero negava o cuidado da Divina Providencia no governo do mundo inferior, formou a idéa da restauração da vida Apostolica; e no anno de 1524, com approvação do Papa Clemente VII. abriu os fundamentos da Congregação dos Clerigos Regulares, Theatinos, ou da Divina Providencia, que tudo val o mesmo.

Esta veneravel Congregação tem sido utilissima á Igreja Catholica, com a reformação da vida Clerical, com o zelo das Missoens na Armenia, Georgia, e India Oriental, com a frequente administração dos Sacramentos, prégação da divina palavra, e com a observancia do seu Instituto, tão accommodado ao bem commum, e particular, que servindo só por servir, não toma do commum bens de raiz, nem se expoem a importunar com a mendicidade aos particulares.

Mas não obstante esta estupenda pobreza, vemos tão largas as mãos da Divina Providencia, que sem desmembrar o estado Secular, e sem sollicitar com importunos rogos a caridade, se mantem esta Congregação com a mayor decencia, admirando a magni-



magnificencia dos seus Templos, e a riqueza dos paramentos necessarios para o culto divino.

Edificaõ os seus egregios filhos á mayor piedade com a pureza da sua doutrina; da qual sempre lançaraõ maõ os Pontifices, elegendo para as Igrejas hum grande numero de Prelados; pelo que justamente chamaõ á Congregaçaõ Theatina, Seminario de Bispos. Della foy Fundador o Papa Paulo IV. e filhos seus quatro Cardeaes de exemplar vida, e santa doutrina, em que tambem foraõ eminentes, nos Comentos da Sagrada Escritura, muitos Varoens sabios, e entre elles Novarino, Ghislerio, Agellio, Giliberto, e outros.

Na Theologia Escolastica, e Moral, escreveraõ com summo louvor onze bem aparadas pennas, treze no Direito Civil, e Canonico; e as Mathematicas deraõ a outros nomes celebres. Na Filosofia Aristotelica se acreditaraõ as pennas de Francisco Maria del Monaco, de Joaõ Morando, Bonifacio Bagata, e outros. Na Historia foraõ exactos varios Padres, e entre elles Caetano Passerino, que escreveu *de Bello Lusitano*; os quaes tambem dilataraõ nas impressas o alto ecco, que nos Pulpitos animaraõ brádo.

A principal propagaçaõ desta Familia foy em Italia, e ha poucos annos, que nasceo em Polonia, França, e Castella. Huma unica, e verdadeiramente singular Casa tem em Portugal, com huma Communidade taõ avultada em predicados, como diminuta no numero; porque de dezeseis Sacerdotes Capitulares occupados em funçoens, para que fora precisa huma grande Familia, tem dado Lentes á Theologia, Compositores ás letras, Qualificadores ao Santo Officio, membros á Academia, hum Commissario Geral



- + á Bulla, que foy o Padre D. Manoel Caetano de Souza, taõ esclarecido no fangue, como illustre nas Sciencias, Examinadores ás Ordens Militares, hum Chronista á Casa de Bragança, á nossa lingua hum estrangeiro, que na prolação de termos desconhecidos nos deu a conhecer os nossos Vocabulos, levantando o
- + Padre D. Rafael Bluteau, nos dez Tomos do seu Diccionario, outros tantos padroens á sua memoria, e em cada huma das nossas palavras nos ficou despertando as confilhoens de hum eterno agradecimento. Tambem nesta erudita Congregaçõ acharaõ Mestres os nossos Principes, que com animo Real, e augusto lhe daõ as honras merecidas das suas muitas virtudes.

### Congregaçõ do Oratorio.

- + **A** Illustre Congregaçõ do Oratorio, assim chamada pelo continuo exercicio da Oraçõ, que na Igreja tem feito tanto fructo, foy instituida em Roma por S. Filippe Neri, de nação Florentino, e abraçada fernalha de amor divino. Approvou-a o Papa Gregorio XIII. no anno de 1575, e as Constituiçoens foraõ confirmadas por Paulo V. em 1612.

Em varias partes da Europa fundou a Congregaçõ Casas exemplarissimas, e criou nellas grandes filhos; entre os quaes levaõ o hombro os doys gigantes da fantidade, e Athlantes da sabedoria, S. Francisco de Sales, e S. Carlos Borromeo. Tambem merecem eterna memoria Cesar Baronio, Author dos *Annaes Ecclesiasticos*, e Cardeal da Igreja, Thomaz Bozio, Joaõ Francisco Bordino, Arcebispo de Avinhaõ, além de outros muitos sujeitos eminentes em letras, e virtudes.

No



No anno de 1659, aspirando a mayor perfeição, o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, que então era Prégador do numero da Capella, e Capellaõ Confessor da Casa Real, fundou a da Congregaçaõ no Collegio, que então largaraõ os Padres Dominiccos Hibernios, tomando a Senhora Rainha Dona Luiza, Regente que então era de Portugal, a nova Congregaçaõ debaixo da sua Real protecçaõ.

Além desta primeira Casa, que no sitio das Fargas da farinha, e depois se mudou para a Igreja do Espirito Santo, edificou o Veneravel Padre, e seus Companheiros, outras neste Reino, e o Padre João Duarte do Sacramento a de Parnambuco; deixando o Veneravel Quental o seu espirito em legado aos filhos da sua doutrina. Entre elles respeitamos o Veneravel Bernardes, grande Escritor Ascetico, e não menos erudito. O Padre Manoel Consciencia merecê a memoria deste Reino pela utilidade dos seus escritos: e não satisfeito com deixar as Mocidades desenganadas, communicou a todos os annos nas suas Novenas o espirito da sua devoçaõ.

O Cardeal Berulle, no anno de 1612 fundou outra Congregaçaõ em Roma, á maneira desta, com o titulo de Oratorio de Jesu. O seu Instituto principal he honrar a Infancia, Vida, e Morte deste Senhor; e tem Collegios, nos quaes ensina as virtudes, e letras, e nelles se instruem na perfeição da vida Clerical, os que querem servir á Igreja.

### *Outras Congregaçoens.*

**A** Congregaçaõ dos Clerigos de S. Paulo, que pelos annos de 1533 floreceo em Italia, e foy confirmada



firmada pelo Papa Clemente VII. Não achamos entre os Autores quem fosse o seu Fundador.

## II.

A Congregação dos Clerigos Ministrantes dos Enfermos, a que deu fórma o P. Camillo de Lelis pelos annos de 1584, ou 1586, e elle com outros Companheiros da Congregação Theatina, obtiverão a sua Confirmação, concedida pelo Papa Xisto V., e depois lhe deu muitos privilegios Gregorio XIV.

## III.

A Congregação dos Clerigos Menores, que no anno de 1588 fundou o illustre P. Agostinho Adorno, Genovez, e confirmaraõ os Papas Gregorio XIV. e Clemente VIII. concedendo-lhe os mesmos Privilegios dos Theatinos, e das Ordens Mendicantes por participação. Floreceo muito em Napoles.

## IV.

A Congregação dos Presbyteros de Santa Maria Magdalena, ou dos Clerigos da Penitencia, que no Pontificado de Clemente VIII. foy instituida em Roma, e não achamos quem fosse o seu Fundador.

## V.

A Congregação da Missão, que no anno de 1624 fundou em Pariz S. Vicente de Paulo, a instancias de Madama, mulher do General Gondí. O seu Instituto foy approvedo no anno de 1626 pelo Arcebispo de Pariz, e no de 1632 a confirmou Urbano VIII. distinguindo-a com o titulo de Congregação da Missão. Propagou-se esta em diversas partes do mundo, como em Sedano, Richilieu, Metz, Fontenebló, Versaglia, Ancy, Roma, Genova, Turim, Napoles, Pavia, Varsovia, e Lisboa.

# INDICE

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS,  
que se contém neste segundo Tomo.

*Os numeros mostraõ a pagina.*

## A

- A** *Bias*, V. Rey de Judá, pag. 115.
- Abraham*, quando, e aonde nasceu, 84. Sua peregrinação, 85. sua morte, 89.
- Academias*, Sua utilidade, 64.
- Acção de graças*, o que he, 177.
- Achab*, VII. Rey de Israel, 130. Sua casa destruida, 132.
- Achaz*, XIV. Rey de Israel, 119.
- Adão*, quando foy creado, 72. Quando peccou, e que pena teve, 73. Que filhos teve, 74. Sua morte, 76.
- Agar*, lançada da casa de Abraham, 87.
- S. Agostinho* (Ordens Regulares de) 340.
- Aguia branca* (Ordem Militar da) 319.
- Aguia negra* (Ordem Militar da) 324.
- Ala*, (Ordem Militar da) 245.
- Albrac* (Ordem Militar de) 262.
- Alegria verdadeira*, 195.
- Alemanha*, sua Religião, 220.
- Alexandre Magno*, em que tempo floreceo, 143. Sua morte, 144.
- Algebra*, sua definição, 45.
- Amasias*, XI. Rey de Israel, 118.
- Amon*, XVII. Rey de Israel, 112.
- Amor*, o que he, 193.
- Anri*, VI. Rey de Israel, 129.
- Anathomia*, o que he, 37.
- S. André do Cardo* (Ordem Militar de) 274.
- Anjos*, quando peccarõ, 70.
- Annunciada* (Ordem Militar da) 286.
- S. Antão*, (Ordem Militar de) 304.
- Antiocho*, perseguido, 148. Sua morte, 150.
- Apostolos*, illuminados pelo Espirito Santo, 169.
- Apresentação*, do Minino Deos no Templo, 161.
- Arca de Noe*, 77.
- Arco Iris*, 79.
- Argonautas de S. Nicolão* (Ordem Militar dos) 288.
- Arithmetica*, o que he, 44. Seus Inventores, 45.
- Aristobulo*, XVIII. Pontifice do Povo de Israel, 155.
- Aristoteles*, sua doutrina, 19.
- Ar*



- Arminho* (Ordem Militar do) 265, 290.  
*Arquitectura*, sua antiguidade, definição, e divisão, 52.  
*Arte*, o que he, 4. Sua divisão, ibi Quaes são as Liberaes, e quaes as Mecanicas, 5. Invenção de algumas, 76.  
*Asa*, VI. Rey de Israel, 115.  
*Ascensão* de Christo, 168.  
*Affyrios*, derrotados, 121.  
*Astrologia*, o que he, 53.  
*Astronomia*, o que he, 53. Para que serve, 56.  
*Athalia*, intrusa no Reino de Israel, 117.  
*Aves*, quando foraõ creadas, 71.  
*Augusto Cesar*, que Ediçto mandou publicar, 159.  
*Aulicos*, tuas obrigaçoens, 61.  
*Aviz* (Ordem Militar de) 243.  
*Authenticas*, no Direito o que contêm, 35.

## B

- B** *Aasa*, III. Rey de Israel, 129.  
*Babilonia*, sua fundação, 82. Seu cativeiro, 123. Quando teve principio este Imperio, 139.  
*Balthasar*, sua sentença escripta na parede, 138.  
*Banda* (Ordem Militar da) 253.  
*Banhos* (Ordem Militar dos) 277.  
*S. Basilio* (Ordem Regular de) 354.
- Baptista*. Vide *S. João-Baptista*.  
*Bearne*, sua Religião, 211.  
*Beneſicencia* com o proximo, 397.  
*Benjamin*, sua mortandade, 99.  
*Bens*, em os adquirir se fundaõ as obrigações dos homens, 199.  
*S. Bento* (Ordem Regular de) 355. 357.  
*S. Bernardo* (Ordem Regular de) 360.  
*Bohemia*, sua Religião, 222.  
*S. Braz* (Ordem Militar de) 329.  
*S. Brigida* (Ordem Militar de) 321.  
*S. Bruno* (Ordem Regular de) 363.
- C**
- S.** *Caetano* (Ordem Regular de) 385.  
*Caim*, como foy castigado, 74. Sua morte, 76.  
*Cainan*, que tempo viveo, 75.  
*Calatrava* (Ordem Militar de) 246.  
*Candta*, sua Religião, 207.  
*Cantoens*, sua Religião, 219.  
*Caõ, e Gallo* (Ordem Militar do) 258.  
*Captotrica* o que he, 49.  
*Carca* prodigiosa, 96.  
*N. Senhora do Cardo* (Ordem Militar de) 263.  
*Caridade* ch. ista (Ordem Militar da) 270.  
*N. Senhora do Carmo* (Ordem Regular)

- Regular de ) 374.
- Cartuxa* ( Ordem Regular da ) 363.
- S. Catharina de monte Sinay* ( Ordem Militar de ) 329.
- Cavalleiras da Vera Cruz*, Ordem de Senhoras, 312.
- Cavalleiros da Fé de Christo*, e de S. Pedro Martyr, 249.
- de Albraç, 262.
- da Taboa redonda, 273.
- dos Banhos, 277.
- Ceo*, quando foy creado, 71.
- Chimica*, o que he, 37.
- Christo*, seu nascimento, 159. Sua circumcisaõ, 160. Sua apresentaçã no Templo, 161. Fugida para o Egypto, ibi. Sua disputa no Templo, 163. Bautizado por S. Joãõ, 164. Sua Missãõ, ibi. Sua Morte, e Paixaõ, 165. Seu Entero, e Resurreiçãõ, 167. Sua Ascensaõ, 168.
- Christo* ( Ordens Militares de ) 249, 315.
- Chronologia*, para que serve, 56.
- Chypre*, ( Ordem Militar de ) 330.
- Ciencia*, vide *Sciencia*.
- Circumcisaõ* do Senhor, 160.
- Cisne* ( Ordem Militar do ) 297.
- Cister* ( Ordem Regular de ) 360.
- Collecõens Gregas, e Latinas* do Direito, 32, 33.
- Companhia de Jesus* ( Ordem Regular da ) 380.
- Conceiçãõ* da Senhora, 157.
- Conceiçãõ* ( Ordem Militar da ) 296.
- Conegos Regulares* ( Ordem dos ) 342.
- Cordãõ* ( Ordem Militar do ) 268.
- Corfã*, sua Religiãõ, 207.
- Coroa Real* ( Ordem Militar da ) 259.
- Corollario*, o que he, 44.
- Corpo*, que cuidado deve ter o homem delle, 195.
- Corte*, sua definiçãõ, 60.
- S. Cosme, e S. Damiaõ* ( Ordem Militar de ) 328.
- Cosmografia*, o que he, 53.
- Costume*, em que differe da ley, 27.
- Creaçãõ* do mundo, 69. e seg.
- Crescente* ( Ordem Militar do ) 284.
- Criados*, suas obrigações para com os amos, 202.
- Cruz de Borgonha* ( Ordem Militar da ) 311.

## D

- D** *Almacia*, sua Religiãõ, 207.
- Daniel*, livra a Susana, 125. Valido de Nabuco, 136. Metido no lago dos leões, 138. Sua visaõ, ibi. Sua morte, 141.
- David*, ungido Rey, 107. Vence ao Gigante, ibi. Succede no Reino de Israel, 109. De que modo foy castigado por Deos, 110. Sua morte 111.
- Demetrio*, defendido pelos Hebreos 153.



*Deos*, sua occupação em si mesmo, 69. Sua existencia, 173.  
 Culto, que se lhe deye, 176.  
*Digello*, o que comprehende, 35.  
*Diluvio*, 78.  
*Dina*, deflorada por Sichem, 91.  
*Dinamarca*, sua Religião, 227.  
*Dioptrica*, o que he, 49.  
*Direito*, sua definição, 30, 31.  
 De que se compoem, 31.  
*Doação*, o que he, e suas especies, 201.  
*S. Domingos* (Ordem Militar de) 332.  
*S. Domingos* (Ordem Regular de) 366.  
*Dragão vencido* (Ordem Militar do) 307.

## E

**E** *Disso* de Augusto Cesar, 159.  
*Efraim* destruido, 102.  
*Ela IV.* Rey de Israel, 129.  
*Eleazar*, X. Pontifice dos Hebreos, 145. Sua morte, 148.  
*Elefante* (Ordem Militar do) 322.  
*Elias*, arrebatado ao Paraíso, 131.  
*Elisab.* IV. Pontifice dos Hebreos, 141.  
*Eliseu*, discipulo de Elias, 111.  
*Encarnação* do Divino Verbo, 158.  
*Enoch*, Cidade, por quem foy fundada, 75.

*Enoch*, Patriarca, quando foy trasladado ao Paraizo, 75.  
*Enos*, Patriarca, que tempo viveo, 75.  
*Enterro* de Christo, 167.  
*Esau*, seu nascimento, 89.  
*Escocia*, sua Religião, 216.  
*Escravidão* dos Israelitas, 93, 99, 100, 102, 103.  
*Escritura sagrada*, sua verdade, 189. Sua doutrina, preceitos, e efficacia, 190.  
*Esdras*, Profeta, 140.  
*Espada* (Ordem Militar da) 330.  
*Esperança*, movimento do appetite, 195.  
*Espiga* (Ordem Militar da) 265.  
*Espirito Santo*, desce sobre os Apostolos, 169.  
*S. Espirito*, (Ordem Militar do) 269.  
*Esporaõ dourado* (Ordem Militar do) 325.  
*Essencia divina*, 69.  
*Essenos*, sua Religião, 183.  
*Estatua*, de Nabuco, 136.  
*Esterilidade* no Egypto, 92.  
*S. Estevão Protomartyr*, sua morte, 169.  
*S. Estevão* (Ordem Militar de) 292.  
*Esther*, apresentada a El Rey Affuero, 140.  
*Estola de ouro*, (Ordem Militar da) 281.  
*Estrella* (Ordem Militar da) 259, 284.  
*Eva*, quando foy creada, 72. Sua morte, 77.

*Ezechias*, XV. Rey de Israel,  
120. Sua morte, 121.

## F

**F** *Ariseos*, sua ley, 182.  
*Fé*, a que nos obriga, 190.  
*Filhos*, suas obrigações para com os pays, 202.  
*Filosofia*, sua definição, e divisaõ, 14, 15. Sua origem, 16.  
*Fysica*, parte da Filosofia, 15.  
*Fortificação*, sua utilidade, 57.  
*França*, sua Religião, 209.  
*S. Francisco* (Ordem Regular de) 368.  
*S. Francisco de Paula* (Ordem Regular de) 379.  
*Freguezes*, suas obrigações para com os Parocos, 203.  
*Erisia*, ou *Coroa Real* (Ordem Militar de) 259.  
*Fugida* para o Egypto, 161.

## G

**S.** *Gallo* (Ordem Militar de) 303.  
*Gedeão*, victorioso, 101.  
*Genealogia*, sua utilidade, 58.  
*Genebra*, sua Religião, 218.  
*Genetta* (Ordem Militar da) 258.  
*Genova*, sua Religião, 207.  
*Geografia*, o que he, 53. Para que serve, 56.  
*Geometria*, sua definição, 48.

*S. Gervão* (Ordem Militar de) 330.  
*Giesta* (Ordem Militar da) 262.  
*Gigantes*, sua origem, 77.  
*Goliath*, vencido por David, 107.  
*Grammatica*, sua definição, e divisaõ, 40.  
*Grixoens*, sua Religião, 219.

## H

**H** *Ebreos*, o que obraraõ em defesa de Demetrio, 153.  
*Herodes*, 156, sua morte, 162.  
*Hespanha*, sua Religião, 208.  
*Hydrografia*, o que he, 51.  
*Hircano*, XVII. Pontifice dos Hebreos, 154.  
*Hircano*, XX. Pontifice, 155. sua morte, 156.  
*Historia*, sua utilidade, 57. A Fabulosa para que serve, 58.  
*Hollanda*, sua Religião, 212.  
*Hollofernes*, morto por Judith, 125.  
*Homens*, sua divisaõ, 83.  
*Honra*, como se deve adquirir, 197.  
*Hungria*, sua Religião, 223.

## I

**J** *Acob*, quando nasceo, 89. sua morte, 92. Mysteriosa luta que teve com hum Anjo, ibi.



- Janneo*, XIX. Pontífice dos Hebreos, 155.  
*Jared*, que tempo viveo, 75.  
*Jarretiere* (Ordem Militar da) 275.  
*Idiomas*, vide *Linguas*.  
*Idolatria*, sua origem, 83, 172.  
*Jechonias*, XXI. Rey de Israel, 123. Livre do carcere, 138.  
*Jehu*, X. Rey de Israel, 131.  
*Jephte*, victorioso, 102.  
*Jeremias*, Profeta, 126.  
*Jeroboão*, I. Rey de Israel, 128.  
*Jeroboão*, XIII. Rey de Israel, 133.  
*Jerusalem*, sitiada por Sennacherib, 121. Sua ruina, 125. sua reedificação, 141.  
*Jesus*, II. Pontífice dos Hebreos, 139.  
*Jesus* (Ordem Militar do Nome de) 331.  
*Inglaterra*, sua Religião, 217.  
*Innocentes*, mortos por Herodes, 162.  
*S. João Bautista*, sua prégação, e prízaõ, 164. Sua degolação, 165.  
*S. João Bautista, e S. Thomaz* (Ordem Militar de) 281.  
*S. João Evangelista* (Conegos Seculares de) 353.  
*S. João de Malta* (Ordem Militar de) 230.  
*Joaz*, X. Rey de Israel; 177.  
*Joaz*, XII. Rey de Israel, 133.  
*Joacim*, III. Pontífice dos Hebreos 141.  
*Joachas*, XIX. Rey de Israel, 123.  
*Joachas*, XI. Rey de Israel, 133.  
*Joakim* XX. Rey de Israel, 123.  
*Joathan*, XIII. Rey de Israel, 119.  
*Job*, provado na paciência, 97.  
*Jonas*, sua prégação, 118.  
*Jonathas*, XV. Pontífice dos Hebreos, 152.  
*Joraõ*, VIII. Rey de Israel, 116.  
*Joraõ*, IX. Rey de Israel, 131.  
*S. Jorge*. (Ordem Militar de) 335. e seg.  
*Josafat*, VII. Rey de Israel, 115.  
*Joseloch*, I. Pontífice dos Hebreos, 137.  
*Joseph*, vendido por seus irmãos, 91. Sua morte, 93.  
*S. Joseph*, sua morte, 163.  
*Josias*, XVIII. Rey de Israel, 122.  
*Josué*, sua victória, 98, 99. Sua morte, ibi.  
*Ira*, de que nasce, 194.  
*Irlanda*, sua Religião, 217.  
*Isaão*, seu nascimento, 87. Sacrificado a Deos, 88. Aonde casou, e que filhos teve, 89. Sua morte, 90.  
*Isaias*, sua prégação, 120.  
*Ismael*, quando nasceo, 86. Aonde casou, 88.  
*Israelitas*, sua escravidão, 93. Sua peregrinação, 96.  
*Italia*, sua Religião, 204.  
*Jubilação* (Ordem Militar dos Irmãos

- Irmãos da ) 282.  
*Judas Macabeo*, 149. Sua morte, 151.  
*Judith*, triunfante de Holofernes, 124.  
*Juizes*, do Povo de Deos, 97. e seg.  
*S. Julião, e Alcantara* (Ordem Militar de) 247.  
*Juramento*, o que he, e suas especies, 198. Seu fim, e intenção, 199.
- L**
- L** *Ago* dos leões, 138.  
*Lamech*, que tempo viveo, 76.  
*S. Lazaro* (Ordem Militar de) 279.  
*Ley Moysaica*, 181. Seus sacrificios quaes eraõ, ibi.  
*Leys*, sua definição, e divisaõ, 21, 22. Sua antiguidade, 23. Circunstancias, que se requerem no Legislador, 24. Suas causas, e efeitos, ibi.  
*Linguas*, a que pessoas seja necessaria precisamente a intelligencia dellas 55. Sua confusaõ em Babilonia, 82.  
*N. Senhora do Lirio* (Ordem Militar de) 261.  
*Livonia* (Ordem Militar da), 16.  
*Logica*, parte da Filosofia, 15.  
*Lorena*, sua Religiaõ, 210.  
*N. Senhora do Loreto* (Ordem Militar de) 293.
- Lot*, que incesto commeteo, 87.  
*Lua*, quando foy creada, 71.  
*S. Luiz* (Ordem Militar de) 272.
- M**
- M** *Alaleel*, que tempo viveo, 75.  
*Malta*, sua Religiaõ, 206.  
*Malta* (Ordem Militar de S. João de) 230, e seg.  
*Manahem*, XVI. Rey de Israel, 121.  
*Manassés*, XVI. Rey de Israel, 134.  
*Mar*, quando foy creado, 71.  
*Maria Santissima*, seu nascimento, 157.  
*S. Maria* (Ordem Militar de) 282.  
*S. Maria Magdalena* (Ordem Militar de) 271.  
*S. Marcos* (Ordem Militar de) 280.  
*Mathematica*, parte da Filosofia, 16, 43. Seus inventores, ibi.  
*S. Mathias*, eleito no Apostolado, 169.  
*Mathusalem*, de que idade morreo, 76.  
*S. Mauricio* (Ordem Militar de) 289.  
*Maximas da Corte*, seu effeito, 58, 59.  
*Medicina*, sua definição, e divisaõ, 35. e seg. Seus inventores, 37.



*Metaphysica*, parte da Filosofia, 15.  
*S. Miguel* (Ordem Militar de) 266.  
*Militares*, Vide *Ordens Militares*.  
*Moyfés*, seu nascimento 95. Sua morte. 97.  
*Monte Alegre* (Ordem Militar de) 256.  
*Montesa* (Ordem Militar de) 252.  
*Morte*, e Paixão de Christo, 165.  
*Mundo*, sua criação, 69, e seg.  
*Musica*, sua definição, e divisaõ, 46, 47. Seus inventores, ibi.

## N

**N** *Abuco*, sua estatua, 136. Sua transformação, 137.  
*Naçoens*, sua origem, 80.  
*Nadab*, II. Rey de Israel, 128.  
*Napoles*, sua Religião, 205.  
*Nascimento*, de Christo, 159. —da Senhora, 157.  
*Navarra*, sua Religião, 211.  
*Nautica*, sua utilidade, 57.  
*Nehemias*, reedificou os muros de Jerusaleu, 141. e seg.  
*S. Nicoláo* (Ordem Militar de) 288.  
*Nobreza*, suas obrigações 64. e seg. Suas especies, 65.  
*Noé*, Patriarca, 76. Distribuição que fez da terra entre seu s filhos, 80. Sua morte, 84.

*Nominaes*, Filósofos, 20.  
*Novellas*, no Direito, o que contém, 35.

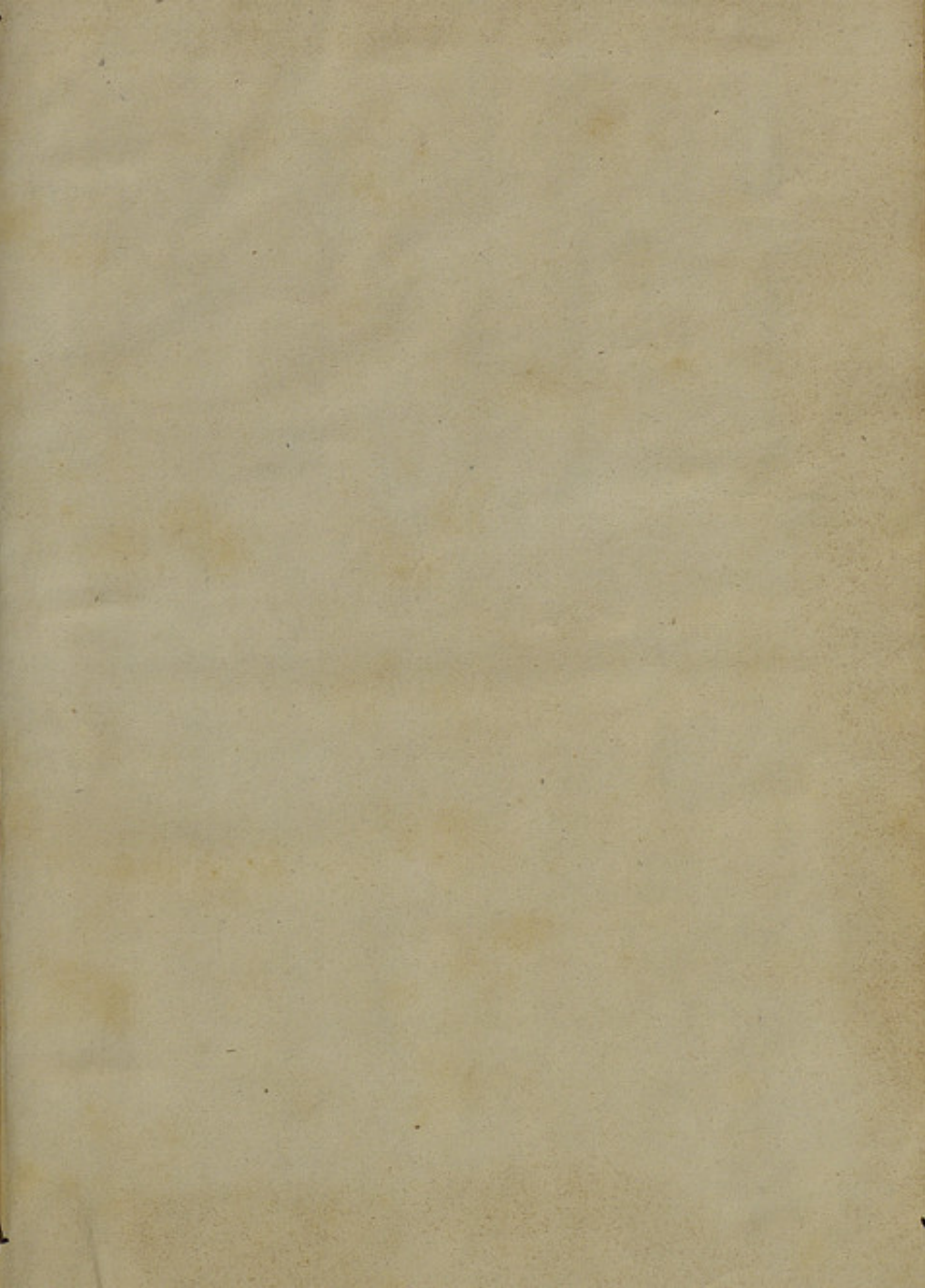
## O

**O** *Brin* (Ordem Militar de) 315.  
*Ochofias*, IX. Rey de Israel, 116.  
*Ochofias*, VIII. Rey de Israel, 134.  
*Odio*, opposto ao amor, 194.  
*Onias*, VIII. Pontifice dos Hebreos, 144.  
*Onias*, XIV. Pontifice dos Hebreos, 147.  
*Optica*, o que he, 49.  
*Oração*, suas especies, 176. Suas condições, 177.  
*Orador*, em que consiste, 39, 40.  
*Oratorio* (Congregação do) 388.  
*Ordens*, Militares da Aguiá branca, 319.  
 —da Aguiá negra, 324.  
 —da Ala, 245.  
 —de Albrac, 262.  
 —de S. André do Cardo, 274.  
 —da Annunciada, 286.  
 —de S. Antão, 304.  
 —dos Argonautas de S. Nicoláo, 288.  
 —do Arminho, 265, 290.  
 —de Aviz, 243.  
 —da Banda, 253.  
 —dos Banhos, 277.  
 —de S. Braz, 329.

- de S. Brigida , 321.
- de Calatrava , 256.
- do Caõ, e do Gallo , 258.
- de Nossa Senhora do Car-  
do , 263.
- da Caridade Christã , 270.
- de S. Catharina de Monte  
Sinay , 329.
- da Fé de Christo , e de S.  
Pedro Martyr, 249.
- de Christo , 249, 315.
- de Chypre , 330.
- do Cifne , 297.
- da Conceição 296.
- do Cordaõ , 268.
- da Coroa Real , 259.
- de S. Cosme , e S. Damiaõ,  
328.
- do Crescente , 284.
- da Vera Cruz , 312.
- da Cruz de Borgonha , 311.
- de S. Domingos , 332.
- do Dragaõ Vencido , 307.
- do Elefante , 322.
- da Espada , 330.
- da Espiga , 265.
- do S. Espirito , 269.
- do Esporaõ dourado , 325.
- de Santo Esteuaõ , 292.
- da Estola de ouro , 281.
- da Estrella , 259, 284.
- da Frisia, ou Coroa Real, 259.
- de S. Gallo , 303.
- da Genetta , 258.
- de S. Gereãõ , 330.
- da Giesta , 262.
- da Jairetiere , 275.
- do Nome de Jesus , 331.
- de S. Joaõ de Malta , 230.
- de S. Jorge , 335, e seg.
- dos Irmãos da Jubilação, 282.
- de S. Juliaõ, e Alcantara, 247.
- de S. Lazaro , 279.
- de N. Senhora do I. yrio, 261.
- da Livonia , 316.
- de N. Senhora do Loreto, 293.
- de S. Luiz , 272.
- de Malta , 230, e seg.
- de S. Maria Magdalena, 271.
- de S. Marcos , 280.
- de S. Mauricio , 289.
- de S. Miguel , 266.
- de Monte Alegre , 256.
- de Monteza , 252.
- de S. Nicoláo , 288.
- de Obrin , 315.
- de S. Pedro , e S. Paulo, 291.
- de S. Pedro Martyr , 249.
- da Pomba , 254.
- do Porco Spím, 264.
- dos Porta Espadas , 316.
- de S. Roberto , 314.
- da Santa Rodoma , 257.
- de Nossa S. do Rosario, 248.
- de Santiago , 240.
- do Sangue de Christo , 295.
- de S. Salvador de Monte Real,  
255.
- da Taboa Redonda , 273.
- dos Templarios , 235.
- Teutonica , 298.
- de Santo Thomaz , 274, 281.
- do Tusaõ , 309.
- do Ventre da Virgem, 254.
- do Urso , 303.
- Ordens Regulares de S. Agosti-  
nho , 340.
- Outras do mesmo Institnto,  
345.

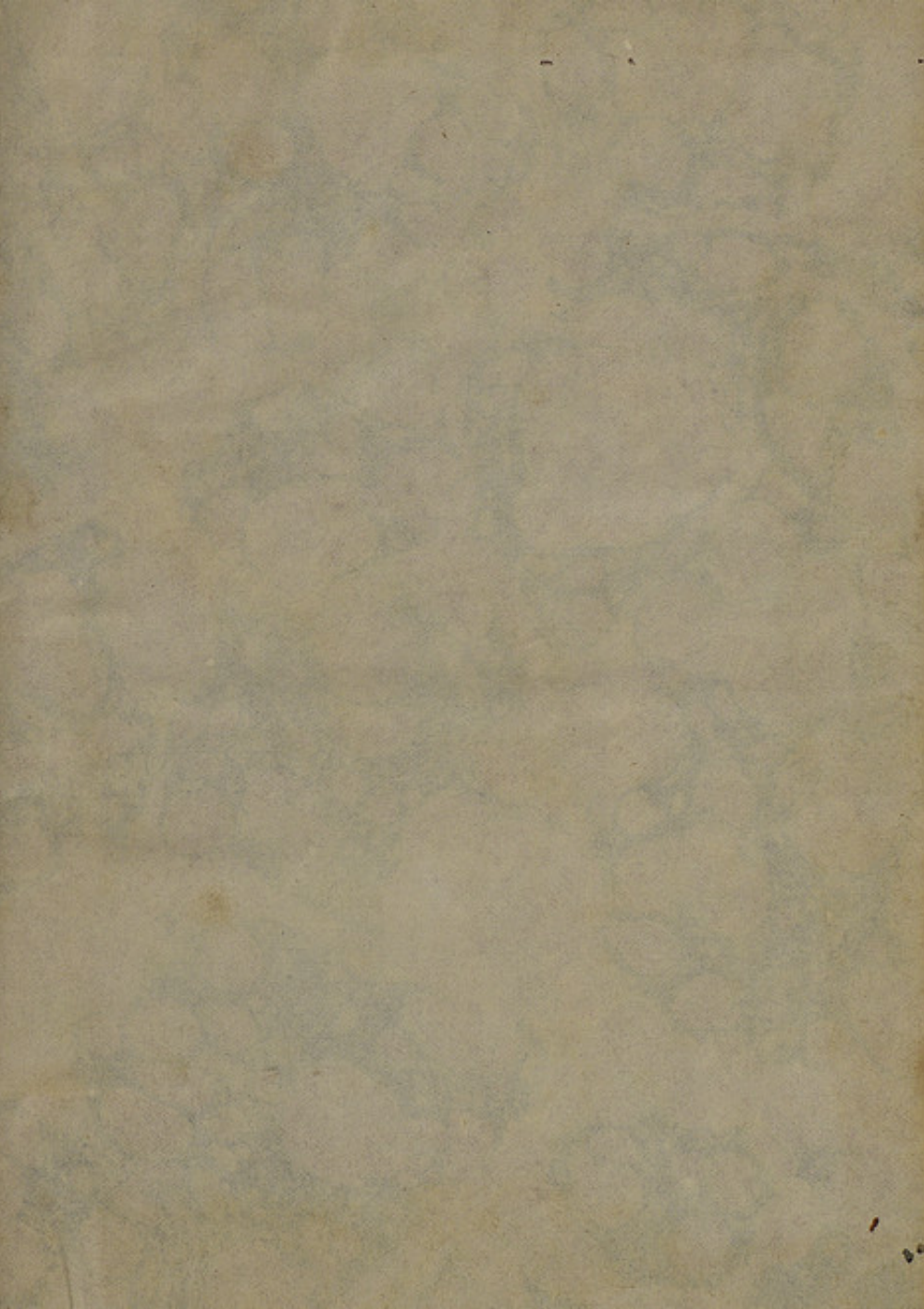


- dos Aleixianos, 351.
- de S. Ambrosio do Bosque, 352.
- dos Antonianos, 345.
- dos Armenios, 352.
- dos Barnabitas, 353.
- de S. Basilio, 354.
- de S. Bento, 355.
- Outras do mesmo Instituto, 357.
- de S. Bernardo, 360.
- dos Bons Homens, 352.
- de Santa Brigida, 350.
- de S. Bruno, 363.
- dos Camaldulenses, 357.
- da Caridade de Maria Santissima, 347, 352.
- dos Celestinos, 358.
- de Cister, 360.
- Outras do mesmo Instituto, 362.
- dos Clerigos da Santissima Trindade, 346.
- dos Clerigos da Vida commua, 351.
- da Conceição, 363.
- dos Conegos Regulares, 342.
- dos Conegos Seculares, chamados Loyos, 353.
- da Congregação Fulienfe, 363.
- dos Cruciferos, 347.
- dos Eremitas de S. Jeronymo, 349.
- dos Eremitas de S. Paulo, 351.
- de Fonte Ebralda, 359.
- dos Gilbertinos, 362.
- dos Grandimontenes, 362.
- dos Guilhermitas, 345, 358.
- dos Humildes, 358.
- dos Jesuatos de S. Jeronymo, 349.
- de S. João de Deos, chamados Hospitalheiros, 351.
- de S. João Evangelista, 355.
- de N. Senhora da Mercê, Redempção de Cativos, 346.
- dos Monges de S. Jeronymo, 350.
- do Monte Olivete, 359.
- do Monte da Virgem, 357.
- dos Mendicantes de S. Jeronymo, 350.
- de S. Paulo primeiro Eremita, 351.
- Premonstratense, 344.
- dos Silvestrianos, 357.
- da Santissima Trindade, 348.
- do Valle Scholario, 347.
- do Valle Caulio, 362.
- de Valleumbrosa, 357.
- Ordens Mendicantes*, do Carmo, 374.
- de Santa Clara, 372.
- dos Clerigos Menores, 390.
- dos Clerigos Ministrantes dos Enfermos, *ibid.*
- dos Clerigos da Congregação da Missão, *ibid.*
- dos Clerigos de S. Paulo, 389.
- dos Clerigos da Penitencia, 390.
- dos Clerigos Regulares Theatinos, 385.
- da Companhia de Jesus, 380.
- da Congregação do Oratorio, 388.

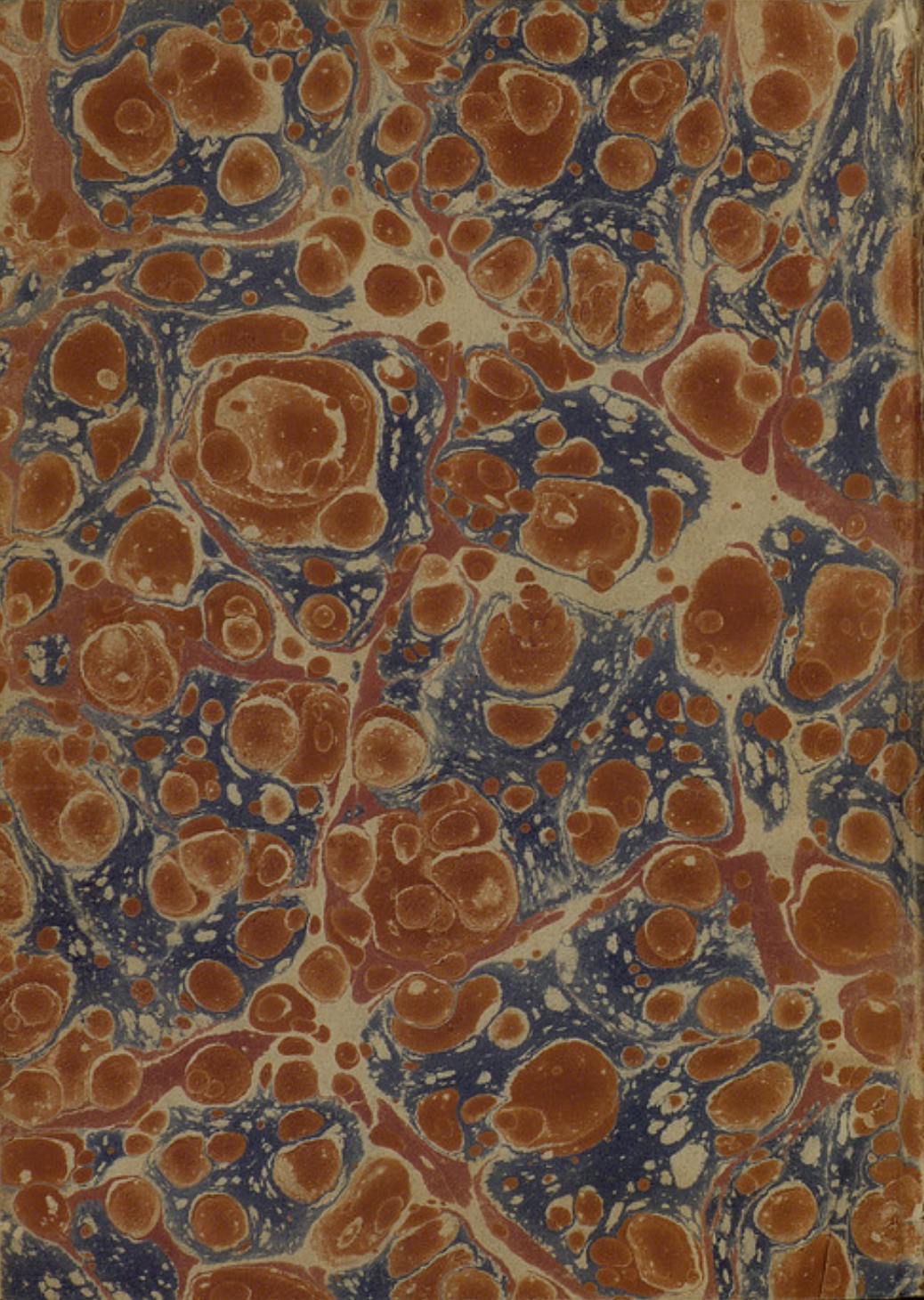




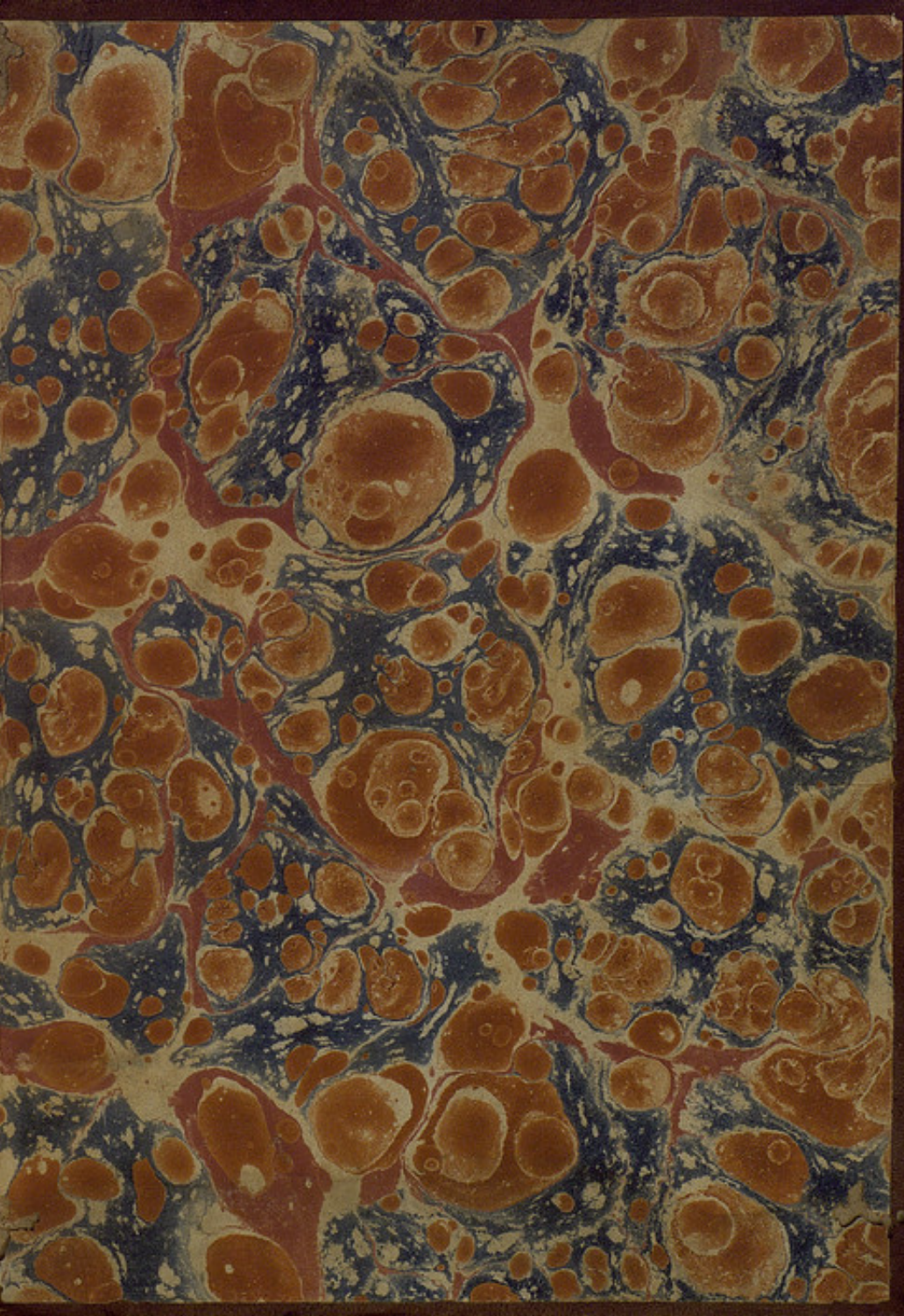
















NB



\*EFG0000109076\*